

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS**

**VARIAÇÃO MORFOSSINTÁTICA NAS ZONAS LESTE E NORTE DE
MANAUS - UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO**

MANAUS-AM

2024

ALINE D'PAULA MIRANDA LIRA

**VARIAÇÃO MORFOSSINTÁTICA NAS ZONAS LESTE E NORTE DE
MANAUS - UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras na área de Teoria e Análise Linguística: Linha 1 – Língua, ensino e Sociedade.

Orientadora: Raynice Geraldine Pereira da Silva

Coorientador: Orlando da Silva Azevedo

MANAUS-AM

2024

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

L768v Lira, Aline D' Paula Miranda
Variação morfossintática nas zonas leste e norte de Manaus - um estudo geossociolinguístico / Aline D' Paula Miranda Lira . 2024
236 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Raynice Geraldine Pereira da Silva
Coorientador: Orlando da Silva Azevedo
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Dialetoлогия. 2. Variação morfossintática. 3. Cidade de Manaus.
4. Geossociolinguística. I. Silva, Raynice Geraldine Pereira da. II.
Universidade Federal do Amazonas III. Título

AGRADECIMENTOS

Ao meu Querido e Amado Deus por me abençoar com esta oportunidade, sei que Ele esteve ao meu lado sempre me fortalecendo;

Ao meu marido Iderlan Lira e meu filho Ian Lira que me deram todo apoio necessário para que esta pesquisa fosse concluída, não me deixando desistir e me amando incondicionalmente;

À minha orientadora dra. Raynice Geraldine que me aceitou como sua orientanda, mesmo sob circunstâncias inesperadas, muito obrigada por ser essa pessoa maravilhosa;

Ao meu querido coorientador dr. Orlando Azevedo, por acreditar em mim e me proporcionar uma das melhores oportunidades da minha vida. Obrigada por ser esse exemplo de pessoa e profissional;

Aos membros da banca examinadora pelas correções e contribuições para a melhoria desta pesquisa;

À minha querida amiga Jane Rocha que foi meu apoio, meu incentivo, minha companheira de todas as horas, amiga e irmã para toda a vida;

À Universidade Federal do Amazonas por ter sido essa mãe com o colo acolhedor, que me proporcionou crescimento e evolução na vida acadêmica;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro;

Aos informantes sem o qual esta pesquisa não poderia ter sido realizada;

A todos que participaram e contribuíram de alguma forma para a concretização deste sonho.

“Não fui eu que lhe ordenei? Seja forte e corajoso! Não se apavore, nem se desanime, pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar.”

Josué 1:9

RESUMO

Utilizando-se dos pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoologia Pluridimensional (Thun, 1998), este estudo aborda a variação morfossintática nas zonas Leste e Norte de Manaus. O escopo principal foi o de mapear as tendências de variação morfossintática na capital amazonense. Para isso, foi necessário: descrever os usos morfossintáticos do português falado em Manaus nas dimensões: diazonal, diatópica, diassexual e diageracional; identificar os fatores extralinguísticos, que influenciam a variação morfossintática no falar manauara; e estabelecer a norma de uso para a variante morfossintática de cada variável por bairro e por zona selecionados. Foram analisadas as seguintes variáveis: flexão verbal, presente do indicativo, gerúndio, uso do artigo, flexão de gênero, plural dos substantivos e pronomes pessoais. Foi utilizado como método de pesquisa dialetológica o tripé básico sugerido por Cardoso (2010), os quais são: a escolha da rede de pontos, a seleção dos informantes e a confecção do questionário. Houve variação de natureza morfossintática.

Palavras-Chave: Dialetoologia. Variação morfossintática. Cidade de Manaus. Geossociolinguística.

ABSTRACT

Using the theoretical and methodological assumptions of multidimensional dialectology (Thun, 1998), this study looks at morphosyntactic variation in the eastern and northern zones of Manaus. The main aim was to map trends in morphosyntactic variation in the capital of Amazonas. To do this, it was necessary to: describe the morphosyntactic uses of spoken Portuguese in Manaus in the following dimensions: diazonal, diatopic, diasexual and diagenational; identify the extralinguistic factors that influence morphosyntactic variation in Manaus; and establish the norm of use for the morphosyntactic variant of each variable by selected neighborhood and zone. The following variables were analyzed: verb inflection, present tense, gerund, use of the article, gender inflection, plural nouns and personal pronouns. The dialectological research method used the basic tripod suggested by Cardoso (2010) was: choosing the network of points, selecting the informants and preparing the questionnaire. There was morphosyntactic variation.

Keywords: Dialectology. Morphosyntactic variation. City of Manaus. Geosociolinguistic.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 Zonas leste e norte de Manaus	50
Mapa 2 O bairro Tancredo Neves.....	51
Mapa 3 Bairro Jorge Teixeira.....	52
Mapa 4 Bairro Mutirão (Novo Aleixo)	54
Mapa 5 Bairro Cidade Nova.....	55

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Pesquisas morfossintáticas realizadas no Brasil de 2009 a 2018...	34
Quadro 2 Perfil do informante.....	58

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 População de Manaus entre os ciclos econômicos	15
Figura 2 Resultado da pesquisa de Araújo (2018).....	39
Figura 3 Resultado da pesquisa de Araújo (2018).....	40
Figura 4 Resultado da pesquisa de Araújo (2018).....	41
Figura 5 Resultado da pesquisa de Araújo (2018).....	42
Figura 6 Eixo paradigmático e sintagmático.....	456
Figura 7 Compilação de dados	599
Figura 8 Tabulação dos dados no eixo diatópico.....	60
Figura 9 Gráfico com dados por zona.....	60
Figura 10 Gráfico com dados por bairro.....	61
Figura 11 Codificação do informante.....	61

Sumário

INTRODUÇÃO	11
1.1 PANORAMA SÓCIO-HISTÓRICO DA CIDADE DE MANAUS	13
1.2 Aspectos históricos e socioeconômicos da capital do Amazonas	13
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	16
2.1 A diversidade linguística	16
2.2 A Dialetoлогия e a Sociolinguística – compreendendo as variantes dialetais	21
2.2.1 A Sociolinguística	25
2.2.2 A Dialetoлогия e a Geolinguística Pluridimensional	27
2.2.3 As dimensões da pesquisa dialetológica	29
2.2.3.1 Variação diazonal	31
2.2.3.2 Variação diatópica	31
2.2.3.3 Variação diassexual	32
2.2.3.4 Variação diageracional	32
2.3 As pesquisas geolinguísticas	33
2.4 Trabalhos Dialetológicos/morfossintáticos realizados no Brasil	33
2.5 Trabalhos Dialetológicos/morfossintáticos realizados no Amazonas	35
2.6 A norma de uso e a morfossintaxe	42
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	49
3.1 Os Pontos de inquérito	49
3.1.1 Bairro Tancredo Neves	50
3.1.2 Bairro Jorge Teixeira	51
3.1.3 Bairro Mutirão (Novo Aleixo)	53
3.1.4 Bairro Cidade Nova	54
3.2 O Questionário morfossintático	56
3.3 Os informantes	57
3.4 A coleta de dados	58

3.5 A transcrição dos dados	58
3.6 A seleção e tabulação dos dados	58
3.7 Elaboração das Cartas	60
3.8 Procedimento de análise.....	61
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	62
4.1 Flexão Verbal	63
4.2 Presente do Indicativo	64
4.3 Gerúndio.....	67
4.4 Uso do Artigo.....	68
4.5 Flexão de Gênero	69
4.6 Plural dos Substantivos	72
4.7 Pronomes Pessoais	77
REFERÊNCIAS	82
APÊNDICE	85
Mapa base da dissertação	86
Cartas Morfossintáticas	86
1 Flexão Verbal	87
2 Presente do Indicativo	95
3 Gerúndio.....	113
4 Uso do artigo	123
5 Flexão de gênero	127
6 Plural dos substantivos.....	159
7 Pronomes pessoais	197
ANEXO A – Questionário morfossintático.....	217
ANEXO B – Quadro descritivo do QMS	225
ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	227
ANEXO D – Ficha do informante	228

ANEXO E – A descrição dos informantes.....	230
---	------------

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é de cunho Geossociolinguístico, pois envolve o fenômeno da variação morfossintática na fala manauara, cujas dimensões selecionadas são diatópicas (englobando diferentes pontos de inquérito) e sociais (selecionando homens e mulheres; menos escolarizados e mais escolarizados; informantes mais novos, intermediários e mais velhos).

Por se tratar de uma pesquisa, que permite a análise descritiva, situando o falante no espaço, no tempo e socialmente, a perspectiva adotada, neste trabalho, é da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional de Thun (1998).

Para os propósitos desta pesquisa foi escolhida a Geolinguística que, segundo Cardoso (2010), é o método por excelência da Dialetoлогия, que possibilita a visualização no espaço pluridimensional das variantes de diferentes variáveis linguísticas.

Realizar pesquisas de cunho variacionistas proporcionou um grande crescimento nas pesquisas dialetológicas, que a partir dos anos 60 passou a trabalhar também com a perspectiva pluridimensional. Esse crescimento proporcionou uma abrangência maior nos estudos realizados nessa área. Notou-se que algumas variáveis linguísticas têm recebido mais visibilidade que outras, devido ao número de pesquisas realizadas na área. Por exemplo, a partir de 2004, foram realizadas muitas pesquisas variacionistas e dialetológicas sobre diversas variáveis fonético-fonológicas e semântico-lexicais no Estado do Amazonas, mas apenas a pesquisa de Araújo (2018) tratou da variação em nível morfossintático na cidade de Manaus. Logo, este estudo surge da necessidade de compreender e ampliar os estudos morfossintáticos, abrangendo outras variáveis e pontos de inquérito da capital amazonense.

Sabe-se que a variação morfossintática acontece com o uso de classes gramaticais e suas relações em um enunciado, combinando morfologia e sintaxe, que, respectivamente, estudam a estrutura interna de palavras e a estrutura interna de frases. Assim, entende-se que a morfossintaxe estuda a estrutura interna dos enunciados, considerando a palavra e sua relação com outras no contexto frasal.

Visto que a variação não acontece sem nenhuma causa e pode ocorrer por diversos motivos, nesta pesquisa, buscou-se responder ao seguinte questionamento: em qual dimensão o fenômeno da variação morfossintática é mais

produtivo? Por exemplo, na dimensão diatópica ocorre a variação morfossintática, uma vez que o falante está situado em determinado lugar. Na dimensão diassexual, as mulheres falam diferente dos homens, havendo particularidades linguísticas que os diferenciam. Na dimensão diageracional, os falantes mais novos falam diferente dos que estão em uma faixa de idade intermediária, os quais também se diferenciam na fala dos que possuem uma idade mais avançada. Dessa forma, para confirmar ou refutar tais hipóteses, pretende-se:

Mapear as tendências de variação morfossintática na fala manauara, selecionando variáveis morfossintáticas em diferentes domínios semânticos.

Além disso:

Descrever os usos morfossintáticos nas dimensões: diazonal (zonas leste e norte), diatópica (4 bairros), diassexual (homem e mulher) e diageracional (3 faixas etárias).

Estabelecer a norma de uso para a variante morfossintática de cada variável por bairro e por zona que foram selecionados, tendo como parâmetro a classificação de Coseriu (*apud* Cristianini, 2007).

Quanto à organização estrutural, têm-se: a introdução, em que é delimitado o fenômeno a ser estudado, o recorte teórico-metodológico a ser seguido, a justificativa para a execução da pesquisa e os objetivos a serem alcançados no final da pesquisa; o panorama sócio-histórico da cidade de Manaus, em que são descritos alguns aspectos sociais, históricos e econômicos da cidade; a fundamentação teórica, em que são enfatizados os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa dialetológica e variacionista; a metodologia, em que são descritos os procedimentos adotados para a pesquisa de campo, a seleção dos informantes e dos pontos de inquérito, a elaboração do questionário morfossintático-QMS, a coleta de dados e a elaboração das cartas morfossintáticas; a apresentação e a análise dos dados, em que são analisados os resultados da pesquisa segundo as dimensões diazonal, diatópica, diassexual e diageracional; a conclusão, em que são feitas as considerações finais sobre os resultados alcançados, os objetivos, as limitações da pesquisa e a possibilidade de continuar estudando o mesmo fenômeno futuramente; as referências, em que são descritas as obras, que foram usadas ao longo do texto.

1.1 PANORAMA SÓCIO-HISTÓRICO DA CIDADE DE MANAUS

Neste primeiro capítulo, são apresentados aspectos históricos, sociais e econômicos da cidade de Manaus.

1.2 Aspectos históricos e socioeconômicos da capital do Amazonas

Foi às margens do Rio Negro que a capital do Amazonas foi se formando, ainda quando povoado foi chamada de São José da Barra do Rio Negro. Em 1832 passou à categoria de vila, agora chamada de Nossa Senhora da Conceição da Barra do Rio Negro, ou Vila da Barra, mas foi somente em 1848 que foi elevada à cidade, sendo chamada de Manaus. Esse nome foi escolhido em homenagem à tribo indígena que habitava nesta região e era muito conhecida pela sua bravura e coragem, os Manáos¹.

Essa cidade que crescera às margens do rio Negro, agora é vista como fonte de lucro infindável, depois da descoberta da seringueira. Então com o início do Ciclo da Borracha, que se deu por volta de 1870, ganhou muita força econômica. De acordo com João Marcelo Vela em seu artigo População do Amazonas, no ano de 1800, estimava-se que a população de toda a Amazônia era de 90.000 habitantes e que no ano de 1900 era de aproximadamente 1.259.479 de habitantes. Depois deste período, entre os anos de 1827 e 1930, a população continuou a crescer com a estimativa de que mais de 500 mil pessoas vindas do Nordeste ainda chegaram à Amazônia.

Durante o processo de migração para o Amazonas, não foram somente nordestinos que vieram em busca de melhores condições de vida, vieram também pessoas de outros estados e outros países, inclusive portugueses. Esse é um dos motivos pelos quais Manaus ficou conhecida como a Paris dos Trópicos.

Otto Beltrão afirma que:

As primeiras levas de migrantes são de origem paraense e daí se expande a transumância para o nordeste e sul. Entraram, nesse período áureo da borracha, cerca de 10.000 portugueses, a par de representantes da Espanha, França, Itália, Síria, Líbano, Marrocos, Alemanha, Inglaterra,

¹ Manáos – foram os primeiros habitantes da região onde está situado o Rio Negro. Eram uma tribo indígena liderada por Ajuricaba, que morreu resistindo aos portugueses e a colonização. A cidade de Manaus foi assim nomeada para homenagear estes primeiros moradores (Cruz, 2023).

Índia, Áustria, Rússia, China, Japão, Peru, Bolívia, Colômbia, Venezuela, Equador, EUA e Grécia. (Otto, 1998, p.15)

Sobre os nordestinos, Otto afirma que a Amazônia os acolheu, a sua convivência aqui a tornou mais rica e mais brasileira. Na floresta aprenderam como coletar o látex tornando-se mansos e experientes na linguagem regional, aprenderam como viver nas densas matas e aprenderam o ofício de seringueiros. Pode-se dizer que nessa convivência houve uma troca de saberes, pois eles passaram pelo processo de amazonização, enquanto a região cearense fazia-se, adquirindo assim os costumes e ímpetus cearenses² (Otto, 1998, p.15).

De igual forma, em consonância com Otto, pode se dizer dos gaúchos, paraenses, paulistas, mineiros e capixabas: cada um deles trouxe contribuições à cultura manauara e dela também receberam. Dessa forma, a cultura amazônica é “um segmento e produto tropical de múltiplas correntes e grupos culturais”, formando uma sociedade que traz “marcas e insumos sociais, biológicos e étnicos de muitos povos, tradições e costumes” (Otto, 1998, p.15).

Assim sendo, no período do auge do ciclo da borracha, que foi o momento em que a cidade de Manaus vivia os delírios da riqueza e dos lucros do comércio do látex, sendo conhecida inclusive como a Paris dos Trópicos³, foi um momento de intensa rotatividade de pessoas que vinham para trabalhar nos seringais e gringos que vinham para conhecer esse pedacinho da Europa dentro da Amazônia. Pode se considerar que o ciclo da borracha foi o primeiro grande momento de desenvolvimento econômico de Manaus.

Além do ciclo da borracha, outro grande momento aconteceu pela metade do século XX com a implantação da Zona Franca de Manaus. Este foi um período em que houve um crescimento também muito significativo causando uma grande expansão populacional na cidade. Com isso milhares de pessoas migraram dos interiores para a capital, fenômeno que ficou conhecido como êxodo rural⁴.

² Essas são impressões do autor Otto (1998) no que diz respeito a adaptação do cearense a Floresta Amazônica, onde autor fala da troca existente entre o homem e o lugar onde vive;

³ Paris dos Trópicos – era como a cidade de Manaus era conhecida durante o ciclo da borracha, isso se dava por causa do luxo e ostentação vivida pelo povo, e por causa da sua rica arquitetura que imitava a Europa (Souza, 2004);

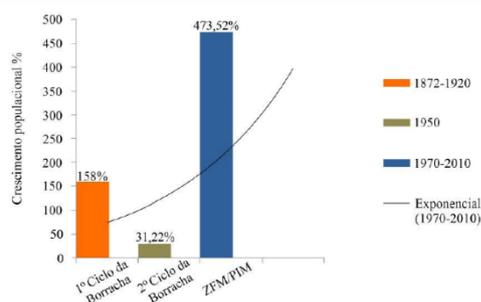
⁴ Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE o índice de urbanização no Brasil em 1940 era de 26,3%, ou seja, pouco mais de 26% da população brasileira morava em áreas urbanas. Quarenta anos depois, em 1980, esse índice estava próximo de 70%, mais do que dobrando a população urbana em relação à população rural (Roumieh, 2023).

Com sua implementação em 1967, a Zona Franca de Manaus tinha como objetivo, afinal a região norte era a menos povoada do Brasil. Com essas informações em vista, é notável que os objetivos foram de certa forma alcançados, pois segundo Loureiro (2003, p. 39) depois da implantação da Zona Franca, Manaus passa por uma grande transformação:

Seus habitantes multiplicam-se, chegando a 1,6 milhão de pessoas ao final de 2002. Com o perfil de uma cidade-estado, nela concentram-se 53% da população estadual. Produzindo mais de 90% da economia e da arrecadação, a renda per capita dos manauaras eleva-se aos patamares mais altos entre as capitais brasileiras (Loureiro, 2003, p.39).

Assim, sabe-se que em Manaus houve dois grandes momentos de crescimento econômico, o Ciclo da Borracha e a Zona Franca de Manaus⁵. Estes foram dois grandes momentos que proporcionaram ao município o aumento de sua população local.

Figura 1 População de Manaus entre os ciclos econômicos



Fonte: Silva, 2022.

Hoje, Manaus, a maior cidade da Amazônia brasileira em número populacional, é a capital do estado do Amazonas e abriga mais da metade da população do estado. Com um território de 11.401,092 km² e com uma população total de 2.063.547 pessoas IBGE (2022), Manaus está atualmente entre as dez cidades mais populosas do Brasil, sendo a sua densidade demográfica de 181,0 hab/km², IBGE (2022).

Segundo dados do IBGE, censo realizado em 2022, a maioria dos migrantes que se dirigem para Manaus são pessoas que vêm de todos os municípios em busca de uma vida melhor, bem como pessoas de outros estados e países, que também buscam na cidade melhores condições de vida.

⁵ De 1872-1920 aconteceu o primeiro ciclo da borracha, em 1950 aconteceu a segunda parte, o segundo ciclo da borracha, mas não foi tão significativo quanto o primeiro. E em 1967 é implementada a Zona Franca de Manaus.

Desse intenso desenvolvimento urbano devido ao processo de migração que tem ocorrido ao longo dos anos, muitas mudanças podem ser destacadas dentro da cidade no que diz respeito a arquitetura, alimentação, a cultura de uma forma geral. Mas dentre essas mudanças uma das que muito se destaca é a grande miscigenação racial entre a população. Essa mistura de povos, etnias e culturas proporcionaram a riqueza cultural que se tem hoje.

Assim, pode-se afirmar que o desenvolvimento econômico e demográfico de Manaus, deve-se em grande parte a esses ciclos migratórios, que trouxeram pessoas de vários lugares do mundo em busca de uma vida melhor. Cada um com seus costumes, com suas crenças, suas religiões e suas línguas, conferindo ao povo manauara a cultura, a fala e o regionalismo rico que se vê hoje.

Ao relembrar a história de Manaus, talvez não seja possível calcular a quantidade de migrantes que para aqui vieram, entretanto se pode observar que desde o Ciclo da Borracha até agora a cidade sempre esteve de portas abertas para recebê-los e aceitá-los como cidadãos manauaras. Hoje seus habitantes são o reflexo dessa união e suas características podem ser percebidas em sua cultura e língua.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A diversidade linguística

Investigar a língua que se fala e compará-la com outras está intrinsecamente ligado à história humana. Pela comparação de seu idioma com outros, um povo adquire a percepção de quem ele é, qual sua identidade sociocultural. Segundo Saussure (1995 [1916]), quando um falante identifica um idioma que difere do seu, sempre buscará encontrar semelhanças com ele. Segundo o autor, trata-se de uma tendência natural do falante:

O que primeiro surpreende no estudo das línguas é sua diversidade, as diferenças linguísticas que se apresentam quando se passa de um país para outro, ou mesmo de um distrito a outro. Conquanto as divergências no tempo escapem ao observador, as divergências no espaço saltam imediatamente aos olhos; os próprios selvagens as percebem, graças aos contatos com outras tribos que falem outra língua. É exatamente por via dessas comparações que um povo toma consciência de seu idioma. (Saussure, 1995 [1916], p. 221)

Saussure afirma que “a diversidade geográfica foi a primeira comprovação feita em linguística; ela determinou a forma inicial da pesquisa científica em matéria de língua, inclusive entre os gregos” (1995 [1916], p. 222). Sendo investigado inicialmente a detecção dos graus de parentesco que pudessem existir entre dois ou mais idiomas. Para o teórico, a questão do “parentesco universal das línguas não é provável, mas se fosse verdadeiro [...] não poderia ser provado, devido ao excessivo número de mudanças” (Saussure, 1995 [1916] p. 223).

Apesar disso, Saussure trata da diversidade absoluta e de parentesco, mesmo que não acredite existir um parentesco universal das línguas. Na diversidade absoluta, a variação ocorre no interior da própria língua, enquanto na diversidade de parentesco, leva-se em consideração, o grupo de famílias de línguas parentes e somente se observa as similaridades entre elas.

Além das diversidades, Saussure aponta dois contrastes em relação à diversidade geográfica que são: a convivência de muitas línguas em um mesmo lugar, que pode ser citado, por exemplo, no estado do Amazonas, o município de São Gabriel da Cachoeira⁶, onde etnias indígenas dividem o mesmo espaço, em que cada uma mantém sua língua nativa; e a influência que a língua literária pode ter sobre o idioma local, que é um processo que ocorre conforme o avanço da consciência de civilização, um exemplo seria o processo de escolarização.

Sobre a influência da língua literária no idioma ou principalmente uma língua culta qualquer, essas sempre foram formas de imposição de um modelo padrão que deve ser seguido. Geralmente:

[...] escolhe-se por uma espécie de convenção tácita, um dos dialetos existentes para dele fazer o veículo de tudo quanto interesse à nação no seu conjunto. Os motivos de tal escolha são diversos: umas vezes dá-se preferência ao dialeto da região onde a civilização é a mais avançada, outras ao da província que tem a hegemonia política e onde está sediado o poder central; outras, é uma corte que impõe seu falar à nação (Saussure, 1916 [1995], p. 226).

Para Neto (1960), utilizar apenas um dialeto é uma forma de aculturação. Pode-se pensar no que aconteceu com os índios que viviam no Brasil por ocasião da chegada dos europeus. Quando por força foram obrigados a abandonar sua língua materna e falar somente o português, de certa forma estavam sendo

⁶ São Gabriel da Cachoeira é um município do estado do Amazonas. Neste município nove entre dez habitantes são índios. Neste lugar pelo menos três línguas são consideradas oficiais além do português, são elas: nheegatu, tucano e baniua, podendo existir outras.

obrigados a abandonar sua cultura e tudo o que eram e conheciam antes da colonização, sendo a sua língua estigmatizada.

Apesar das imposições, das escolhas feitas de dialetos de prestígio, ainda se encontra na língua a identidade sociocultural de uma nação. Durante a história da humanidade, por muitas vezes pode-se notar a língua como fator de identificação de identidade, de separação e divisão entre povos diferentes. Por exemplo, na narrativa bíblica, no livro de Gênesis 11:1 e 9, é apresentada a narrativa da Torre de Babel que foi construída por um único povo, que falavam uma mesma língua. Segundo ela, Deus desceu para ver a cidade e percebeu a intenção dos homens, por isso lhes confundiu a língua, para que não entendessem um ao outro e se espalhassem pela Terra. Ainda na Bíblia em Juízes 12: 5 e 6, há a história dos gileaditas que tomaram os vaus do rio Jordão, não permitindo que passassem por ali seus inimigos. Para identificar se o viajante era do seu povo ou efraimita lhe mandavam pronunciar a palavra *chibolete* “espiga de milho”, então quando dizia *sibolete*, era morto ali mesmo.

Essas histórias mostram a importância da língua ao identificar as características de um povo. Saussure (1995[1916] p. 221) afirma que “O termo idioma designa com muita precisão a língua como algo que reflete os traços próprios de uma comunidade”. Assim, quando os camponeses comparavam seu patuá com pessoas de outras vilas já notavam as diferenças, os gregos também já haviam feito essa comparação e notado muitas semelhanças entre sua língua e o latim. Essas diferenças é que lhes fornecia o sentimento de pertencimento e participação de um grupo com as mesmas características linguísticas.

Araújo (2018, p. 30), afirma que “Os dialetos ao se encontrarem revelam as atitudes do falante ao mesmo tempo em que trazem consequências para a língua em seu todo”, mudando, transformando-se conforme o uso e as novas características do falante.

As mudanças linguísticas ocorrem quando pessoas de diferentes lugares se encontram e interagem, modificam o espaço em que vivem para melhor adaptarem-se, ou seja, seus dialetos se encontram formando uma nova expressão verbal e um novo espaço para viver. Assim não somente as pessoas mudam, como também o lugar em que vivem. Para Calvet (2002, p. 55), “o espaço não é um dado, mas uma construção social, que a ação humana tem uma dimensão espacial e que os

discursos sobre a cidade modificam a percepção do real urbano”, ao que é chamado de cidades.

Tendo em vista que o espaço é construção social, têm-se muitos grupos coexistindo em um mesmo local. Além disso, é necessário também recorrer à antropologia para averiguar como ocorre esse processo de adaptação desses grupos.

Segundo Sapir (1969, p. 43 – 44), o ambiente influencia o comportamento do indivíduo, entretanto a maior influência vem das forças sociais, na convivência com outras pessoas de outros grupos, o que pode transformar a cultura de um falante. A influência do ambiente é fortalecida pelas forças sociais, permitindo entender que quando um morador muda de local e entra em contato com uma nova cultura, ele é modificado por ela, transformando-se em seu íntimo.

De acordo com Araújo:

O ambiente físico, por conseguinte, soma-se ao social na constituição de uma língua. Assim sendo, é factível afirmar que elementos da cultura tenham origem em forças sociais, primariamente, e em influências ambientais de natureza física, secundariamente. (Araújo, 2018, p. 32).

Toda essa complexidade cultural existente é resultado das influências socioambientais, condição a que todo indivíduo está sujeito. Ela é mais perceptível nas cidades devido ao fluxo de pessoas, o que contribui para toda essa variação linguística e suas complexidades nos centros urbanos.

Segundo Cardoso:

O espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a variedade que a língua assume de uma região para outra como forma de responder à diversidade cultural, a natureza da formação demográfica da área, a própria base linguística preexistente e a interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história. (Cardoso, 2010, p. 15).

Com isso se pode notar que as concepções de evolução da língua estão diretamente ligadas ao desenvolvimento da sociedade e do espaço. É por meio dela que se comunicam todos os seus usuários. De acordo com Leite e Callou (2002, p.8) “todo homem é igual em sua capacidade linguística”, não existindo uma variante que seja boa ou má, não existindo um dialeto superior ao outro e nem uma língua que seja mais rica que a outra.

Todavia, ao estudar a língua e a linguagem classificações concernentes à categorização da identidade, classe, geração, sexo, nacionalidade e naturalidade,

escolaridade/cultura são realizadas. Estas são variáveis que identificam o falante como pertencente a determinado grupo, mas que também o deprecia.

Para Câmara Jr. (2002) não compete ao linguista “definir a cultura”, emitir juízo de valor em relação ao informante. Contudo a língua é um elemento cultural, por meio dela o falante mostra por onde esteve, o quanto estudou, viajou, leu, quem conheceu e muito mais.

Segundo Araújo:

A língua, de certa forma, é um instrumento de comunicação entre os membros de uma sociedade e, por isso, depende de toda a cultura local, por expressá-la a todo momento, sendo parte do todo que se destaca por si mesma. (Araújo, 2018).

Diante disso, é necessário esclarecer o que de fato é a língua, pois este conceito é compreendido de forma diferente por vários estudiosos. Para Saussure a língua “é o conjunto dos hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender” (Saussure, 1995 [1916] p. 92). É uma parte de algo maior que é a linguagem. É um sistema homogêneo de forma geral, entretanto na prática já se sabe que é heterogênea, uma vez que cada falante possui sua própria forma de pensar e expressar suas ideias. É ainda um sistema de valores que estão sempre em oposição, é um sistema que funciona na pura diferença.

De acordo com Coseriu (1982, p. 11-12), a língua é maior e mais importante que uma variante dialetal, pois possui uma vivência histórica maior, ela é diferente do dialeto por apresentar traços linguísticos que divergem na fonética, no léxico e na sintaxe. Para ele os dialetos são subconjuntos da língua por possuírem menos prestígio social e por não causarem ininteligibilidade entre os utentes da mesma língua. Todavia, Chambers e Trudgil (1980), pensam diferente afirmando que tanto a variedade padrão como a não padrão são dialetos da mesma língua, tornando o conceito de que dialeto é estigmatizado ou inferior à língua um argumento insustentável.

O funcionalismo tem como principal característica a sua visão de língua, que é um instrumento de comunicação, que não pode ser avaliado como se fosse um objeto autônomo, mas deve-se considerar que é uma estrutura maleável, que está sujeita a pressões advindas de várias situações de comunicação e que auxiliam a definir sua estrutura gramatical (Kenedy; Martellota, 2003).

Por fim, para a enunciação, de acordo com Benveniste (1989, p.63) “somente a língua torna possível a sociedade. A língua constitui o que mantém juntos os homens, o fundamento de todas as relações que por seu turno fundamentam a sociedade”. Basta observar o comportamento linguístico das pessoas dentro da cidade, no interior, no campo, em qualquer lugar! Elas sempre buscarão enquadrar-se em uma comunidade de fala, para suprir sua necessidade de pertencimento, é isso o que a língua faz, une as pessoas.

Analisar o conceito de língua sob a ótica dessas três bases teóricas (saussuriana e benvenistiana) é importante para este estudo, pois reforça a relação do sistema de valores sociais dentro do contexto linguístico e também em situações extralinguísticas. Para Araújo (2018, p. 36), independente do foco que for escolhido “salienta-se a estrutura, a função e a expressão na sociedade e na sua identificação como grupo sociocultural unificado que a utiliza como instrumento de comunicação”.

2.2 A Dialetoлогия e a Sociolinguística – compreendendo as variantes dialetais

A Linguística é uma ciência que estuda a linguagem de forma empírica, descrevendo de forma rigorosa uma língua. Para Câmara Jr. (2022), em tal ciência, o pesquisador observa, descreve e interpreta os atos linguísticos que são realizados sempre interagindo com a cultura a qual o falante está inserido.

Os princípios da antropologia, biofísicos e sociológicos estão incluídos nos estudos da linguagem, o que confere a ela a complexidade até aqui registrada. Cunha, Costa e Martellota (2010) afirmam que todas as línguas e suas variedades podem ser estudadas. Diante disso, o pesquisador deve ser objetivo ao descrever como as pessoas falam, sem nunca expressar juízo de valor para certo ou errado, mas identificar as variações que ocorrem na fala.

Assim sendo, ao serem percebidas as diferentes formas de falar, as particularidades regionais ou culturais de um falante, sabe-se que está sendo utilizado uma variedade de uma mesma língua, ou seja, o dialeto. Para Coseriu (1982) entre língua e dialeto a diferença é somente a questão do status histórico, uma língua menor incluída em uma língua maior.

Assim como em qualquer língua, uma variante dialetal é heterogênea, apesar da ideia de uma língua homogênea ainda ser muito forte, e isso se pode notar na escrita, pois nela a gramática prescritiva se faz muito presente, mas os avanços nos estudos dos gêneros textuais têm promovido maior mobilidade de escolha de estilo. O formal e o informal são escolhidos de acordo com a intenção e o objetivo do locutor, o que possibilita maior liberdade e proporciona maior incidência de variações.

Para Azevedo (2013, p.81):

Em algum momento da história, as línguas sofreram variação em suas estruturas, de forma que foram se distanciando de suas origens. Uma das causas da variação apontada por Pinker (2004, p. 307) é o fato de os homens migrarem para outras localidades distantes em busca de novas terras e alimentos, e lá vão mudando o que falam. Com novos referentes surgindo, houve a necessidade de nomeá-los. Como as pessoas migram de um lugar para outro, é natural que a variação dialetal transcenda os limites político-administrativos de um país, estado, município ou região. (Azevedo, 2013, p. 81).

De acordo com Labov (2008, p.21):

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (Labov, 2008, p. 21).

Por causa da existência e comprovação das variações e mudanças linguísticas é que a Dialetoлогия e a Sociolinguística possuem um vasto campo para pesquisa. Seja estudando a língua através do tempo com a linguística diacrônica, expondo semelhanças e diferenças ao comparar uma língua com a outra, como também descrevendo a realidade de uso da língua dentro da realidade social em que acontece, por meio da linguística sincrônica.

A Dialetoлогия por meio do seu método geolinguístico, é usada para cartografar os dados linguísticos e a Sociolinguística é usada para descrever os efeitos dos aspectos sociais, por se entender que cada falante usa um dialeto e este é mutuamente inteligível com os dialetos dos outros falantes.

Com o fim de que os estudos da Dialetoлогия e Sociolinguística sejam aplicados, é preciso entender que a língua não é homogênea, mas varia de acordo com a situação linguística em que o falante esteja envolvido. Para Coelho (2018, p. 59):

[...] a língua é um sistema organizado, formado por regras categóricas e regras variáveis. Podemos dizer, portanto, que uma língua, ao mesmo tempo em que possui estrutura, também é dotada de variabilidade, ou seja, trata-se de um sistema heterogêneo.

Portanto, existe na língua uma heterogeneidade estruturada, que não se torna um caos por causa das variações. Na verdade:

[...] a cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada. E é precisamente essa situação de heterogeneidade que deve ser sistematizada. (Tarallo, 2001, p. 06).

É essa heterogeneidade que é a responsável pela dinamicidade da língua, tanto na fala quanto na escrita. O sistema homogêneo é composto de regras e normas que se aprende na escola, nos livros de gramática e mesmo no contexto social. Ela ocorre em todos os lugares, e pode ser percebida tanto nas cidades quanto nas zonas rurais. Uma mesma pessoa pode falar de formas diferentes dependendo do seu contexto linguístico.

De acordo com Alkmim:

Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, exhibe sempre variações. Pode-se afirmar mesmo que nenhuma língua se apresenta como uma entidade homogênea. Isso significa dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades. Concretamente: o que chamamos de “língua portuguesa” engloba os diferentes modos de falar utilizado pelo conjunto de seus falantes do Brasil, em Portugal, em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Timor etc. (Alkmim, 2011, p. 33).

Sendo assim, o falante usa a variante que melhor expresse sua forma de pensar e sua intenção de forma satisfatória. Entendendo que a língua varia e que se pode usar estilos diferentes de fala dependendo do meio em que se encontra, sua percepção e possibilidades são ampliadas de forma que o falante não se sinta estratificado.

No começo dos estudos dialetológicos, trabalhava-se apenas com uma dimensão, sendo o seu objeto de estudo o enfoque diatópico. Entretanto, segundo Cardoso (2010), o estabelecimento de critérios para a escolha de informantes incluindo o aspecto social, apresentado no *Atlas of New England* (LANE), de Hans Kurath, trouxe novas perspectivas para a geografia linguística. Foi quando Dialetoлогия e Sociolinguística passaram a trabalhar juntas. “A Dialetoлогия tem, assim, duas diretrizes, dois caminhos, no exame do fenômeno linguístico, que se

identificam nos estudos dialetais: a perspectiva diatópica e o enfoque sociolinguístico” (Cardoso, 2010, p. 26).

A língua é um elemento social, heterogêneo, que é modificada com o uso, possuindo assim várias formas. Assim, como consequência dessa diversidade, é perfeitamente possível que em uma mesma região, um falante não consiga se comunicar de forma efetiva com seu conterrâneo de uma geração diferente, classe diferente ou mesmo de uma zona diferente.

Dessa forma, pode-se observar a simultaneidade de várias formas diferentes, que concorrem entre si, proporcionando ao falante a oportunidade de escolher a melhor forma, a variável a ser usada em seu ato comunicativo. Assim sendo, pondera-se que:

As variantes de uma comunidade de fala encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão vs não padrão; conservadoras vs inovadora; de prestígio vs estigmatizada. Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade. (Tarallo, 2001, p.11-12).

Alkmim afirma que:

[...], em qualquer comunidade de fala, podemos observar a coexistência de um conjunto de variedades linguísticas. Essa coexistência, entretanto, não se dá no vácuo, mas no contexto das relações sociais estabelecidas pela estrutura sociopolítica de cada comunidade. Na realidade objetiva da vida social, há sempre uma ordenação valorativa das variedades linguísticas em uso, que reflete a hierarquia dos grupos sociais. [...] (Alkmim, 2011, p. 39).

Diante disso, faz-se necessário entender o que é variedade, variação, variável e variante. E para se entender o que é variedade, pode-se pensar nos grupos sociais frequentados pelo falante, como a família, a universidade, o trabalho, a igreja e assim por diante. O ponto é que já se sabe que esses grupos falam igual, mas também falam diferente. O que confere a eles a igualdade é o fato de falarem português, e o que os difere são as características próprias de cada um. É justamente isso que se chama de variedade, “a fala característica de um determinado grupo” (Coelho, 2015, p. 14).

A variação linguística por sua vez é a alternância que o falante faz entre uma forma ou outra para expressar uma mesma ideia. “A variação linguística é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo

valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado” (Coelho, 2015, p. 16).

Na sequência, é diferenciado o que é variável e variante, dois termos que são fáceis de confundir, entretanto são fundamentais para se entender como a variação acontece. Ainda para Coelho (2015), variável de uma forma bem simples, é o lugar na gramática onde acontece a variação, por exemplo o verbo na frase: meu filho quebrou a janela, que pode facilmente ser substituído pelo verbo limpou. E as variantes são as formas que disputam para ocupar esse lugar na gramática, no caso do exemplo citado acima, os verbos “quebrou e limpou”, são as variantes que disputam o mesmo lugar na frase.

Até aqui foi visto como a Dialectologia e a Sociolinguística trabalham na identificação e descrição das variações linguísticas e como em sua união a Linguística enquanto ciência avançou. A Dialectologia tem como ponto de partida a variedade, a variante e a variável, usando o fator espaço, caracterizando como um dado monodimensional. A Sociolinguística por sua vez, usa a variedade, a variante e a variável, para analisar o contexto social do emissor e do receptor a partir de suas atitudes linguísticas.

Ao serem unidas as duas áreas, surge a geolinguística pluridimensional, que é o método de investigação da Dialectologia, utilizado para analisar a variação espacial e a variação social. Dessa forma, amplia-se a visão para analisar o fenômeno variação dialetal, pois leva em conta não somente o espaço, mas também as características do falante/ouvinte como: idade, formação, sexo, origem, classe social etc.

2.2.1 A Sociolinguística

A Sociolinguística é uma subárea da linguística, e tem como objetivo estudar a língua em uso, investigando a mudança que ocorre como resultado do comportamento linguístico dos componentes de uma sociedade.

Os primeiros estudos sociolinguísticos publicados, segundo Alkmim (2011), são de William Bright em 1966, ele escreveu o texto “As dimensões da Sociolinguística”, como introdução do congresso que foi realizado na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA) em 1964. Entretanto, é possível citar outros

estudiosos que mesmo antes da publicação de Bright já associavam a linguagem com aspectos socioculturais. Em ordem cronológica tem-se: Hymes, com a Etnografia da fala, em 1962; Labov, com sua pesquisa na comunidade da Ilha de Martha's Vineyard, em 1963; E novamente Labov, com a Teoria da Variação e Mudança, em 1964.

Todos estes estudiosos, fizeram progredir os estudos da Antropologia Linguística, pois trabalhavam juntos a linguagem, cultura e sociedade. Eles entenderam por meio dos estudos de Franz Boas (1911) e seus alunos Edward Sapir (1921) e Benjamin Whorf (1941), que os linguistas e antropólogos deveriam trabalhar juntos, o que trouxe para a Sociolinguística a interdisciplinaridade.

Esta pesquisa tem por foco a heterogeneidade das línguas que resultam das influências estruturais e da sociedade em si, gerando a variabilidade linguística. Isso porque, se considera a linguagem como um importante elemento social, tanto nas pequenas quanto nas grandes comunidades de fala.

Alkmim argumenta que:

Pondo de maneira simples e direta, podemos dizer que o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. (Alkmim, 2011, p. 31).

Sendo assim, entende-se que o comportamento linguístico é o objeto de análise da Sociolinguística, que para Mollica (2010), é o contato de uma língua com a outra, o surgir de uma nova língua, a extinção de uma antiga, as várias formas de falar e mesmo a variação e a mudança.

A interação que ocorre entre falante e sociedade, permite pressupor a influência de fatores extralinguísticos, que devem ser considerados quando ocorre uma variação ou quando de fato ocorre uma mudança linguística. Essas influências são: onde o falante nasceu, grau de escolaridade, idade, sexo, status social etc. Conhecer esses fatores de influência é importante, porque permite entender que as causas da variação estão na dinâmica social, na história do encontro entre uma sociedade e outra, o que proporciona a tão falada pluralidade de falares.

Por causa dessa dinâmica populacional, desse contato étnico e social entre várias populações, é que se têm induzido a errônea ideia de que existe um falar certo e um falar errado. Na análise de Callou e Leite (2022), as variantes ocorrem

independente de ser um falar culto ou coloquial. Nas duas modalidades sempre existirá a ocorrência de variantes, as quais constroem a identidade do falante de acordo com a sua recorrência em seu grupo linguístico.

Os estudos sociolinguísticos têm contribuído muito ao provar que a língua é falada de várias formas e por falantes de diferentes etnias, sem com isso trazer nenhum prejuízo à língua portuguesa, muito menos constituir em erros esses usos diferentes. Na verdade, a noção de erro é sociocultural, e está intimamente ligado ao preconceito que é perpetuado ainda hoje.

Assim sendo, percebe-se que a Sociolinguística abrange muito mais que questões estruturais concernentes à língua, vai muito adiante no entendimento das variantes quando as explica em seu tempo e lugar, apresentando tanto aos linguistas quanto aos falantes a ideia de que uma variante somente se fixa na língua quando adquire prestígio advindo do status social de quem a usa.

2.2.2 A Dialetoлогия e a Geolinguística Pluridimensional

A Dialetoлогия também é uma subárea da linguística, e tem como objetivo estudar a variação dialetal, usando como método de pesquisa a geolinguística, que por sua vez visa tracejar os territórios que tenham características linguísticas estáveis. Essas características são verificadas *in loco*, onde seus traços característicos são mapeados com o intuito de construir o Atlas Linguístico de uma determinada região ou país. No Atlas Linguístico podem ser identificadas as linhas chamadas de isoglossas, que são responsáveis por delimitar a visualização e a localização de dialetos no nível geográfico.

Os estudos geolinguísticos, com o objetivo de delimitar e descrever de uma forma dialetal uma comunidade, teve início na Alemanha, com o trabalho de Georg Wenker, em 1876. Sobre isso Cardoso afirma:

Wenker documenta a realidade dos usos que se registram na Alemanha, reunindo dados de 40.736 localidades, com um total de 44.251 respostas coletadas, sem, porém, atentar para o controle sistemático de variáveis sociais(...). Essa primeira investida ressentia-se da ausência de controle de variáveis socioculturais dos informantes (Pop, 1950). (Cardoso, 2010, p. 40).

A obra de Wenker recebeu muitas críticas, devido à lentidão do processo do seu desenvolvimento, entretanto ele tem o mérito de ter iniciado a geografia linguística na Alemanha.

Posteriormente, em 1887, Jules Gilliéron, inicia sua empreitada na coleta de dados para o *Atlas Linguistique de la France*. Gilliéron recrutou apenas um inquiridor, chamado Edmond Edmont, que era um homem inteligente e de muita habilidade para “captar a variação fonética dos sons e para transcrevê-las com uma exatidão espantosa” (Pop, 1950, p. 116 *apud* Cardoso, 2010, p. 42).

Gilliéron documenta a fala de 639 locais diferentes, utilizando um questionário de 1.400 questões. Por não contemplar de forma mais precisa e completa as variáveis sociais, também recebeu muitas críticas, mas ainda assim, ele “tem o mérito de marcar o início da aplicação do método da geografia linguística com rigor científico” (Cardoso, 2010, p. 44).

Assim, Wenker e Gilliéron assentam os princípios dos parâmetros da pesquisa dialetológica utilizando o método geolinguístico monodimensional, que usa como principal instrumento o questionário, para coleta de dados e finaliza com a carta geolinguística.

A Dialetoлогия a princípio era monodimensional, pois trabalhava apenas com uma dimensão, a diatópica. Cardoso afirma que:

(...) a Dialetoлогия busca, prioritariamente, estabelecer relações entre modalidades de uso de uma língua ou de várias línguas, seja pela identificação dos mesmos fatos, seja pelo confronto presença/ausência de fenômenos considerados em diferentes áreas. Esse objetivo faz com que a Dialetoлогия se torne, de início, a ciência da variação espacial (Coseriu, 1965, 1982), da delimitação dos espaços, do reconhecimento de áreas dialetais (...). (Cardoso, 2010, p. 45).

Os primeiros estudos dialetais, segundo Cardoso (2010), procuravam mostrar as diferenças que existem entre um espaço e outro. Como resultado, muitas pesquisas foram realizadas nesta área, visando apresentar a realidade linguística de um determinado local.

Contudo, a questão social não tem passado à margem dos objetivos da Dialetoлогия, os fatores sociais como: profissão, idade, gênero, escolaridade têm-se mostrado como fatores de variação, ocupando assim um espaço importante nos estudos dialetais. Sendo assim:

Ao mesmo tempo em que a Dialetoлогия começava a se deixar influenciar diretamente (ainda que levemente) pela linguística, também começava a se

deixar influir indiretamente pelas ciências sociais. Alguns dialetólogos começaram a reconhecer que se havia posto muita ênfase na dimensão espacial da variação linguística, excluindo-se, em consequência, a dimensão social. Gradativamente isto se impôs como um juízo para alguns estudiosos, uma vez que a variação social na língua é tão comum e importante quanto a variação espacial. Todos os dialetos são tanto espaciais quanto sociais, uma vez que todos os falantes têm não só um espaço social como uma localização espacial. (Chambers e Trudgill, 1994, p. 81-82 *apud* Cardoso, 2010, p. 50).

Sobre a história da Dialetologia e da Sociolinguística, Shneiders, Malacarne e Busse (2020, p. 264) afirmam que:

A Sociolinguística, separada da Dialetologia, considerava os fatores extralinguísticos como sexo/gênero, escolaridade, idade, classe social, porém em apenas uma comunidade de fala. Nesse sentido, a Dialetologia analisava os aspectos linguísticos de maneira horizontal (preocupação com as diferentes áreas), enquanto que a Sociolinguística investigava de maneira vertical (preocupação com os fatores extralinguísticos).

Assim sendo, ao se utilizar dos métodos sociolinguísticos, as variáveis sociais, a Dialetologia passa a ser não mais monodimensional, mas pluridimensional (Thun, 1998).

2.2.3 As dimensões da pesquisa dialetológica

A Dialetologia ao tornar-se pluridimensional, passa a combinar a variação diatópica (horizontal) com a variação diastrática (vertical), transformando um estudo que anteriormente era bidimensional em tridimensional, incluindo dessa forma em seus estudos diferentes variedades, analisando assim as dimensões de ordem tanto linguística como social (Thun, 1998, *apud* Carlos, 2022). Isso aconteceu por se compreender que a língua varia, e os motivos pelos quais ela varia podem ser tanto linguísticos como extralinguísticos, surgindo assim a necessidade de incluir os fatores sociais.

A língua varia por ser dinâmica e heterogênea, por isso é considerada como um organismo vivo (Schleicher, 1950, *apud* Faraco, 2009, p. 33). A variação não ocorre em uma ou outra camada social, mas em todas as camadas. Portanto, são características da língua a heterogeneidade e a diversidade, são elas os motivos da variação e mudança da língua.

Tarallo (2007) explica que, ao se fazer uso das várias formas de falar a mesma coisa, ou quando se faz necessário escolher qual forma usar para nomear

ou dizer algo, se está bem no meio de um caos linguístico. Para ele é como um *campo de batalha*, onde duas formas ou mais se enfrentam, se encontram em um combate sangrento de morte, nesta luta vence a forma, ou a variante linguística escolhida pelo falante. Dessa forma fica claro que a mudança linguística está intimamente ligada à variação.

Quando uma variante perde ou ganha a batalha, é preciso considerar todo o seu percurso histórico, assim pode-se explicar porque algumas formas prevalecem e outras mudam, inclusive formas estigmatizadas. Um exemplo é a forma: você~cê; tu~você; os pessoal~o pessoal (Araújo, 2018). Quando se atenta para o percurso da mudança, os processos históricos, tem-se a possibilidade de entender, compreender a estrutura da língua (Tarallo, 2007, *apud* Araújo, 2018).

Para que se analise o percurso da história da língua, usa-se a Dialectologia para descrever toda a sua diversidade dentro do espaço geográfico, no espaço cronológico e no espaço sociocultural. Dessa forma, compreende-se que a variação é o princípio da mudança ou evolução da língua (Cosieru, 1982, *apud* Araújo, 2018).

Visto que todos os dialetos ocorrem em um espaço social e possuem localização em um espaço físico, pode-se notar a compatibilidade de propósitos entre Dialectologia e Sociolinguística no que diz respeito as variantes dialetais.

Pois a Dialectologia era monodimensional em seu princípio, era sua principal preocupação investigar os dialetos rurais, visando informantes com as seguintes características: pessoas mais velhas, do sexo masculino e que fossem sedentárias por habitarem o mesmo lugar a vida toda ou a maior parte dela. Todavia, para Chambers e Trudgill (1994, p. 82 – 83), a Dialectologia se encarrega não só de investigar os dialetos rurais, como também pesquisa os dialetos urbanos, visando principalmente as variantes da maioria da população, por ser a de menor prestígio, portanto menos conservadora.

Esta pesquisa visa contemplar o dialeto urbano, analisando e comparando duas zonas (leste e norte) da cidade de Manaus, selecionando dois bairros de cada zona, levando em consideração a sua história de formação, sua economia, educação, etc. Por entender que é imprescindível observar a variação social e a variação espacial é que se aprendeu a enxergar os dialetos por uma perspectiva vertical, além da horizontal.

Assim a Dialectologia

passa a transitar em novos caminhos, apoiando-se em novos parâmetros, métodos e meios técnicos, combinando, assim, o parâmetro diatópico, com os seguintes parâmetros: diastrático (referente aos diferentes estratos sociais, podendo ser nível socioeconômico, nível de escolaridade), diageracional (referente à idade), diassexual (referente ao sexo masculino e feminino), diafásico (referente aos diferentes estilos de fala), diarreferencial (referente à atitude do falante em relação à língua). No que tange à dimensão diatópica, costuma-se subdividi-la em topostática, que se refere ao controle dos falantes com pouca mobilidade, aqueles que nascem, vivem e trabalham no mesmo local, e em topodinâmica, controle de falantes com certo grau de mobilidade. (Monguilhott, 2009, p. 61).

Diante disso, serão apresentados as dimensões e os parâmetros componentes utilizados nos estudos geossociolinguísticos.

2.2.3.1 Variação diazonal

A variação diazonal é diferente da variação diatópica que é mais ampla, avalia o espaço numa perspectiva mais afunilada permitindo confrontar a fala de moradores de um mesmo município, mas que moram em lugares diferentes. A variação diazonal analisa e confronta dados coletados tanto com habitantes rurais como com urbanos, podendo ser realizado também a investigação de uma zona para outra dentro de uma mesma cidade.

2.2.3.2 Variação diatópica

A variação diatópica observa as diferenças que ocorrem no espaço geográfico em relação ao uso de uma determinada língua no que se refere ao confronto de presença/ausência dos traços linguísticos em uma mesma região. Essa variação pertence fundamentalmente a Dialetologia, e significa a partir do grego: *dia*, significa *através*; e *topos*, lugar ou o que foi distribuído de modo geográfico.

Para Alkmim (2011) e Margotti (2004) a visão variação diatópica é um pouco diferente, para aquele a variação diatópica se relaciona a traços linguísticos observáveis entre falantes de lugares diferentes que estão em um determinado espaço físico, este destaca a prevalência do estudo diatópico na Dialetologia tradicional ou monodimensional.

Nos primórdios dos estudos dialetológicos, a principal ênfase se dava ao local, mais especificamente a zona rural, entretanto, a pesquisa não ficava completa, era necessário mais dados linguísticos, assim ao notar-se que as áreas urbanas

cada vez mais estavam crescendo devido à confluência de pessoas vindas dos interiores para as cidades, é que “a variável diatópica soma-se a outras dimensões permitindo a análise sincrônica da língua por meio do estudo dos dialetos urbanos e sociais” (Araújo, 2018, p. 57).

2.2.3.3 Variação diassexual

A variação diassexual envolve a diferença de falares entre homens e mulheres, e desde os primórdios da Dialetologia já era um ponto que se apresentava promissora para a investigação. Embora em pequena quantidade, o Atlas Linguístico da França - ALF apresentou a fala feminina.

Gauchat, sobre as diferenças na fala entre homens e mulheres, afirma que:

Uma vez que a mulher aceitou a inovação, é do seu uso que passará à linguagem da juventude, porque as crianças seguem, principalmente, o exemplo das mulheres que passam muito mais tempo em casa, em sociedade, a cozinhar, a lavar, e que falam mais do que homens, envolvidos com o trabalho do campo, no meio dos quais se apresentam taciturnos e muitas vezes isolados durante toda a jornada. (Pop, 1950, p.194, *apud* Cardoso, 2010, p. 52)

Cardoso ainda conclui o pensamento de Gauchat: “Não se fala, sem razão, de teto paterno, mas de língua materna” (Pop, 1950, p. 194, *apud* Cardoso, 2010, p. 52).

Assim, buscou-se observar as diferenças na fala entre homens e mulheres com o intuito de enxergar quem é mais inovador, disposto a mudanças e quem é mais conservador e não aceita muitas mudanças.

2.2.3.4 Variação diageracional

A variação diageracional leva em consideração a idade dos informantes. Pop (1950, p. 43, *apud* Cardoso, 2010) afirma que “o conhecimento da idade dos falantes observados é indispensável para que se possam comparar as divergências existentes entre o falar dos jovens e aquele dos idosos, e determinar o seu ponto de origem”.

Para Margotti (2004) existe uma hipótese de que os falantes geralmente reproduzem o estado de língua que adquiriram no começo da sua vida até

aproximadamente na adolescência, não ocorrendo grandes mudanças depois dessa fase. Dessa forma a diferença existente entre a fala do mais jovem para o mais velho, indica que há uma possível mudança linguística em progresso.

Assim, quando foram delimitados os informantes por meio da variável diageracional, buscou-se observar o quanto a variação ocorre entre os mais velhos e mais novos, com o intuito de confirmar ou refutar se de fato há uma mudança em curso ou não.

2.3 As pesquisas geolinguísticas

As pesquisas geolinguísticas iniciaram-se no Brasil de forma oficial, em 20 de março de 1952, tendo como pioneiro Nelson Rossi, que foi o idealizador do Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB). Passados muitos anos do trabalho pioneiro de Rossi, o Atlas Nacional começa a ser organizado, com a ideia originada em novembro de 1996, em uma reunião de pesquisadores de vários locais e áreas durante o Seminário Nacional: Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil (Aguilera, 1996, p. 222, *apud* Araújo, 2018, p. 74).

Contudo, estudos dialetológicos sobre o português do Brasil, podem ser encontrados já no século XIX, quando Visconde de Pedra Branca Domingos Borges de Barros escreve sobre as diferenças que observou entre o português de Portugal e o português do Brasil, intitulado *Les différences que le dialecte brésilien pourrait présenter, compare à la langue du Portugal*. O estudo do Visconde de Pedra Branca comprova que os estudos dialetológicos não são tão novos assim, todavia, a geolinguística como método da Dialetologia se consolidou e se firmou enquanto ciência na primeira metade do século XX e têm se empenhado na produção de atlas linguísticos regionais por causa da vastidão territorial.

2.4 Trabalhos Dialetológicos/morfossintáticos realizados no Brasil

A seguir serão apresentados um quadro e uma breve resenha das dissertações realizadas no Brasil entre os anos de 2009 a 2018, que se encontram disponíveis no site do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

Quadro 1 Pesquisas morfossintáticas realizadas no Brasil entre 2009 e 2018

MORFOSSINTAXE			
	Autor	Tipo	Ano
VOCÊ OU TU? NORDESTE VERSUS SUL: O TRATAMENTO DO INTERLOCUTOR NO PORTUGUÊS DO BRASIL A PARTIR DE DADOS DO PROJETO ALiB	Viviane Gomes de Deus	Dissertação	2009
O USO DO TU E DO VOCÊ NO PORTUGUÊS FALADO NO MARANHÃO	Cibelle Béliche Alves	Dissertação	2010
ASPECTOS DA HISTÓRIA DA LÍNGUA: UM ESTUDO DIACRÔNICO E SINCRÔNICO DOS PRONOMES OBLÍQUOS TÔNICOS	Antônio José de Pinho	Dissertação	2012
O GÊNERO NA REGIÃO NORDESTE: MORFOLOGIA E ESTIGMA SOCIAL	Élide Elen da Paixão Santana	Dissertação	2015
A REALIZAÇÃO DA VARIÁVEL DOS PRONOMES SUJEITO E DOS PRONOMES OBLÍQUOS TÔNICOS NO INTERIOR DA BAHIA	Lidiane Martins da Silva	Dissertação	2017
FORMAS DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO NO ESTADO DA BAHIA: UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO	Tassila Ferreira Valle Guimarães	Dissertação	2018

Fonte: elaborado pela própria pesquisadora

Das pesquisas apresentadas no Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), em 2009, tem-se: *Você ou Tu? Nordeste versus Sul: O tratamento do interlocutor no português do Brasil a partir de dados do Projeto ALiB*, de Viviane Gomes, a autora enfoca o uso de pronomes específicos para a referência ao interlocutor no Português do Brasil, levando em consideração os contextos linguísticos e sociais que favorecem uma das variantes.

Em 2010: *O uso do Tu e do Você no Português falado no Maranhão*, de Cibelle Béliche, onde se visa privilegiar os estudos do sistema pronominal nas variedades do português falado no eixo Norte e Nordeste, mais precisamente no Maranhão, com o intuito de analisar os favorecedores da ocorrência de Tu e Você e delinear a realidade dialetal do Maranhão.

Em 2012, tem-se a dissertação intitulada: *Aspectos da história da língua: um estudo diacrônico e sincrônico dos pronomes oblíquos tônicos* de Antônio José, nessa pesquisa o ponto é efetuar um estudo histórico do sistema pronominal do

português, a evolução dos pronomes oblíquos tônicos que são precedidos pela preposição com.

A dissertação de Élide Ellen, que foi concluída em 2015, trata dos morfemas usados para determinar o gênero feminino das palavras: ladrão, chefe, alemão e presidente. Identificando as formas usadas para os conceitos de “mulher que rouba”, “mulher que chefia”, “mulher que nasce na Alemanha” e “mulher na presidência”.

A realização da variável dos pronomes sujeito e dos pronomes oblíquos tônicos no interior da Bahia, foi a dissertação produzida por Lidiane Martins, finalizada em 2017. A autora visa analisar a variação no uso dos pronomes sujeito, nós e a gente, assim como os pronomes oblíquos conosco, com nós e com a gente.

Em 2018, a dissertação de Tassila Ferreira intitulada: Formas de indeterminação do sujeito no estado da Bahia: um estudo geossociolinguístico a autora busca identificar quais são as formas de indeterminação mais recorrentes nos lugares selecionados. Visa também identificar quais são as variáveis linguísticas e extralinguísticas que podem favorecer ou não a escolha das variantes analisadas na pesquisa.

Como se pode ver, muitas pesquisas já foram realizadas no Brasil, entretanto a área da morfossintaxe ainda precisa ser mais explorada, visto que apesar de ser um número expressivo de trabalhos apresentados pelo ALiB, ainda pode ser considerado um número pequeno se for avaliado a quantidade de pesquisas morfossintáticas que são realizadas por ano.

2.5 Trabalhos Dialetológicos/morfossintáticos realizados no Amazonas

Mesmo que as pesquisas geolingüísticas tenham progredido por todo o território brasileiro com a elaboração de Atlas Linguísticos, e que o Brasil já esteja quase todo mapeado, pesquisas que contemplem o campo da morfossintaxe ainda são escassas, visto que a preferência que se dá é para fenômenos nos campos linguísticos semântico-lexical e fonético-fonológico.

Desde 2004, muitas pesquisas variacionistas e dialetológicas já foram realizadas no Amazonas, muitas variáveis já foram investigadas nos campos fonético-fonológico e semântico-lexical. Todavia, poucas pesquisas foram realizadas no campo morfossintático, como:

a) Tavares (2017), que desenvolveu uma pesquisa morfossintática na região do Rio Madeira intitulada: Atlas Morfossintático da Microrregião do Madeira - AMSIMA, envolvendo os municípios de Humaitá, Apuí, Manicoré, Novo Aripuanã e Borba. Esta pesquisa é uma continuação do artigo de conclusão de seu curso de pós-graduação em Língua Portuguesa. Contou com 30 informantes para o registro dos dados morfossintáticos de cada região selecionada. O Atlas que resultou dessa pesquisa utilizou como base 49 questões do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), que estão presentes no QMS (Questionário Morfossintático), elas foram utilizadas seguindo o modelo de perfil de informantes do ALAM (Cruz, 2004). Os fenômenos observados foram: emprego de artigo antes de nome próprio de pessoas, gênero aplicado a substantivos como o/a alface, o/a grama (peso) e o/a guaraná. Observou-se também como se utiliza o feminino de alemão, chefe, ladrão e presidente e a formação do plural de 11 substantivos que foram apresentados por meio de figuras impressas. Também foram investigados o uso de alguns adjetivos no grau comparativo, sendo apuradas as variações mais grande/maior, mais pequena/menor, mais bom/melhor e mais ruim/pior. Verificou-se o uso de pronomes pessoais Tu/Você/A gente; Eu/Mim (para eu/para mim); Nós/a gente; Comigo/Com eu/Mais eu; e Conosco/Com nós/Com a gente; o uso de pronomes possessivos como Teu/Seu; e pronomes indefinidos, como Menos/Menas. Na questão verbal, verificou-se os tempos verbais e concordância, investigou-se o uso no presente do indicativo como Vivem/Vevem, Ouço/Ouvo; Caibo/Cabo; no pretérito perfeito as variações Dei/Di, do verbo dar; Soube/Sube/Sabi, Estive/Tive, Trouxe/Truxe e Pus/Ponhei. Na verificação do verbo no presente do indicativo foi realizada a pergunta: O que é que você faz durante o dia? Na verificação do verbo no pretérito perfeito do indicativo foi realizada a pergunta: O que você fez de diferente ontem? Na verificação do verbo no futuro do presente do indicativo foi realizada a pergunta: O que você fará amanhã? Na verificação do verbo no futuro do pretérito do indicativo foi realizada a pergunta: O que é que você faria se ganhasse na loteria? E por fim, na concordância, verificou-se as variações Faz/Fazem; Ter/Haver; e

colocações do advérbio de negação Não/Num, em respostas negativas. A autora não teve como objetivo interpretar as ocorrências dos falares da localidade e nem explicar os fatores que propiciam o falar da região, mas realizar um levantamento geral das muitas possibilidades de realizações morfossintáticas do português falado nos municípios selecionados;

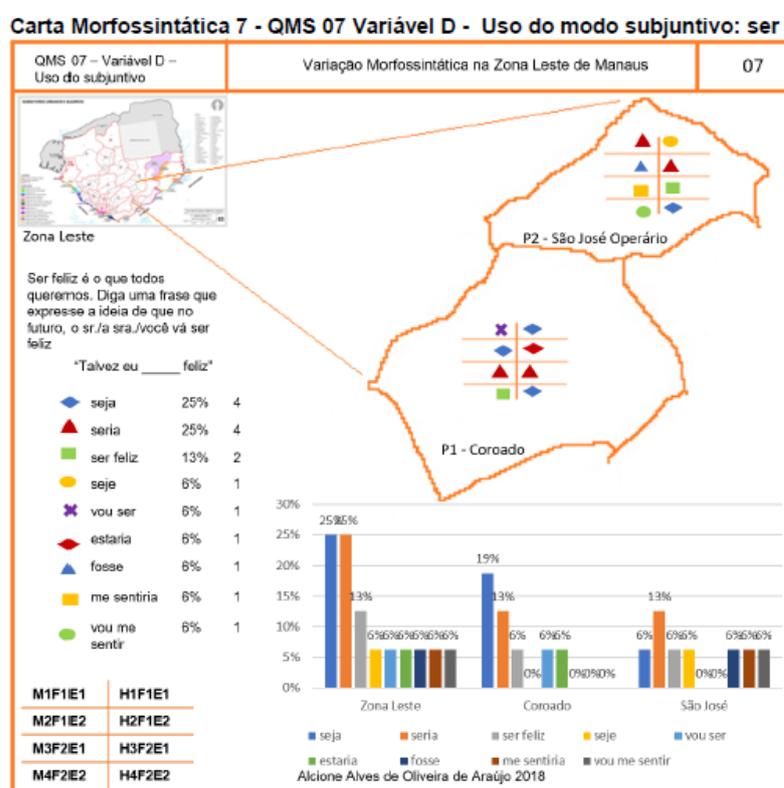
- b) Medeiros (2018), que também realizou um Atlas Morfossintático da microrregião do Rio Negro e Rio Solimões envolvendo os municípios de Coari, Codajás, Manacapuru e Novo Airão. O autor também utilizou 49 questões extraídas do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), em que 46 questões foram utilizadas para gerar cartas linguísticas, pois as perguntas 1 e 2 verificam o mesmo fenômeno (uso de artigo antes de nomes próprios de pessoas) e as questões 47, 48 e 49 que verificam o uso do advérbio “Não” em respostas negativas, totalizando 130 cartas morfossintáticas. O autor objetivou verificar variações concernentes à morfologia e à sintaxe, observando primeiramente o artigo diante de nome próprio (de pessoas); gênero dos substantivos alface, cal (grama/peso) e guaraná; o feminino de alemão, chefe, ladrão e presidente; o número dos substantivos lápis, anel, avental, pão, mão, leão, degrau, flor, chapéu, anzol e olho. Observou-se também variações de natureza sintática, além das ocorrências dos adjetivos grande/pequeno, bom/mau (ruim) em contextos de comparação; o uso de pronomes pessoais; pronomes possessivos e indefinidos; tempos verbais e concordância; e o uso do advérbio “Não” em respostas negativas;
- c) Araújo (2018), dissertação no qual esta pesquisa se baseia. Ela trata da variação em nível morfossintático na cidade de Manaus. Em sua pesquisa intitulada: Variação morfossintática na zona leste de Manaus – Um estudo geossociolinguístico, Araújo (2018), mapeia as tendências de variação morfossintáticas na fala manauara na área urbana, descrevendo os usos morfossintáticos nas dimensões: diatópica, diatópica-cinética, diageracional, diassexual e diafásica, identificando quais são os fatores linguísticos e extralinguísticos dos condicionadores morfossintáticos no ato da fala, sobre isso Campos (2011) afirma:

Toda e qualquer regra que motiva o surgimento da variação linguística é determinada por fatores estruturais, isto é, fatores da ordem linguística,

também conhecidos por elementos internos, aqueles configurados no próprio sistema linguístico, e/ou por fatores de ordem social, os chamados fatores externos, instituídos na e pela sociedade. (Campos, 2011, p. 37).

A autora também registra as variantes geolinguísticas em forma de cartas linguísticas observando as seguintes variáveis: gênero, a pluralização, flexão verbal, sintaxe de concordância, o grau dos adjetivos e uso dos pronomes. Os seus objetivos culminam no estabelecimento da norma de uso para a variante morfossintática de cada variável por bairro e zona. A seguir são apresentadas algumas imagens de resultados organizados em cartas morfossintáticas que foram produzidas pela autora.

Figura 2 Resultado da pesquisa de Araújo (2018)

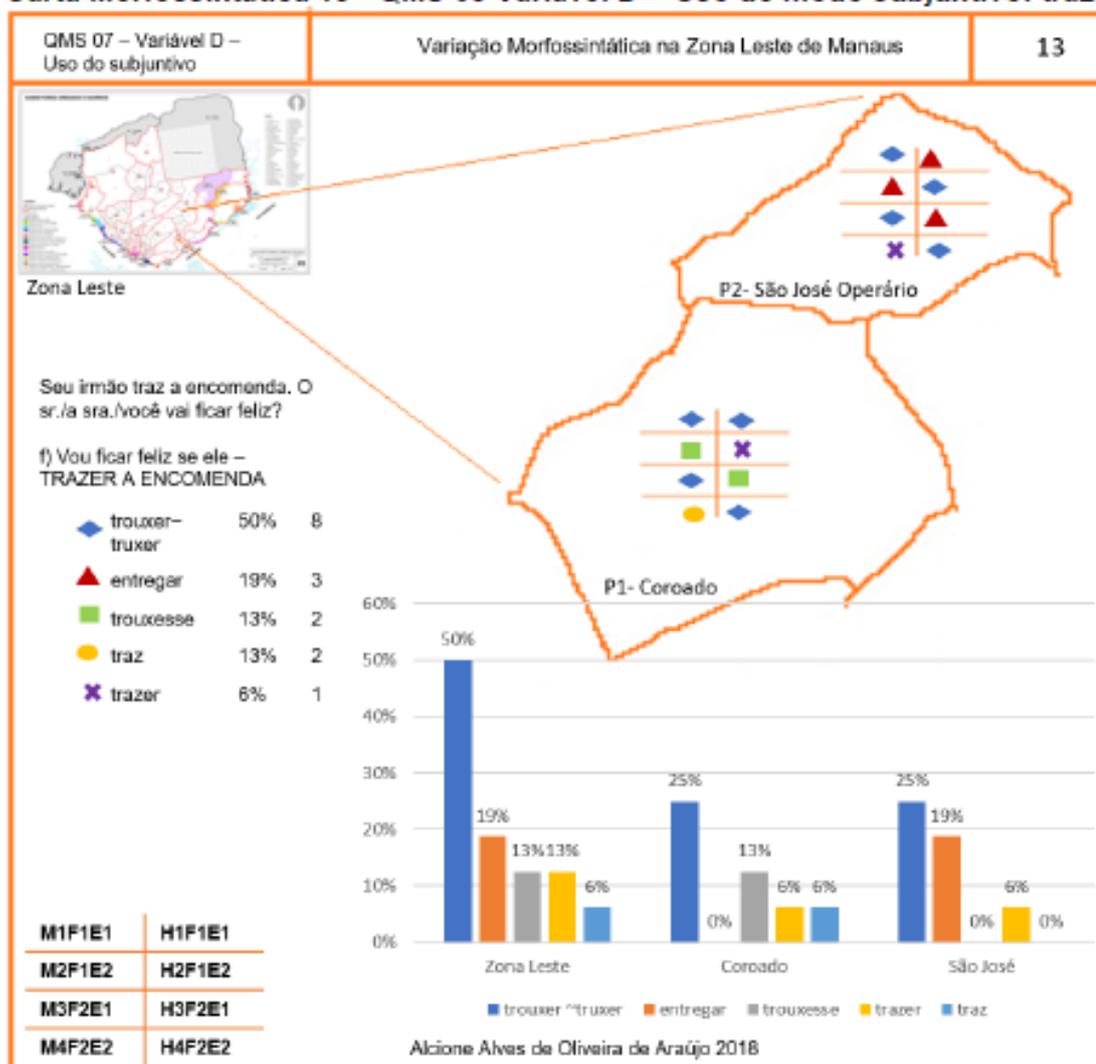


A Carta 7 apresenta duas formas mais produtivas no Ponto 1: *seja* e *seria*, ambas com 25%. As variantes para essa variável (verbo ser no presente do subjuntivo) reiteram a opção pela troca de lexema. As muitas variantes aqui registradas demonstram a baixa frequência e distribuição irregular da variante.

Fonte: Araújo, 2018

Figura 3 Resultado da pesquisa de Araújo (2018)

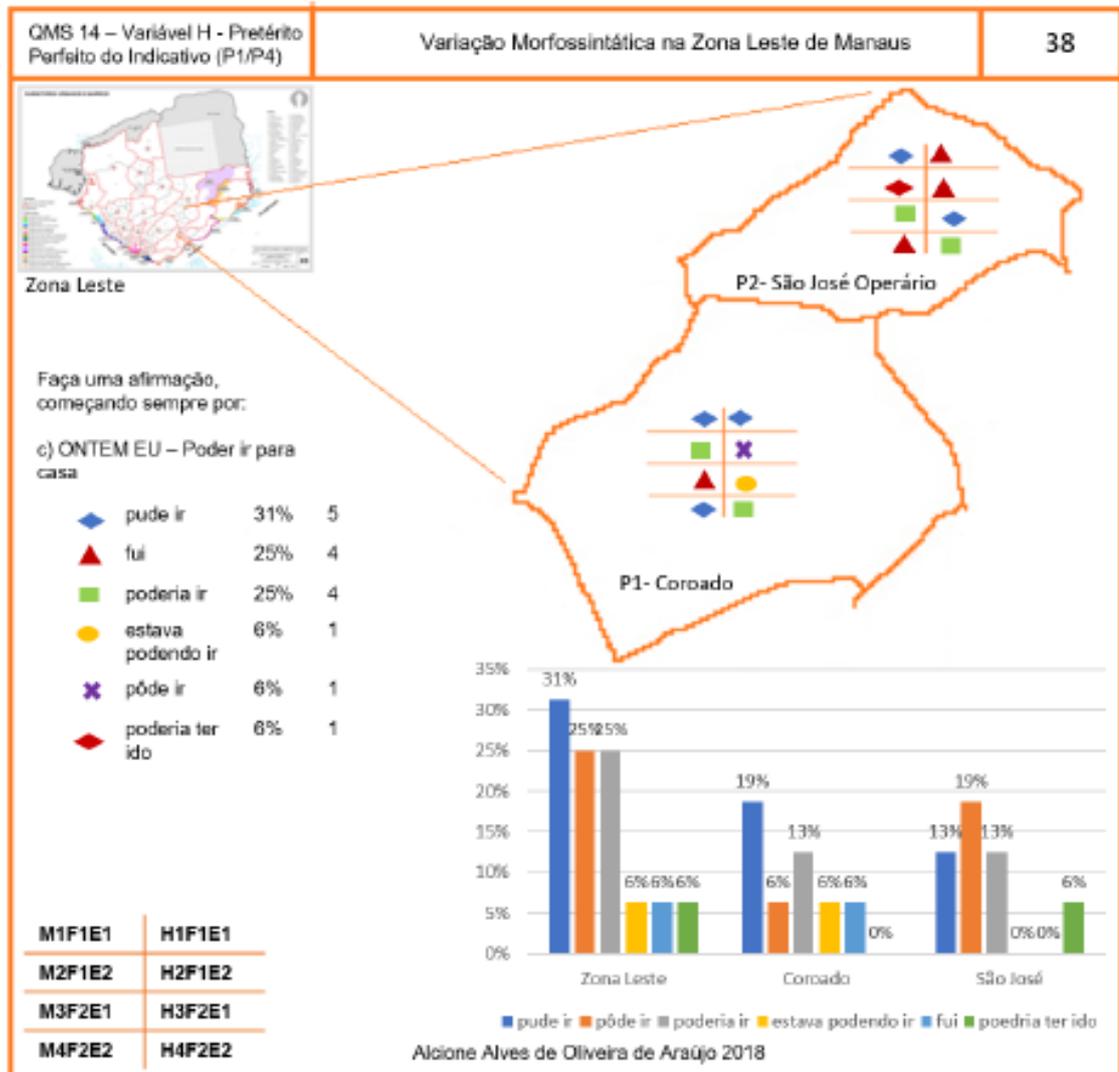
Carta Morfossintática 13 - QMS 08 Variável D - Uso do modo subjuntivo: trazer



A carta 13 apresenta as variantes para a 3ª pessoa do verbo trazer, a saber: *trouzer* (maior produtividade com 50% no geral), embora se tenha observado a monotongação /tru'sER/, observa-se como norma de uso, considerando para a variável diagenérica; *entregar* (19%); *trouxesse* (13%); *traz* (13%) e *trazer* (6%). Observando sob o ponto de vista da variável diatópica a forma *trouzer* apresenta equidade nos dois pontos de análise.

Fonte: Araújo, 2018

Figura 4 Resultado da pesquisa de Araújo (2018)

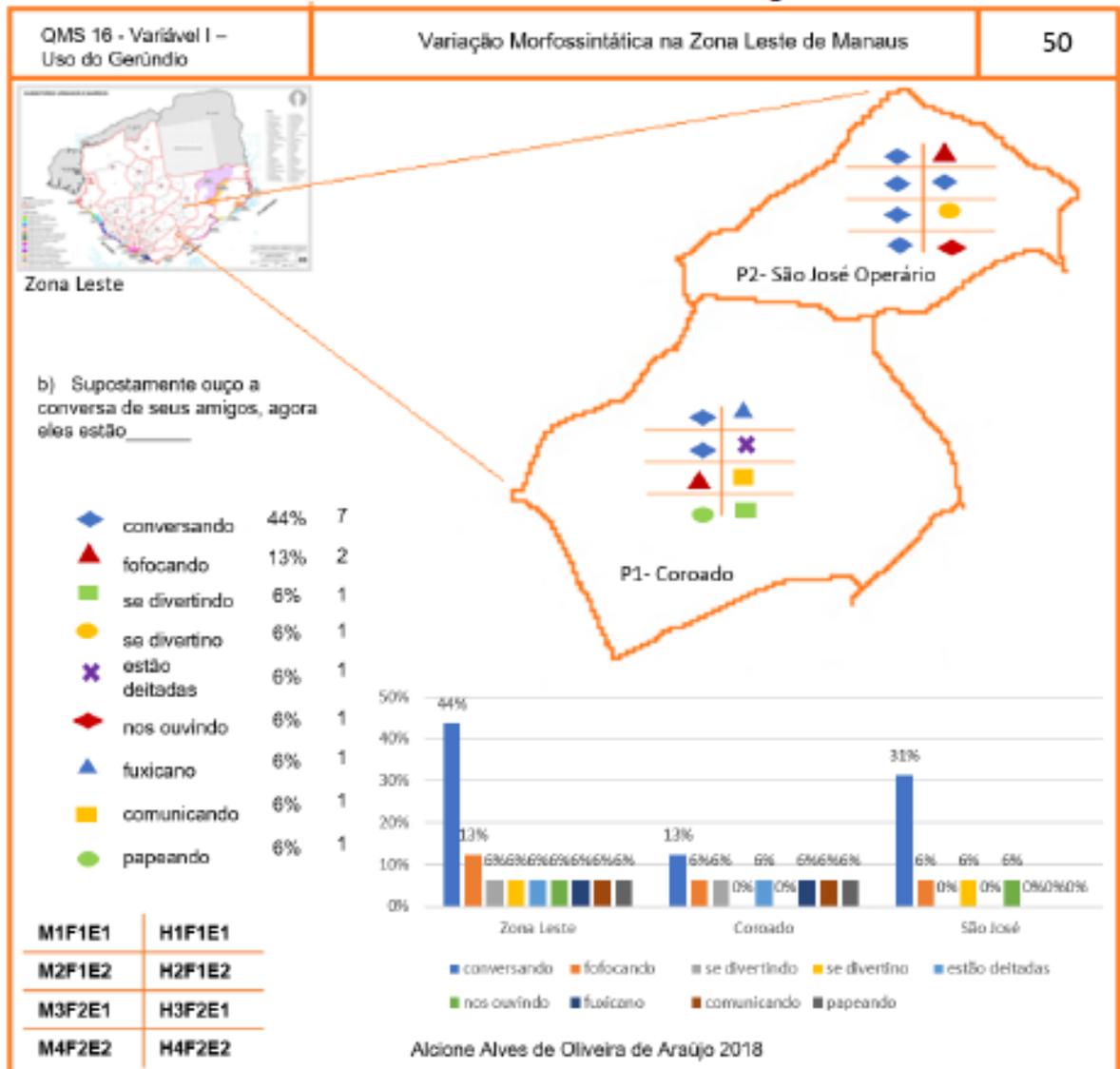


Na carta 38, está registrada a produtividade para a variante prescrita *pude ir* (31%) e para as variantes de *fui* e *poderia ir* (25% cada) na flexão da variável *poder ir* em P1-Pretérito Perfeito do Indicativo. Houve baixa frequência e distribuição irregular para as formas *pôde ir* e *poderia ter ido*. Considerando as variáveis extralinguísticas, quanto ao diatópico, o Ponto 2 se utiliza de outro lexema e/ou locução verbal, já o Ponto 1, utiliza diferentes variantes, com os homens apresentando baixa frequência e distribuição irregular para quatro das seis variantes registradas (*pude ir*, *pôde ir*, *estava podendo ir* e *poderia ir*).

Fonte: Araújo, 2018

Figura 5 Resultado da pesquisa de Araújo (2018)

Carta Morfossintática 50 - QMS 16 Variável I – Uso do gerúndio



Na carta 50, registram-se as variantes para o gerúndio com o uso de -ndo em alta frequência. As variantes *divertino* e *fuxicano* são de baixa frequência e distribuição irregular e, se analisadas pelas variáveis diastrática e diagenérica, podem ser explicadas como representativa de um grupo de homens não escolarizados a utilizar essa variante. Nessa carta, a produtiva em baixa frequência e distribuição irregular representa diferenças semânticas e não morfossintáticas, posto que o informante deveria preencher livremente.

Fonte: Araújo, 2018

Araújo (2018), em suas análises objetivou estabelecer uma norma de uso para a variante morfossintática de cada variável por bairro e zona. Analisando as dimensões diatópica, diatópica-cinética, diageracional, diassexual e diafásica, identificando as diferenças e particularidades de cada ponto de inquérito, utilizando-se inclusive de cartas que não apresentavam especificamente diferenças morfossintáticas e sim semânticas como no caso da carta número 50.

Assim, apesar dos exemplos apresentados acima, observa-se que a quantidade de pesquisas existentes na área morfossintática, são ainda ínfimas, compreende-se que ainda estão em estágio inicial, devendo ser ampliadas com mais pesquisas que visem investigar variáveis dentro da morfossintaxe e que busquem expandir pesquisas já realizadas na área, com o intuito de ampliar e oferecer materiais que possam contribuir na compreensão da fala manauara e no ensino da Língua Portuguesa nas salas de aula.

2.6 A norma de uso e a morfossintaxe

Ao andar pelas ruas de Manaus é possível enxergar em seu povo os traços da miscigenação cultural, o branco-índio-negro está não só na pele, na estatura, nos costumes como também na forma de falar, de se expressar que é tão diferente do que se aprende na escola. Isso é a variação, fugir da norma padrão, do que é considerado *certo*, é fazer alterações na fala utilizando-a da forma que melhor atender à sua necessidade linguística.

Tendo em vista que muitos grupos influenciaram na formação da língua amazonense, devido ao fluxo de pessoas na capital, sabe-se que isso implicou diretamente no vernáculo deste povo, resultando no que hoje se conhece como *amazonês*, termo utilizado por muitos estudiosos da língua, um deles é o professor da Universidade Federal do Amazonas, Sergio Freire. Segundo ele, em uma entrevista no Blog: No Amazonas é assim:

Temos a herança fonológica, dos sons do português de Portugal, por isso que chamamos ao puxamos o s. Também recebemos influência dos nordestinos, que vieram para cá como soldados da borracha na década de 40. E, por fim, a influência muito grande da linguagem indígena com suas expressões. Nossa matriz oral vem daí, em maior ou menor grau.

Mas o *Amazonês* ou *caboquês* como chamou Celso Braga no livro *O manauara*, escrito por Leôncio Oliveira, é resultado das misturas das línguas de

muitos povos, muitas etnias. Para Oliveira (2005), a mistura que enriqueceu a cultura e a língua do manauara, proporcionando nova forma de pensar, de agir e falar das pessoas que habitam essa região e também das que convergem para ela.

Segundo Araújo (2018, p. 93), “a presença de diferentes falares enriquece as relações entre Língua e Cultura”. De fato, ao se analisar o resultado do contato entre a forma de falar do morador antigo e do morador recém-chegado, é inegável a influência que um tem sobre o outro e vice-versa. Esse contato resultou em uma forma de língua que se desvia do padrão.

Pelo contato com outras línguas e culturas que resultam em mudanças socioculturais, e/ou pelo fato de o falante participar de várias comunidades de fala, a língua varia e vai mudando, adequando-se à necessidade do falante. Por esse motivo, pode-se entender que o usuário da língua se comporta de várias maneiras diferentes a depender do meio em que se encontra, pois para se comunicar ele usará a variante que achar mais adequada para a situação.

Visto que existem muitas variedades, e que em grupos diferentes da sociedade encontram-se muitas formas de se falar, faz-se necessário conhecer o que é a Norma de uso e a morfossintaxe para melhor compreender a língua, e entender por que ela varia e como ela varia.

O primeiro conceito que se faz necessário conhecer é o de comunidade de fala, que para Labov (1972, p. 120 – 121, *apud* Vanin, 2009 p. 148), “é aquela que compartilha normas e atitudes sociais perante uma língua ou variedade linguística”. Assim, cada grupo social possui uma forma de falar diferente, podendo ser esses grupos: a escola, o trabalho, a universidade, a igreja e assim por diante. Em cada comunidade de fala existe o que é chamado de *norma de uso*, que é utilizada no contexto sociocultural em que se encontram.

Para Faraco (2008):

É possível, então, conceituar tecnicamente norma como determinado conjunto de fenômenos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais) que são recorrentes, costumeiros, habituais numa dada comunidade de fala. Norma nesse sentido se identifica com normalidade, ou seja, com o que é corriqueiro, usual, habitual, recorrente (“normal”) numa certa comunidade de fala. (Faraco, 2008, p. 35).

Assim, são apresentados o normal e o normativo, sendo o normal a forma como verdadeiramente se fala, a forma usual, mais comum. E o normativo seria a

forma como se deveria falar, a forma que está especificada na norma gramatical. Todavia, ao formular um enunciado, é o próprio falante que escolhe que forma usar.

Araújo (2018) afirma que:

Por norma pode-se entender dois princípios básicos: “como se diz” e “como se deve dizer”. O primeiro refere-se à variedade linguística que represente o conjunto de traços linguísticos de uma determinada comunidade de fala, seja no campo fonético-fonológico, léxico-semântico e/ou morfossintático, agregando o habitual e o costumeiro naquele grupo: é o “normal” porque “aqui se fala assim”; o segundo, remete a um conjunto de prescrições para o “bom uso” da língua, sob determinado contexto sócio-histórico modelar, remete à tentativa de controle do falante em um determinado ato linguístico: é o “normativo” porque “para esse momento, é preciso falar assim”. Ambas coexistentes e são determinantes da identidade de seus falantes nos grupos em que se inserem. (Araújo, 2018, p. 88).

O fato de o falante dominar várias normas o possibilita transitar entre várias comunidades de fala, levando-o a participar de grupos diferentes. Para Borba (Borba, 1998, p. 50 – 51, *apud* Araújo, 2018, p. 87), “a linguagem é fator preponderante e o mais eficiente instrumento para as relações e interações sociais de que o homem dispõe para constituir sua cultura”⁷.

Compreendendo o papel da linguagem nas interações sociais e que a norma é tanto o *normal* quanto o *normativo*, faz-se necessário ainda entender o que é a morfossintaxe. Nesta pesquisa, os fundamentos da Morfossintaxe estão baseados nos estudos de Sautchuk (2004), onde se fala de um princípio linguístico universal, em que a autora afirma: “nada na língua funciona sozinho”. Este conceito é muito bem aplicado ao referir-se à língua, pois segundo a mesma autora, para que as unidades linguísticas passem a exercer uma função de comunicação é necessário que elas se organizem em pelo menos duas unidades.

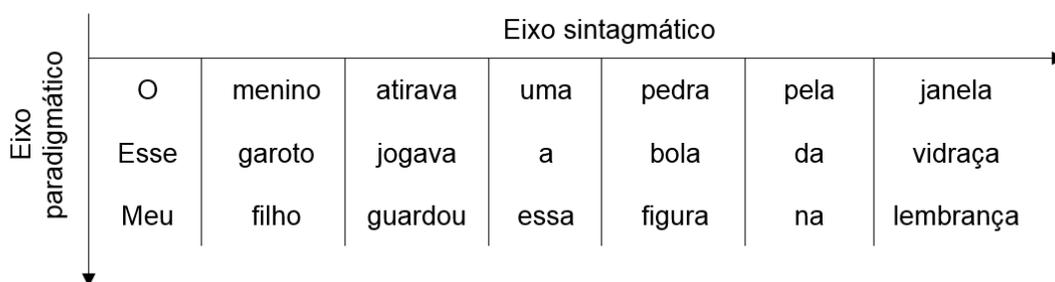
Um outro princípio que é essencial e está intimamente associado ao primeiro citado, é: “na língua, as formas se definem em oposição a tantas outras que com elas mantenham a mesma função” (Sautchuk, 2004, p. 7 e 8).

⁷ Em geral, a fixação de um certo padrão responde a um projeto político que visa impor uma certa uniformidade onde a heterogeneidade é sentida como negativa (como “ameaçadora de uma certa ordem”). Foi esse o caso do Brasil no século XIX em que certa elite letrada, diante das variedades populares (em particular do que se veio a chamar pejorativamente de “pretoguês”) e face a um complexo jogo ideológico (em boa parte assentado em seu projeto de construir um país branco e europeizado) trabalhou pela fixação de uma norma-padrão. Essa norma, no entanto, profundamente dissociada das variedades cultas efetivamente praticadas no Brasil, nunca se tornou de fato funcional. No entanto, tem servido, por mais de um século, de instrumento de violência simbólica e discriminação sociocultural. (Faraco, 2008, p. 172).

Quando se pensa no princípio “*nada na língua funciona sozinho*”, chega-se exatamente neste ponto: o de entender o mecanismo realizado por trás da construção de um discurso. Sautchuk (2004), explica que quando o falante vai produzir um enunciado, ele realiza as duas atividades mencionadas acima, que são: a escolha das formas e a relação delas dentro da cadeia falada, que é onde se constrói o discurso.

Para se construir um enunciado o falante buscará em seu acervo de unidades linguísticas as palavras que melhor expressem sua ideia, a esse acervo foi dado o nome de *eixo paradigmático*, que é representado por uma linha na vertical. Essas possibilidades, ainda se encontram ausentes no discurso, elas aparecerão quando o falante as trouxer para o *eixo sintagmático*, que é representado por uma linha na horizontal, é nela que as palavras são organizadas e se relacionam produzindo o enunciado.

Figura 6 Eixo paradigmático e sintagmático



Fonte: Sautchuk, 2004

No exemplo demonstrado por Sautchuk (2004), são apresentados os eixos sintagmático e paradigmático, de forma que se torna possível a visualização do mecanismo de construção do discurso. Por meio dele é possível enxergar a relação existente entre os dois eixos, podendo assim entender o funcionamento da língua. Sautchuk diz que:

Todo recorte, para efeito de análise linguística, que for feito “na vertical” estará necessariamente envolvendo um estudo morfológico da língua. E todo estudo que se fizer envolvendo relações que se realizam no eixo sintagmático, nessa linha imaginária horizontal, será sempre de caráter sintático (Sautchuk, 2004, p. 10).

Seja esclarecido que o conceito de eixo sintagmático e paradigmático não é algo novo, criado por Sautchuk (2004), visto que Saussure (1992), introduziu esses conceitos em sua obra “Curso de Linguística Geral” para explicar a organização da

linguagem, o que posteriormente influenciou o desenvolvimento desses termos por outros linguistas, como Roman Jakobson. Saussure tratou mais especificamente da relação entre os elementos linguísticos dentro de uma estrutura e como esses elementos se combinam para formar significados, a relação entre significante e significado, a estruturação dos signos linguísticos e a dimensão sincrônica da língua.

Sautchuk (2004), por sua vez concentra-se nos eixos sintagmático e paradigmático, visando demonstrar a funcionalidade da língua de forma conjunta, afirmando que “todas as funções sintáticas contraídas no eixo sintagmático são confirmadas, originadas ou autorizadas pela base ou natureza morfológica das unidades envolvidas nessas relações (SAUTCHUK, p. 10, 2004)”.

Assim têm-se o eixo sintagmático como campo de atuação da sintaxe, e o eixo paradigmático como campo de atuação da morfologia. Visto, que ao se construir um discurso, são realizadas atividades nos dois eixos, pode-se entender, de acordo com Sautchuk (2004), que a língua não funciona morfológica e nem sintaticamente, mas morfossintaticamente.

Dessa forma, o estudo mais eficaz acontece quando se leva em conta a morfossintaxe da língua, para isso faz-se necessário ter um bom conhecimento das classes gramaticais e das relações possíveis de acontecer entre os seus elementos.

Para Sautchuk (2004), deve-se começar a estudar Língua Portuguesa a partir dos quatro aspectos linguísticos fundamentais, são eles: fonema, morfemas e palavras, sintagmas e frases, e unidades semânticas. Sobre isto, discorre:

A língua, porém, tomada como um código composto de unidades e de leis que as ordenam e regulamentam, realiza-se mediante a interação e perfeita harmonia entre todos esses aspectos e não compartimentada por eles. Todo usuário da língua concretiza seus atos de fala e exerce sua competência comunicativa, produzindo textos orais ou escritos, a partir dessas unidades e orientado pela força intrínseca das leis fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas que as organizam ou que as autorizam. (Sautchuk, 2004, p. 02).

No ato da fala, utilizando-se das leis que ordenam e regulamentam a língua, essas unidades são combinadas de várias formas diferentes pelo locutor. Assim, para o falante, a forma *fazido* é uma possibilidade já que existe a forma *trazido*. Exemplos de variantes morfossintáticas podem ser percebidos na concordância – os menino já foram; na regência - vou na igreja; na conjugação verbal por analogia ou inventada *dizeu, seje*, etc. Como resultado, surgem muitas variantes que são estigmatizadas por afastarem-se do padrão normativo (Araújo, 2018).

A seguir serão apresentados os conceitos dos princípios que orientam as variáveis morfossintáticas que serão analisadas nesta pesquisa:

a) O morfema – é um elemento estrutural da língua, ele é a menor unidade que contém significado, tem a função de dar nomes e relacionar os elementos do mundo biossocial e antropocultural, e é dividido em morfemas lexicais/lexemas e morfemas gramaticais. Os lexemas possuem a informação básica de significado que reporta-se ao mundo extralinguístico. Este é o inventário aberto, que é utilizado para dar nomes aos elementos da própria língua, o que remete à realidade biossocial e antropocultural. Os morfemas gramaticais, podem ser chamados também de gramemas, que constituem o inventário fechado, e são usados para estruturar ou relacionar as palavras. Quando aparecem no vocábulo aparecem como: afixos (prefixo e sufixo), vogal temática e desinência verbal ou nominal, são chamados de dependentes, mas quando aparecem com autonomia sendo: pronome, numeral, preposição, advérbio pronominal e conjunção, eles são chamados de independentes (Sautchuk, 2004);

b) A flexão – segundo Filho (2021), pode ocorrer em gênero e número, sendo a flexão de gênero do masculino para o feminino e em número para o plural. Ou seja, um vocábulo que não foi flexionado, apresenta-se na forma masculina e singular. Para realizar a flexão de gênero, é necessário trocar a vogal temática nominal pelo morfema de gênero, esse “é um mecanismo gramatical oriundo das relações de concordância entre os nomes” (Filho, 2021, p. 37); já a flexão de plural ou flexão de número, basta acrescentar o morfema s, “ele ocorre para que um vocábulo saia da forma singular e vá ao plural” (Filho, 2021, p. 40);

c) A concordância – de acordo com Filho (2021), é quando a *característica gramatical* de uma palavra em um enunciado flexiona-se em gênero, número e pessoa de forma que concorde com as flexões de outros componentes do enunciado. “É quando um sintagma ou vocábulo concorda gramaticalmente com outro” (Filho, 2021, p. 211). A concordância pode ser verbal: que ocorre quando o verbo é flexionado de acordo com o número e a pessoa do sujeito no enunciado. E pode ser também nominal: que ocorre quando existe harmonia entre a flexão do substantivo e seus adjuntos.

d) Classe de palavras – de acordo com Filho (2021), são os vocábulos da língua portuguesa, que são divididos tradicionalmente em 10 classes. A tradição diz

que a classificação das palavras depende do contexto em que está inserido, todavia, Perini (2008, p. 93), afirma que “as funções se definem no contexto em que ocorrem, mas as classes se definem fora do contexto”. Segundo Sautchuk:

[...] a classificação das palavras que compõem principalmente o sistema aberto da língua, mas, em muitos casos, também o sistema fechado, depende muito de seu “comportamento” na cadeia falada. Assim, é muito difícil dizer que uma determinada palavra será sempre um substantivo ou um adjetivo. O que existe são características peculiares (de natureza mórfica e/ou sintática) a determinadas classes de palavras que permitem, em um determinado contexto, assegurar-nos de que se trata deste ou daquele tipo de palavra: a língua não funciona em relação a um único eixo (paradigmático ou sintagmático) (Sautchuk, 2004, p. 15).

Dessa maneira, as relações morfossintáticas da língua distribuem de forma hierárquica as formas dentro do sintagma, atribuindo função a cada uma delas. É muito importante saber que as classes existem na língua, mas fora do contexto, relacionando-as com o uso do falante (Araújo, 2018). Esse conceito que a norma padrão propõem está altamente arraigado nos currículos escolares, o que proporciona um ambiente profícuo para a estigmatização e estratificação de qualquer outra variedade e principalmente de seus usuários.

Assim, avalia-se que o ensino de morfossintaxe nas escolas, ainda acontece de forma mecânica, a morfologia e a sintaxe são apresentadas separadamente, parecendo que são departamentos completamente independentes um do outro o que dificulta o aprendizado e aceitação de outras variantes não padrão. Por outro lado, visualizar e saber que a língua funciona morfossintaticamente, e que ao construir um discurso se está utilizando tanto a morfologia quanto a sintaxe, pode proporcionar ao estudante a capacidade de saber como as variações ocorrem e porquê ocorrem, diminuindo talvez a dificuldade no aprendizado e o preconceito linguístico.

As variantes morfossintáticas podem ser encontradas nos jornais, nas revistas, nas mídias e redes sociais, na fala de pessoas cultas, isso mostra que a norma padrão não é seguida nem pelos que a defendem, é uma norma que existe somente no papel.

Araújo afirma que:

No entanto, o teor elitista do discurso da padronização da língua impõe a noção única de “padrão x não-padrão” como balizador da fala adequada, a partir de uma posição sociológica bem estabelecida e defendida pela mídia e gramáticos tradicionais (Araújo, 2018, p. 92).

Diante do exposto, neste estudo visou-se substituir os princípios que estigmatizam, pela acepção de Coseriu (*apud* Barbosa, 1989), salientando que é importante utilizar o princípio da frequência (alta ou baixa) e da distribuição (regular ou irregular), pois são elas que “balizam uma concepção de norma em que o estigmatizado e o estratificado possam ser descritos para que se trace os indicadores de norma em uso nos pontos de inquérito” (Araújo, 2018, p. 92). Assim, foram elaboradas cartas que apresentam dados diazonal, diatópica, diassexual e diageracional.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A abordagem metodológica desta pesquisa é quantitativa. Para Paiva (2019), a pesquisa quantitativa envolve a:

“coleta de dados numéricos usando métodos de base matemática (em particular os estatísticos)”. Ela testa hipóteses, realiza experimentos e compara resultados, comprova teorias e busca padrões que podem ser generalizados para contextos semelhantes. (Muijz, 2004, p. 1 *apud* Paiva, 2019)

Por sua vez, a pesquisa dialetológica envolve a quantificação de dados estatísticos referentes à incidência numérica e percentual das variantes, os quais podem ser representados em tabelas e gráficos, os quais são inseridos nos mapas geolinguísticos. Esta abordagem envolve a pesquisa de campo em 4 bairros da cidade de Manaus a saber: Tancredo Neves e Jorge Teixeira (Zona Leste), Mutirão e Cidade Nova (Zona Norte).

3.1 Os Pontos de inquérito

Na cidade de Manaus, ainda foram realizados poucos trabalhos sobre o tema da variação morfossintática. Migram para essa metrópole nortista, muitas pessoas provenientes de vários lugares do Estado do Amazonas e de outros estados brasileiros, proporcionando, assim, uma miscelânea linguística para a realização do trabalho dialetológico.

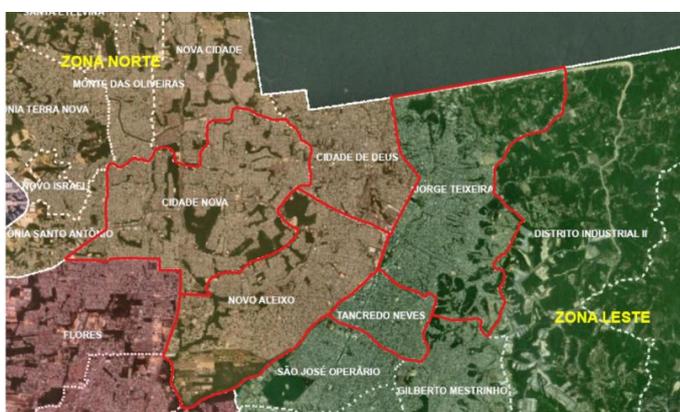
De acordo com Cardoso (2010):

[...] em razão de sua situação geográfica, de sua história, das interferências de que tem sido objeto, do tipo de povoamento que nela se processou, da situação econômica atual e passada, da sua relação com as demais áreas a serem pesquisadas (quando for o caso), da sua situação demográfica, enfim, pode ter como base um conjunto de caracteres que a demarcam e a

distinguem de outras áreas. (Ferreira e Cardoso, 1984, p. 24 *apud* Cardoso, 2010).

Logo, o pesquisador tem a prerrogativa para a escolha do lugar onde vai ser realizada a pesquisa. Baseado nisso, foram selecionados dois bairros que tiveram início com uma invasão (Tancredo Neves e Jorge Teixeira) na zona leste, e dois bairros que foram planejados (Mutirão e Cidade Nova) na zona norte. A seguir tem-se a descrição com mais detalhes de como cada bairro foi fundado, o tipo de pessoas que o habitam, qual sua situação econômica e sua situação demográfica.

Mapa 1 Zonas leste e norte de Manaus



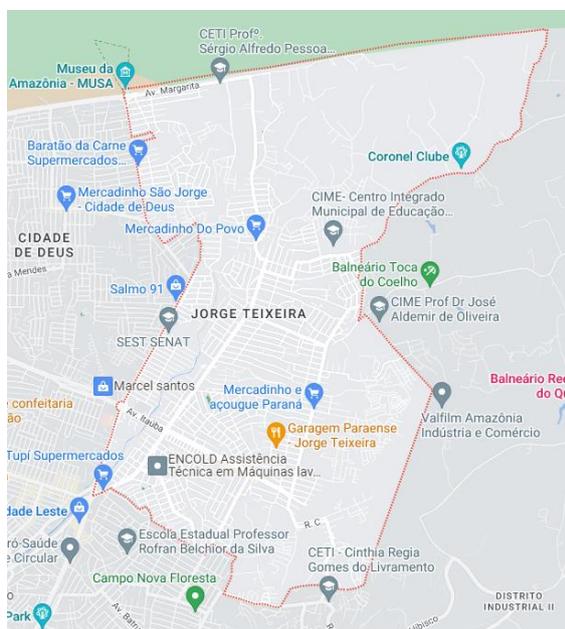
Fonte: Dados da pesquisa compilada de <https://www.google.com.br/maps/>

3.1.1 Bairro Tancredo Neves

O bairro Tancredo Neves possui uma população de aproximadamente 57 728 habitantes, possui uma área geográfica de 363 hectares e faz fronteira com os bairros: Cidade Nova, Jorge Teixeira, Novo Reino, São José Operário e Nova Floresta.

com os bairros: Cidade de Deus, Distrito Industrial II, Gilberto Mestrinho, Novo Aleixo e Tancredo Neves e possui uma área geográfica de 1.557,15 hectares.

Mapa 3 Bairro Jorge Teixeira



Fonte: *Google maps*

O Jorge Teixeira foi criado pelo prefeito da época, Arthur Virgílio Neto. Foi em 14 de março de 1989 que as distribuições de lotes para famílias carentes começaram. Essas famílias eram advindas de outros bairros, principalmente do São José. Esse bairro foi ocupado tanto por loteamento quanto por invasão, mas já existia um planejamento de ocupar aquele local, visto que uma grande via foi construída, a Autaz Mirim. A antiga Grande Circular passou a ligar as duas zonas leste e norte, ligando o bairro São José à Cidade Nova.

O bairro não possuía nenhuma infraestrutura, as casas eram construídas de papelão e cobertas com lona, as ruas eram de barro e ainda não possuíam água encanada, mesmo assim, a sua fundação contou com a presença de líderes religiosos e autoridades municipais. No evento que aconteceu no dia 25 de março de 1989, foi rezada a primeira missa pelo frei capuchinho Mário Monacelli. A ideia dos capuchinhos era além de levar ensinamentos religiosos, fazer trabalhos sociais tanto na área da educação quanto de saúde.

A princípio, a ocupação do bairro foi ordenada e pacífica, contudo nos anos seguintes isso acabou, quando aconteceram várias invasões, o que resultou na criação das quatro etapas do bairro, acrescentando-se ainda: João Paulo II, Bairro

Novo, Valparaíso, Nova Floresta e o Monte Sião. No mesmo período, também foram feitos loteamentos particulares, neles foram construídos conjuntos residenciais como: José Carlos Mestrinho e Arthur Virgílio Filho. Grande parte das residências do bairro, foram construídos de forma inapropriadas em morros ou em áreas de alagamento sem planejamento.

O bairro não possui um amplo centro comercial, seus moradores contam com o Fuxico, que é o centro comercial situado na Av. Penetração. Ali estão concentrados os comércios de estivas, e no restante da avenida tem-se restaurantes e lanchonetes, depósitos de sucata, postos de gasolina e algumas empresas prestadoras de serviços. O local também conta com a Feira do Produtor, e como outras alternativas de ganhos financeiros tem-se as casas de shows e motéis, o que favorece a prostituição no bairro.

A comunidade possui escolas públicas e particulares. Mas sua principal carência hoje, ainda é a necessidade de assistência nos setores de água, energia, saneamento básico e segurança pública.

3.1.3 Bairro Mutirão (Novo Aleixo)

O bairro Mutirão surgiu no final da década de oitenta, por volta de outubro de 1989, por meio de um decreto do governador Amazonino Mendes. Por isso o bairro recebeu o nome do governador, como forma de homenageá-lo. No entanto é mais conhecido por Mutirão, isso se deve ao fato de os moradores construírem suas casas como um mutirão, um ajudando ao outro.



Fonte: *Google maps*

Nesse período, a cidade estava recebendo muitas pessoas vindas dos interiores, buscando moradia e trabalho. Entretanto, muitos outros já estavam na mesma situação, sem emprego e moradia. Assim como foi com o bairro Cidade Nova, a ideia de distribuir lotes para a população, tinha como objetivo evitar que a cidade crescesse por meio de invasões. Dessa forma, muitos terrenos foram distribuídos para pessoas que vieram dos interiores, e pessoas que vieram de outros bairros.

O Mutirão está localizado na zona norte de Manaus, faz fronteira com os bairros: Jardim Canaranas, Águas Claras, Nossa Senhora de Fátima, São José, Tancredo Neves e Jorge Teixeira. Calcula-se que o bairro tenha em torno de cinquenta mil habitantes. Possui uma boa infraestrutura, possui escolas públicas e particulares, postos de saúde, postos de gasolina, feira, shoppings, drogarias, delegacias de polícia, restaurantes, lanchonetes, várias linhas de ônibus e o terminal 4. O bairro também tem vários grupos de danças regionais, inclusive uma escola de samba, que é apadrinhada pela escola de samba carioca Beija-flor.

3.1.4 Bairro Cidade Nova

O bairro da Cidade Nova é situado na zona norte de Manaus e foi o primeiro Projeto Habitacional que foi planejado e efetuado pelo governador José Lindoso. O plano inicial era de construir 15 mil casas, mas a princípio foram entregues apenas 1800, que formaram a primeira etapa do bairro. A construção começou na década

de 80. As primeiras 1800 casas foram entregues em 23 de abril 1981, data em que se comemora o aniversário do bairro.



Fonte: Google maps

Nesse período dos anos 80, a cidade passava por um sério problema de infraestrutura, pois não podia atender a demanda de migrantes advindos dos interiores e de outros estados em busca de emprego no Polo Industrial de Manaus. Por isso planejou-se a construção e venda dessas casas que foram construídas pela SUHAB (Superintendência de Habitação do Estado do Amazonas), e financiadas para pagamento em até 25 anos.

No Blog No Amazonas é assim, se encontram relatos de que o começo do bairro não foi tão feliz, e que até o ano de 1995 mais de 200 casas foram devolvidas. Isso porque, para a construção do conjunto foi necessário desmatar boa parte de terra, o que proporcionou o surgimento de doenças que causaram inclusive algumas mortes. Além disso, por ser um bairro novo tudo era distante, feira, supermercado e hospitais.

Contudo encontramos no Blog do Hiel Levy, relatos do Eduardo Mário das Dores Reis, de 56 anos que é um morador antigo, e lembra com nostalgia o momento em que pegou a chave da sua casa:

“Eu estive aqui, em um escritório que foi montado na primeira casa da esquina e me entregaram as chaves da casa, as torneiras e tampa do vaso do banheiro. Dias depois, realizei a minha mudança e aqui estou até hoje. Já são quase 27 anos morando aqui na Cidade Nova. Hoje eu não me vejo morando em outro bairro, gosto muito daqui. Esta área em que moramos, sempre foi bastante tranquila e nunca tivemos problemas”

Segundo Eduardo, o clima era diferente, não precisava usar ar condicionado, existiam vários igarapés próximos de casa, além de árvores frutíferas. Para ele, o bairro já era bem estruturado, asfaltado, com água limpa e energia elétrica.

Certamente muitas mudanças aconteceram no bairro desde o seu início. Hoje a Cidade Nova é o bairro mais populoso de Manaus e é um dos maiores em área territorial. Com uma população estimada pelo IBGE (2022), em 325 730 habitantes, é também um centro de entretenimento e gastronomia, contendo shoppings, restaurantes, unidades de conservação da natureza como o Parque Sumaúma, agências bancárias, hospitais e muito mais.

Atualmente o bairro de Cidade Nova é considerado um dos bairros mais seguros para se viver. Pessoas de classe alta e média têm buscado moradia no local, visto que muitos condomínios já foram construídos no bairro. Sem falar da localização que é muito oportuna pois faz fronteira com o Centro e a Zona Norte, tendo como vizinhos os bairros: Parque 10 de Novembro, Flores, Colônia Santo Antônio, Novo Israel, Colônia Terra Nova, Nova Cidade, Monte das Oliveiras, Cidade de Deus, Novo Aleixo e Aleixo.

3.2 O Questionário morfossintático

Segundo Cardoso (2010), na pesquisa dialetal a recolha de dados é feita por aplicação de questionário ou por registro de conversa livre. Para esta pesquisa foi utilizado o Questionário Morfossintático (QMS), que contém perguntas retiradas do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS, do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB e da dissertação de Araújo (2018).

O questionário morfossintático era composto anteriormente por 100 questões, que durante as análises, seleção e tabulação dos dados foram reduzidas para 63 questões. Elas foram distribuídas entre as sete variáveis morfossintáticas controladas nesta pesquisa. Sendo quatro questões para a *variável Flexão Verbal* com verbos regulares e irregulares de 1º e 3º conjugação, sobre o qual observou-se o uso da desinência {-o} ou morfema zero, bem como transformações no radical ou mudança de lexema. Nove questões para a *variável Tempo verbal presente do indicativo*, sobre o qual foi descrito de uso de P1 e P3 em presente do indicativo para as formas regulares e irregulares. Cinco questões para a *variável Gerúndio*,

cujo propósito foi analisar fenômenos morfofonológicos, que segundo Vieira (2011) ocorre na supressão da linguodental no sufixo formador do gerúndio. Duas questões para a *variável artigo*, cujo propósito foi verificar se é utilizado ou não para expressar intimidade ou familiaridade. Dezesesseis questões para a *variável Flexão de gênero*, sobre a qual foram analisadas variantes para o gênero dos substantivos. Dezenove questões para a *variável plural dos substantivos*. E por fim oito questões para a *variável pronomes pessoais*, sobre a qual foram verificadas as variantes mais produtivas e regulares usadas na representação das pessoas do discurso na função de sujeito.

3.3 Os informantes

Os informantes que foram selecionados para compor a amostra desta pesquisa são de quatro bairros diferentes: Jorge Teixeira, Tancredo Neves, Mutirão e Cidade Nova, sendo dois bairros da zona leste e dois da zona norte. Nestes bairros habitam pessoas advindas de outros bairros mais antigos como também dos interiores e de outros estados.

Em uma pesquisa dialetológica se deve ter o cuidado de atentar para todas as variáveis possíveis, visto que é uma pesquisa pluridimensional. Segundo Cardoso:

A escolha de informantes se depara, entre outras, com questões do tipo: o número ideal a ser inquirido; a identificação – naturalidade, vinculações familiares, inserção social; características sociais -, a idade, o gênero/sexo, a escolaridade. (Cardoso, 2010, p.91)

Os informantes selecionados para responder ao questionário morfossintático são nativos da cidade de Manaus, pertencentes a diferentes faixas etárias, escolaridade e de ambos os sexos. São seis em cada bairro, sendo três homens e três mulheres, totalizando 24 informantes. Utilizou-se essa quantidade de informantes para representar com autenticidade a comunidade de fala estudada e com os seguintes perfis:

- a) Ser oriundo de Manaus e ter no mínimo 5 anos de residência;
- b) Sexo: Masculino/Feminino;
- c) Faixa etária: 18-30 anos; 31-45 anos e 46-60 anos;
- d) Possuir até o ensino médio completo;
- e) Ter boa fonação e dicção.

No Quadro 2 é apresentado detalhadamente o perfil dos informantes que participaram desta pesquisa:

Quadro 2 Perfil do informante

Nº	Sexo Diassexual	Faixa etária Diageracional	Pontos de Inquérito Diatópico	Zonas de Manaus Diaazonal
1	Homem	De 18 a 30	Mutirão, Cidade Nova, Jorge Teixeira e Tancredo Neves	Leste e Norte
2	Mulher	De 18 a 30		
3	Homem	De 31 a 45		
4	Mulher	De 31 a 45		
5	Homem	De 46 a 60		
6	Mulher	De 46 a 60		

Fonte: Dados da pesquisa

3.4 A coleta de dados

A coleta de dados foi realizada em quatro dias, na residência dos informantes e/ou local de trabalho delas. Foi utilizado o Questionário Morfossintático (QMS) como instrumento de coleta de dados, conforme sugerido por Cardoso (2010). No momento da entrevista, os informantes foram instruídos quanto à natureza da pesquisa. Foi explicado que a pesquisa não visa julgar a fala entre certo e errado e muito menos almeja obter fins lucrativos. Posteriormente, foi entregue o termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que cada informante assinasse e autorizasse o uso dos dados da entrevista. A captação da fala foi realizada por um gravador de voz instalado no celular da marca Motorola G7.

3.5 A transcrição dos dados

A transcrição dos dados foi realizada logo após a coleta em dias consecutivos e trabalhosos. Optou-se pela técnica da transcrição grafemática, em que se escreve exatamente o que o informante está dizendo.

3.6 A seleção e tabulação dos dados

Após serem ouvidas todas as gravações das entrevistas, as respostas foram inseridas nas planilhas do programa *Excel* e organizadas por pessoa e por bairro. Na Figura 5 pode ser visualizado o detalhamento do procedimento adotado na compilação dos dados coletados.

Figura 7 Compilação de dados

PESQUISA GEOSOCIOLINGÜÍSTICA						
QUESTIONÁRIO MORFOSSINTÁTICO - QMS						
ZONA	CIDADE NOVA					
BAIRRO	CIDADE NOVA					
INFORMANTE	CIDADE NOVA					
VARIÁVEL/PERGUNTA	VARIÁVEL	M1F1E1	H1F1E1	M2F2E2	H2F2E2	
1 bom rir um pouco. Sua vez: Quando alguém conta uma piada eu _____.	Flexão Verbal A	Sorriso	Rio	Rio	Rio	
2 Quando vou comprar um sapato, para não errar o tamanho, eu pego uma tira de barbante e _____ o _____.	Flexão Verbal A	Meço	Mido	Meço	Mido	
3 Para falar que está sempre vigiando o espaço ao redor, como você completaria a frase: Para evitar assaltos, muitas vezes usando o verbo pentear: Diga como você arruma os cabelos pela _____.	Flexão Verbal A	Vigio	Vigio	Vigio	Vigio	
4 Faça uma afirmação começando sempre pelas palavras: TODOS OS DIAS EU: peneirar a farinha.	Flexão Verbal A	Pentiando	Pentiando	Penteio	Penteio	
5 Faça uma afirmação começando sempre pelas palavras: TODOS OS DIAS EU: peneirar a farinha.	Presente do Indicativo B	Peneiro a farinha	Penero a farinha	Penero a farinha	Peneiro a farinha	
6 Faça uma afirmação começando sempre pelas palavras: TODOS OS DIAS EU: poupar dinheiro.	Presente do Indicativo B	Poupo	Popo	Popo	Poupo	

Fonte: Dados da pesquisa

Após o término da compilação dos dados, iniciou-se a tabulação (Figura 6), das variantes na dimensão diatópica. Foi também nesse momento que as variantes pouco produtivas foram retiradas, ficando somente as variantes de alta produtividade para a geração das cartas linguísticas.

Figura 8 Tabulação dos dados no eixo diatópico

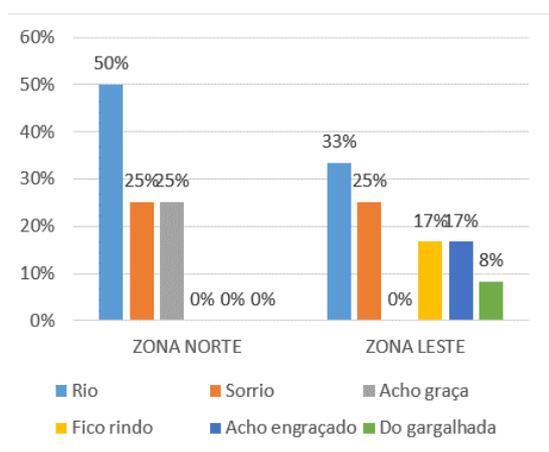
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	
2	POR BAIRRO											
3	NUMERO DA PAGINA											
4	01											
5	PERGUNTA											
6	DADOS PARA GRAFICO											
7	ZONA NORTE				ZONA LESTE							
8	CIDADE NOVA		MUTIRAO		TANCREDO		JORGE TEIXEIRA					
9	1	Rio	3	3	2	2						
10	2	Sorriso	2	1	2	1						
11	3	Acho graça	1	2	0	0						
12	4	Fico rindo	0	0	2	0						
13	5	Acho engraçado	0	0	0	2						
14	6	Do gargalhada	0	0	0	1						
15												
16	ZONA NORTE				ZONA LESTE							
17	CIDADE NOVA		MUTIRAO		TANCREDO		JORGE TEIXEIRA					
18	1	Rio	50%	50%	33%	33%						
19	2	Sorriso	33%	17%	33%	17%						
20	3	Acho graça	17%	33%	0%	0%						
21	4	Fico rindo	0%	0%	33%	0%						
22	5	Acho engraçado	0%	0%	0%	33%						
23	6	Do gargalhada	0%	0%	0%	17%						
24												

Todos gostamos de ouvir piadas. É bom rir um pouco. Sua vez: Quando alguém conta uma piada eu _____.

Fonte: Dados da pesquisa

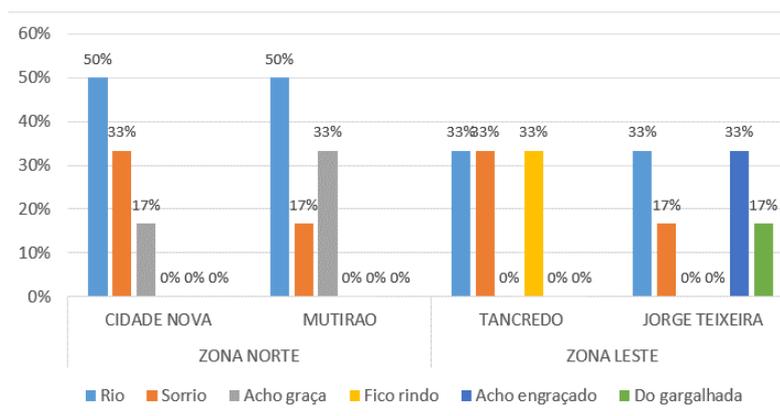
Por fim, após a tabulação, foram gerados os gráficos (Figuras 7 e 8), com dados disponíveis nas planilhas do *Excel*.

Figura 9 Gráfico com dados por zona



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 10 Gráfico com dados por bairro



Fonte: Dados da pesquisa

3.7 Elaboração das Cartas

O mapa base da pesquisa foi feito por meio do programa QGIS 3.26. As Cartas Morfossintáticas e as alterações foram realizadas utilizando os programas: *Word*, *Power Point* e *Excel*. Para confeccionar os gráficos e seus números percentuais, foi utilizado o *Excel*. Esses valores foram arredondados para mais ou para menos.

A inserção dos dados nas cartas foi realizada manualmente, utilizando os programas: *Word*, *Power Point*, *Paint* e *Exel*. E por fim foram salvas como imagens.

A fala dos informantes foi representada da seguinte forma na Carta Morfossintática, conforme codificação representada na Figura 9: do lado esquerdo, de cima para baixo, tem-se o sexo feminino representado por M1, M2 e M3, em seguida a faixa etária representada por F1 (18-30), F2 (31-45) e F3 (46-60). Do lado direito tem-se o sexo masculino representado por H1, H2 e H3, em seguida a faixa etária representada por F1 (18-30), F2 (31-45) e F3 (46-60).

Figura 11 Codificação do informante

M1F1	H1F1
M2F2	H2F2
M3F3	H3F3

Fonte: a própria pesquisadora

As outras informações disponíveis na Carta referem-se ao número da questão e a letra que representa a variável, assim como as legendas com os ícones que representam cada variante utilizada pelos informantes, tendo também o quadro dos informantes e os gráficos por zonas e por bairros com suas próprias legendas, sendo duas cartas para cada variável, uma Carta geral (por zonas) e uma Carta específica (por bairros).

3.8 Procedimento de análise

Nesta pesquisa, foram utilizados os procedimentos de análise adotados na pesquisa dialetológica pluridimensional, de Thun (1998) e nos trabalhos de Margotti (2004), Azevedo (2013) e Araújo (2018), que também seguem essa linha geolinguística.

Conforme Azevedo (2013), na dimensão pluridimensional há diferentes possibilidades de análise linguística, sendo que a:

Dialetologia inicialmente tratava dos estudos dialetais na variante diatópica. Devido a essa natureza, ela foi chamada de Dialetologia tradicional ou monodimensional, pois se ocupava basicamente em descrever as variantes em um ou mais pontos, dos quais eram selecionados, [...]. Nessa abordagem tradicional o conteúdo linguístico era descrito sem a preocupação em analisar e comparar os dados linguísticos de acordo com as dimensões sociais. Atualmente, a Dialetologia se reveste do caráter pluridimensional e [...] ao expandir sua dimensão de atuação, possui uma nova configuração, incorporando, principalmente, contribuições da Sociolinguística, da História e da Geografia para conhecermos mais precisamente as variedades dialetais. Não podemos, assim, excluir do estudo dos dialetos os aspectos históricos, sociais e espaciais que envolvem o homem e sua correlação com a linguagem. (Azevedo, 2013, p. 50-51).

Para analisar os dados, foram consideradas as variáveis pluridimensionais. Fez-se a entrevista, em seguida os dados foram transcritos grafematicamente e depois comparados para então serem elaborados os gráficos e as Cartas Morfossintáticas.

Para a análise das cartas buscou-se identificar a norma de uso da comunidade linguística que está situada nas zonas leste e norte de Manaus. Para tanto foi observado a frequência e/ou a distribuição dos dados nos pontos de inquérito. Para a distribuição identificou-se as variantes que foram usadas em todos os pontos, mostrando a distribuição regular, e observando a sua regularidade no local. Para a frequência observou-se os usos percentuais do uso de uma variável, apresentando o uso periódico no ponto de inquérito.

Dessa forma, os dados foram analisados de acordo com a frequência e a distribuição.

- variante de alta frequência e distribuição regular – quando as variantes são encontradas em número elevado em todos os pontos da localidade em análise;

- variante de alta frequência e distribuição irregular – quando variantes são muito utilizadas, com índices podendo ser maiores que 75%, em um dos pontos (norma deste ponto apenas);

- variante de baixa frequência e distribuição irregular – quando apenas um informante faz uso da variante.

Ao registrar a frequência e a distribuição de determinada variante para qualquer variável extralinguística, é possível identificar e apresentar a norma de uso de um determinado local. É fato que não é o objetivo desta pesquisa fazer juízos de valores. Logo, a norma de uso dos pontos de inquérito não precisa estar de acordo com a norma-padrão. O que se quer de fato é identificar como essa comunidade linguística se comunica nessa ou naquela situação, e porque não desse ou daquele jeito, entendendo que a variante de prestígio e de mais significado naquela comunidade será a mais utilizada.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Na análise e apresentação dos dados, além do tratamento no eixo Morfossintático e das Variantes dependentes e independentes, buscou-se também uma melhor compreensão das regras morfossintáticas. Este capítulo é dividido em sete seções.

Para cada variável, foi elaborada uma carta, contendo as realizações morfossintáticas por zona, e outra por ponto de inquérito, totalizando 130 cartas morfossintáticas. As bases teóricas utilizadas para a discussão das variáveis e suas variantes foram: Câmara Jr. (2015); e os compêndios de: Bechara (2015), Cegalla (1999), Terra (2010).

Foi decidido permanecer com as variáveis de uma mesma variante que foram utilizadas por cada informante, considerando-as como entradas lexicais diferentes na memória do falante, visto que para ele só existe a lexia contida em seu dialeto. Azevedo (2013) exemplifica:

(...) para um informante só existe aquela forma, considerada padrão em seu dialeto. É caso, por exemplo, de guerra, pronunciada dessa forma pelos informantes das comunidades do Igarapé do Juruti-velho, em referência a forma *guelra*. É o caso, também, de *sãmechuga* pronunciada até por informantes com escolaridade avançada na cidade de Coari, no Médio Solimões, em referência à *sanguessuga*, que é ensinada na escola (Azevedo, 2013, p. 151).

Optou-se também por manter as variantes que não sejam de natureza morfossintática, pois retratam a maneira de falar do informante.

4.1 Flexão Verbal

Na variável A - *flexão verbal*, verificou-se a flexão verbal na primeira pessoa do presente do indicativo (P1IdPr) dos verbos regulares e irregulares de 3º conjugação, com o intuito de observar se fazem ou não o uso da desinência {-o} ou o morfema zero. Além disso, foi verificado se houve alomorfias no radical ou mesmo mudanças de lexemas.

Cartas 1 e 2 (apêndice)

Apresentam a flexão verbal do verbo irregular no presente do indicativo, onde foram registradas seis variantes: *rio*, *sorrio*, *acho graça*, *fico rindo*, *acho engraçado* e *do gargalhada*, sendo dentre elas *rio* a mais produtiva. Essa variante teve um total de dez ocorrências, o equivalente a 42% na carta “Geral”. Essa variável corresponde

ao que é prescrito pela norma-padrão, todavia, não é usada de forma absoluta, pois há um uso considerável de locuções.

Cartas 3 e 4 (apêndice)

Apresentam a flexão verbal para P1IdPr, e evidencia três variantes: *meço*, *mido* e *tiro a medida*, as duas variantes mais usadas foram *meço* e *mido*, empatadas com dez ocorrências cada, que equivale a 42% na carta Geral. Há também o uso da locução distribuída em todos os pontos de inquérito, usada como alternativa dada a dificuldade do uso das outras variantes *meço* e *mido*. A variante *meço* foi mais utilizada entre as mulheres e os mais jovens e *mido* entre os homens e os mais velhos.

Cartas 5 e 6 (apêndice)

Apresentam alta frequência e distribuição regular para a variante *vigio*, sendo um total de 75% na zona norte e 83% na zona leste, representando a norma de uso do local. Essa é a forma prescrita pela norma padrão. De forma geral, os homens foram mais produtivos nesse uso que as mulheres e os mais jovens também. Além dessas, outras variantes foram usadas como: *eu olho*, *observo*, *tomo cuidado* e *fico olhando*, todas com baixa frequência.

Cartas 7 e 8 (apêndice)

Apresentam cinco variantes para o verbo pentear: *pentear*, *pentando*, *pentio*, *penteo* e *pintio*, dentre as quais a mais produtiva foi *pentear*, sendo seguida por *pentio*. Atentando para a variável diasssexual, observa-se um empate em quantidade de uso; já na variável diatópica, a variante *pentear* teve maior produtividade na zona norte e na dimensão diageracional, a preferência da variante foi entre os mais jovens. Assim há alta frequência e distribuição irregular da variável *pentear*.

4.2 Presente do Indicativo

O presente do indicativo expressa uma ação que está acontecendo no momento da fala; algo que acontece com frequência; também fatos passados; um futuro certo; uma ordem ou mesmo um pedido. Dentro da sintaxe, o presente do indicativo é “oração principal de orações subordinadas com verbo no presente,

pretérito perfeito ou futuro subjuntivo” (Araujo, 2018, p.158 apud Faraco; Moura, 2001, p.345-349). A variável B tem por objetivo descrever o uso de P1 e P2 no presente do indicativo, tanto para formas regulares como irregulares das três conjugações verbais para os casos de ação frequentes.

Cartas 9 e 10 (apêndice)

Nota-se maior produtividade da variante *penero* com um total de 16 ocorrências, sendo seguido pela variante *peneiro* com um total de 7 ocorrências. A variante monotongada *penero* mostrou uma alta frequência e distribuição regular em três dos quatro pontos de inquérito: Cidade Nova, Tancredo e Jorge Teixeira onde a variante é a norma de uso. Seu uso foi igual entre homens e mulheres, mas foi mais utilizado pelos jovens.

Cartas 11 e 12 (apêndice)

Apresentam a variável *P1IdPr poupar*, sua variante *poupo* e sua variante monotongada *popo*. A variante monotongada *popo* obteve alta frequência e distribuição irregular, visto que obteve uma porcentagem elevada de 83% apenas no bairro *Tancredo*, de 50% no bairro Cidade Nova e Jorge Teixeira e 67% no bairro Mutirão. Foi mais utilizada por mulheres e de forma bem dividida entre as faixas etárias.

Cartas 13 e 14 (apêndice)

Apresentam o uso da variante *monto a cavalo* com alta frequência e distribuição regular. Ao considerar as variáveis *diassexual* e *diageracional*, percebe-se um maior uso entre os homens e os casais mais velhos. As ocorrências dessas variantes foram de 19, vindo as outras variantes em seguida: *monto o cavalo*, *monto no cavalo* e *não monto cavalo*, com números pouco promissores.

Cartas 15 e 16 (apêndice)

Apresentam a forma *soo* com alta frequência, que aponta para o fenômeno da hipercorreção, que é a tentativa do falante de aproximar a sua fala com a que possui maior prestígio. Essa variante, além de ocorrer muitas vezes, também obteve uma distribuição regular, representando a norma de uso dos bairros selecionados. Na

dimensão diassexual, destaca-se o uso maior entre os homens e, na dimensão diageracional, entre os jovens.

Cartas 17 e 18 (apêndice)

Apresentam a variante *rio muito* com alta frequência em três dos quatro pontos de inquérito: Cidade Nova 83%, Mutirão 83% e Jorge Teixeira 83%. No bairro Tancredo as ocorrências foram mescladas com as outras duas variantes de forma igualitária: *rio muito* 33%, *sorriso muito* 33% e *fico rindo* 33%. De forma geral, as mulheres utilizaram mais a forma *rio muito* e, na dimensão diageracional, notou-se maior uso entre os jovens. Nas cartas 1 e 2 foi analisado a variável “eu rio”, apresentando alta frequência para a variável “rio”, o que não difere muito da forma “rio muito”.

Cartas 19 e 20 (apêndice)

Aqui a maior produtividade, de forma geral, foi da variante *cabo menos*, ela é uma variante fonológica por monotongação do ditongo *caibo*. Na zona leste, foi grande a sua produtividade, com destaque para o bairro Tancredo, onde houve quase 100% de ocorrência, no que diz respeito a dimensão diassexual, os homens usaram mais a variante. Na zona norte, foi diferente. A maior produtividade foi da variante *caibo*, sendo os homens também os maiores usuários da variante em destaque.

Cartas 21 e 22 (apêndice)

É apresentado *ajoelho no chão* com maior número de ocorrência de uma forma geral, estando em igual número com a variável *me ajoelho no chão* no bairro Mutirão e em menor número no bairro Jorge Teixeira. No que diz respeito a dimensão diassexual, o uso foi igual; na dimensão diageracional, há maior uso entre os casais mais jovens.

Cartas 23 e 24 (apêndice)

Apresentam três variantes: *enxágua* com uma incidência muito grande em todos os pontos de inquérito, tornando-se portanto, a norma de uso nos quatro bairros selecionados; *enxagoa*, apesar de ser a segunda forma mais usada não

aparece no bairro Mutirão, tendo em seu lugar a forma: *vai enxaguar*. Observa-se então alta frequência e distribuição regular para a forma *enxágua*. Essa forma está de acordo a norma prescritiva. Foi usada de forma igual entre homens e mulheres, destacando-se mais entre os mais velhos.

Cartas 25 e 26 (apêndice)

Há uma distribuição regular e alta frequência para a variante *alumia* que também está de acordo com a norma prescritiva, embora não seja um verbo tão utilizado nos dias de hoje. Ao analisar a dimensão diageracional, notou-se uma certa dificuldade, pois os informantes mais jovens não conheciam o verbo. Já analisando a variável diasssexual, notou-se uma incidência de uso muito maior entre as mulheres.

4.3 Gerúndio

A variável C investiga a supressão da linguodental no sufixo que forma o gerúndio. De acordo com Vieira (2011, p. 10), esse fenômeno morfofonológico não é puramente da Língua Portuguesa. Segundo ele, “o apagamento da oclusiva dental /d/ tem se apresentado em outras línguas de origem latina”. A variante padrão –ndo obteve uma distribuição regular e frequência alta, ainda assim foram registrados casos em que o informante optou por outras variantes.

Cartas 27 e 28 (apêndice)

As cartas 27 e 28 apresentam quatro variantes para o gerúndio, sendo a forma mais produtiva *Sim. Andando*, com 17 ocorrências. Considerando as variáveis diasssexual e diageracional, notou-se que os homens utilizaram mais essa variante, e os casais mais jovens também.

Cartas 29 e 30 (apêndice)

Apresentam alta frequência e distribuição regular da variante para o gerúndio com o uso de –ndo, com um total de 17 ocorrências sendo a forma “jogando” a norma de uso da zona norte. Outras variantes como: *chutando; jogano; tá jogano*, também aparecem, mesmo que em baixa frequência. Considerando a variável diatópica, notou-se o uso maior das variantes *jogano* e *tá jogano* na zona leste. Na

dimensão diassexual, notou-se um uso absoluto entre as mulheres e, na dimensão diageracional, o uso maior foi entre os jovens.

Cartas 31 e 32 (apêndice)

Percebeu-se alta frequência da variável comprando e distribuição regular, sendo o bairro Cidade Nova o que mais utilizou a variante e o bairro Tancredo Neves o que menos utilizou. Pode-se notar que entre os mais jovens essa forma é mais comum e que o uso foi igual entre homens e mulheres.

Cartas 33 e 34 (apêndice)

Nota-se um uso significativo da variável assistindo, sendo essa uma variante de alta frequência e distribuição regular, alcançando de forma geral o índice de 75% de uso. As mulheres foram as que mais se utilizaram dessa forma, liderando o seu uso nos bairros: Mutirão, Tancredo Neves e Jorge Teixeira. O bairro Cidade Nova, apesar de apresentar menos uso por parte das mulheres, foi o que mais utilizou a variável de forma geral.

Cartas 35 e 36 (apêndice)

Apresenta alta frequência e distribuição regular da variável escrevendo, com uma porcentagem de 83% no bairro Mutirão e 67% nos demais pontos representando a norma de uso de todos os pontos de inquérito. Os homens e de uma forma geral, os casais mais jovens foram os que mais utilizaram esta variável.

4.4 Uso do Artigo

A variável D busca verificar o uso do artigo e saber se ele é ou não um determinante de substantivo próprio para indicar intimidade ou familiaridade. Observou-se uma alta frequência e distribuição regular para o uso do artigo antecedendo nomes próprios. De acordo com Terra (2002, p.100), “com nomes de pessoas, geralmente não se usa artigo: Ligia não compareceu à cerimônia”. Mais à frente o autor (p. 102-103) afirma que: “Na linguagem coloquial de alguns estados brasileiros, é frequente a anteposição de artigo a nomes de pessoas, a fim de indicar afetividade ou familiaridade: O Pedro é meu melhor amigo”.

Cartas 37 e 38 (apêndice)

É apresentado alta frequência e distribuição regular para a variável olha a Xuxa nos bairros: Mutirão (50%), Tancredo (67%) e Jorge Teixeira (67%). Nas dimensões diassexual e diageracional, notou-se um uso maior entre as mulheres e os mais velhos. No bairro Cidade Nova tem-se uma maior porcentagem para a variável eu vi a Xuxa com 83% de uso.

Cartas 39 e 40 (apêndice)

Tem-se quatro variáveis que estão bem distribuídas. Para a variável ela não está, são apresentados mais três que concorrem com ela: ela não se encontra, ela não tá e ela saiu. Embora, de forma geral a variável ela não está, tenha sido a mais utilizada, a frequência é alta e a distribuição irregular. Tem-se um uso maior entre as mulheres e os jovens.

4.5 Flexão de Gênero

A variável E aponta o registro da flexão de gênero para os substantivos na Língua Portuguesa. Segundo Matoso Câmara (2015, p. 92), existem três gêneros na Língua Portuguesa: 1) nomes substantivos de gênero único; 2) nomes de dois gêneros sem flexão e 3) nomes substantivos de dois gêneros, com flexão redundante. Essa classificação pode ser legitimada com o uso de determinantes antes dos nomes. Tem-se como objetivo para esta variável analisar as variantes para o gênero dos substantivos – o~a alface, chefe, presidente, sujeito suspeito, monstro, matrinxã, alfinete, curimatã, saca-rolhas, tapa, gilete, chinelo, ladra e soldado.

Cartas 41 e 42 (apêndice)

Apresentam alta frequência e distribuição irregular para a variável o *alface*, sendo o seu uso nos bairros: Mutirão (50%) e Jorge Teixeira (67%). De forma geral, essa forma foi mais utilizada na zona Leste, pelos homens e pelos mais jovens.

Cartas 43 e 44 (apêndice)

Tem-se a variável *lave a alface*, que apresentou baixa frequência e distribuição irregular. A variável mais produtiva foi: *lave o alface* que de forma geral

teve 54% de uso. No que tange às dimensões diassexual e diageracional, observou-se um uso maior entre os homens e os mais jovens.

Cartas 45 e 46 (apêndice)

É apresentado a variante *a chefe*, que de forma geral foi mais utilizada, com 33% de uso; nos bairros Cidade Nova e Mutirão 50% de uso; e nos bairros Tancredo e Jorge Teixeira 17% de uso. Sua frequência é alta e distribuição irregular, visto que nos bairros da zona Leste o seu uso foi baixo.

Cartas 47 e 48 (apêndice)

Apresentam a variável a presidente, que de forma geral possui alta frequência e distribuição irregular, visto que no bairro Jorge Teixeira é a sua concorrente, a variável a presidenta, que possui maior uso. Com respeito as dimensões diassexual e diageracional, notou-se um maior uso da parte masculina e dos mais velhos.

Cartas 49 e 50 (apêndice)

Trazem a variável *uma sujeita suspeita*, com alta frequência e distribuição regular, com um destaque para a zona Leste que a utilizou mais. Observou-se que os homens usaram mais essa variável, mesmo que com diferença pequena, e os mais velhos também demonstraram preferência por essa forma.

Cartas 51 e 52 (apêndice)

Apresentam alta produtividade para a variante *uma monstra*, sendo a segunda maior produtividade para um monstro. O uso das duas variáveis parece bem distribuída. Na dimensão diageracional, observou-se o maior uso entre os mais jovens e uso igual na dimensão diassexual.

Cartas 53 e 54 (apêndice)

Registram o uso dos determinantes para nomes de gêneros únicos que designam animais e objetos. Tem-se como variável em destaque: *esse matrinxã é meu*, com 50% da produtividade concorrendo com *essa matrinxã é minha*, *essa matrinxã pertence a mim*, *essa é minha matrinxã* e *o matrinxã é meu*. Observou-se um uso maior entre os mais jovens e um uso igualitário entre os sexos.

Cartas 55 e 56 (apêndice)

Abordam o gênero da hortaliça alface, houve uma alta frequência e distribuição irregular da variante *esse alface é meu* com 42% do uso, em segundo lugar ficou a variante *essa alface é minha* com 25% do uso. Na dimensão diasssexual o uso foi igual, mas notou-se um uso maior da primeira variável na dimensão diageracional da parte dos mais jovens.

Cartas 57 e 58 (apêndice)

É apresentado a flexão do substantivo alfinete, com várias formas: *esse alfinete é meu; o alfinete é meu; meu alfinete; esse é meu alfinete; esse alfinete pertence a mim e esse alfinete me pertence*. De forma geral, tem-se: *esse alfinete é meu* com 54% de uso e *o alfinete é meu* com 13% de uso. Na dimensão diasssexual, há um uso maior entre os homens; e, na dimensão diageracional, observou-se um uso igual.

Cartas 59 e 60 (apêndice)

Registram o uso de determinantes para substantivos de gênero único como o peixe *curimatã*. De forma geral, tem-se como variante mais produtiva *esse curimatã é meu* com 33% de ocorrências, sendo mais utilizado na zona norte, por homens em idade mais velha.

Cartas 61 e 62 (apêndice)

Apresentam maior produtividade para a variante *meu saca-rolha* com 38% das ocorrências, ficando bem próximo o uso da segunda maior variante *esse saca-rolha é meu* com 33% de ocorrência. Na dimensão diasssexual, notou-se um uso maior entre as mulheres, mas nada muito significativo; e, na dimensão diageracional, um uso maior entre os mais jovens.

Cartas 63 e 64 (apêndice)

Apresentam alta frequência para a variante *meu tapa* com 63% de ocorrência, sendo utilizada quase que majoritariamente por homens tanto jovens quanto velhos. De forma geral, essa variante foi mais utilizada na zona norte. Há então uma alta

frequência e distribuição irregular, pois no bairro Mutirão houve ocorrência de 50% para as duas variantes.

Cartas 65 e 66 (apêndice)

Apresentam a variante *minha gilete* com maior ocorrência, alta frequência e distribuição irregular. A segunda maior ocorrência, *essa gilete é minha*, também flexiona para o feminino. Na dimensão diasssexual, notou-se uma tendência de uso maior entre as mulheres e, na dimensão diageracional, observou-se um uso maior entre os mais jovens.

Cartas 67 e 68 (apêndice)

Notou-se alta frequência e distribuição irregular para a variante *meu chinelo* com 46% de ocorrência. Na dimensão diasssexual, observou-se o maior uso entre as mulheres e, na dimensão diageracional, o uso maior foi entre os mais velhos, mesmo que com pouca diferença.

Cartas 69 e 70 (apêndice)

Observou-se alta frequência e distribuição irregular para a variante *ladra*, com 63% das ocorrências de uma forma geral. Essa forma representa a norma de uso dos bairros Cidade Nova, Mutirão e Jorge Teixeira. Observou-se um uso maior entre as mulheres e os mais velhos.

Cartas 71 e 72 (apêndice)

Apresentam como variante mais produtiva para flexão de gênero: *soldado* com 42% das ocorrências. Notou-se alta frequência e distribuição irregular para esta variante. Na dimensão diasssexual, essa forma foi mais utilizada por homens e, na dimensão diageracional, o uso maior foi entre os mais jovens mesmo que com pouca diferença.

4.6 Plural dos Substantivos

Na variável F, buscou-se mapear a desinência do plural que foi mais produtiva. Ao flexionar um substantivo em número, aplicou-se regras sintáticas e morfofonológicas. As regras sintáticas, tem a ver com as relações do núcleo com os

seus determinantes, por exemplo: *muitas casas bonitas* – os determinantes *muitas* e *bonitas* são flexionadas com o fim de concordarem com *casas*. As regras morfológicas por sua vez, acrescentam o morfema aditivo {-s~-is} a um tema na língua.

Cartas 73 e 74 (apêndice)

As cartas 73 e 74, não pareceram muito produtivas, talvez devido ao fato do substantivo *lápiz* já terminar em *s*, pode ter confundido alguns informantes, pois a variante mais produtiva foi *lápiz*. De forma geral essa variante obteve 54% das ocorrências, apresentando alta frequência e distribuição irregular, sendo mais utilizada pelas mulheres e com uso igual entre as faixas etárias.

Cartas 75 e 76 (apêndice)

Apresentam a variante *vários jornais* com 46% das ocorrências, e com uma alta frequência e distribuição irregular. Notou-se uma pequena diferença no uso na dimensão diassexual, onde as mulheres demonstraram mais preferência pela variável e na dimensão diageracional os mais velhos.

Cartas 77 e 78 (apêndice)

Apresentam a variável *vários meses* como a mais produtiva, com 63% das ocorrências, com alta frequência e distribuição irregular. Na dimensão diassexual, as mulheres usaram mais a variável, mas a diferença foi bem pouca, pois os homens utilizaram bastante. Na dimensão diageracional, notou-se um maior uso entre os mais velhos.

Cartas 79 e 80 (apêndice)

Foi apresentada como variante mais produtiva: *vários degrais* com 42% das ocorrências. A variante apresenta alta frequência e distribuição irregular. Nota-se a ausência dessa variante no bairro Tancredo Neves, onde a variável mais produtiva foi *degrais*. De forma geral, na dimensão diassexual, os homens usaram mais essa variável, mas também não está muito diferente do uso das mulheres e, na dimensão diageracional, notou-se maior uso da parte dos mais jovens.

Cartas 81 e 82 (apêndice)

Apresentam como variante mais produtiva *várias flores com* (54%) de uso geral. Apresenta também alta frequência e distribuição irregular. O bairro Mutirão apresentou a variante *várias flor* como mais produtiva demonstrando talvez que seja apenas uma diferença diastrática. No bairro Cidade nova, a variante mais produtiva foi *flores*, com (67%) de incidência. As mulheres utilizaram mais esta variante e os mais velhos também.

Cartas 83 e 84 (apêndice)

Apresentam alta frequência e distribuição irregular da variante *vários anéis* com (54%) do uso geral. Em relação a dimensão diageracional, notou-se um uso maior entre os mais velhos, já, na dimensão diassexual, o uso foi maior entre os homens. No bairro Mutirão também há uma variante diferente: *uns anéis*, que também pode indicar uma diferença diastrática. Na Cidade Nova, também há uma maior incidência de outra variante: *anéis*, com um (67%) de uso local.

Cartas 85 e 86 (apêndice)

É apresentada a pluralização da palavra gol que demonstra maior produtividade para a variante *vários gols*, que de forma geral foi mais utilizada. Na dimensão diassexual o uso foi maior entre as mulheres e na dimensão diageracional destaca-se o uso maior entre os mais velhos. Ainda assim nos bairros Mutirão e Jorge Teixeira registrou-se o uso da variante *vários gol*, que apresentaram um uso local de (50%) e (33%) respectivamente. No bairro Cidade Nova a variante *gols* foi mais utilizada com (67%).

Cartas 87 e 88 (apêndice)

Apresenta alta frequência e distribuição irregular para a variante *botões*, com (38%) de uso, sendo o bairro Mutirão o único ponto que não utilizou esta forma, seu destaque de uso vai para a variante *vários botão* com (50%) de uso local. Na dimensão diassexual notou-se um uso maior entre os homens e na dimensão diageracional o uso maior foi entre os mais jovens.

Cartas 89 e 90 (apêndice)

Apresentam a variante *vários leões* como a mais produtiva de uma forma geral, embora no bairro Cidade Nova a forma mais produtiva tenha sido *leões* com (83%) de uso local. A variante *vários leões*, está presente em todos os pontos de inquérito, sendo mais expressiva nos bairros Mutirão, Tancredo Neves e Jorge Teixeira. De forma geral, os homens a utilizaram mais e os mais velhos também.

Cartas 91 e 92 (apêndice)

Apresentam a variante *vários porcos* como a mais produtiva, sua frequência é alta e distribuição irregular, visto que no bairro Cidade Nova sua incidência é baixa. Ao analisar a variante nas dimensões diassexual e diageracional notou-se que o uso maior foi entre as mulheres e os mais velhos.

Cartas 93 e 94 (apêndice)

É apresentado a pluralização de *irmão* que é mais produtiva para a variante *vários irmãos* com (50%) de uso no geral. Sua frequência é alta e distribuição irregular, sendo mais utilizada pelos homens e de forma igual entre as faixas etárias.

Cartas 95 e 96 (apêndice)

É apresentado a variante *bênçãos* como a mais utilizada, sua frequência é alta e distribuição regular, pois em todos os pontos de inquérito sua incidência é alta. Em relação a dimensão diassexual registrou-se uma preferência da parte das mulheres em usar esta variante, e na dimensão diageracional o destaque de uso vai para os mais velhos.

Cartas 97 e 98 (apêndice)

É evidenciado a alta frequência e distribuição regular para a variante *cidadões* com (58%) do uso geral. Destacou-se um uso maior entre as mulheres na dimensão diassexual e na dimensão diageracional o uso maior é entre os mais jovens.

Cartas 99 e 100 (apêndice)

Apresentou-se duas variantes que se igualaram em uso geral: *várias pequenas casas* e *três pequenas casas* com (38%) de uso cada. No bairro Cidade Nova o destaque fica para *várias pequenas casas*, no Mutirão *três pequenas casas*,

no Tancredo *três pequenas casas* e no Jorge Teixeira o destaque é para ambas as variantes. De forma geral os homens utilizaram mais a *variante três pequenas casas* e as mulheres *várias pequenas casas*.

Cartas 101 e 102 (apêndice)

Apresentou-se a variante *várias pequenas casas bonitas* como a mais produtiva. Sua frequência é alta, mas com distribuição irregular. Na dimensão diasssexual destaca-se a preferência dos homens para esta variante, e na dimensão diageracional a preferência foi igual.

Cartas 103 e 104 (apêndice)

Destacou-se como variante de maior produtividade *vários tijolos bonitos* com (50%) de uso geral. A frequência foi alta e distribuição irregular, sendo utilizado de forma igual entre homens e mulheres, mas com destaque de uso para os mais velhos.

Cartas 105 e 106 (apêndice)

Apresentam a variante *vários pães gostosos* (29%) como a mais produtiva, mas outras variantes disputaram de maneira acirrada, *três pão gostoso* com (25%) de uso geral e *três pães gostosos* com (21%) de uso geral. As mulheres e os mais velhos utilizaram mais a variante em destaque.

Cartas 107 e 108 (apêndice)

Apresentam a variante mais produtiva *vários olhos verdes-claros* com 9 incidências. Com alta frequência e distribuição irregular, esta variante foi mais utilizada entre as mulheres e os mais jovens. Essa variante obteve mais popularidade no bairro Jorge Teixeira com (50%) de uso local.

Cartas 109 e 110 (apêndice)

Destacam a variante *vários gols lindos* como a de maior produtividade com (42%) de uso geral. A frequência foi alta e distribuição irregular, visto que no bairro Tancredo Neves a variante *vários gol lindos* foi mais produtiva com (33%) de uso

local. Na dimensão diassexual notou-se um uso igual entre homens e mulheres e na dimensão diagenérica o destaque de uso vai para os mais jovens.

4.7 Pronomes Pessoais

A variável G tem por objetivo analisar os pronomes pessoais e seus usos, e averiguar as variantes mais produtivas para identificar qual representa as pessoas do discurso em relação ao sujeito e seu complemento. Notou-se, ao observar as cartas que não houve uniformidade de tratamento no que diz respeito a concordância.

Cartas 111 e 112 (apêndice)

Destacam a variante *para mim ler*, sua produtividade foi de (46%) de forma geral. A frequência foi alta e a distribuição irregular, pois no bairro Jorge Teixeira a variante que se destaca é *para eu ler* com uma produtividade de (67%) de uso local. O uso da variante em destaque foi maior entre as mulheres e os mais velhos.

Cartas 113 e 114 (apêndice)

Nas cartas 113 e 114, temos duas variantes mais produtivas *elas* e *Maria e Joana* ambas com (46%) de uso geral. Ambas com frequência alta e distribuição irregular, os homens utilizando mais a variante *Maria e Joana* e as mulheres usando mais a variante *elas*. Entre os jovens o uso foi maior da variante *elas*.

Cartas 115 e 116 (apêndice)

Apresentam *entre nós* como a variante mais usada, portanto teve alta frequência e distribuição irregular, visto que nos bairros Mutirão e Jorge Teixeira sua produtividade foi baixa, com apenas 33% e 17% de uso local respectivamente. Seu uso foi maior entre as mulheres e os mais velhos.

Cartas 117 e 118 (apêndice)

Apresentam a variante *nós nos arrependemos* como a mais produtiva. Sua frequência foi alta e distribuição irregular, pois nos bairros Cidade Nova e Tancredo sua produtividade foi de (17%) e (33%) respectivamente. Na dimensão diassexual destacou-se a preferência entre as mulheres para esta variante, na dimensão diageracional a preferência foi entre os mais velhos.

Cartas 119 e 120 (apêndice)

A variante mais produtiva foi *você escreve igual a mim* com (50%) do uso geral. A frequência foi alta e a distribuição irregular, visto que no bairro Jorge Teixeira não há registro de uso desta variante. Na dimensão diasssexual noto-se um maior uso entre as mulheres, e na dimensão diageracional a preferência foi por parte dos mais jovens.

Cartas 121 e 122 (apêndice)

Essas cartas destacam a variante *não vi* como a mais produtiva com (46%) de uso geral. Sua frequência foi alta e distribuição irregular, pois no bairro Jorge Teixeira sua produtividade foi baixa. Na dimensão diasssexual destacou-se o maior uso entre as mulheres, e na dimensão diageracional o uso foi igual.

Cartas 123 e 124 (apêndice)

Apresentam a variante *tem gente* como a mais produtiva com (38%) do uso geral. Teve alta frequência e distribuição irregular, essa variante foi mais produtiva na zona leste com (58%) do uso, na zona norte a variante mais produtiva foi *tá ocupado* também com (58%) de uso. Na dimensão diasssexual registrou-se uma preferência de uso da variante *tem gente* entre as mulheres e na dimensão diageracional entre os mais jovens.

Cartas 125 e 126 (apêndice)

Registram a variante *pra onde tu vai?* como a mais produtiva, apresentando alta frequência e distribuição irregular. Apesar de ser a variante mais usada de forma geral, *pra onde tu vai* não foi a mais usada na zona leste, sendo mais usado neste ponto *você vai pra onde?* Na dimensão diasssexual notou-se as mulheres como as que mais usaram a variante, e na dimensão diageracional os mais velhos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As grandes cidades são lugares mais que apropriados para o desenvolvimento de uma língua, pois para elas convergem pessoas de todos os

lugares, essas pessoas trazem consigo tanto bagagens físicas quanto culturais, sua língua, seus costumes e muito mais. Sabe-se que Manaus, sendo a capital do maior estado do país, é um exemplo de espaço urbano que agrega vários fatores linguísticos e extralinguísticos que contribuem para a variação e mudança linguística.

A cidade de Manaus, ao longo do tempo foi se tornando uma grande metrópole, lugar rico e cheio de oportunidades, ambiente perfeito para a transformação linguística de seus usuários. A maior causa dessas transformações foram os seus dois principais ciclos econômicos: Ciclo da borracha e Zona Franca, o que transformou a cidade em um grande atrativo de pessoas, tanto dos interiores quanto de outros lugares do Brasil e do mundo.

Como resultado dessa mistura de culturas e línguas, vive-se uma realidade linguística cheia de singularidades morfosintáticas, lexicais, morfofonológicas e semânticas, o que torna a fala manauara em um campo vasto para pesquisa.

Ao utilizar a geossociolinguística como método desta pesquisa, foi realizada uma investigação pluridimensional, o que proporcionou além da descrição do local, uma descrição do próprio falante, podendo ser observado a região onde o informante mora, o sexo, e a sua idade. Assim, investigar a variação morfosintática sob o prisma geossociolinguístico na cidade de Manaus, permitiu que fosse estabelecida uma comparação entre alguns pontos da cidade, a forma como os informantes se comportam linguisticamente, qual o falar típico de determinada região e, identificar qual o nível de conhecimento que o informante possui da norma padrão.

Por ser uma pesquisa com base dialetal, buscou-se concentrar nos dados geolinguísticos (horizontais) e foram acrescentados os dados sociolinguísticos (verticais), com o intuito de fazer uma comparação e análise das diferenças socioculturais sem necessariamente registrar o percurso histórico que uma variante faz. Os princípios usados nesta pesquisa autorizaram a identificação dos fenômenos linguísticos e registrá-los no ponto de observação, sem se ter a obrigatoriedade de explicá-los, qualificá-los ou quantificá-los, fato que pode ocorrer em pesquisas futuras.

Na metodologia adotada (pluridimensional), foram aplicadas as variáveis: diazonal, diatópica, diassexual e diageracional, o que ajudou em relação à hipótese

de que o falante utiliza a linguagem formal e não formal, dependendo do seu contexto linguístico. Ou seja, ele irá adequar a sua fala de acordo com a necessidade, o que leva ao entendimento de que os informantes possuem domínio sobre mais de um dialeto e que de fato os homens e os mais jovens tendem a inovar na fala sendo as mulheres e os mais velhos os mais conservadores.

Ao mapear a fala das Zonas Leste e Norte de Manaus, não houve a intenção de impor uma forma de uso fixa, mas assinalar que um determinado lugar se fala dessa ou daquela forma, dependendo da situação. Também não se buscou indicar mudança ou variação de alguma variável.

No processo de descrição da fala dos moradores dos bairros: Cidade Nova, Mutirão, Tancredo Neves e Jorge Teixeira, e ao registrar em Cartas Morfossintáticas foi possível identificar alguns fatores: a) Na flexão verbal – o modo subjuntivo geralmente é alternado com o presente, e com o futuro quando se quer apresentar algo hipotético; b) Os verbos irregulares geralmente seguem as formas regulares como em vigio e penteio; c) O verbo suo, no presente do indicativo, é muito substituído por soo, o que remete ao verbo soar; d) No plural dos substantivos, os nomes que terminam em ditongo decrescente, geralmente apresentam variação com o uso do alomorfe –is como em: o jornal ~os jornais / o degrau ~os degrais; e) Quando se usa um artigo masculino ou feminino antes do nome o gênero é influenciado como em: o pé de alface ~o alface; f) Sempre se usa o determinante para definir nome, ainda que não exista intimidade entre o informante e o interlocutor ou outra pessoa com quem ele fale (Araújo, 2018, p. 281).

As cartas morfossintáticas e as informações registradas nelas por meio desta pesquisa, podem auxiliar na organização dos currículos escolares, visto que ainda existe uma necessidade de conhecimento mais a fundo da norma padrão. No que diz respeito aos informantes, notou-se uma insegurança no falar, mesmo da parte dos mais escolarizados, e ainda um preconceito em relação a variações que diferem muito da norma padrão. O conceito de que se fala “certo ou errado” ainda está muito arraigado nos falantes manauaras, e uma das formas de corrigir essa ideia é realizando pesquisas morfofonológicas, semanticolexicais, morfossintáticas e assim por diante.

O conceito de erro nos desvios fonéticos/fonológicos e lexicais são amenizados por muitos estudiosos como Terra, 2010; Bechara, 2015; Cegalla, 1999.

Para eles esses desvios são considerados como usos aceitáveis. No entanto, os desvios morfossintáticos não são tratados assim, na escola são entendidos e ensinados como erros. Isso explica o preconceito demonstrado pelos informantes com a sua própria forma de falar. Esse entendimento, mesmo da parte dos professores certamente se deve à falta de pesquisas geossociolinguísticas nessa área.

Feitas as devidas considerações, pode-se afirmar que o objetivo geral: mapear as tendências de variação morfossintáticas na fala manauara, selecionando variáveis morfossintáticas em diferentes domínios semânticos, foi alcançado dentro do que se propôs a investigar.

Assim, é possível afirmar que os objetivos específicos também foram alcançados são eles: descrever os usos morfossintáticos nas dimensões: diazonal, diatópica, diasssexual e diageracional; estabelecer a norma de uso para a variante por bairro e por zona que foram selecionados, tendo como parâmetro a classificação de Coseriu (*apud* Cristianini, 2007).

Diante disso, afirma-se que esta pesquisa foi conclusiva, e com os dados aqui registrados em cartas, outras pesquisas podem ser realizadas, comparando-as entre si, zonas Leste e Norte com outras zonas de Manaus, com cidades do interior, acrescentando outras variáveis e assim por diante.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Alcione Alves de Oliveira de. **Variação Morfossintática na zona leste de Manaus: um estudo geossociolinguístico** / Alcione Alves de Oliveira de Araújo. 2018.
- ALKMIM, Tânia. **Sociolinguística: Parte I**. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina, Org. Introdução à Linguística - domínios e fronteiras. – 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2011. Vol. 01
- AZEVEDO, Orlando da Silva. **Aspectos dialetais do português da região norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM)**. Tese defendida na Universidade Federal de Santa Catarina -UFSC, 2013.
- CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne;. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, Série Descobrindo o Brasil, 2002.
- LOUREIRO, M. E. M. **O papel estratégico da Zona Franca de Manaus no desenvolvimento da Amazônia**. T&C Amazônia, Manaus, ano 1, n. 1, p. 36-41, 2003.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- _____. **Estrutura da língua portuguesa**. 47.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- CAMPOS, Mateus. **Manaus**. Mundo Educação. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/manaus.htm>>. Acesso em: 16 de abril de 2023.
- CAMPOS, Maria Sandra. **O alçamento das vogais posteriores tônicas na fala de Borba**. Manaus: EDUA, 2011.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade** / Suzana Alice Cardoso. – São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CALVET, Louis-Jean. Sociolinguística: uma introdução crítica. Tradução: Marcos Marcionilo. – São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CARLOS, Valeska Gracioso. **Geolinguística: desafios da metodologia pluridimensional**. Florianópolis: Work. Pap. Linguíst., 23 (1), 2022.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48.ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008 [1999].
- COELHO, Izete Lehmkuhl. et al. **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

COSERIU, E. **La geografia lingüística**. In: El hombre y su lenguaje: estúdios de teoría e metodología lingüística. Madrid: Biblioteca Românica Hispânica / Editorial Gredos, 1954.

CRUZ, Náferson. **Dos 'manaós' aos manauenses: simbologia escassa de uma história**. Cenárium Amazônia. Disponível em: <<https://revistacenarium.com.br/dos-manaos-aos-manauenses-simbologia-escassa-de-uma-historia/>>. Acesso em: 04 de julho de 2023.

CUNHA, Maria Angélica F. da; COSTA, Marcos Antônio; CEZÁRIO, Maria Maura. **Pressupostos teóricos fundamentais**. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola editorial, 2015.

FARACO, Carlos Alberto. **Estudos pré-saussurianos**. In: MUSSALIN, Fernanda, BENTES, Anna Christina, Org. Introdução à Linguística – fundamentos epistemológicos – 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2009. Vol. 03

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós** / Carlos Alberto Faraco. – São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

FARACO, Carlos; MOURA, Francisco. **Gramática**. 12ª ed. 3ª imp. São Paulo: Ática, 2001.

FILHO, Fernando Vieira Peixoto. **Morfossintaxe do português** / Fernando Vieira Peixoto Filho. – 2.ed., ver. e ampl. – Rio de Janeiro: Lexikon, 2021.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. **"Aspectos da população do Amazonas"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/aspectos-populacao-amazonas.htm>. Acesso em 30 de agosto de 2022.

GOMES, Edson. **Manaus Comemora Nesta Quarta-feira 349 anos de Fundação**. Rádio Senado. Disponível em:<<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2018/10/23/manaus-comemora-nesta-quarta-feira-349-anos-de-fundacao>>. Acesso em: 16 de abril de 2023.

GOOGLE. 2023. Google Maps. <https://www.google.com.br/maps/>.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTELOTTA, Mario Eduardo; KENEDY, E. **A visão funcionalista da linguagem no século XX**. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). **Linguística funcional: teoria e prática**. São Paulo: Parábola editorial, 2015.

MIGUEIS, Roberto. **Geografia do Amazonas**. Manaus: Editora Valer, 2011, 144p.

NETO, Serafim da Silva. **A língua portuguesa no Brasil: problemas**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica. 1960

OLIVEIRA, Leôncio. **O Manauara: citações populares e seus contextos regionais**. Manaus: Edições Kintaw, 2005.

OTTO BELTRÃO - "REALIDADE DA AMAZÔNIA BRASILEIRA" - Edit. Gov.Amazonas 1998 –

PAUL, Hermann. **Princípios fundamentais da história da Língua**. Lisboa: Gulbenkian, 1970 (Título original, 1880/1920)

PESSOA, Marcus. **O Amazonês**. Curiosidades Amazônicas. Disponível em:<<https://noamazonaseassim.com/o-amazones/>>. Acesso em: 16 de abril de 2023.

PESSOA, Marcus. **História do Bairro: Cidade Nova**. Memórias do Amazonas. Disponível em:< <https://noamazonaseassim.com/historia-do-bairro-cidade-nova/>>. Acesso em: 16 de abril de 2023.

ROBERTO, Robson. **Cidade Nova: O Primeiro Grande Projeto Habitacional de Manaus**. Blog do Hiel Levy. Disponível em:< <https://blogdohiellevy.com.br/cidade-nova-o-primeiro-grande-projeto-habitacional-de-manaus/>>. Acesso em: 16 de abril de 2023.

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. [SGVCLin] - Software para geração e visualização de cartas linguísticas. Revista de Estudos da Linguagem, v. 22, n.1, p.119-151, 2014.

ROUMIEH, Erica. **Êxodo rural: o que é, o que causa e quais as consequências?** Politize. Disponível em: <https://www.politize.com.br/exodo-rural/>. Acesso em: 04 de julho de 2023.

SANTOS, Ester Amaral Cunha. **Subsistência da Zona Franca de Manaus em meio à Crise do Coronavírus**. Núcleo do Conhecimento. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/administracao/manaus-em-meio>>. Acesso em: 16 de abril de 2023.

SAPIR, Edward. **Língua e ambiente (1969)**. Linguística como ciência. Ensaios. Livraria Acadêmica, 1969, p. 43-62.

SAUTCHUCK, Inez. **Prática de morfossintaxe: como e por que aprender análise (morfo)sintática**. Berueri, SP: Manole, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução de José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 16. São Paulo: Cultrix, 1992.

SCHNEIDERS, Michele; MALACARNE, Rafaella Salvini; BUSSE, Sanimar. **Dialetologia Pluridimensional e relacional: Revisitando o catálogo de teses e dissertações da CAPES**. Web - Revista Sociodialeto. Vol. 10, n 30, abr. 2020.

SILVA, José; SCUDELLER, Veridiana. **Os ciclos econômicos da borracha e a Zona Franca de Manaus: expansão urbana e degradação das microbacias.** Research, Society and Development. Vol.11, n. 6, abr. 2022.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia.** / Márcio Souza. – Manaus: Editora Valer, 2009.

SOUZA, Márcio. **A expressão amazonense – do colonialismo ao neocolonialismo.** / Márcio Souza. 3º edição. – Manaus: Editora Valer, 2010.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística.** 7ª ed. São Paulo: Ática, 2001

THUN, Harald. **La geolingüística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay).** CONGRESSO INTERNAZIONALE DI LINGUISTICA E FILOLOGIA ROMANZA, 21., 1995, Palermo. In: RUFFINO, Giovanni(org.). Atti... Tübingen: Niemeyer, 1998. p. 701-729.

THUN, Harald. **O tratamento do material etnográfico no Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU).** In: ENCONTRO SOBRE CULTURA POPULAR, 1. 1999, Ponta Delgada. *Anais...* Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1999. p. 481-499.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação:** uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

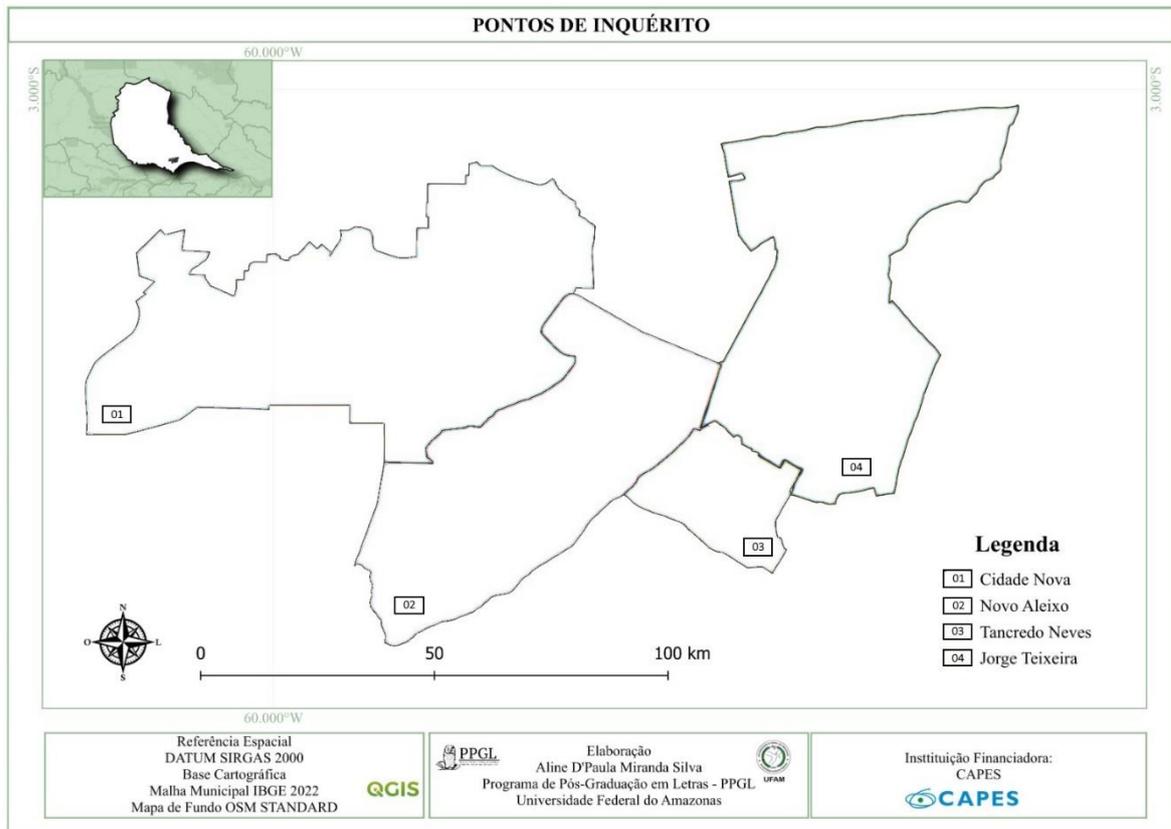
VELA, João Marcelo. **População do Amazonas.** Info Escola. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/geografia/populacao-do-amazonas/>>. Acesso em: 16 de abril de 2023.

VIEIRA, Marília Silva. **Apagamento de /d/:** abordagem Sociolinguística sob a perspectiva do gênero sexual. WEB Revista Sociodialeto: Bach., Linc., Mestrado Letras – Campo Grande: UEMS, v.1, nº 4, jul. 2011.

WISKER, Gina. **The Postgraduate research handbook.** 2nd ed. Basingstoke: Palgrave-Macmill, 2008

WHITNEY, William D. **The life and growth of language: an outline of linguistic science.** New York: Dover Publications, 1979 (Título original, 1875)

Mapa base da dissertação

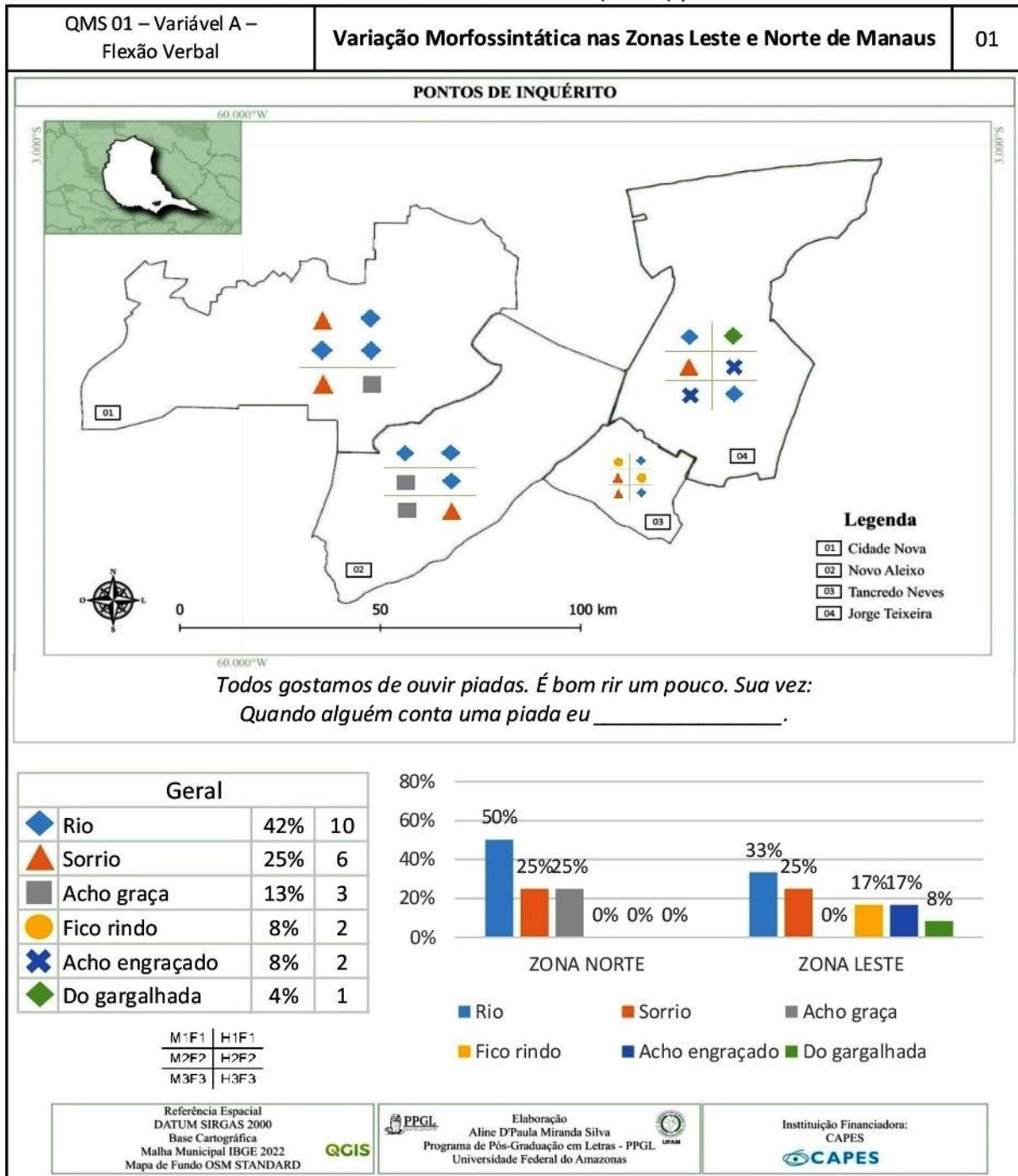


Cartas Morfossintáticas

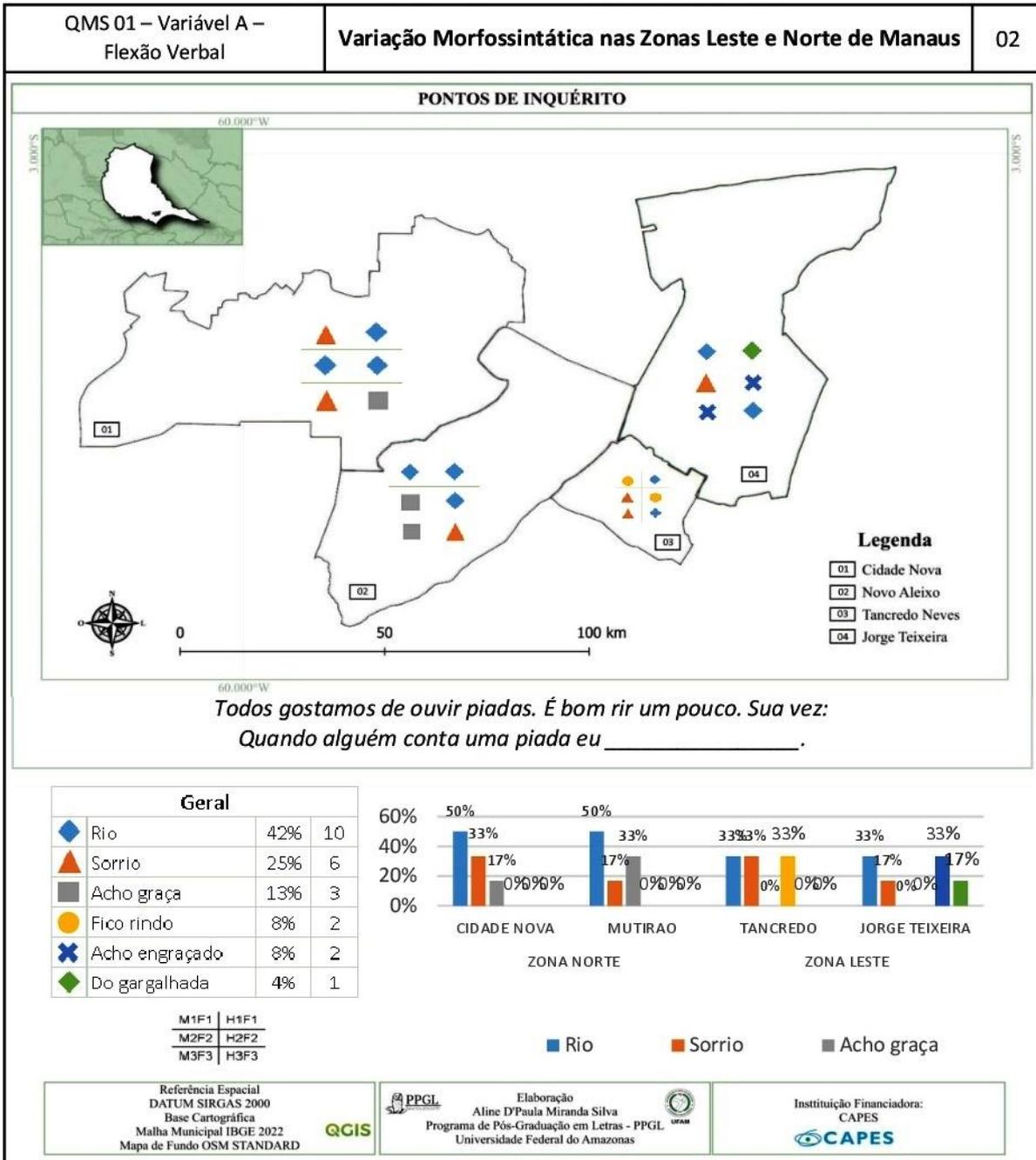
1 Flexão Verbal

Variação diazonal

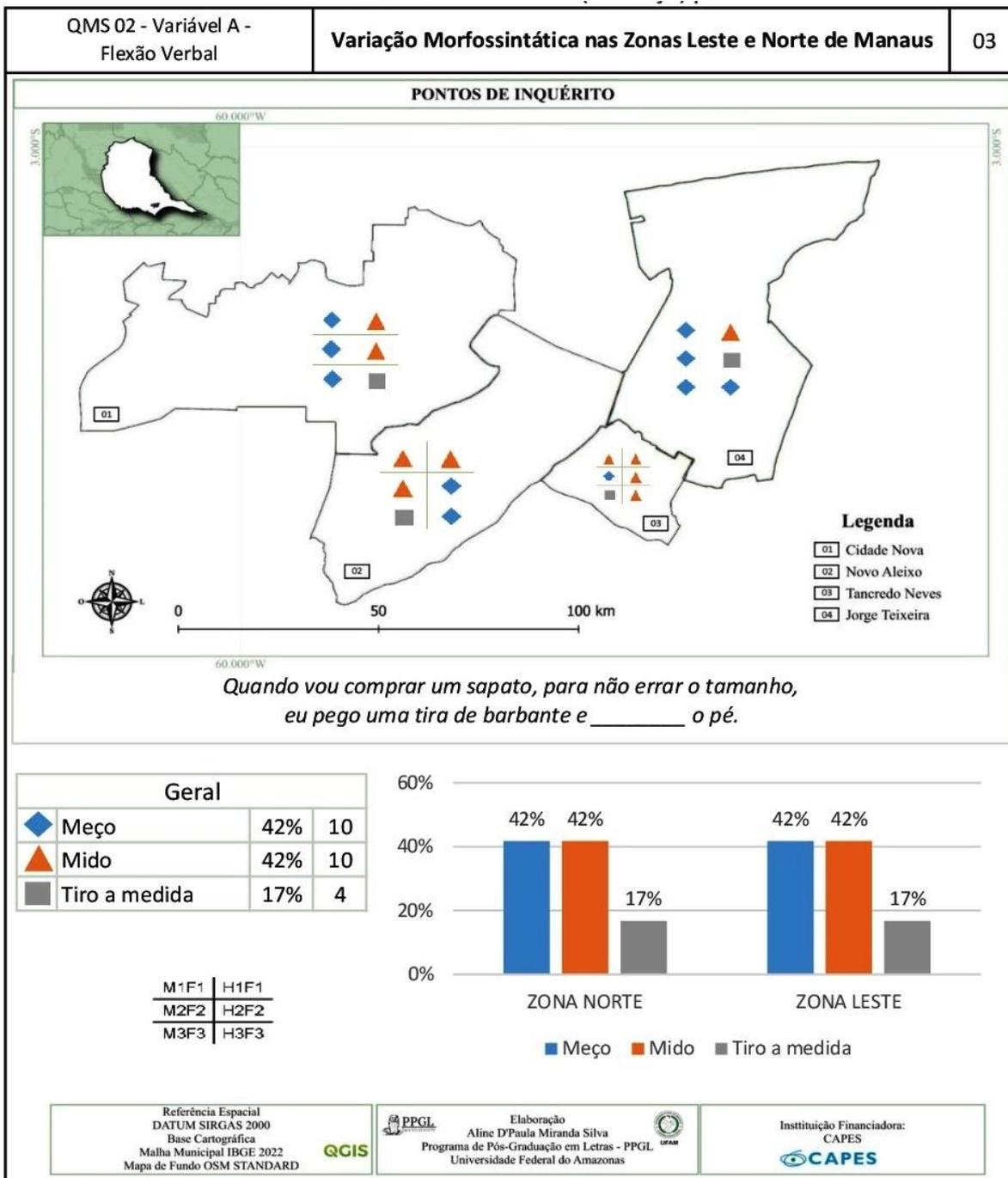
Carta Morfossintática 1 Variável (eu rio) por zona



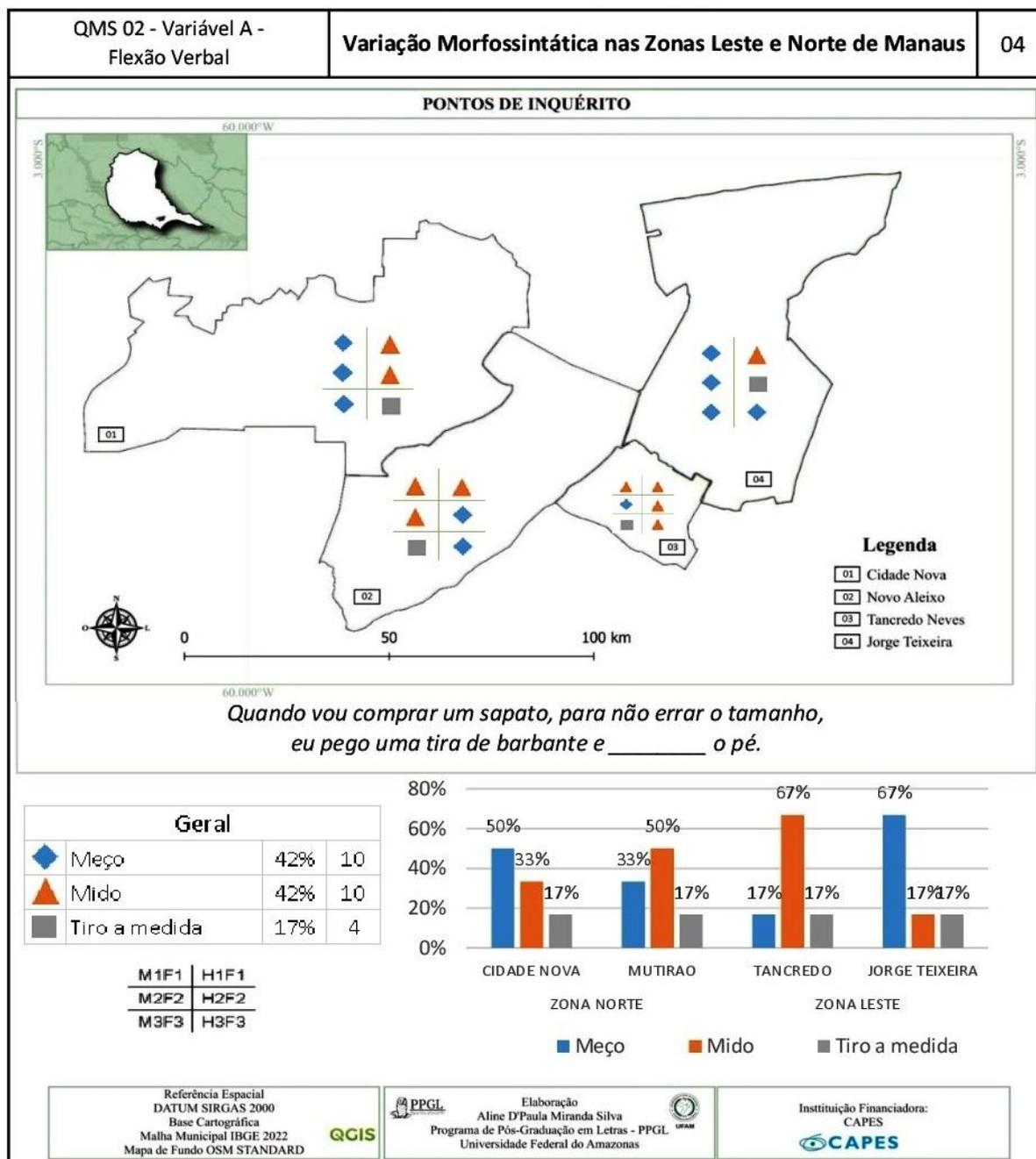
Carta Morfossintática 2 Variável (eu rio) por bairro



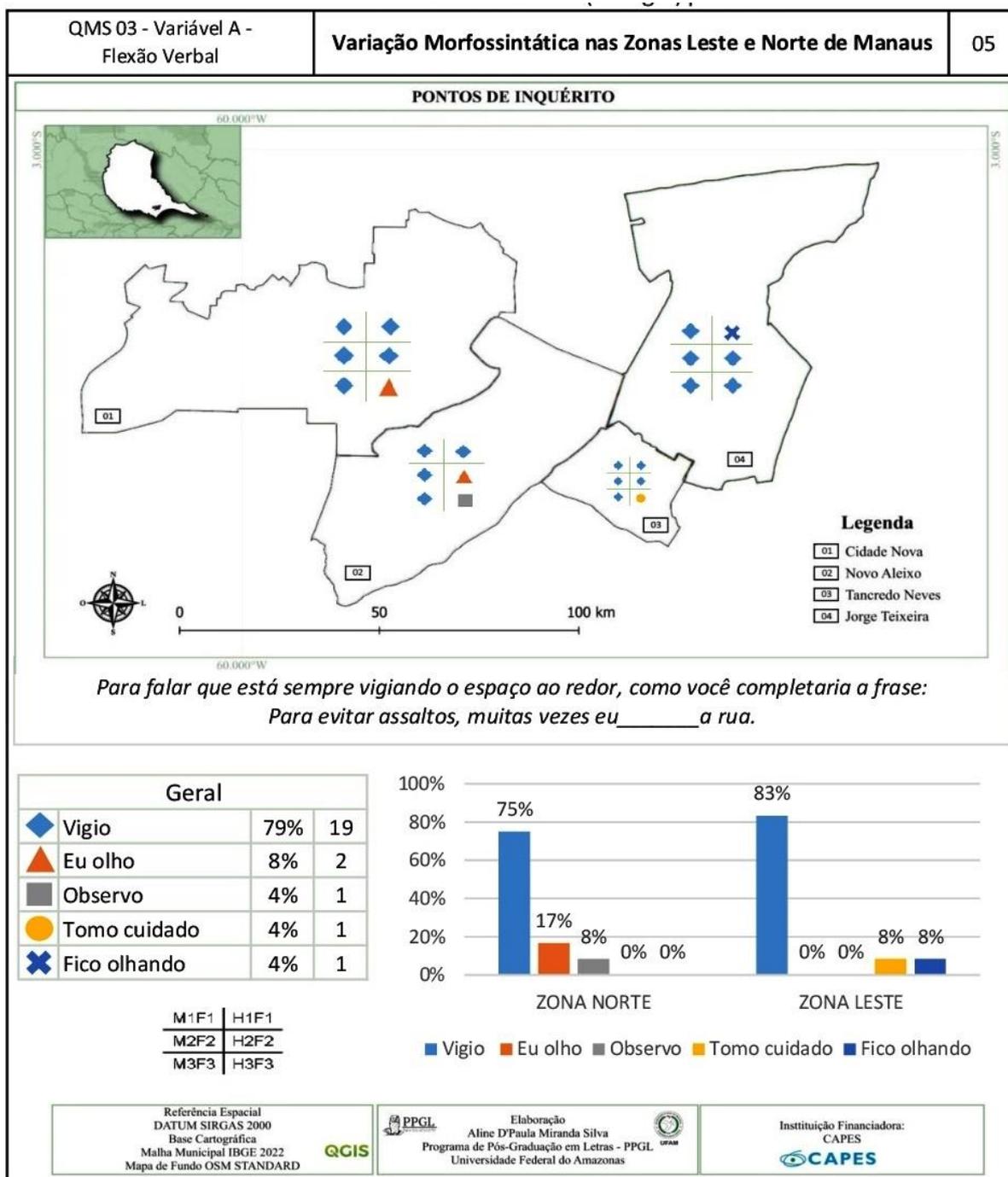
Carta Morfossintática 3 Variável (eu meço) por zona



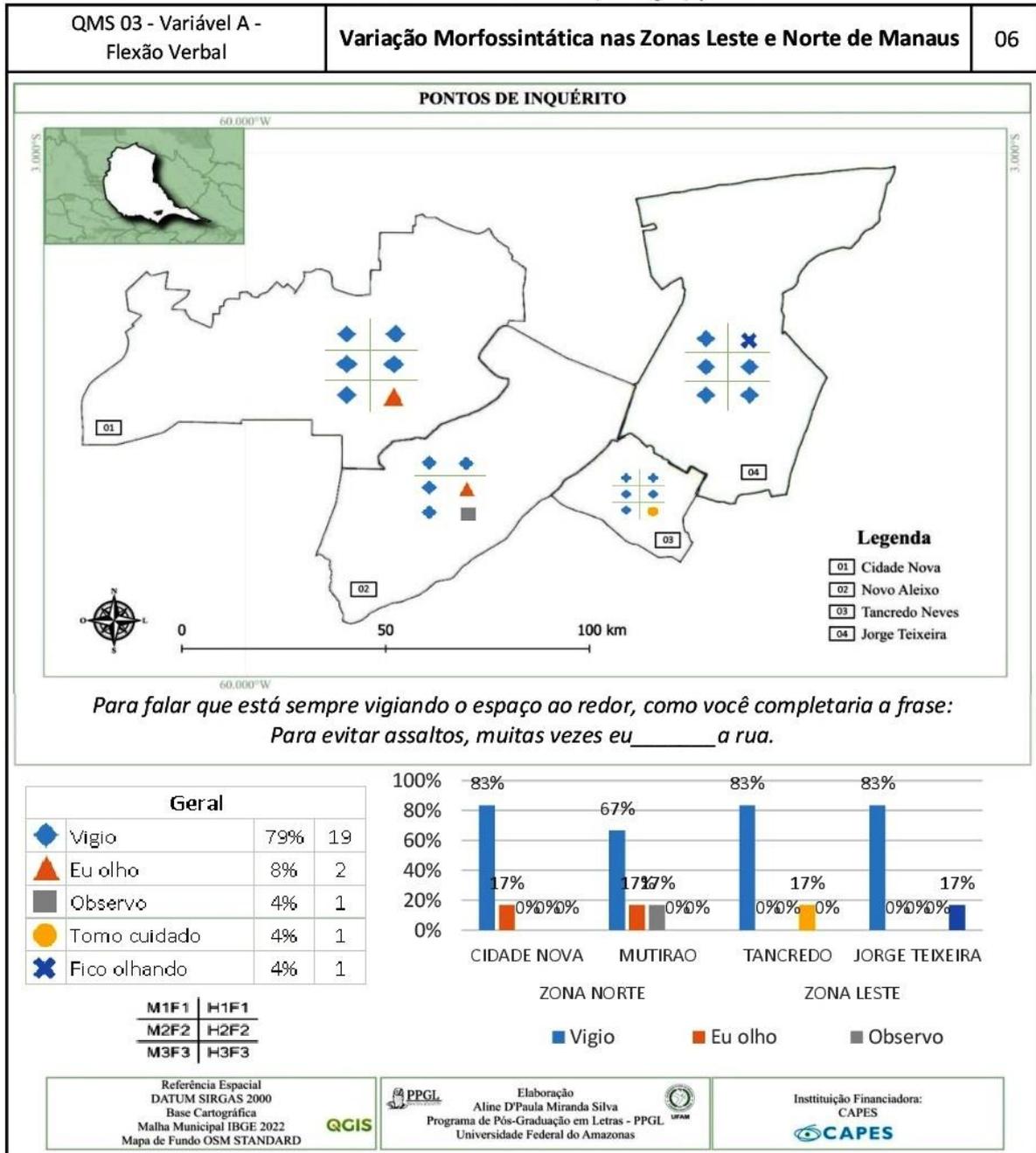
Carta Morfossintática 4 Variável (eu meço) por bairro



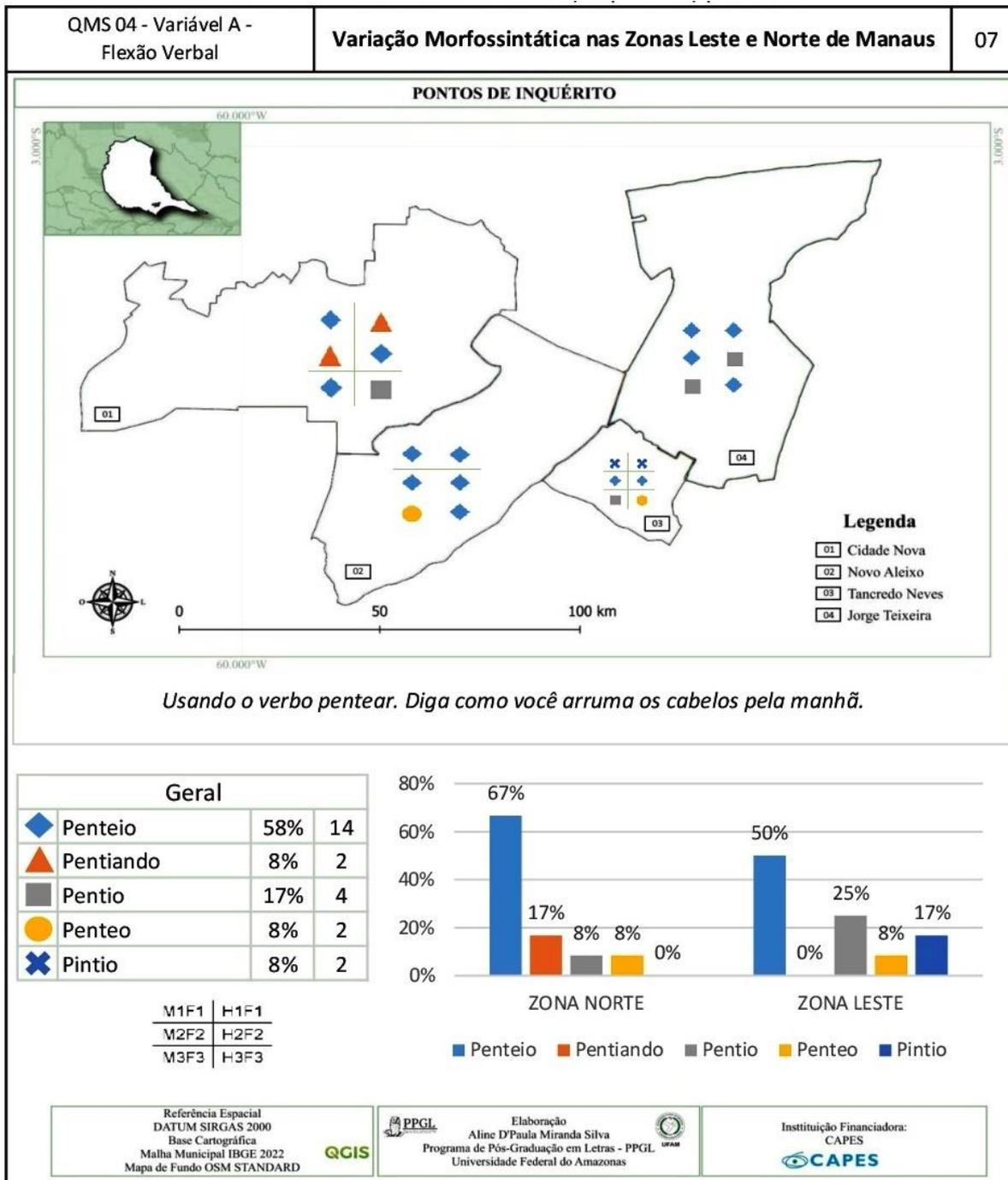
Carta Morfossintática 5 Variável (eu vigio) por zona



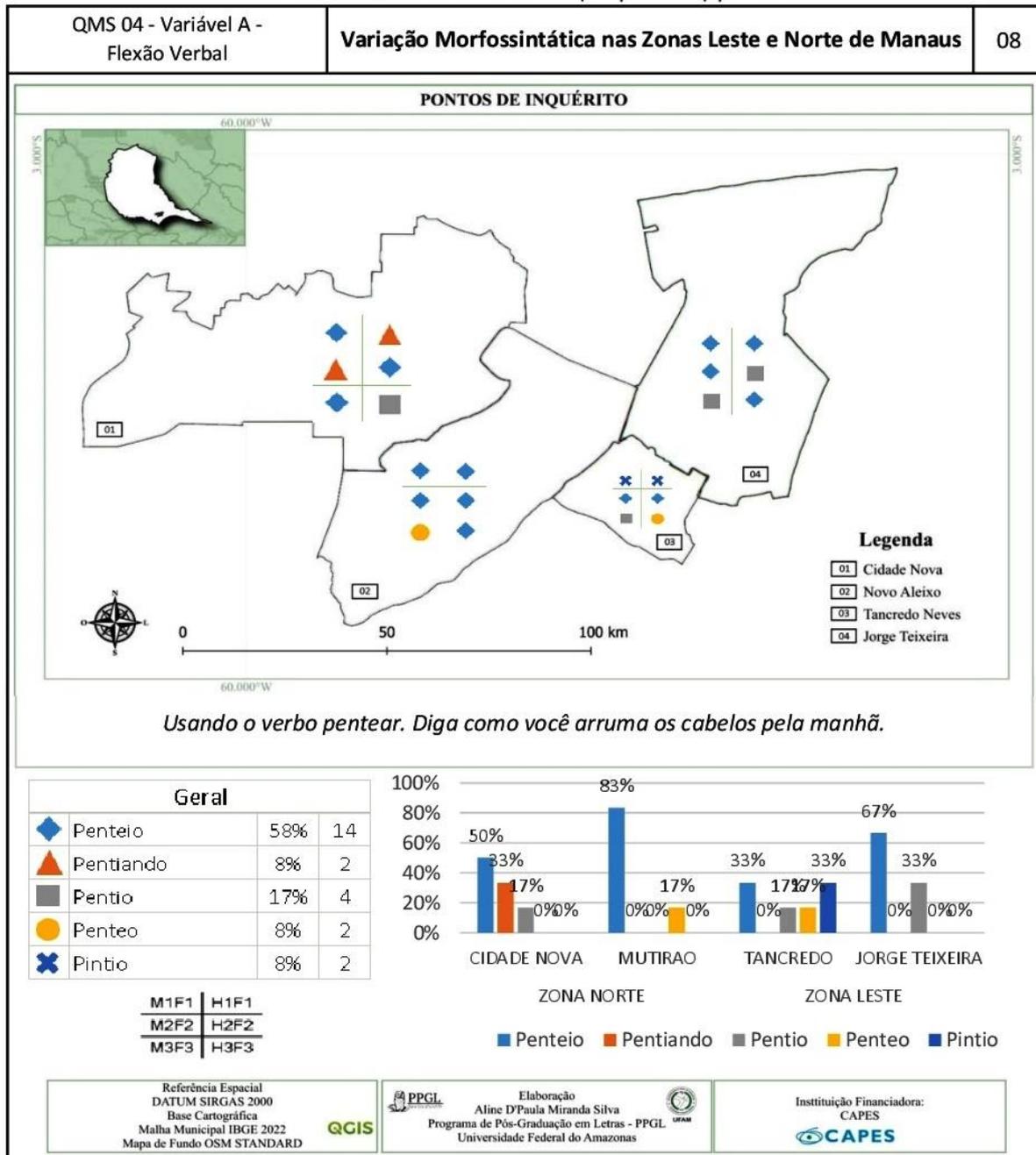
Carta Morfossintática 6 Variável (eu vigio) por bairro



Carta Morfossintática 7 Variável (eu penteio) por zona

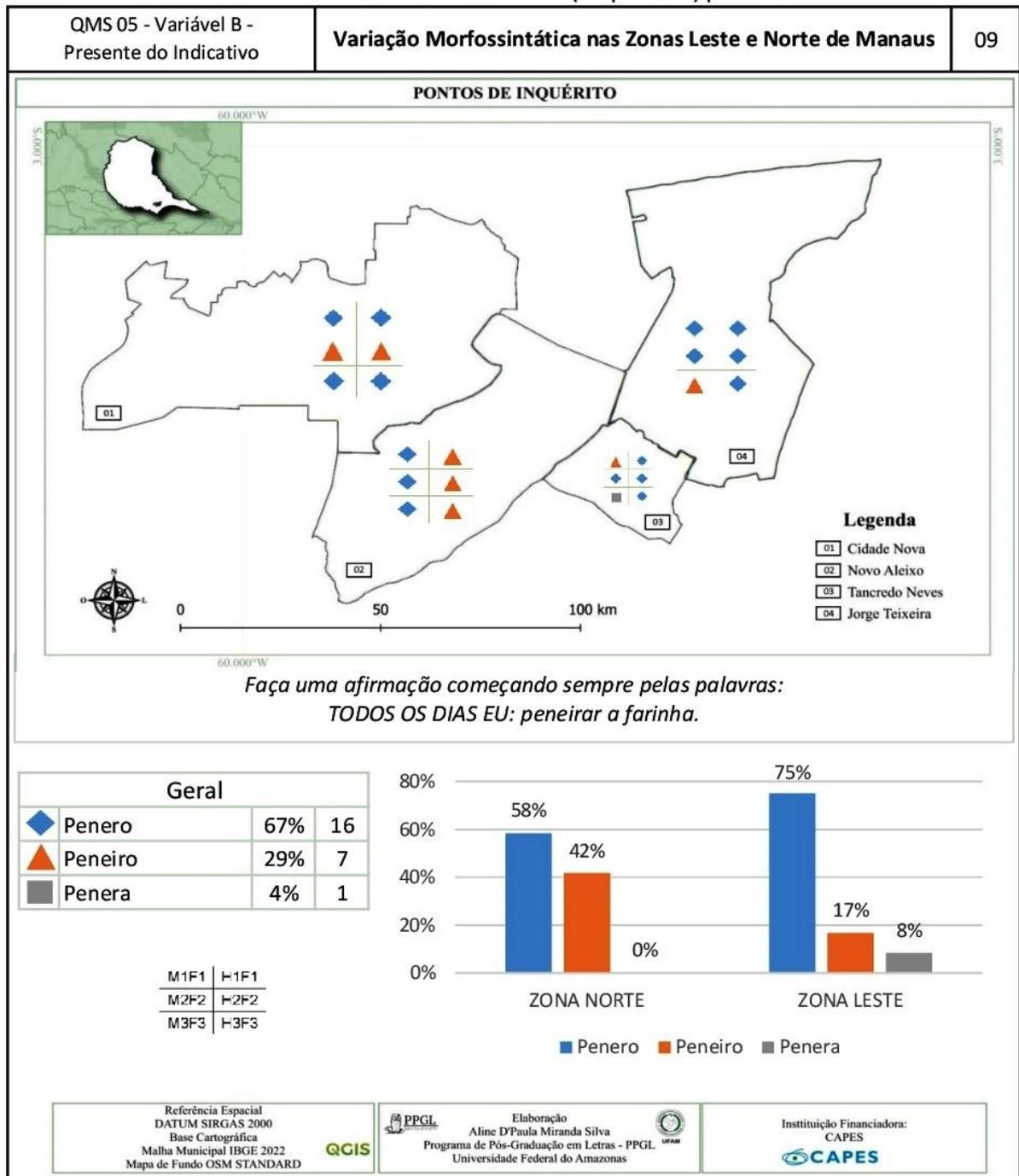


Carta Morfossintática 8 Variável (eu penteio) por bairro

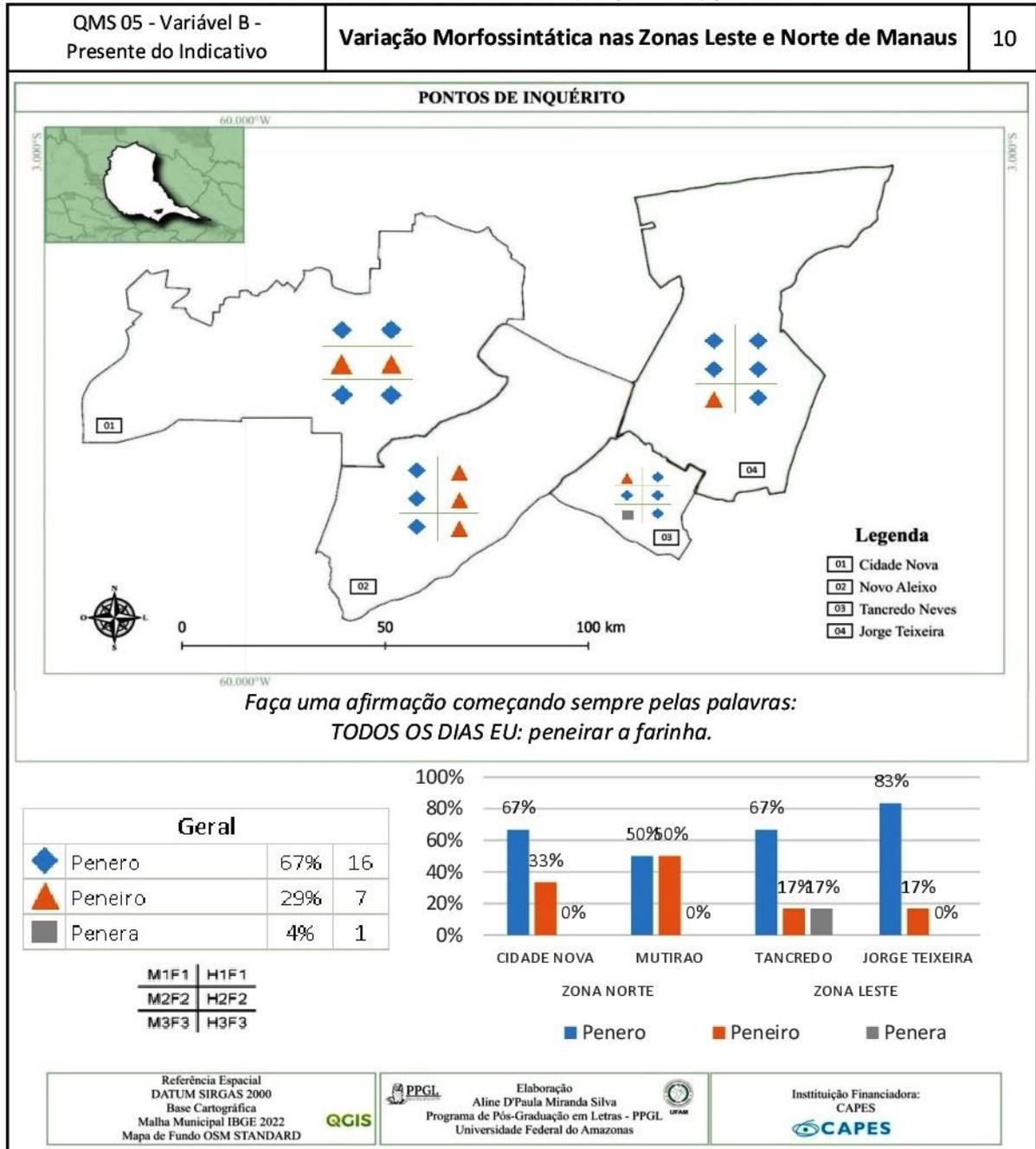


2 Presente do Indicativo

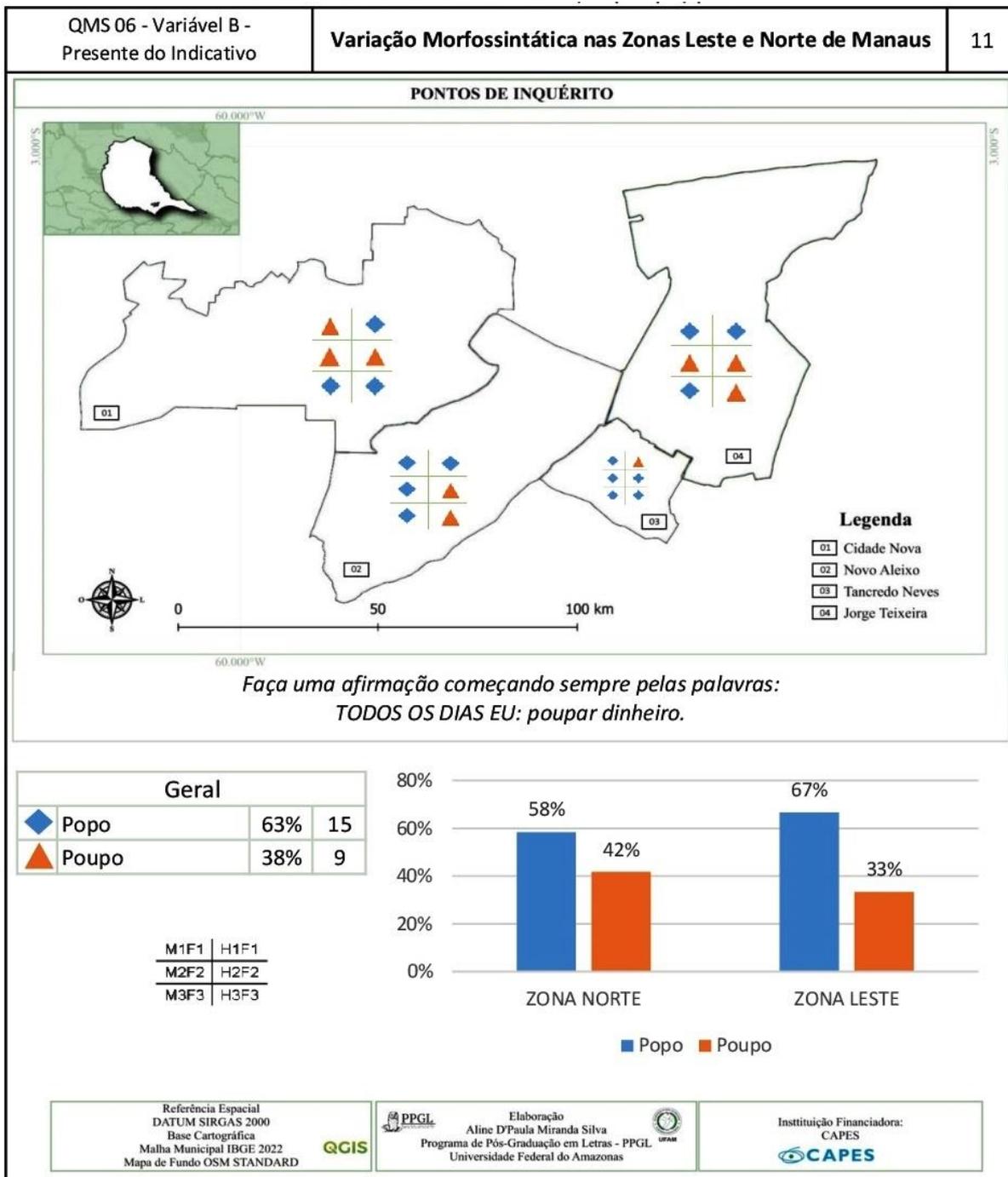
Carta Morfossintática 9 Variável (*eu peneiro*) por zona



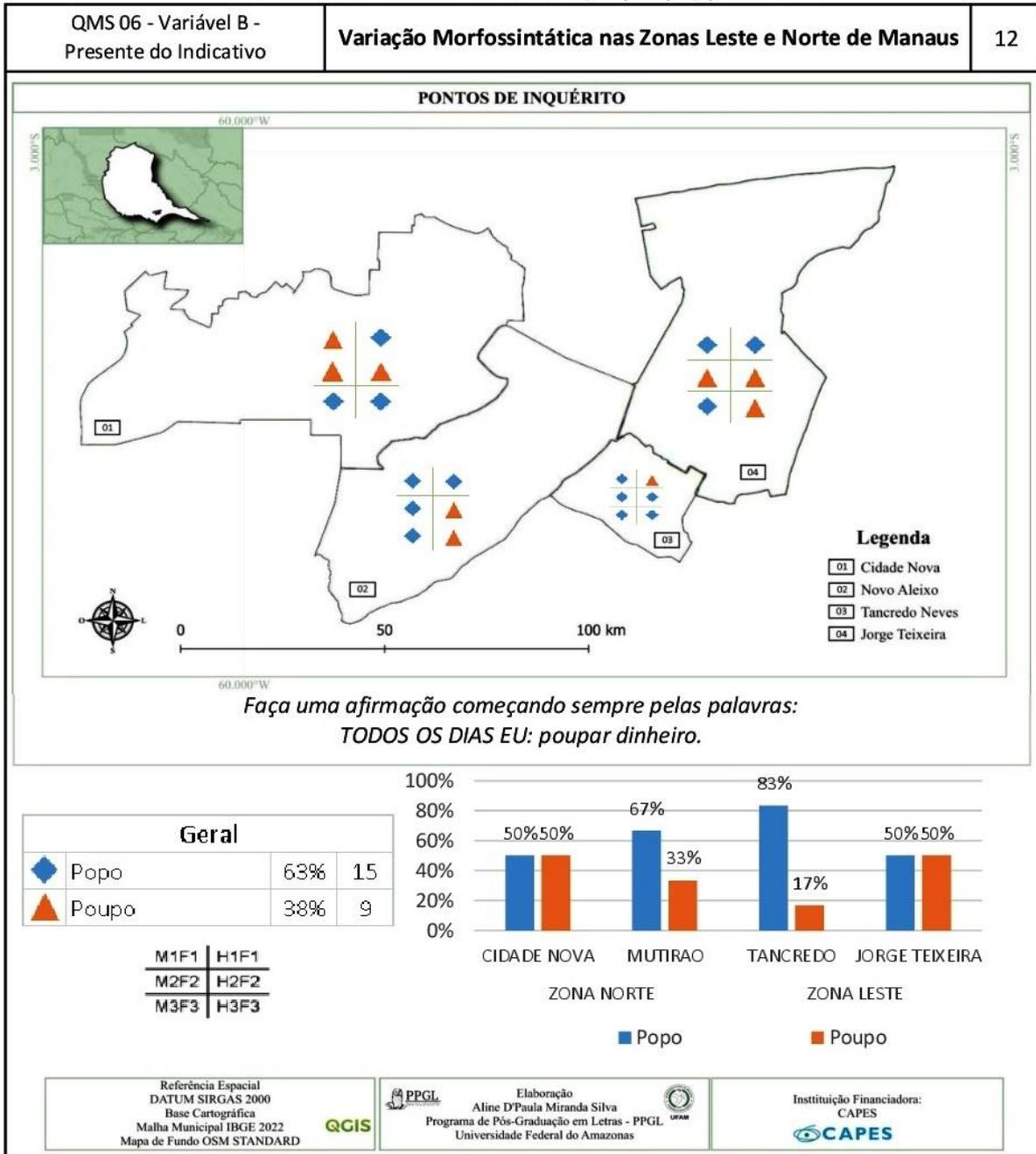
Carta Morfossintática 10 Variável (*eu peneiro*) por bairro



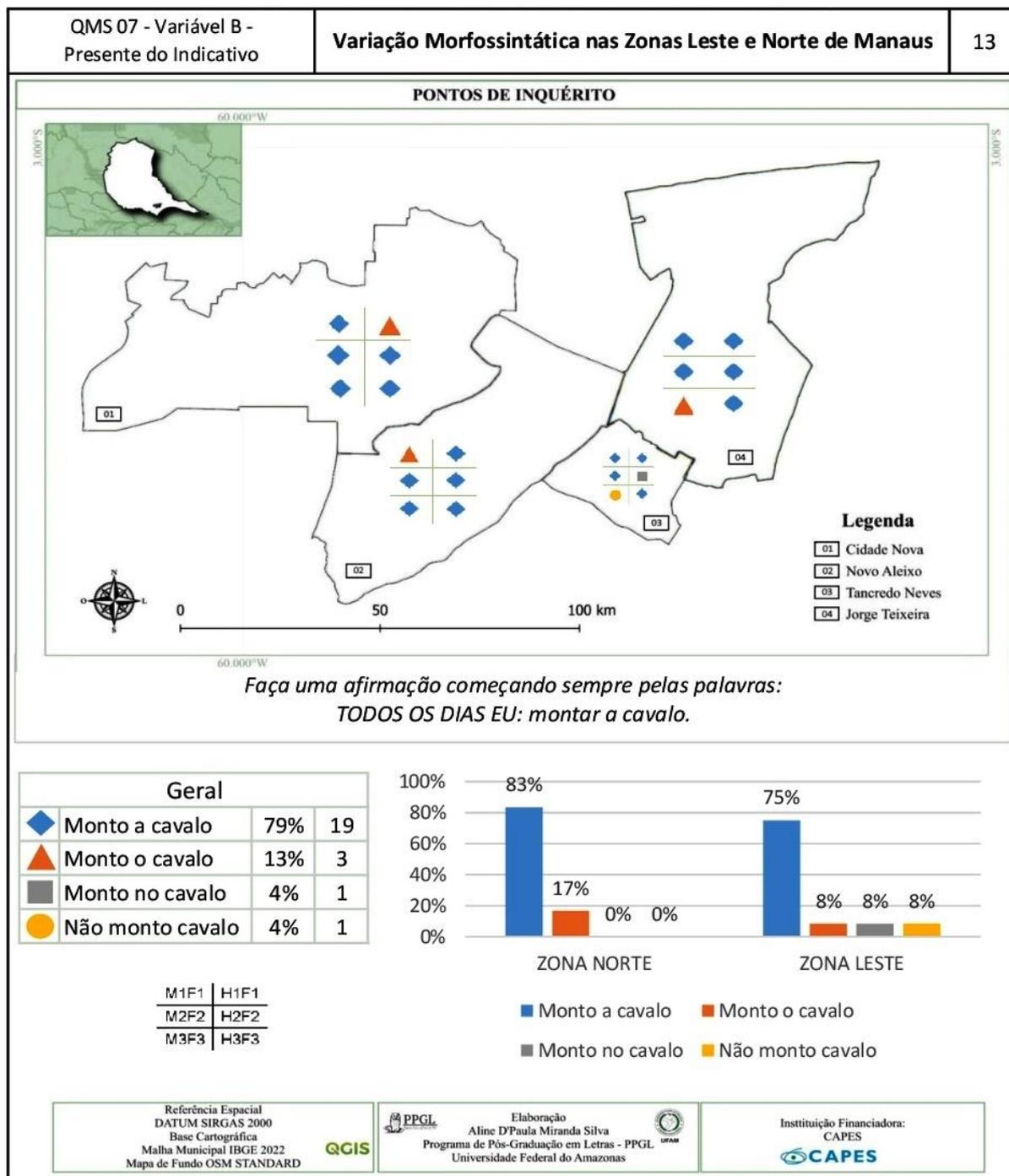
Carta Morfossintática 11 Variável (eu poupo) por zona



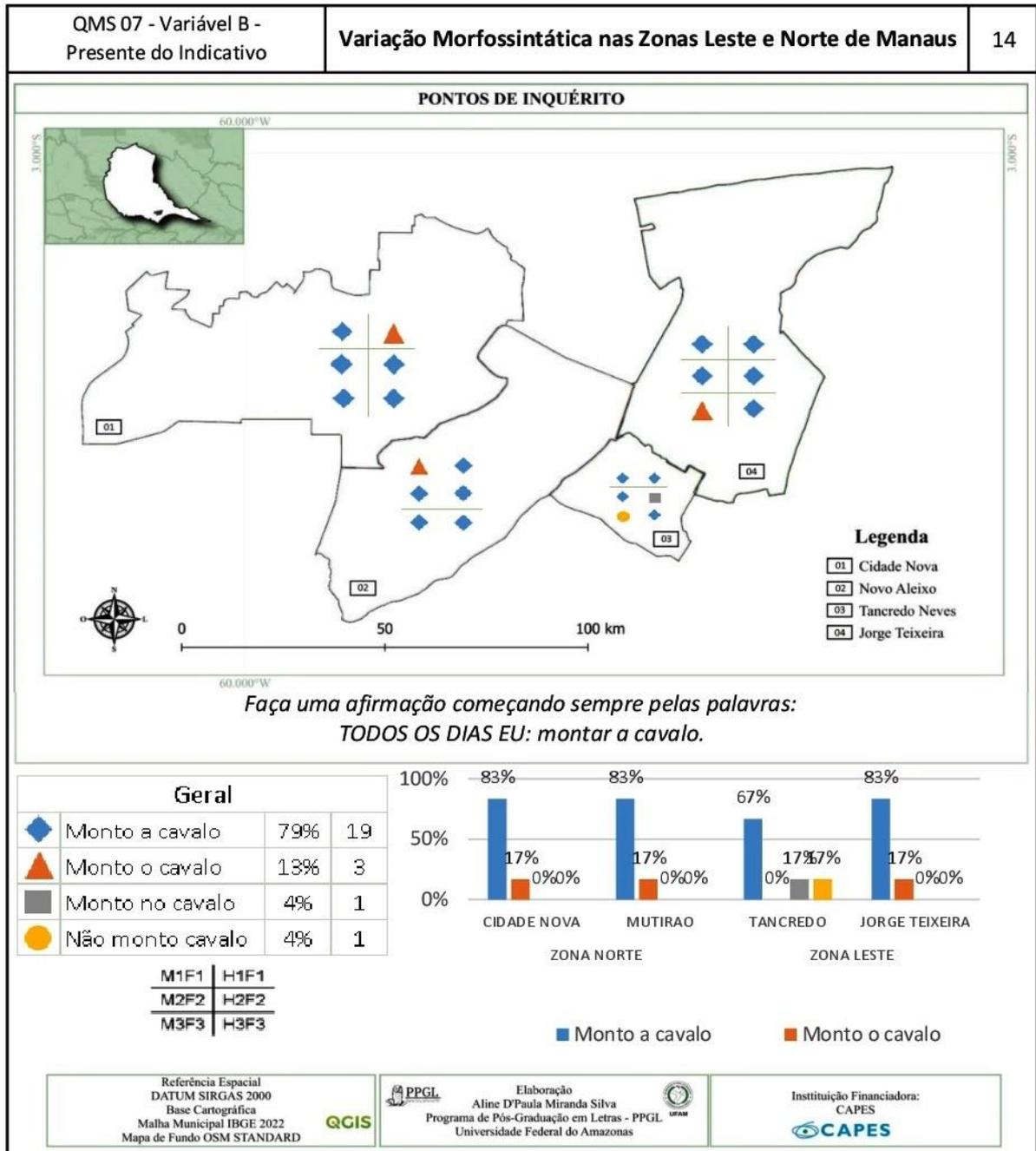
Carta Morfossintática 12 Variável (eu poupo) por bairro



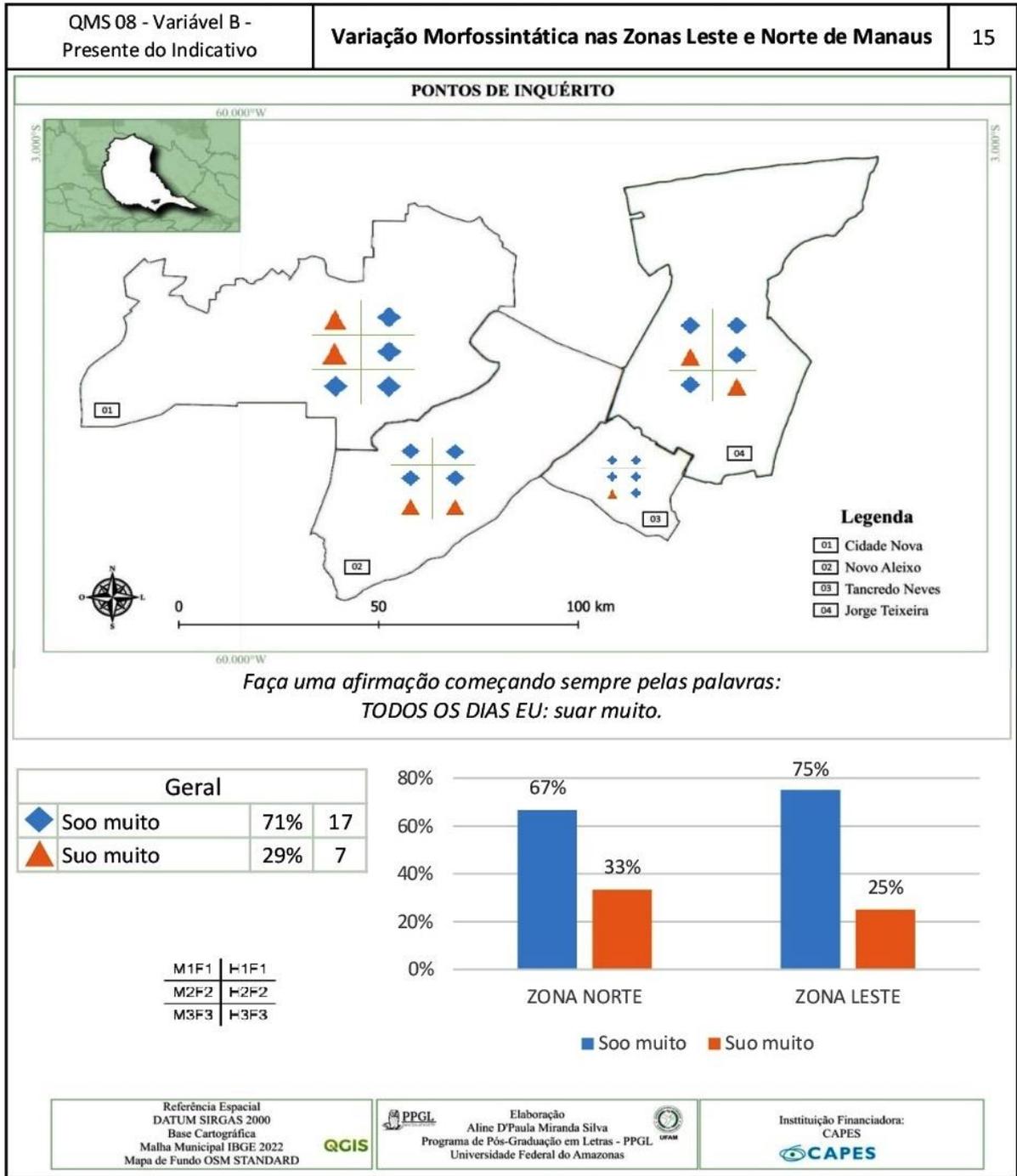
Carta Morfossintática 13 Variável (*eu monto a cavalo*) por zona



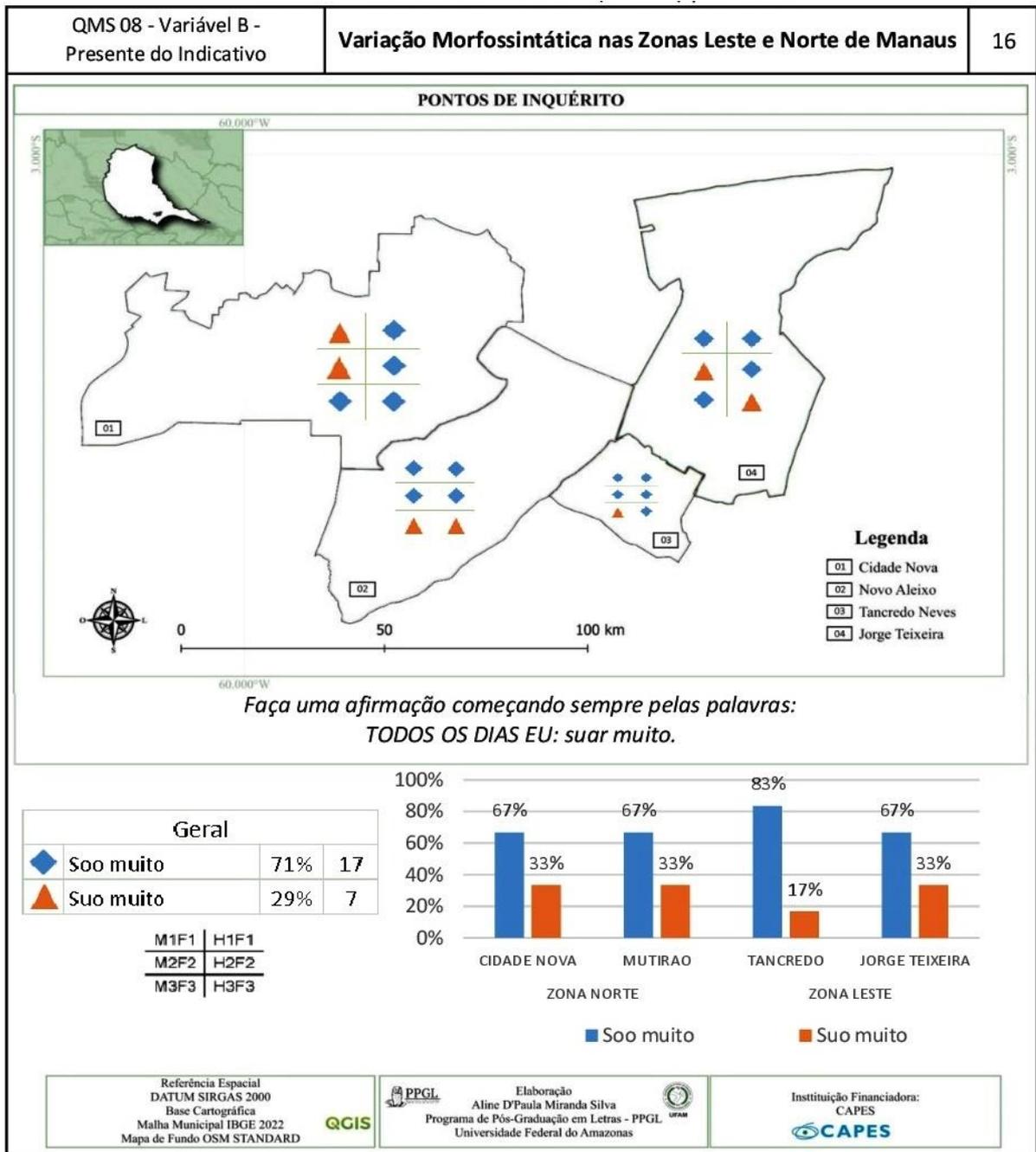
Carta Morfossintática 14 Variável (*eu monto a cavalo*) por bairro



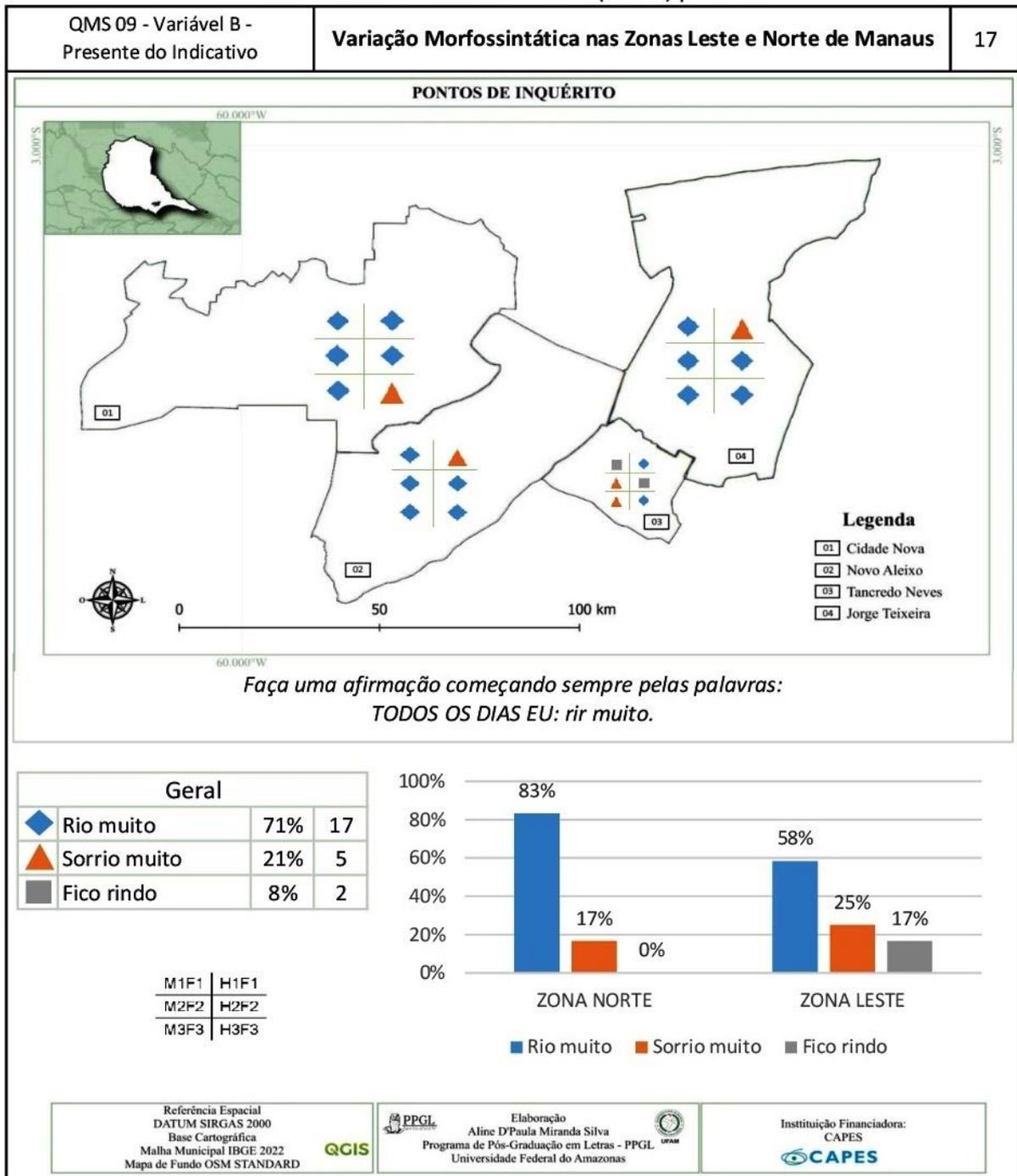
Carta Morfossintática 15 Variável (eu suo) por zona



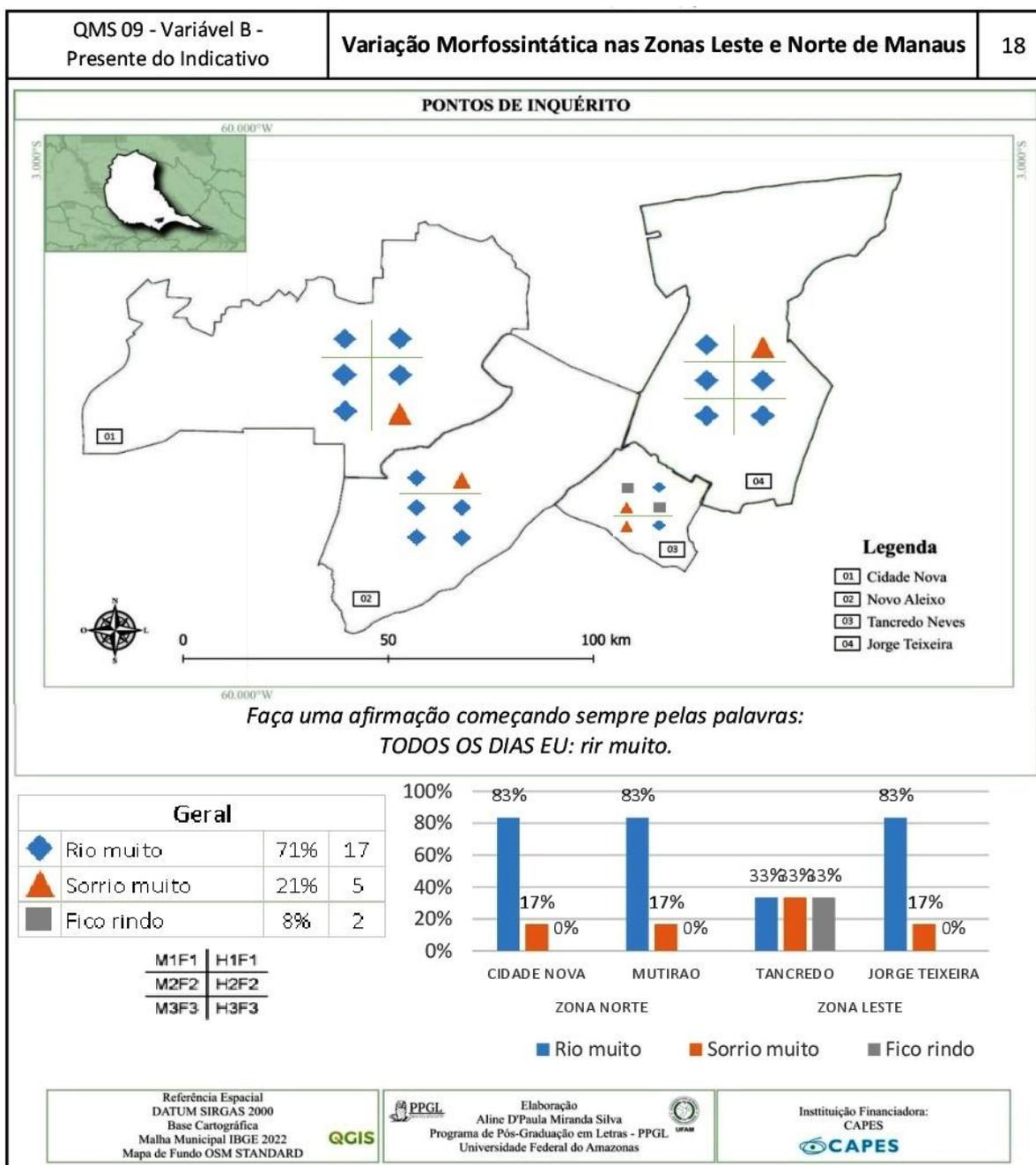
Carta Morfossintática 16 Variável (*eu suo*) por bairro



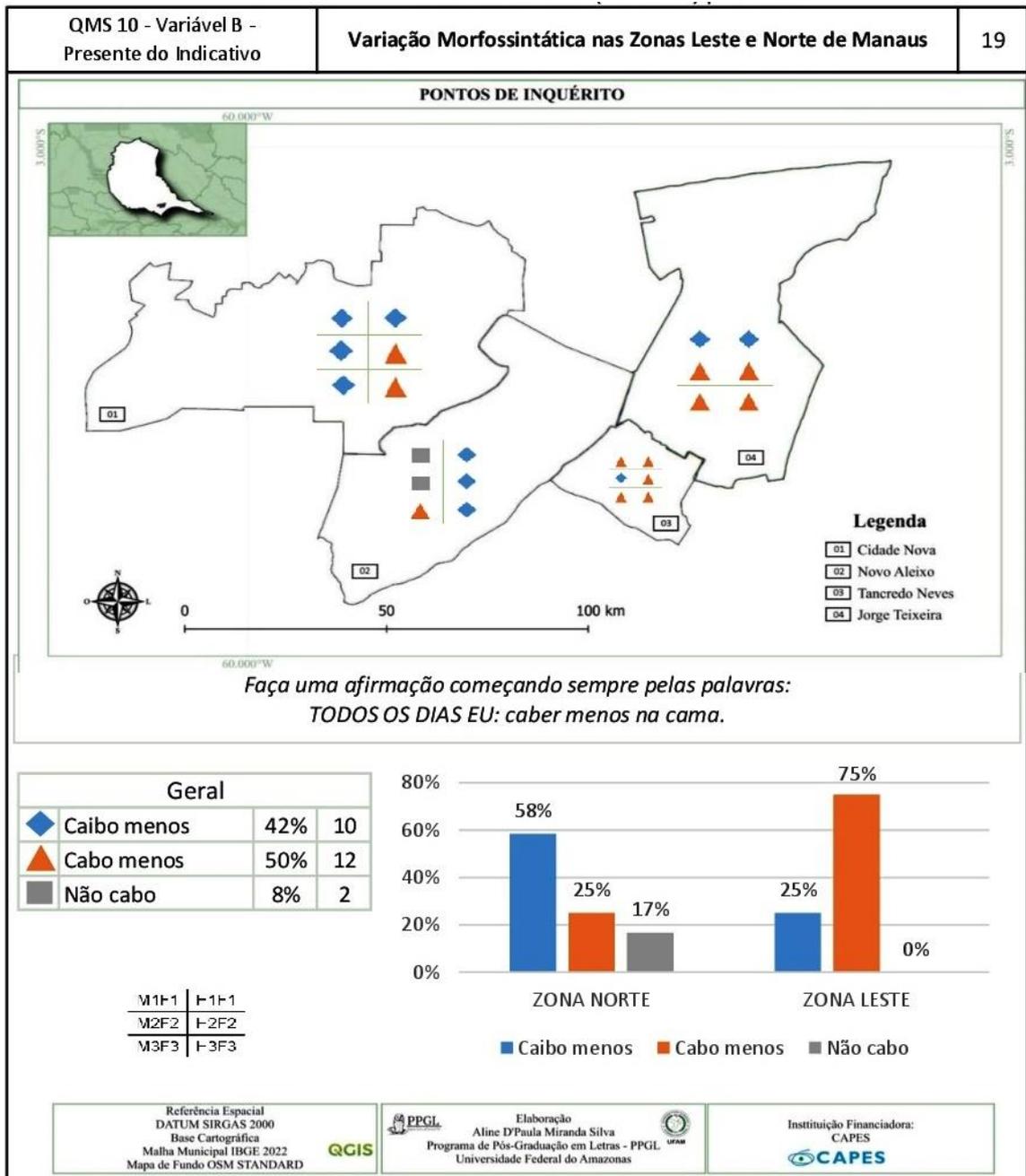
Carta Morfossintática 17 Variável (eu rio) por zona



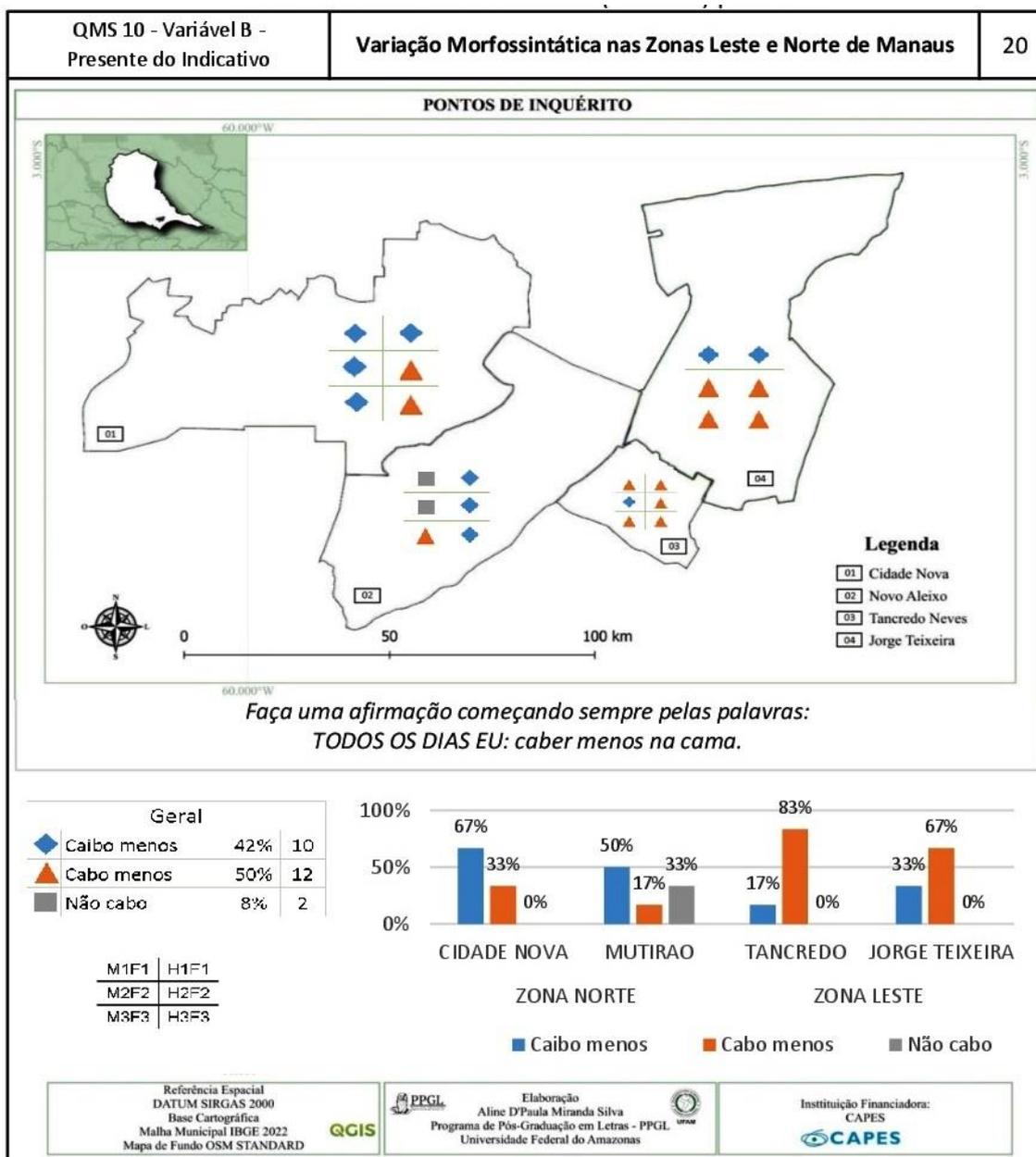
Carta Morfossintática 18 Variável (eu rio) por bairro



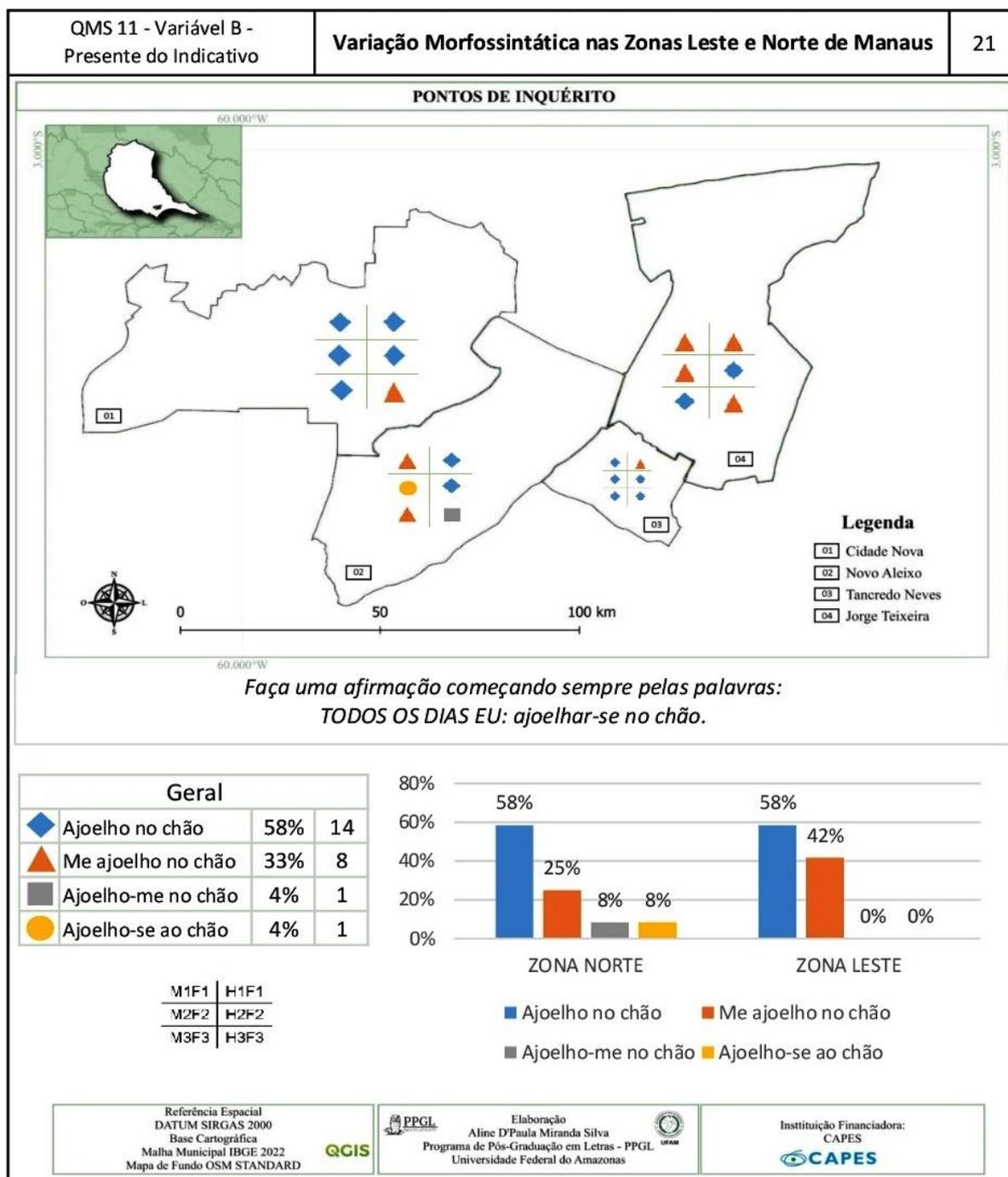
Carta Morfossintática 19 Variável (*eu caibo*) por zona



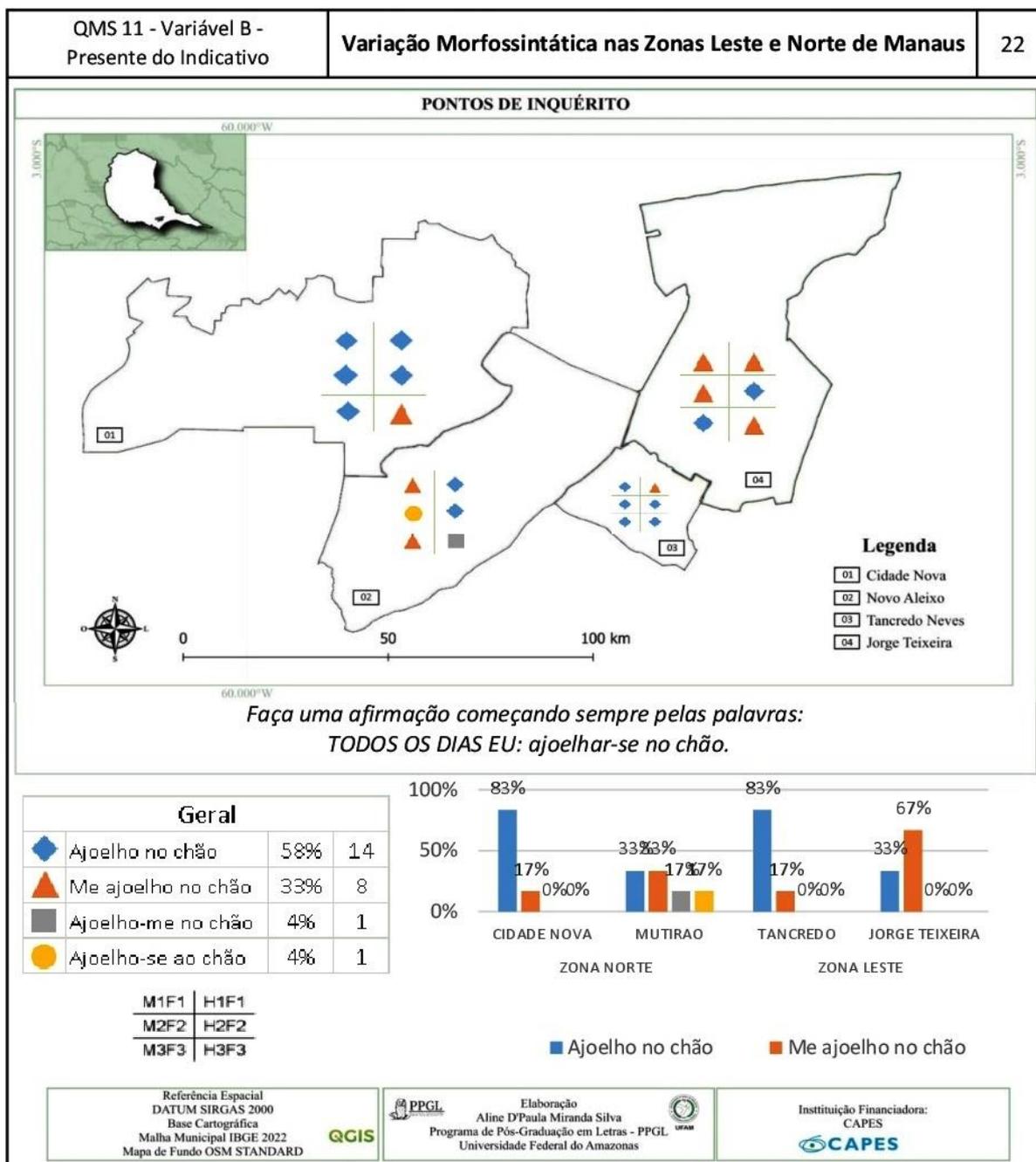
Carta Morfossintática 20 Variável (*eu caibo*) por bairro



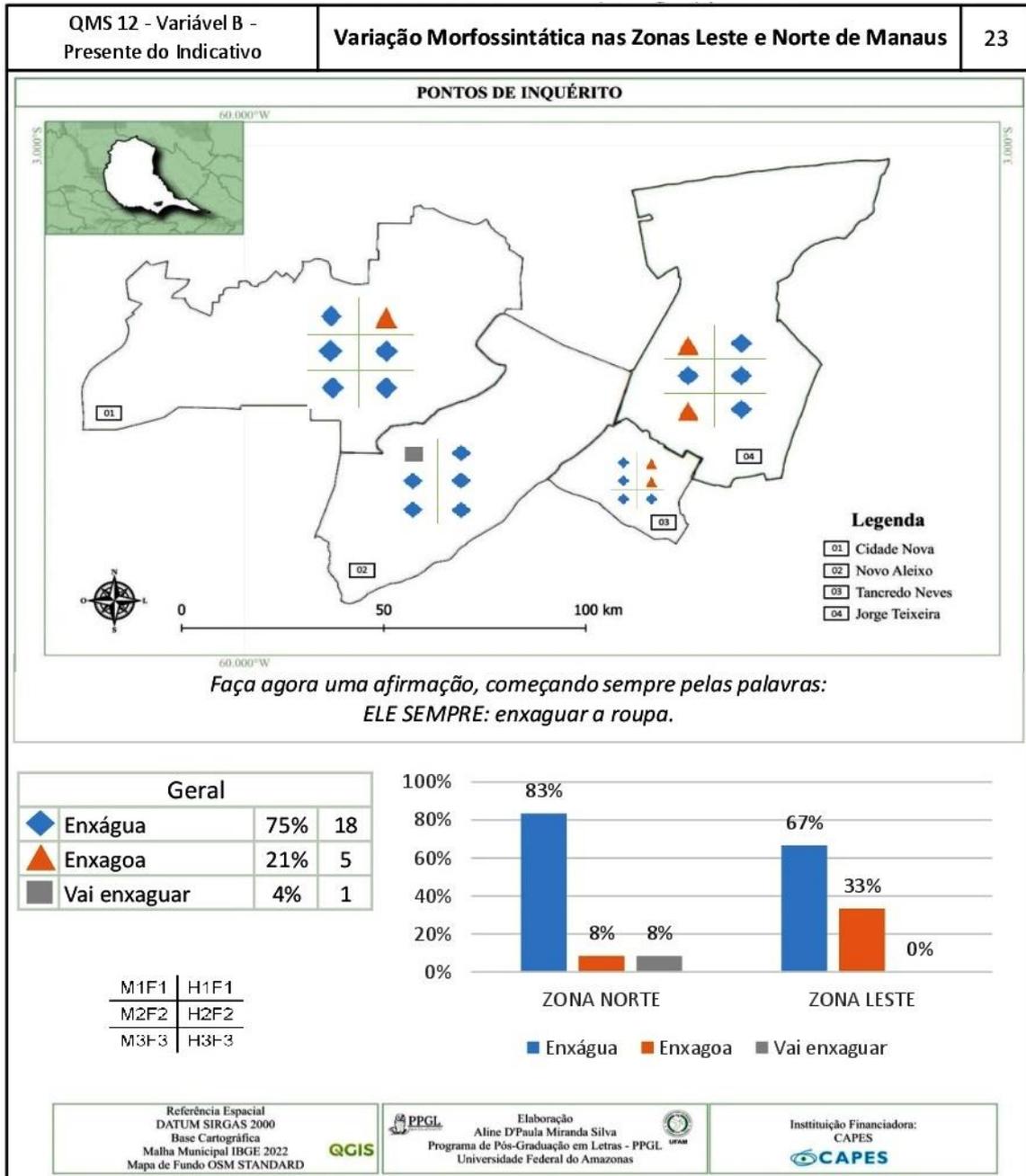
Carta Morfossintática 21 Variável (eu ajoelho) por zona



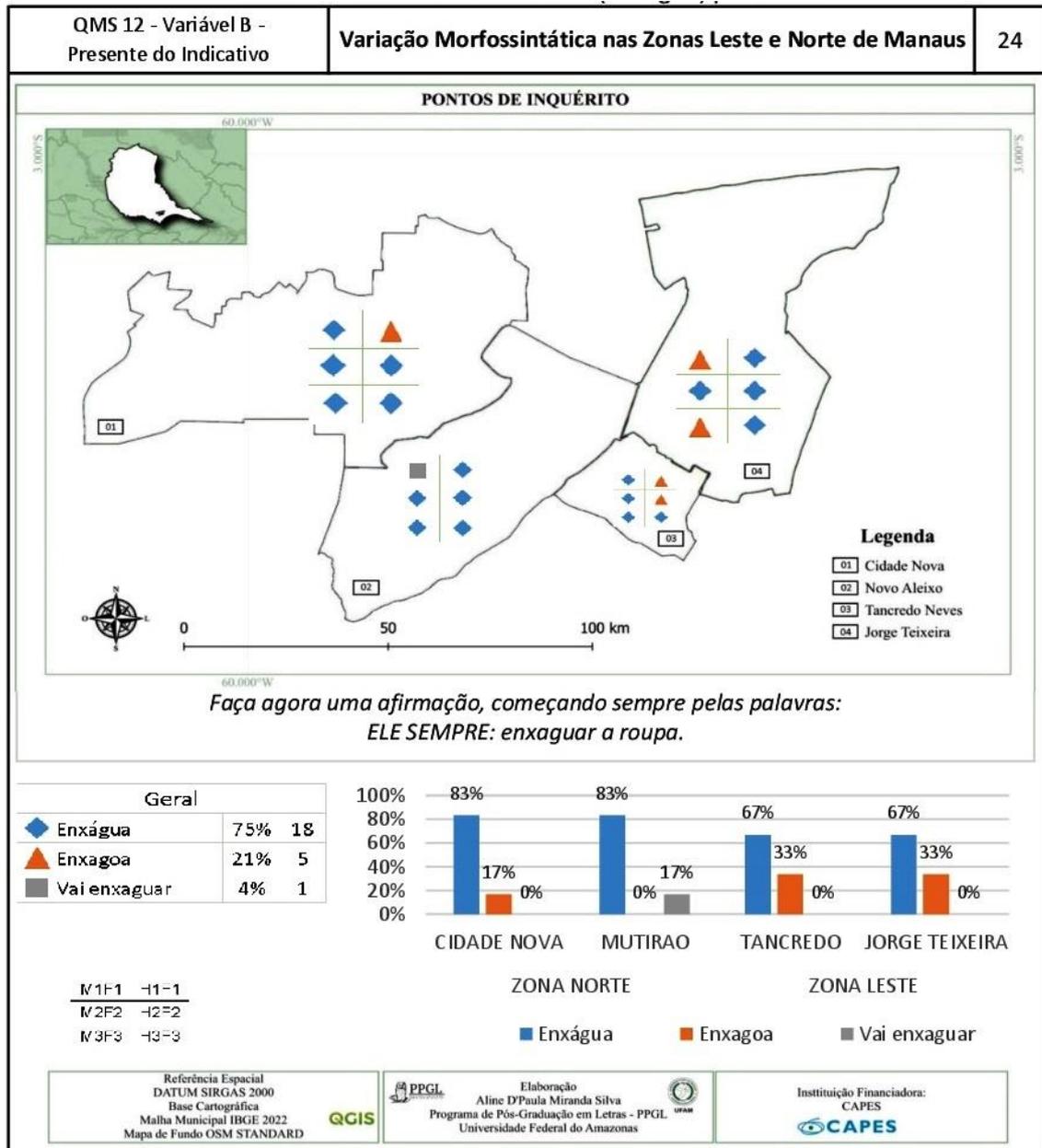
Carta Morfossintática 22 Variável (eu ajoelho) por bairro



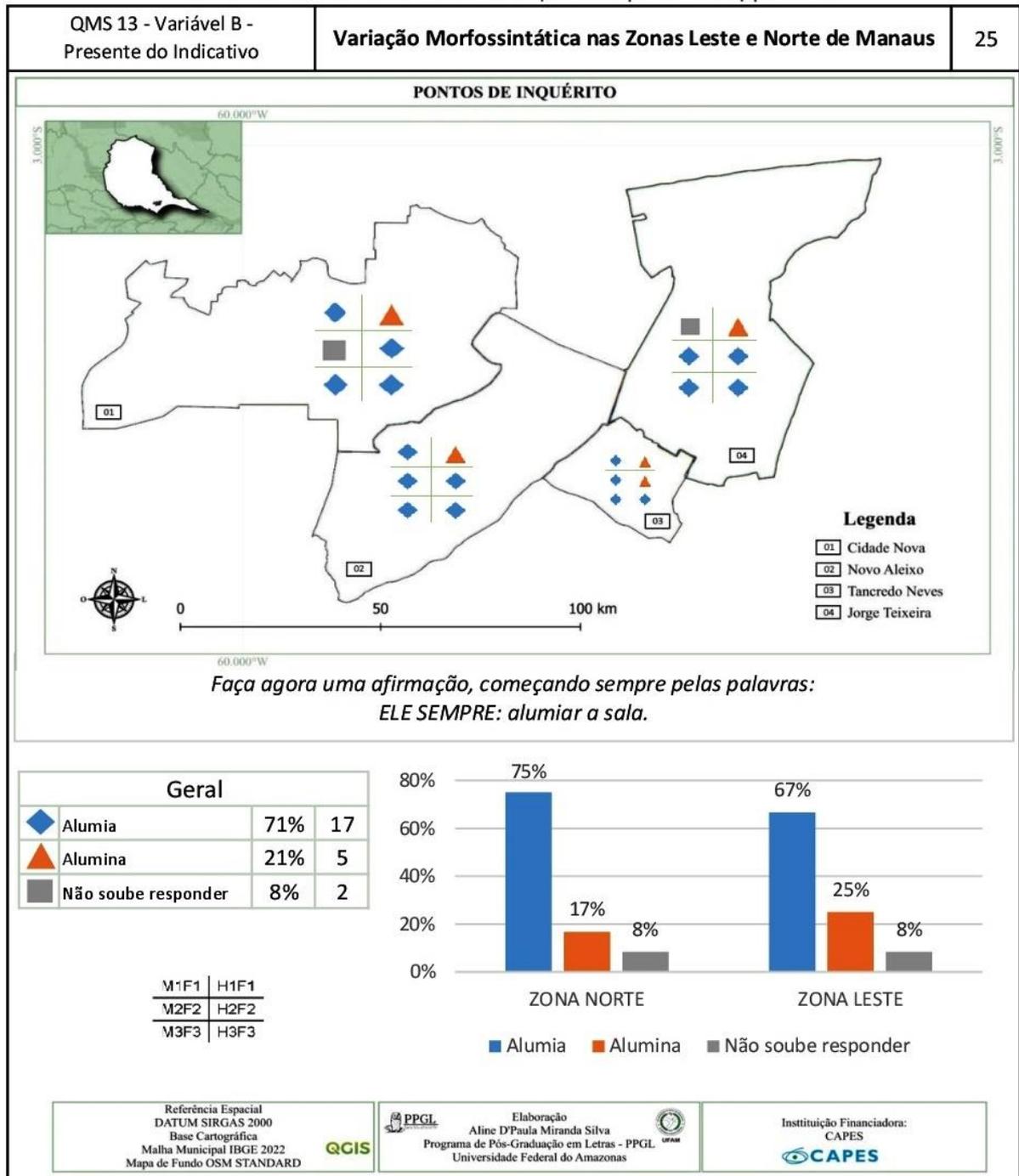
Carta Morfossintática 23 Variável (ele sempre enxágua) por zona



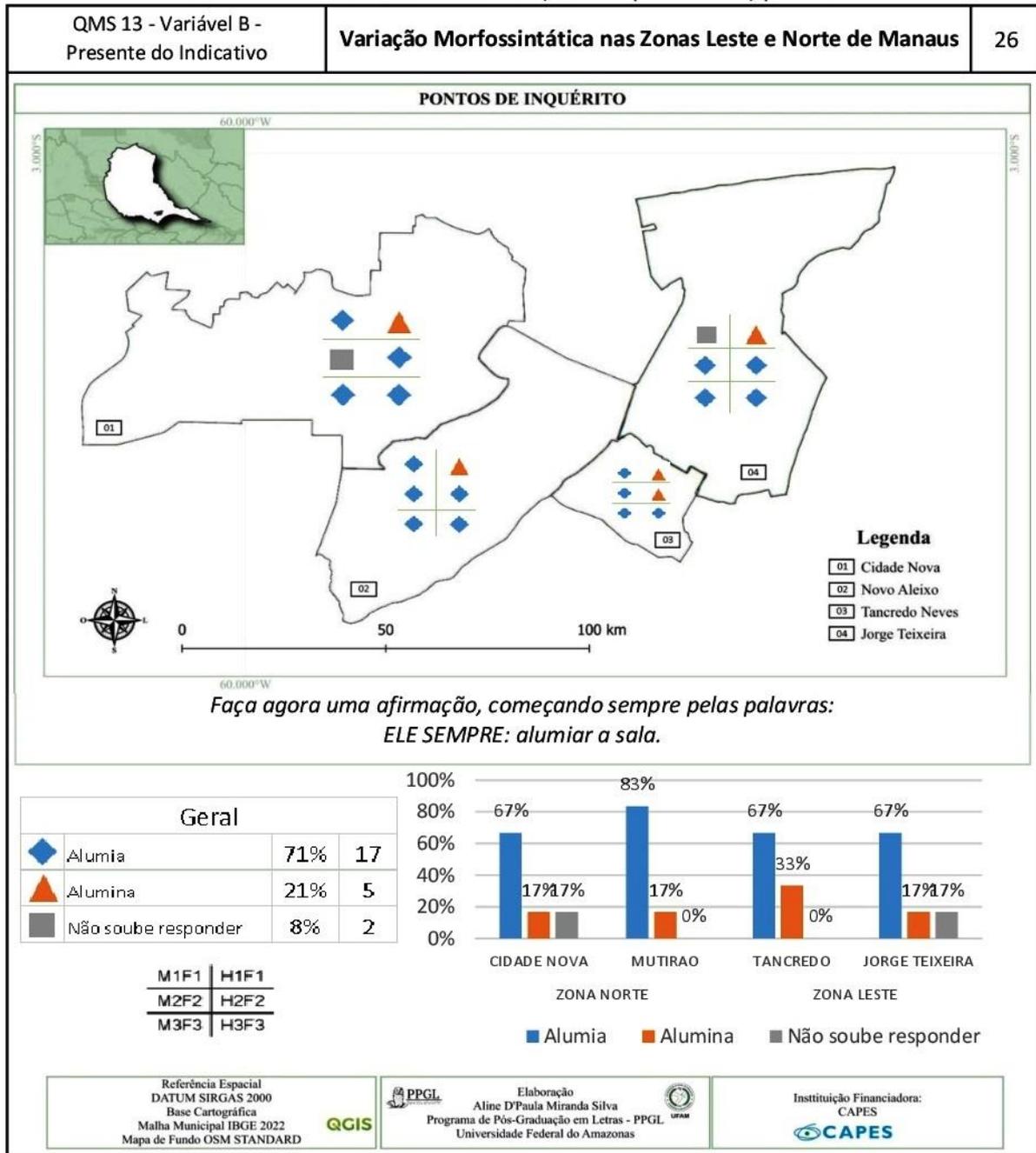
Carta Morfossintática 24 Variável (*ele sempre enxágua*) por bairro



Carta Morfossintática 25 Variável (*ele sempre alumia*) por zona

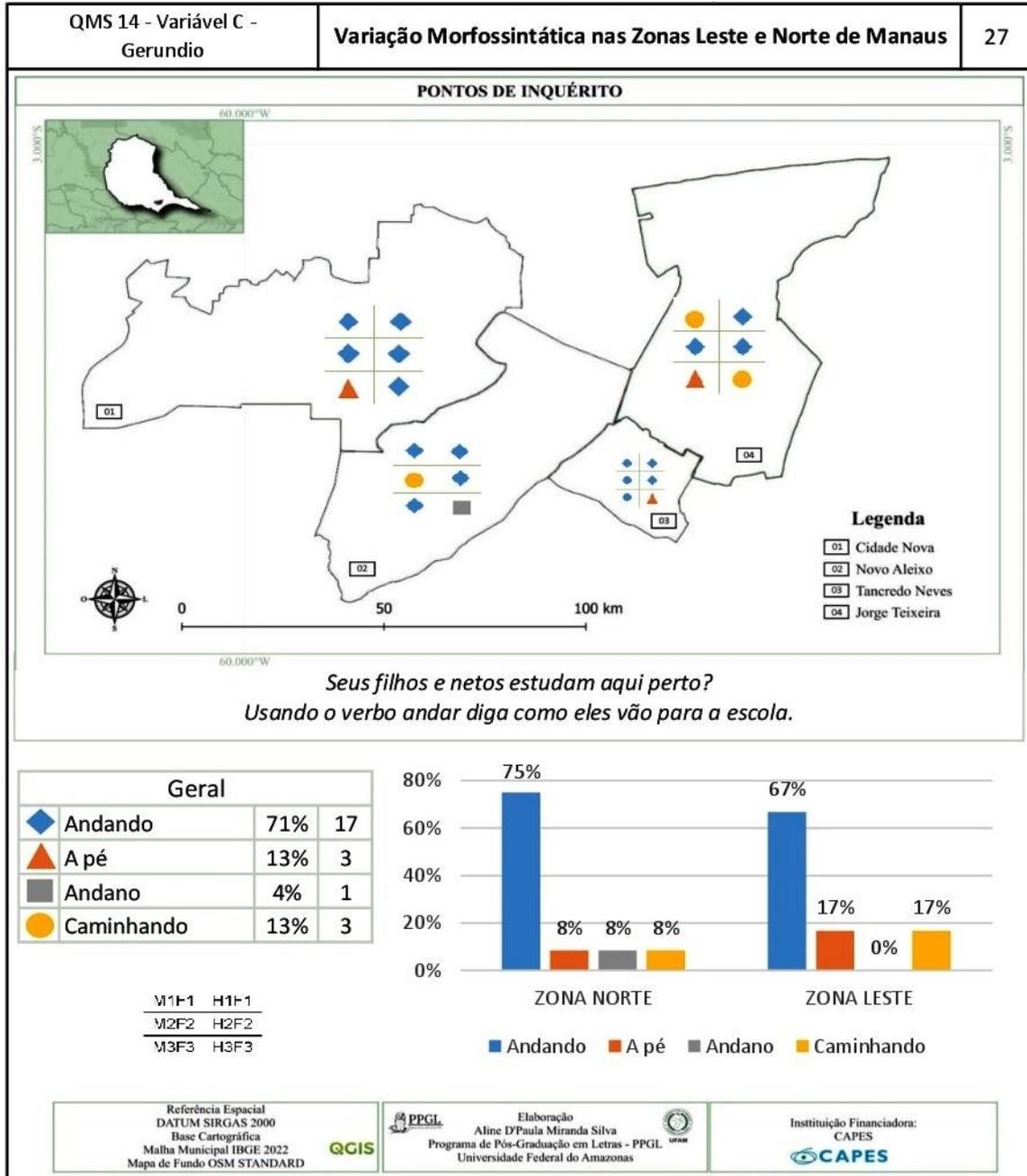


Carta Morfossintática 26 Variável (*ele sempre alumia*) por bairro

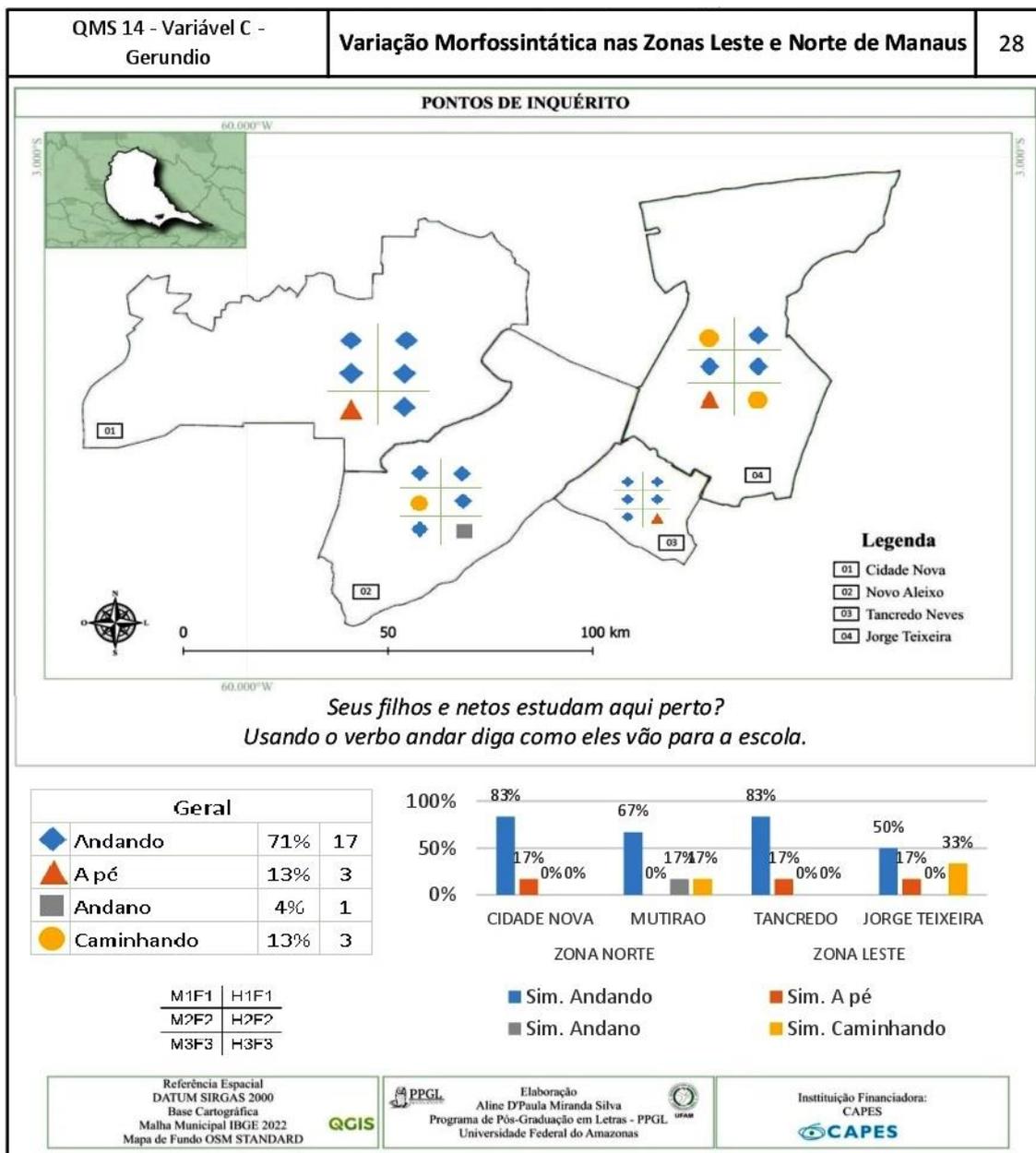


3 Gerúndio

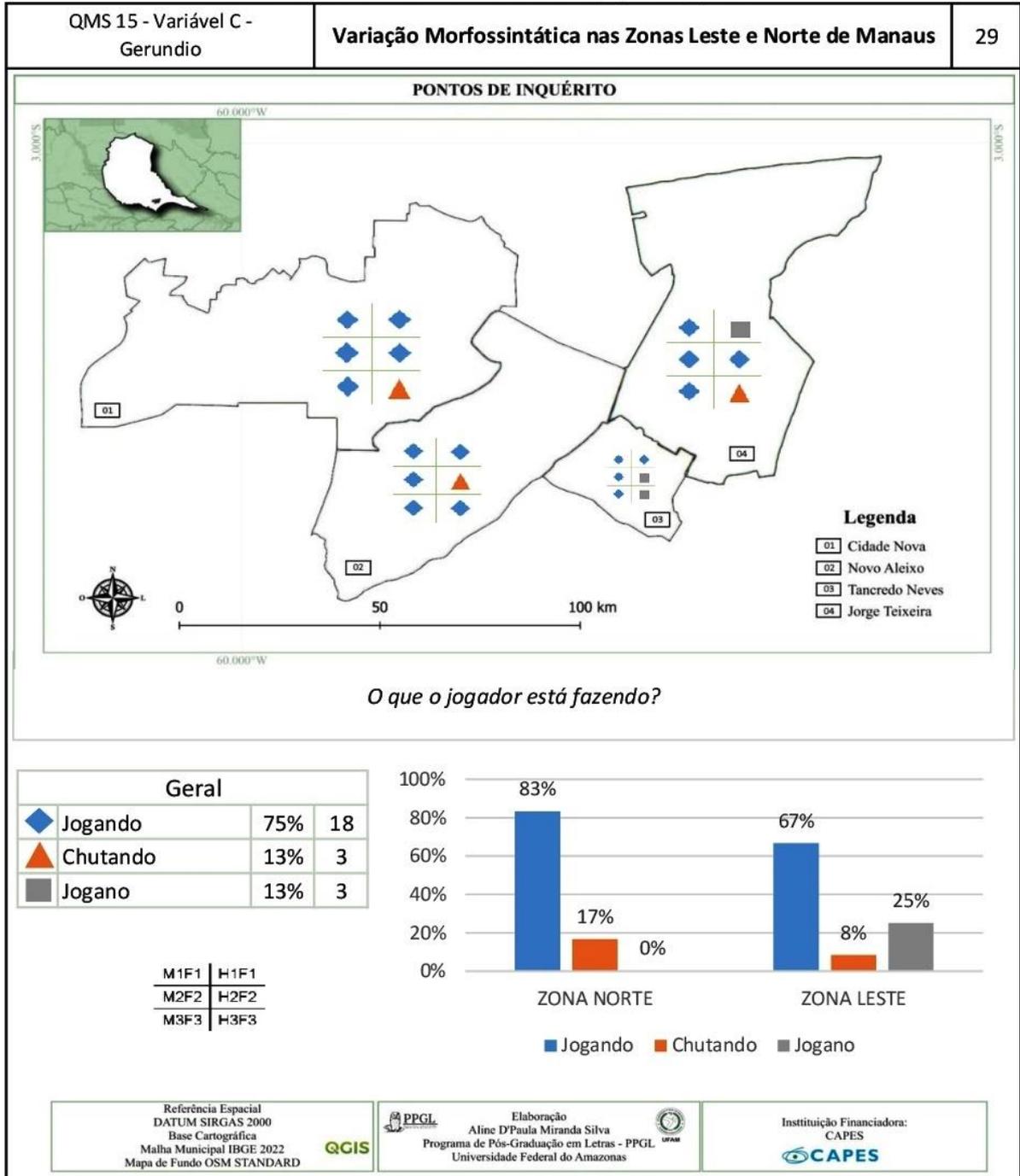
Carta Morfossintática 27 Variável (*andando*) por zona



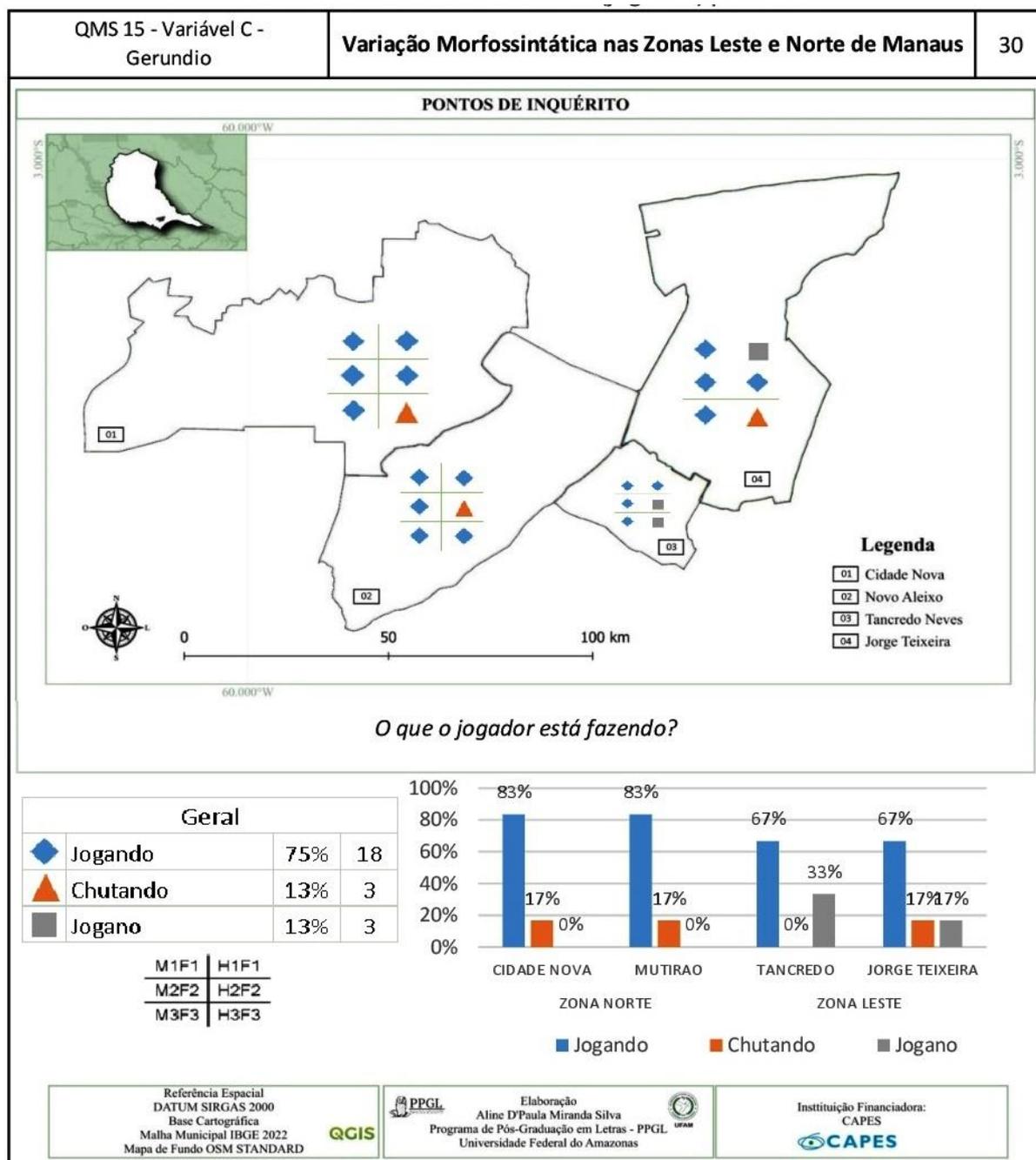
Carta Morfossintática 28 Variável (*andando*) por bairro



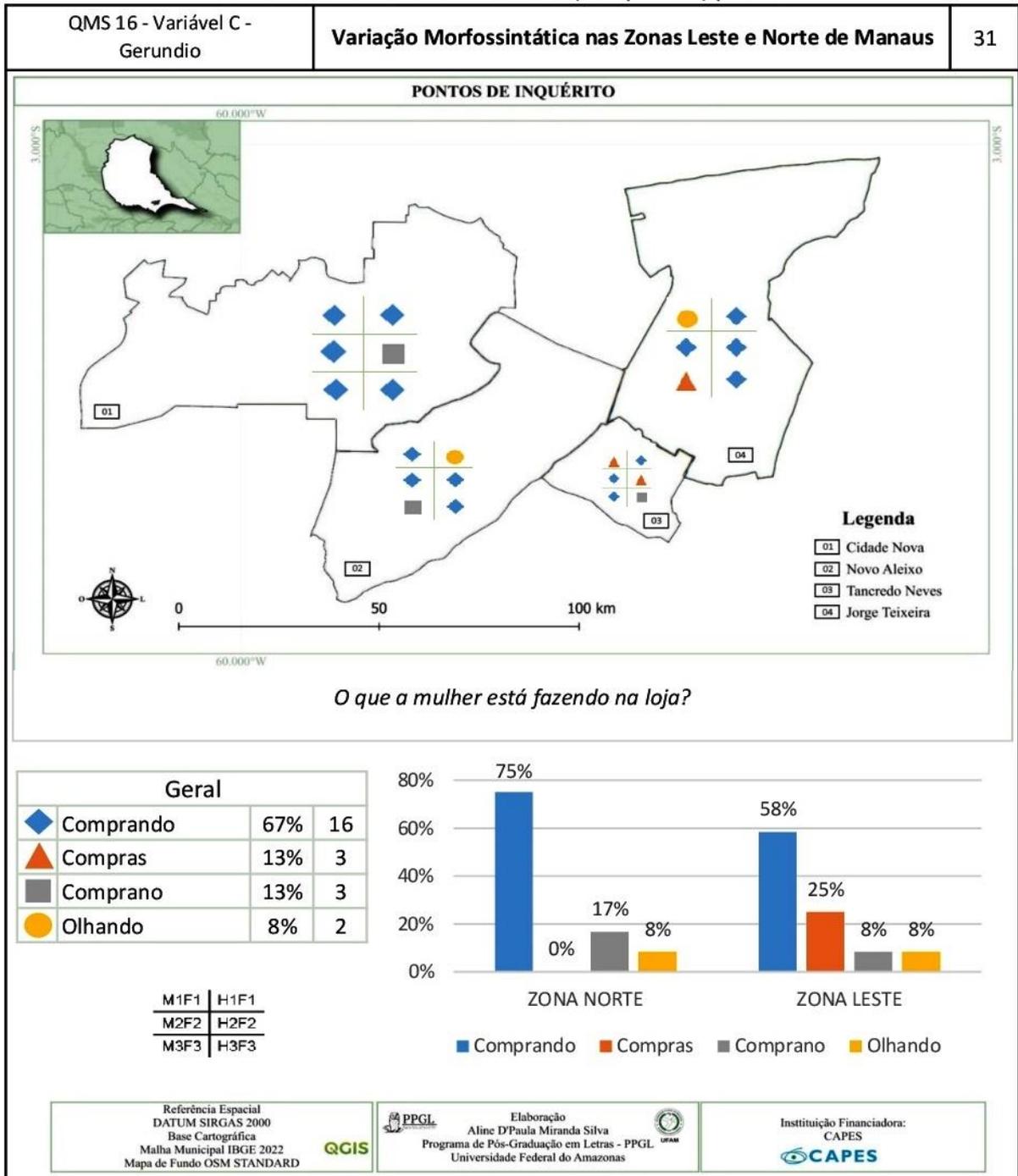
Carta Morfossintática 29 Variável (*jogando*) por zona



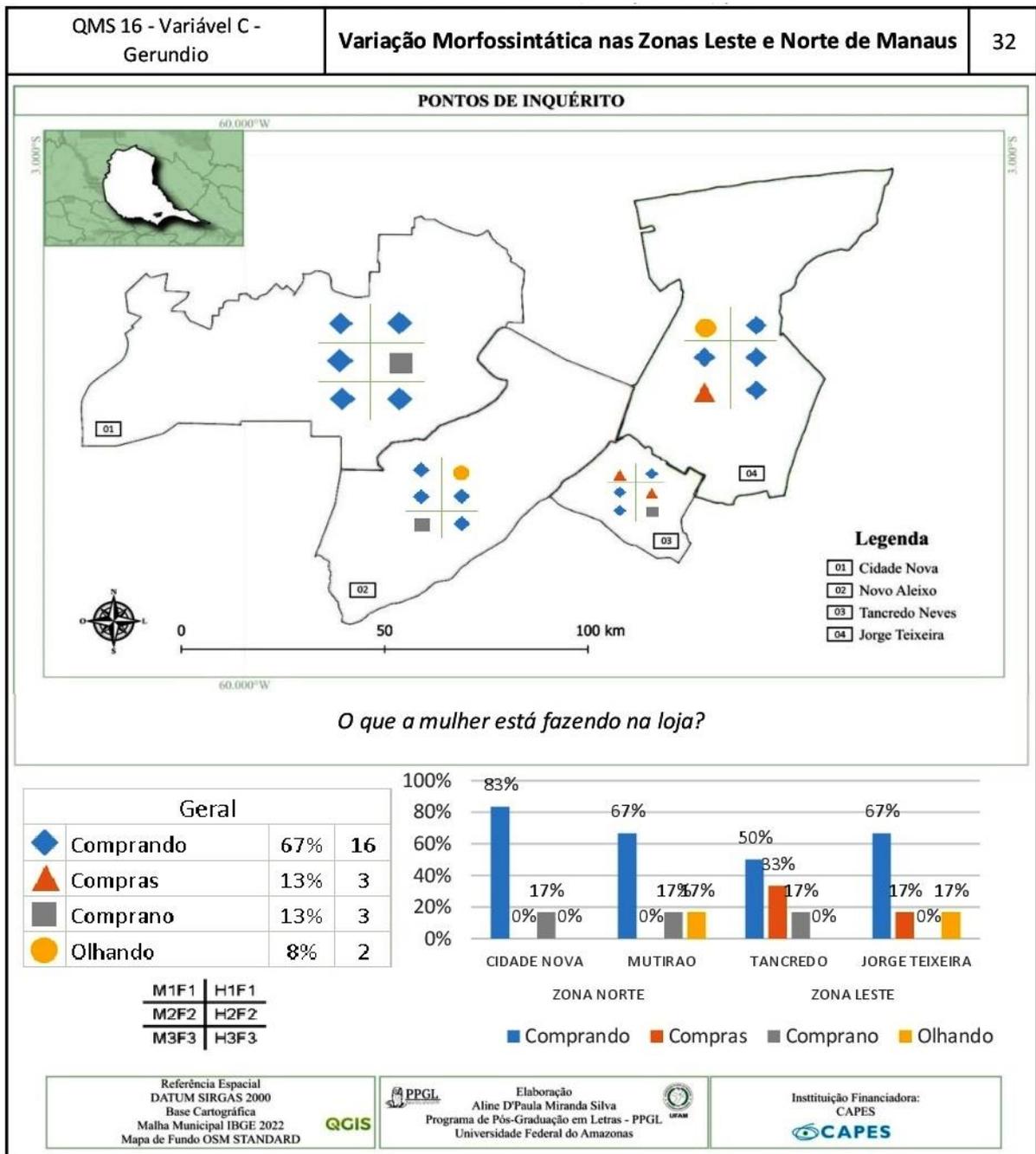
Carta Morfossintática 30 Variável (*jogando*) por bairro



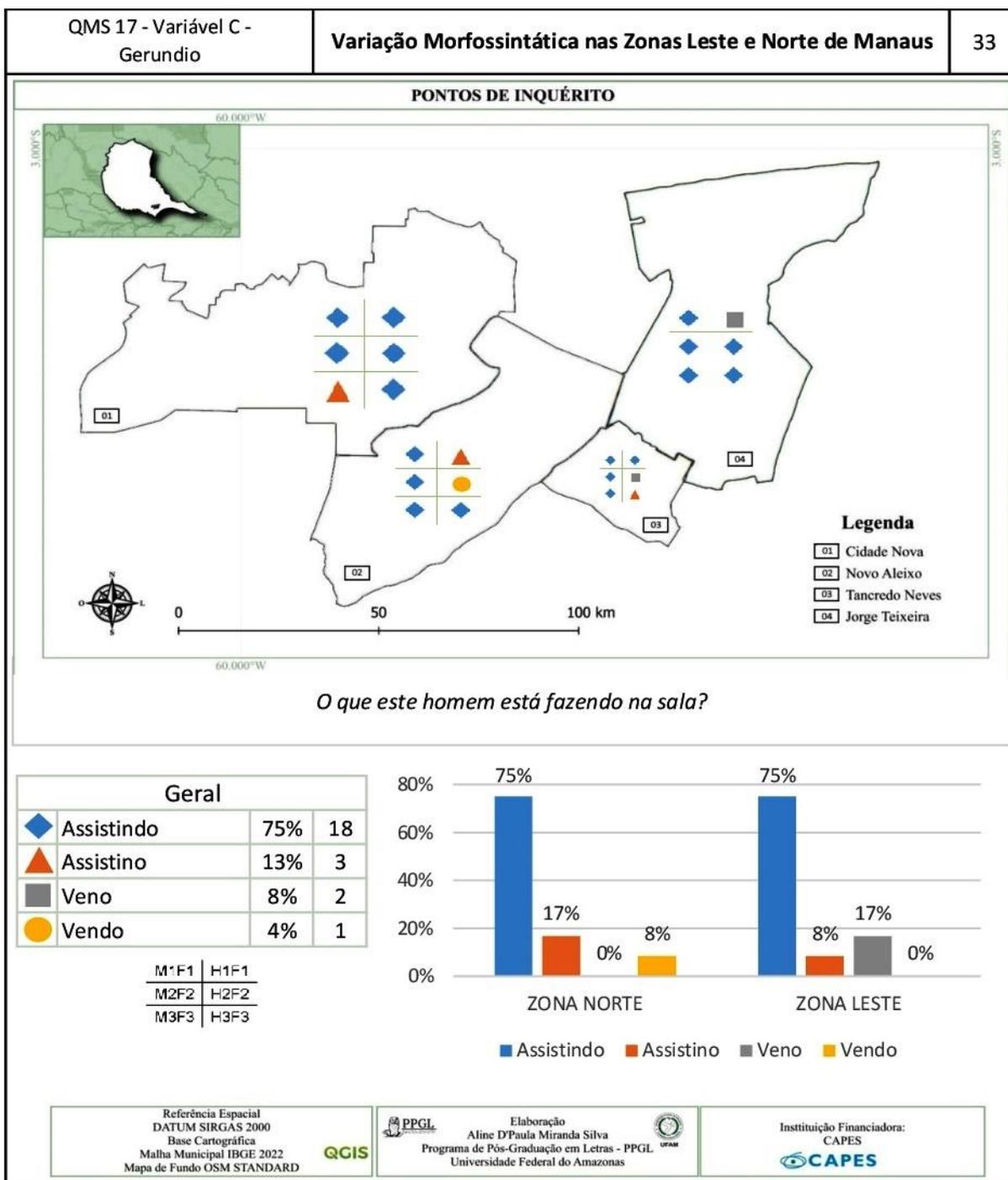
Carta Morfossintática 31 Variável (*comprando*) por zona



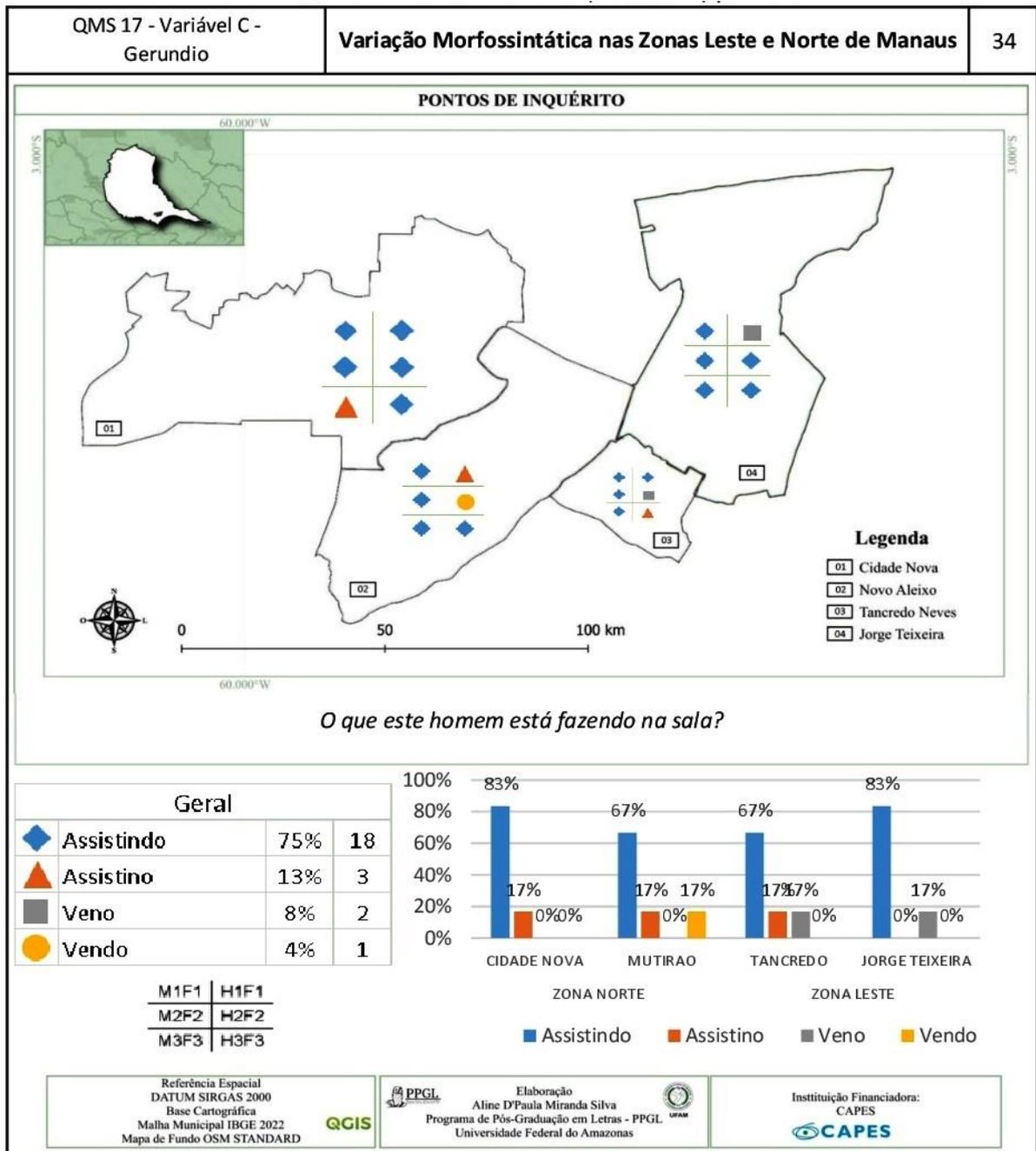
Carta Morfossintática 32 Variável (*comprando*) por bairro



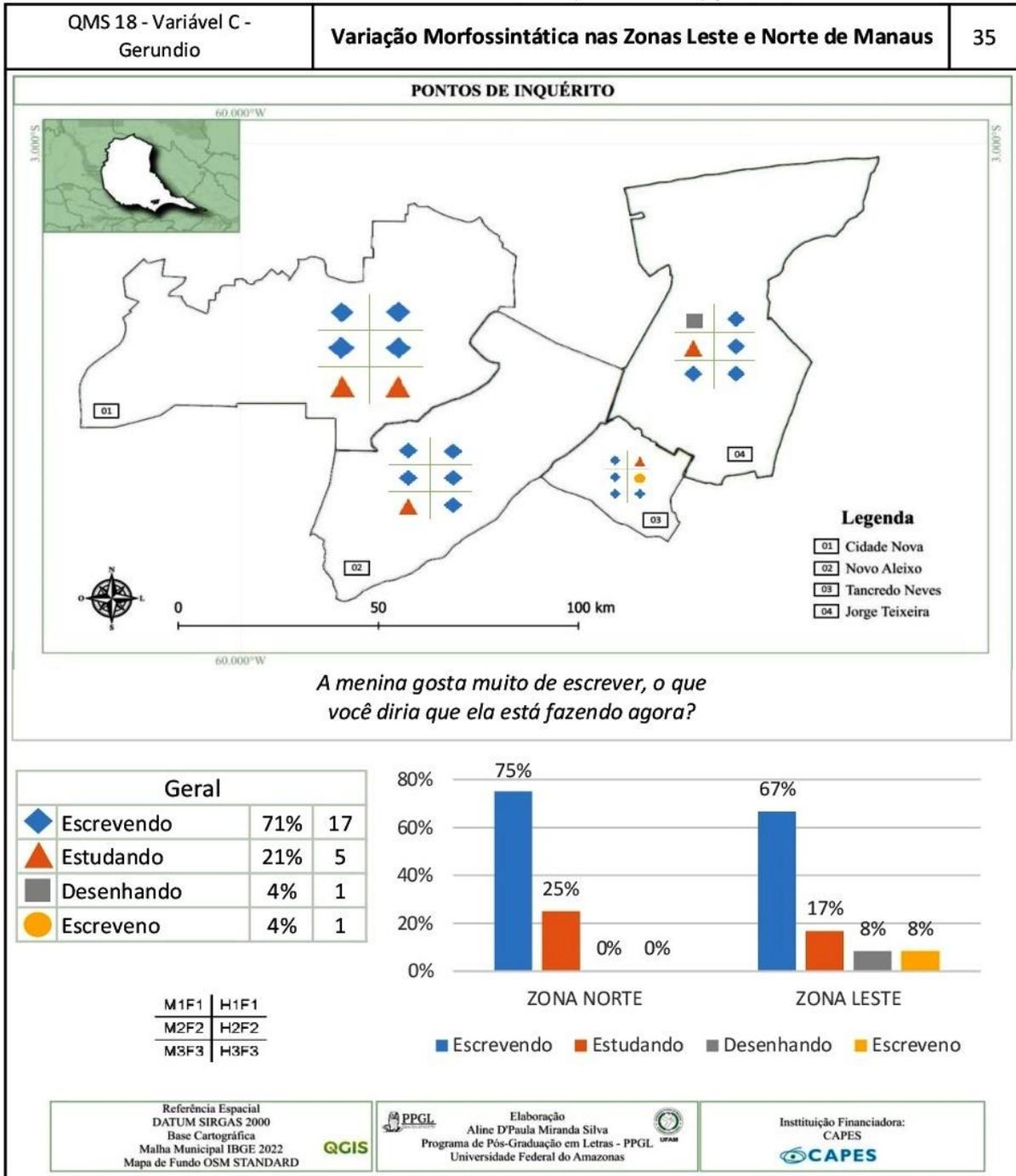
Carta Morfossintática 33 Variável (assistindo) por zona



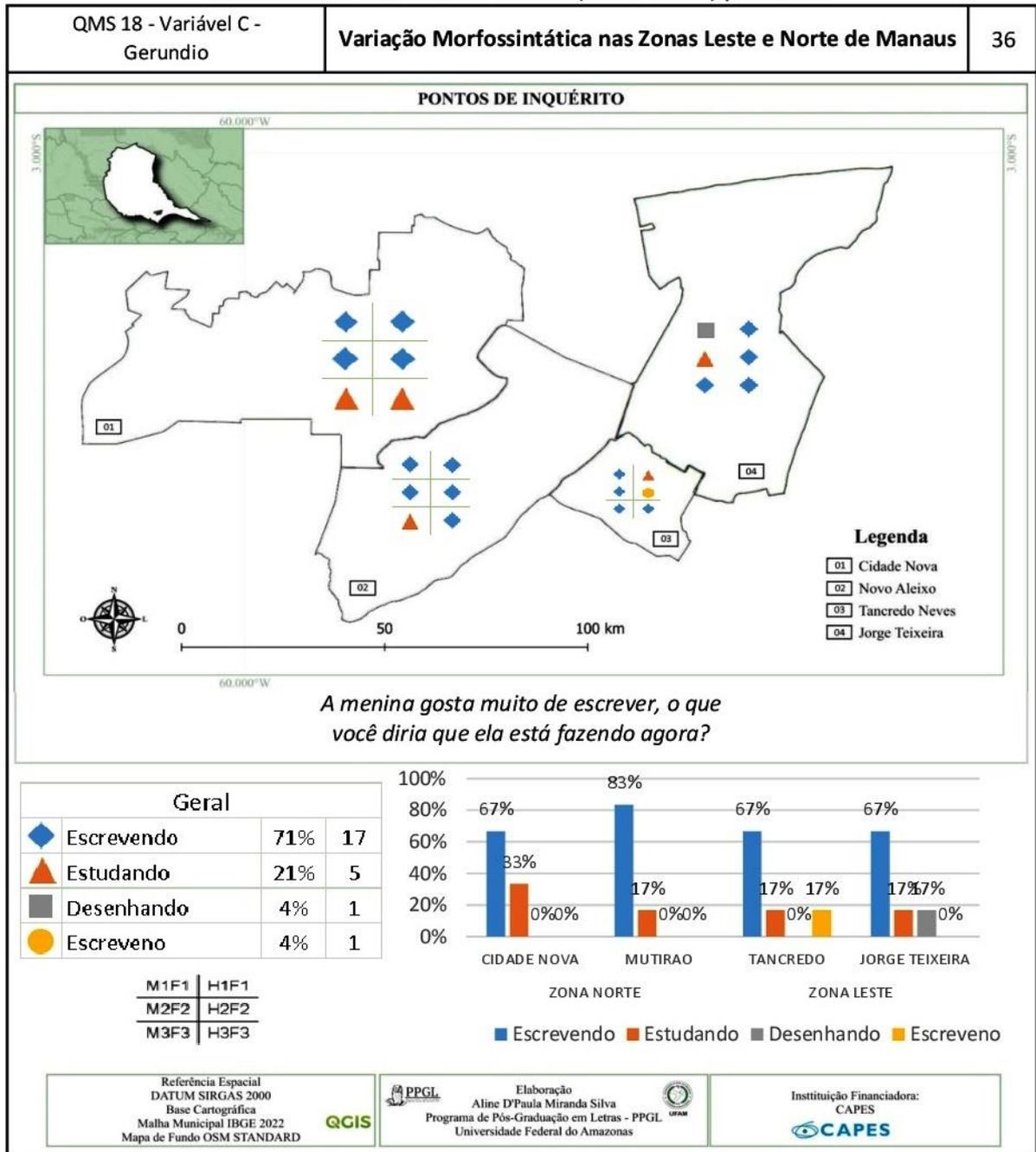
Carta Morfossintática 34 Variável (assistindo) por bairro



Carta Morfossintática 35 Variável (escrevendo) por zona

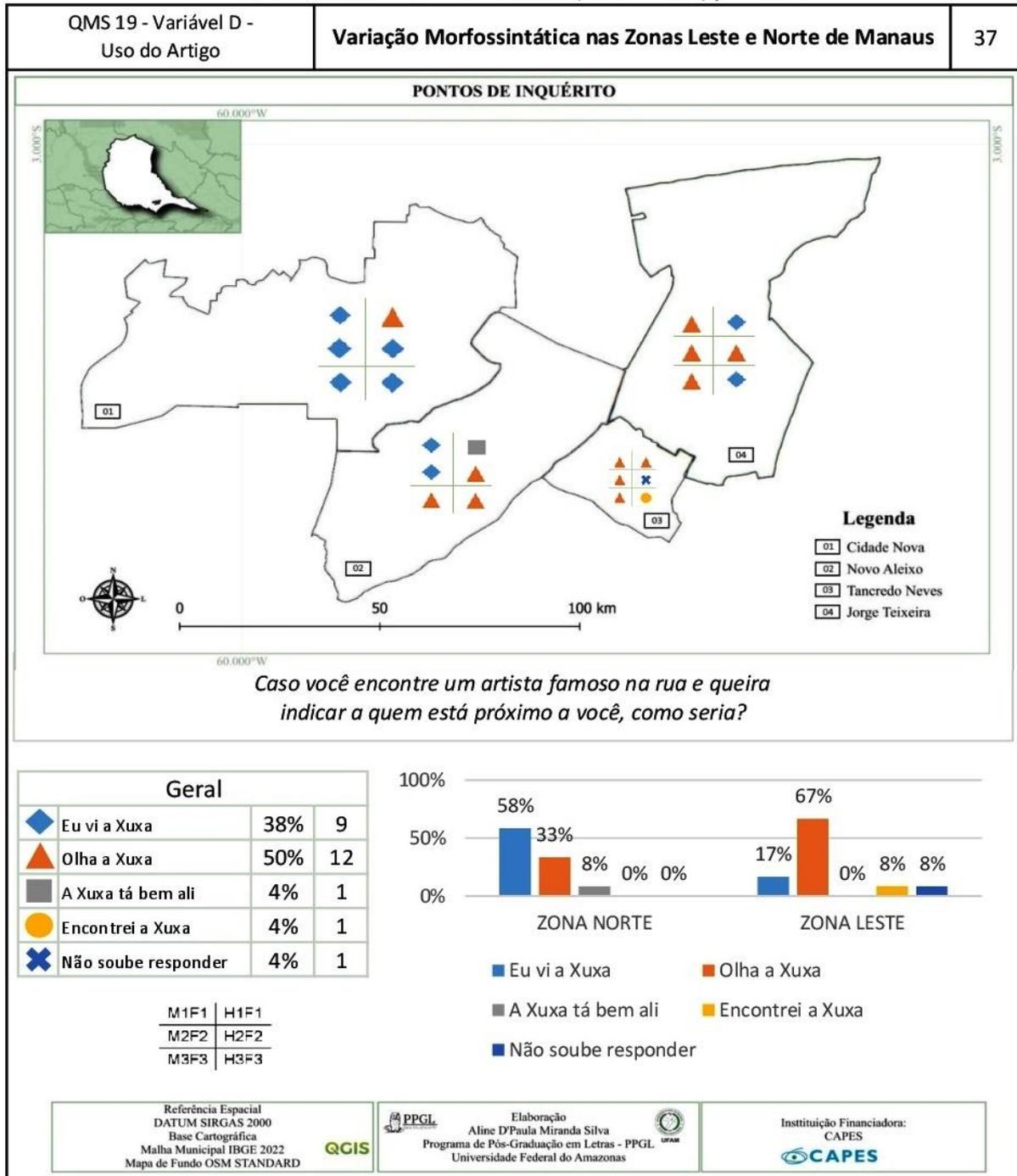


Carta Morfossintática 36 Variável (escrevendo) por bairro

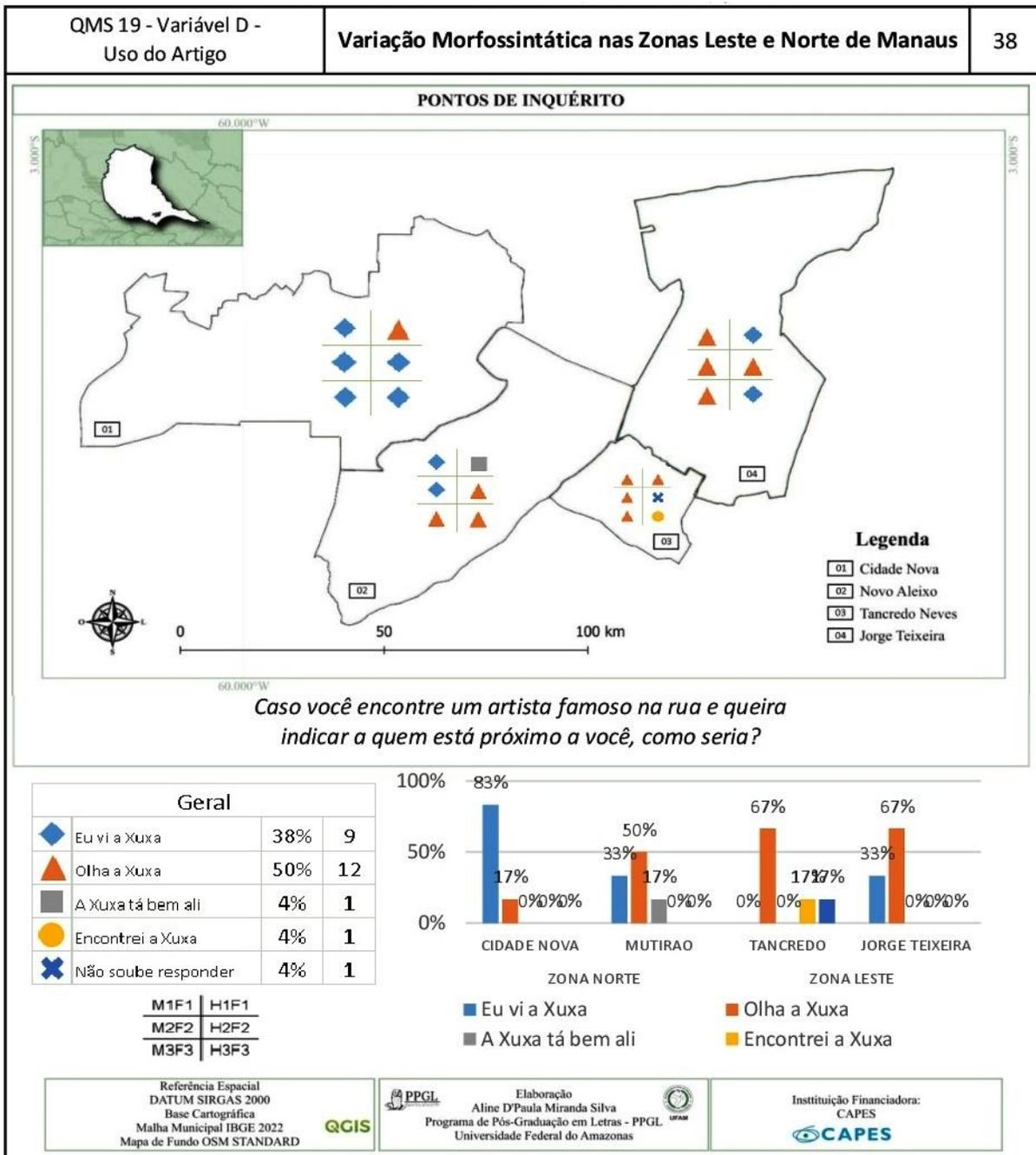


4 Uso do artigo

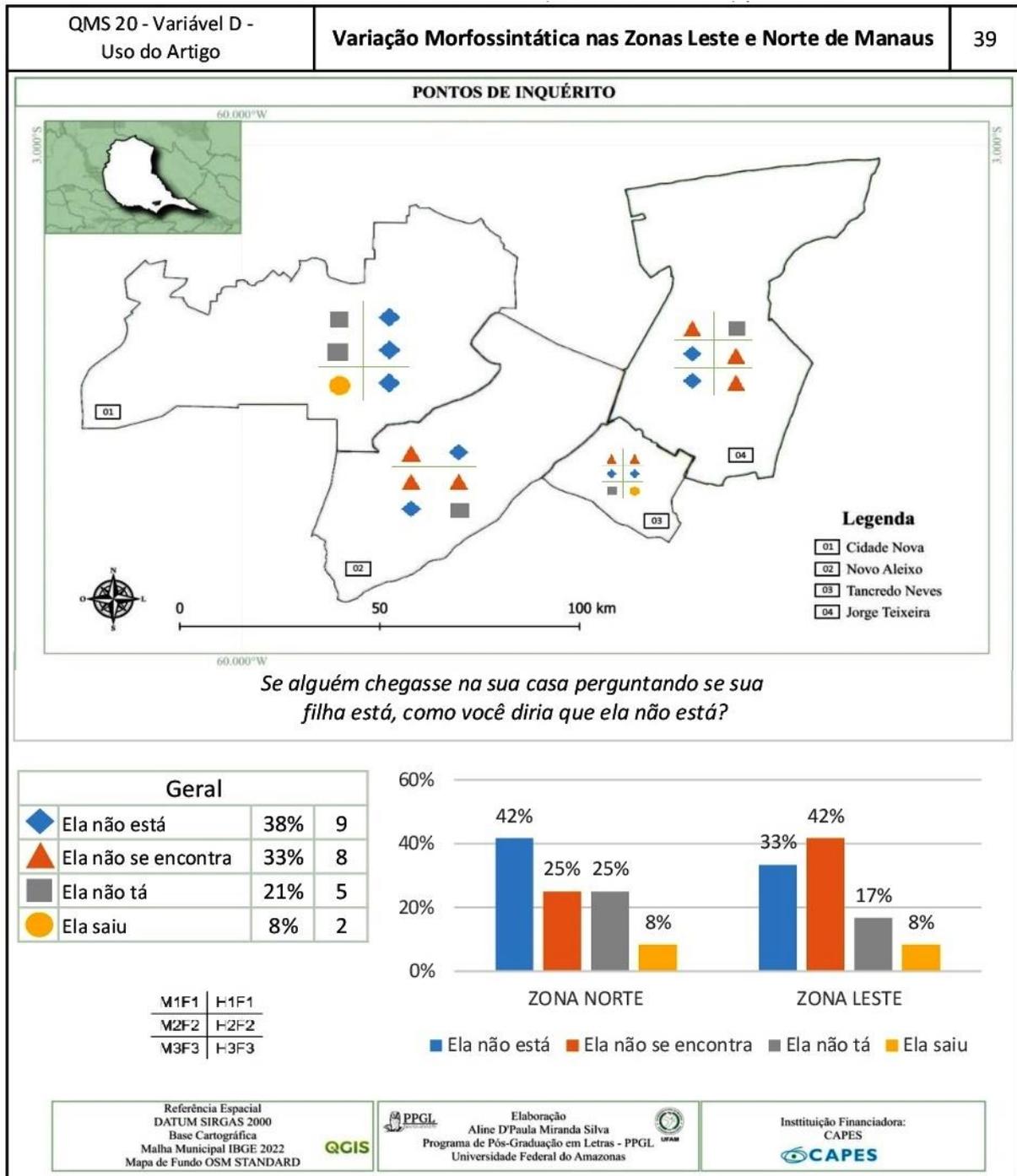
Carta Morfossintática 37 Variável (eu vi a fulana) por zona



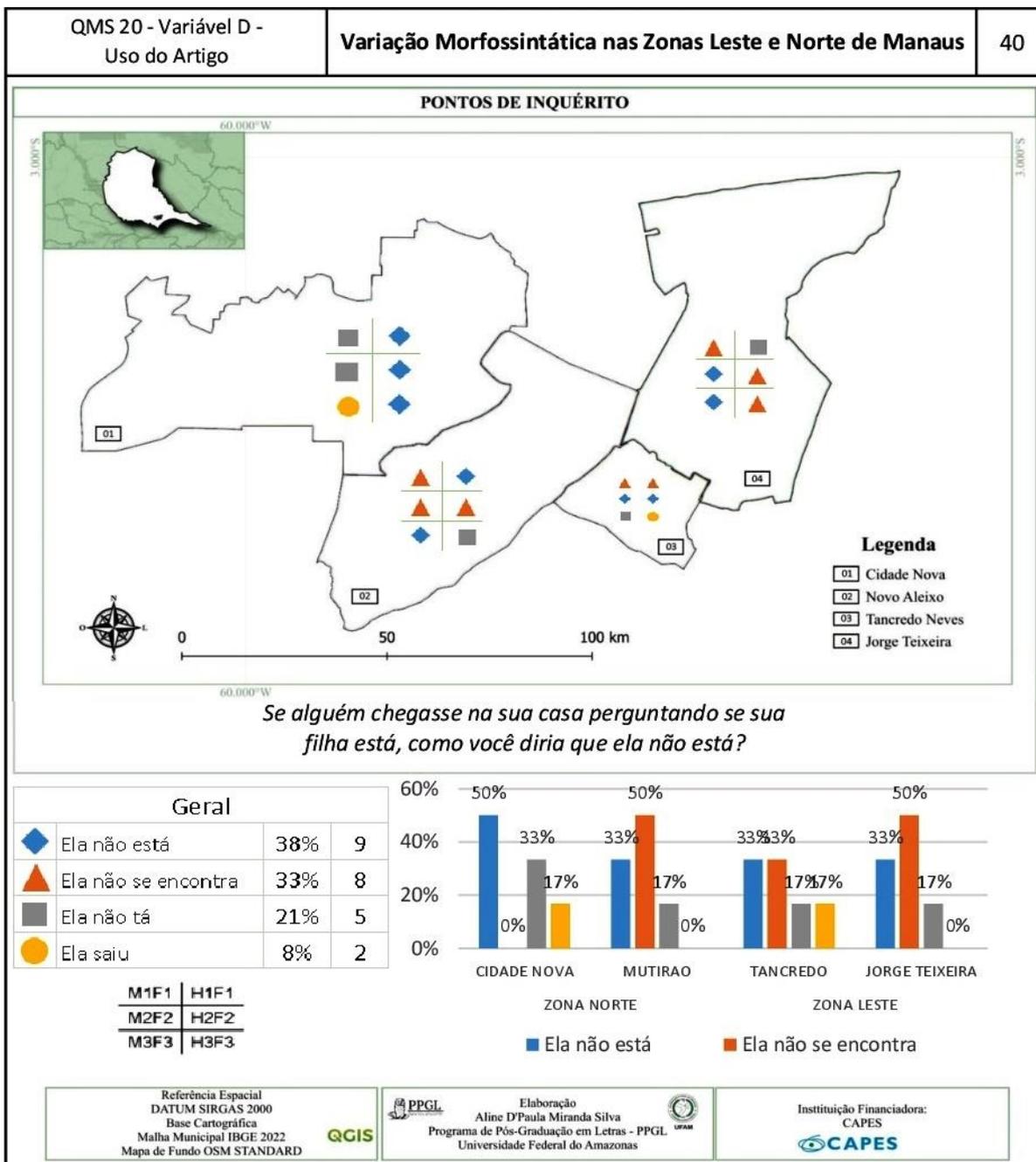
Carta Morfossintática 38 Variável (eu vi a fulana) por bairro



Carta Morfossintática 39 Variável (ela não está) por zona

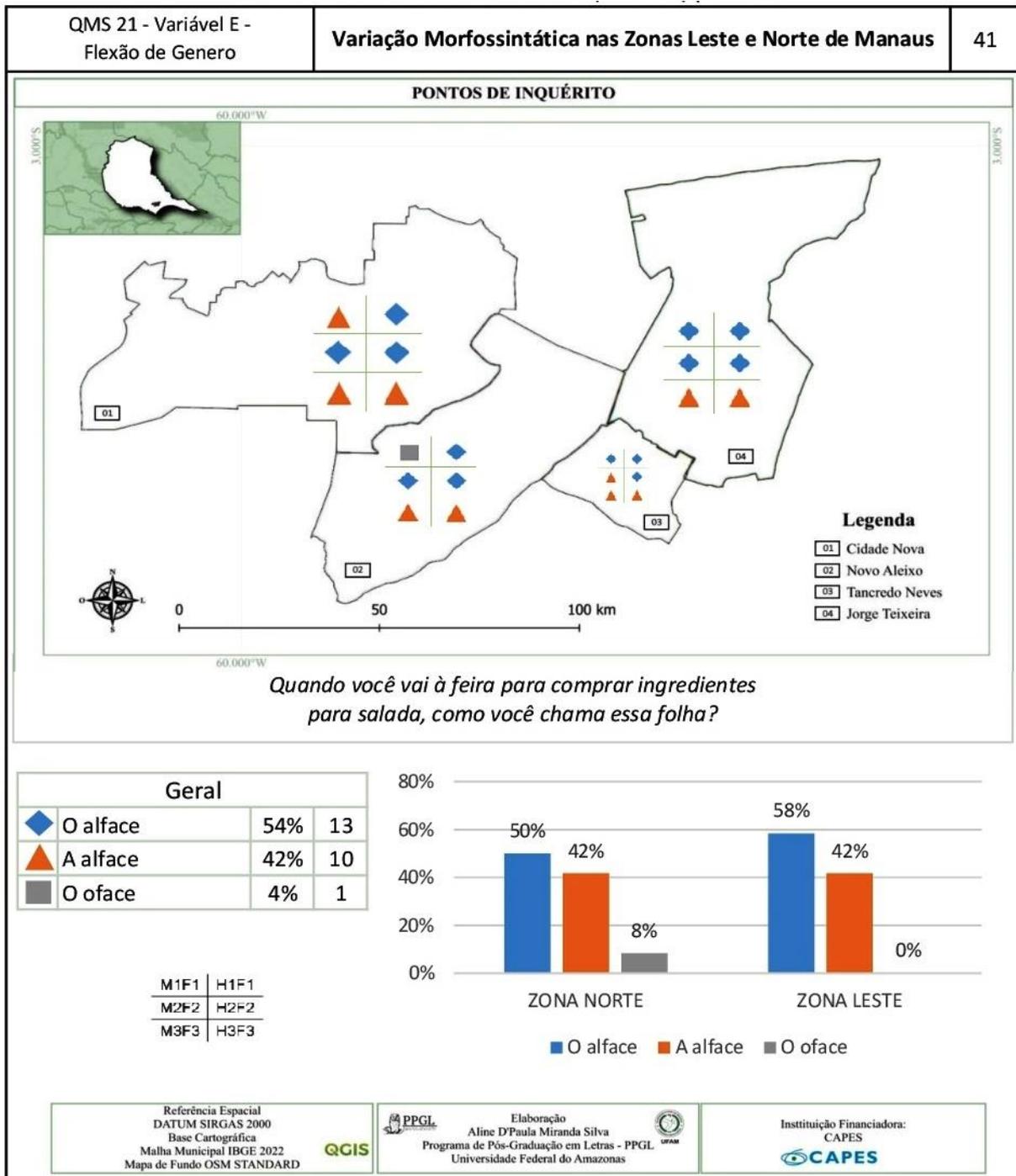


Carta Morfossintática 40 Variável (ela não está) por bairro

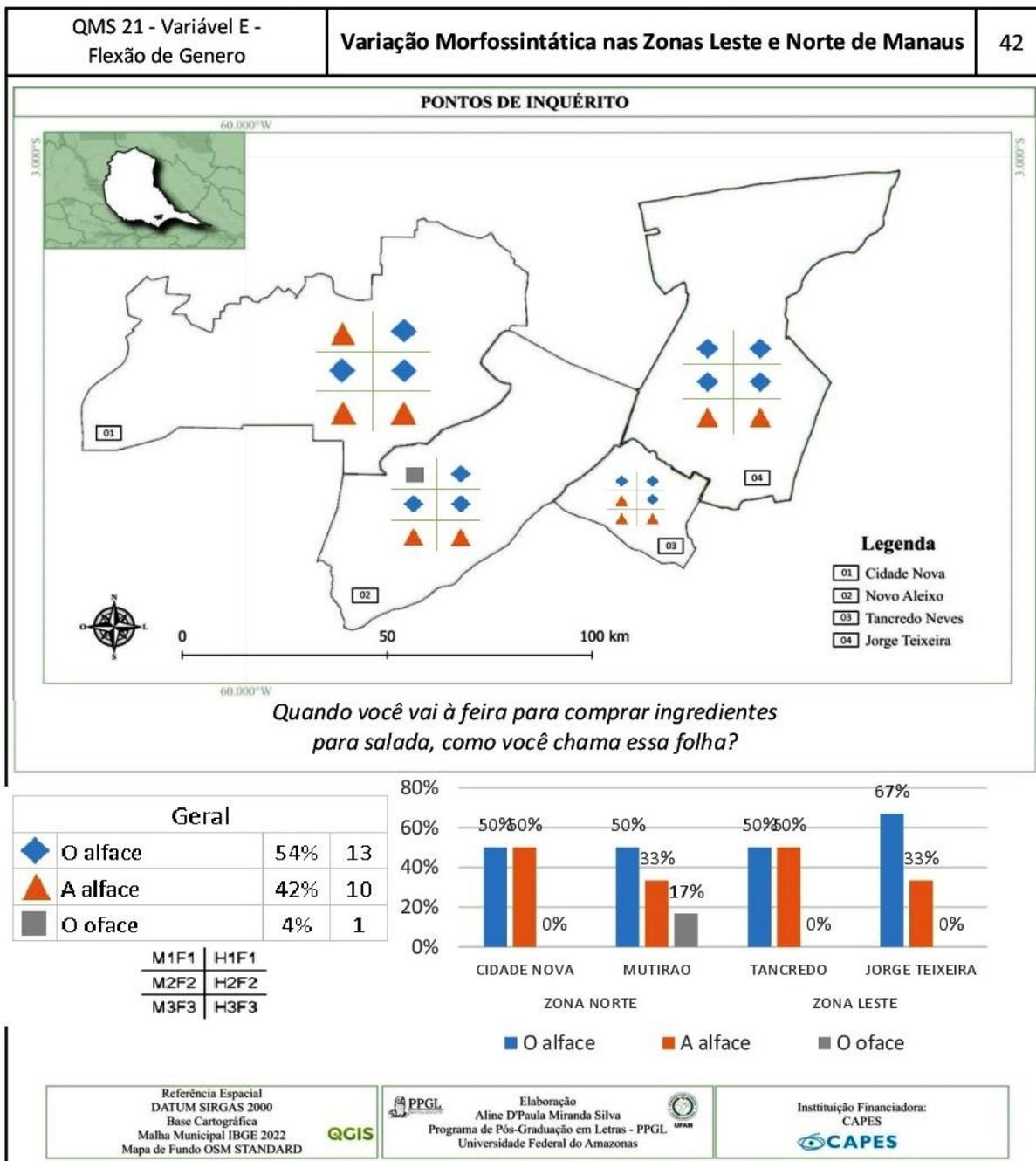


5 Flexão de gênero

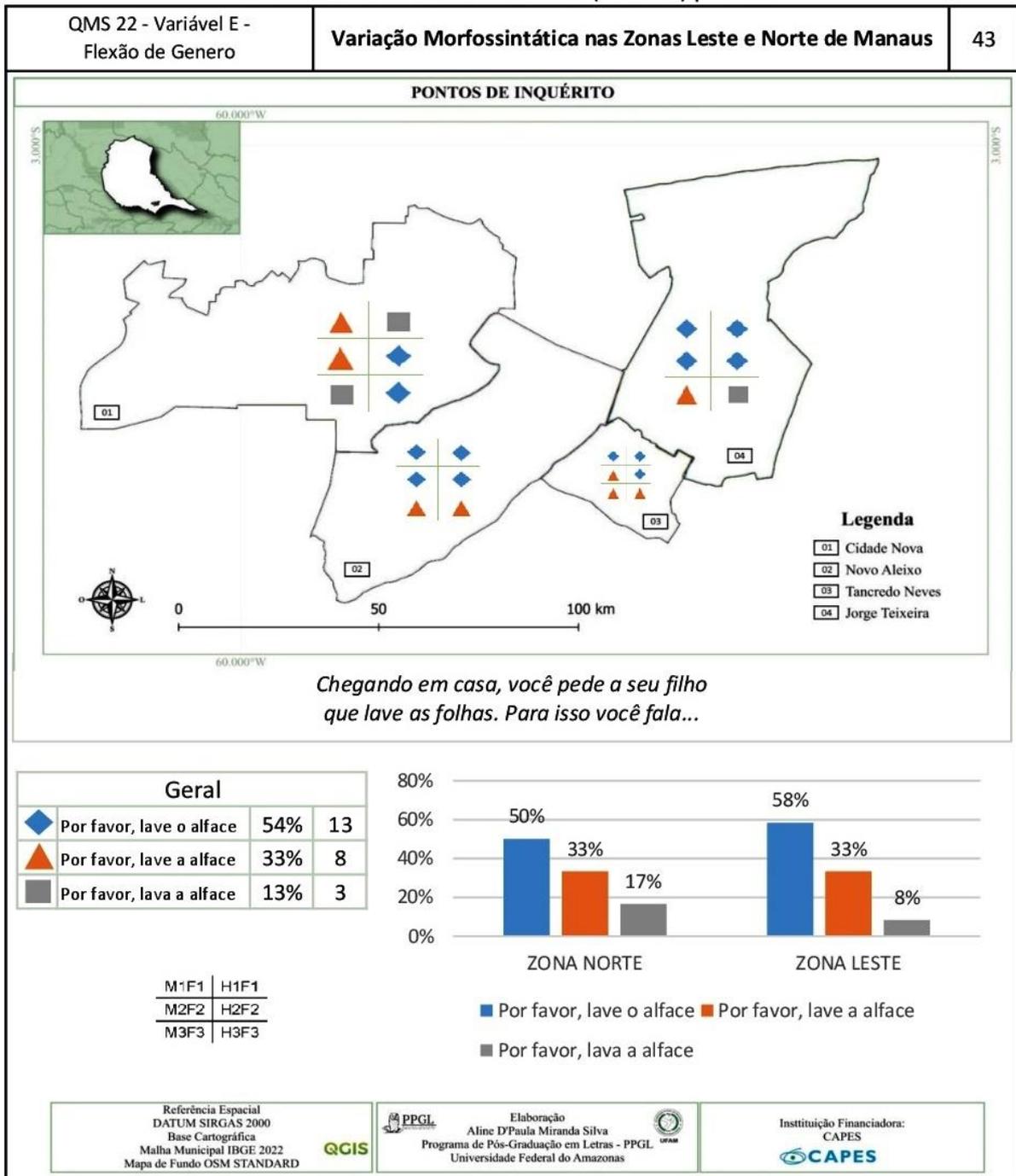
Carta Morfossintática 41 Variável (*alface*) por zona



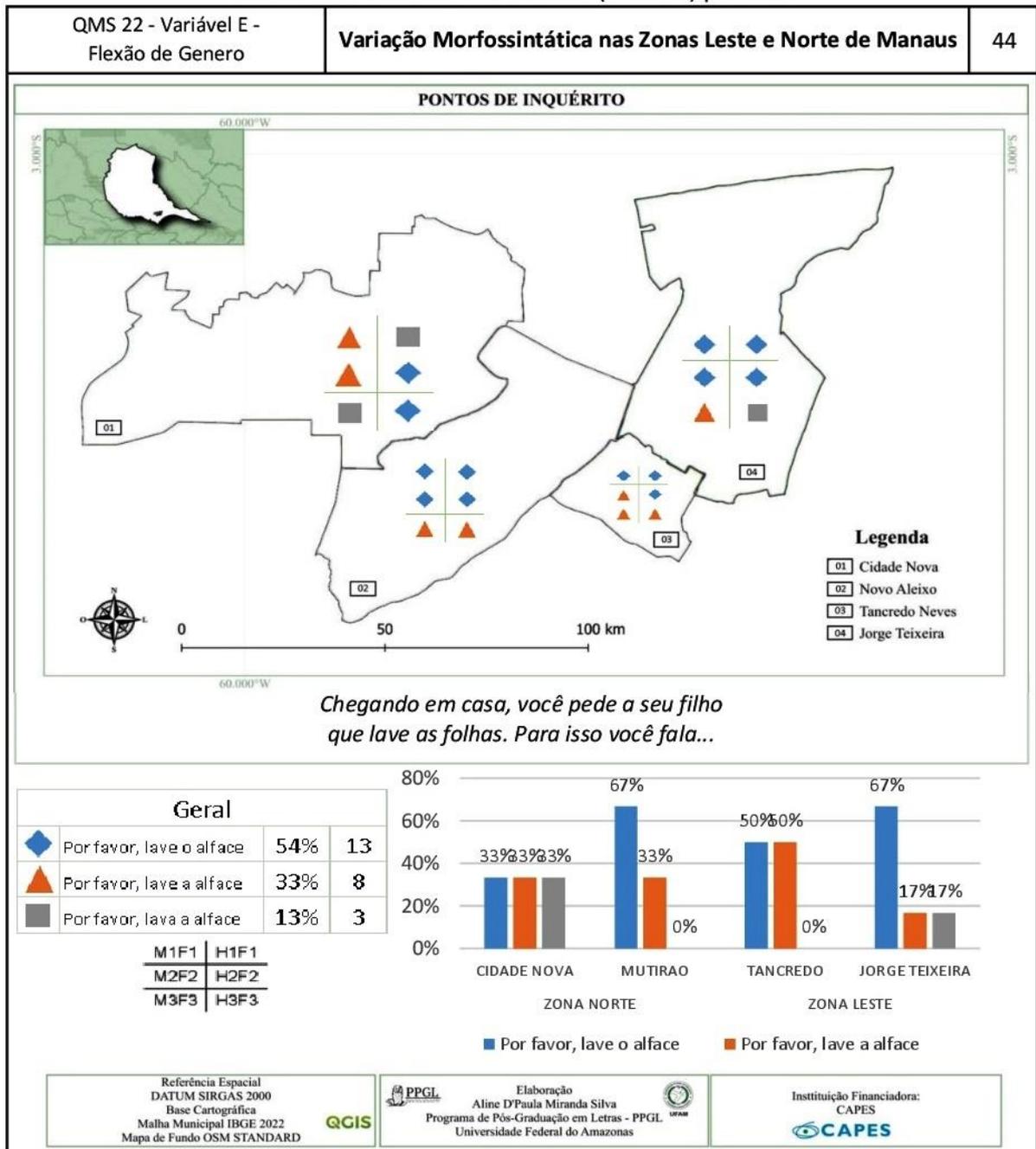
Carta Morfossintática 42 Variável (*alface*) por bairro



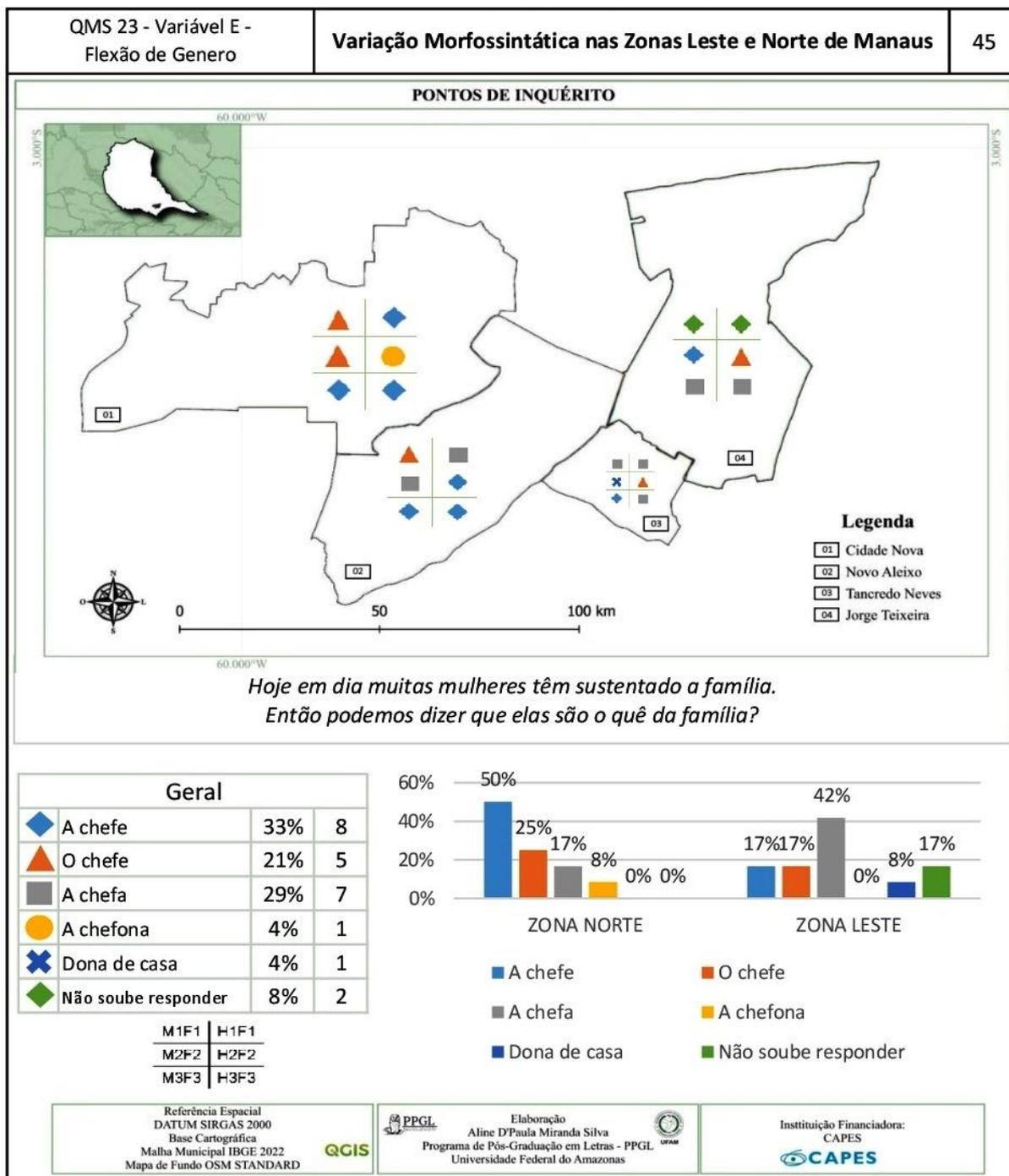
Carta Morfossintática 43 Variável (*lave o~a alface*) por zona



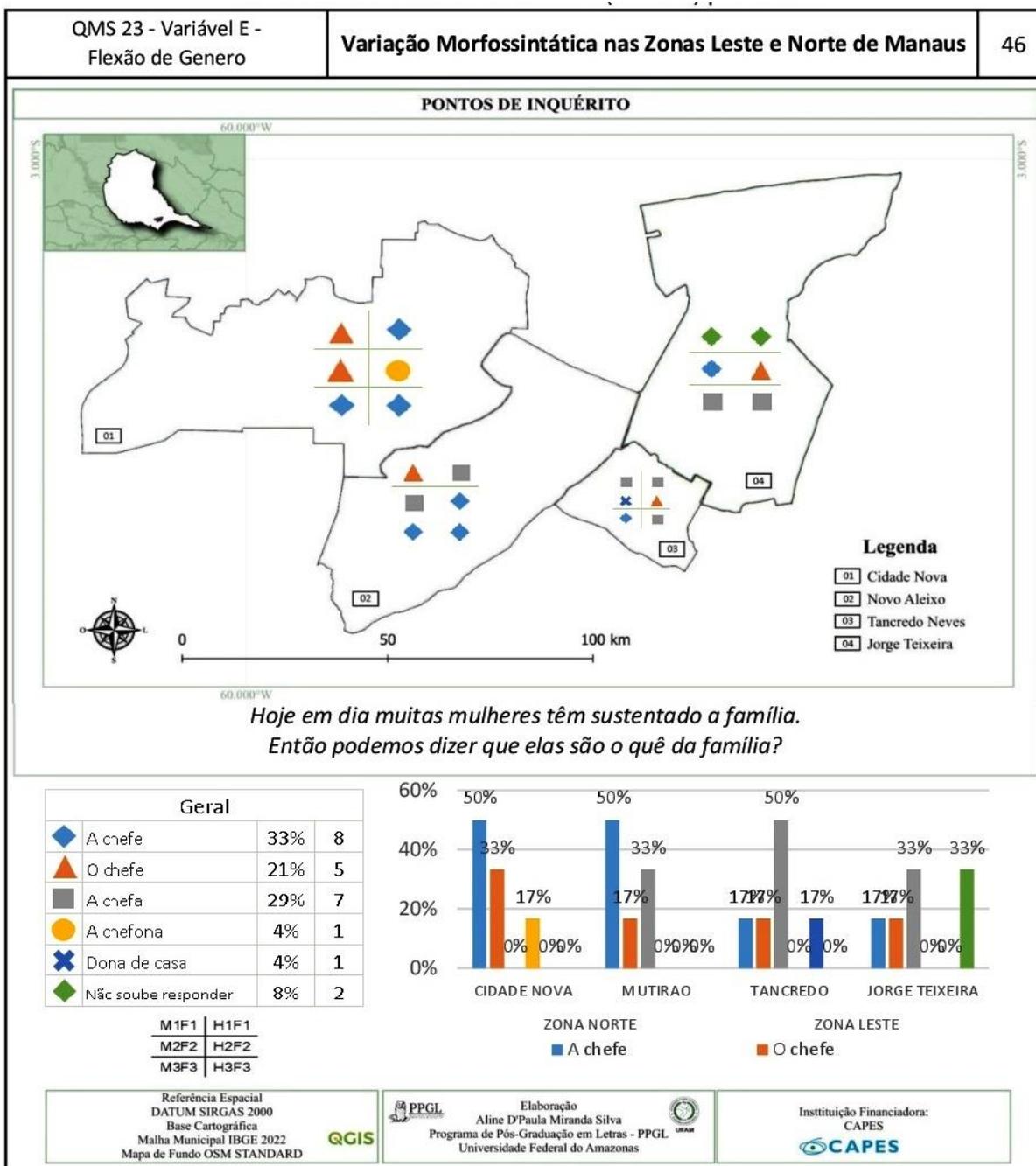
Carta Morfossintática 44 Variável (lave o~a alface) por bairro



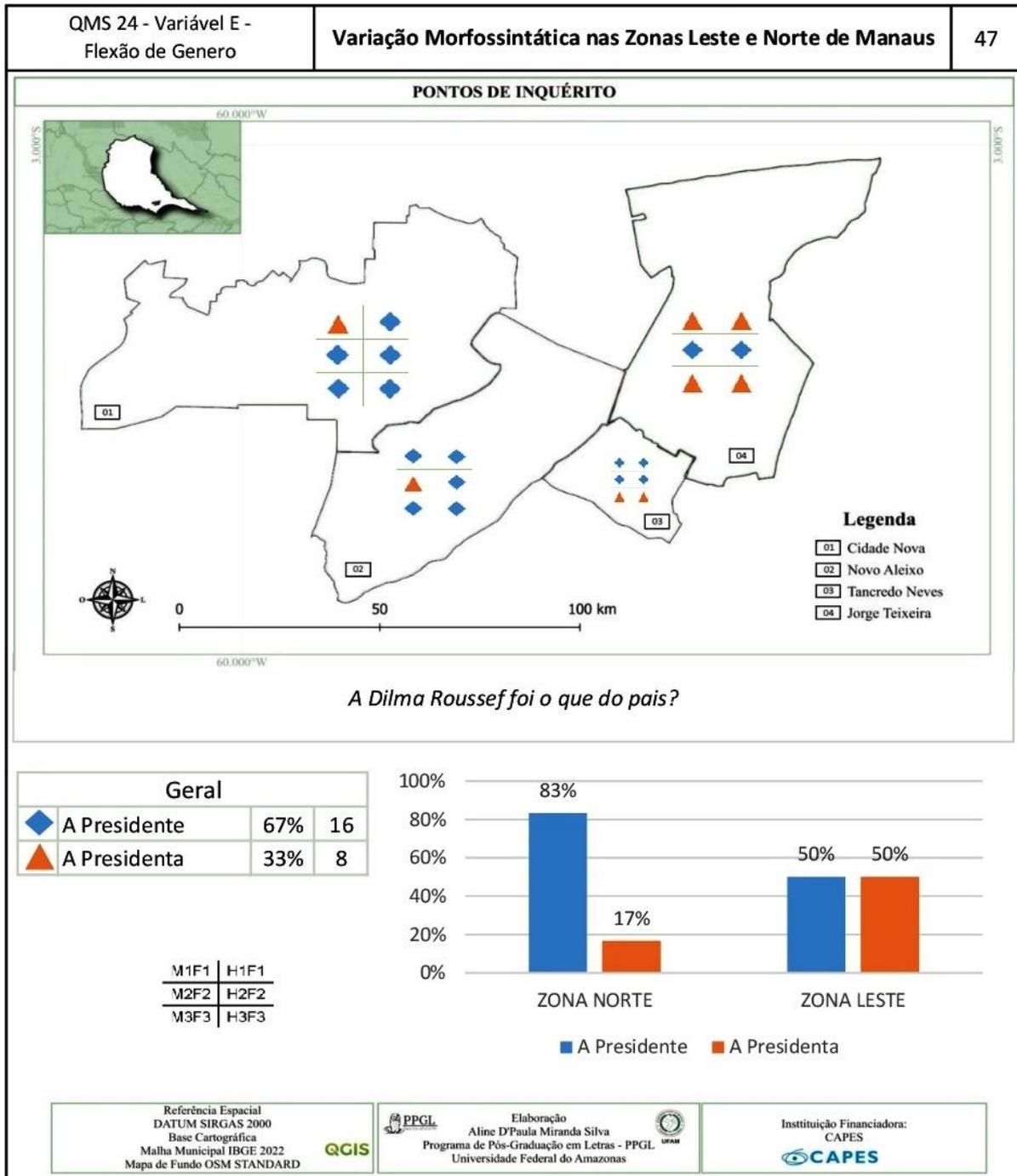
Carta Morfossintática 45 Variável (chefe) por zona



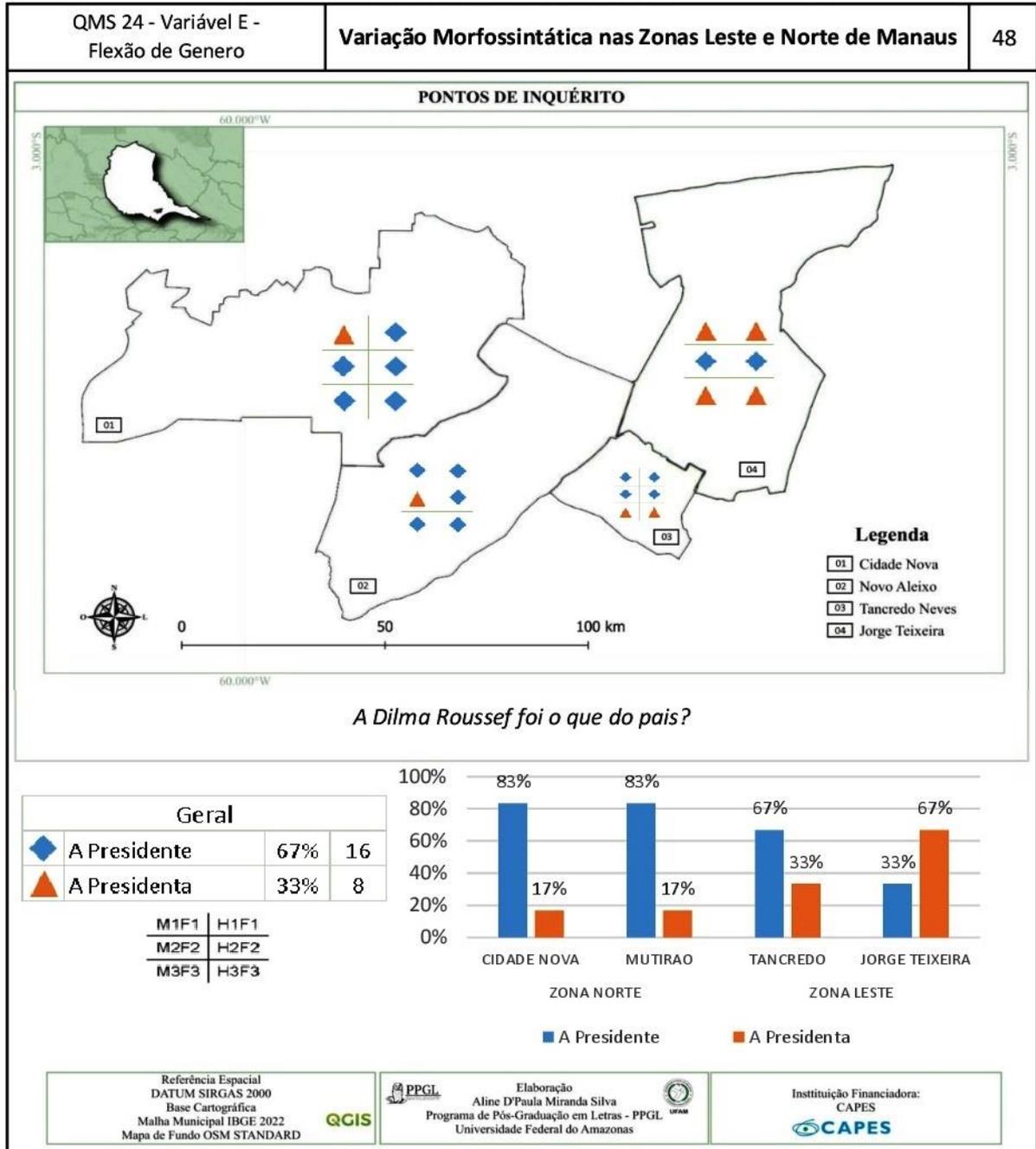
Carta Morfossintática 46 Variável (*chefe*) por bairro



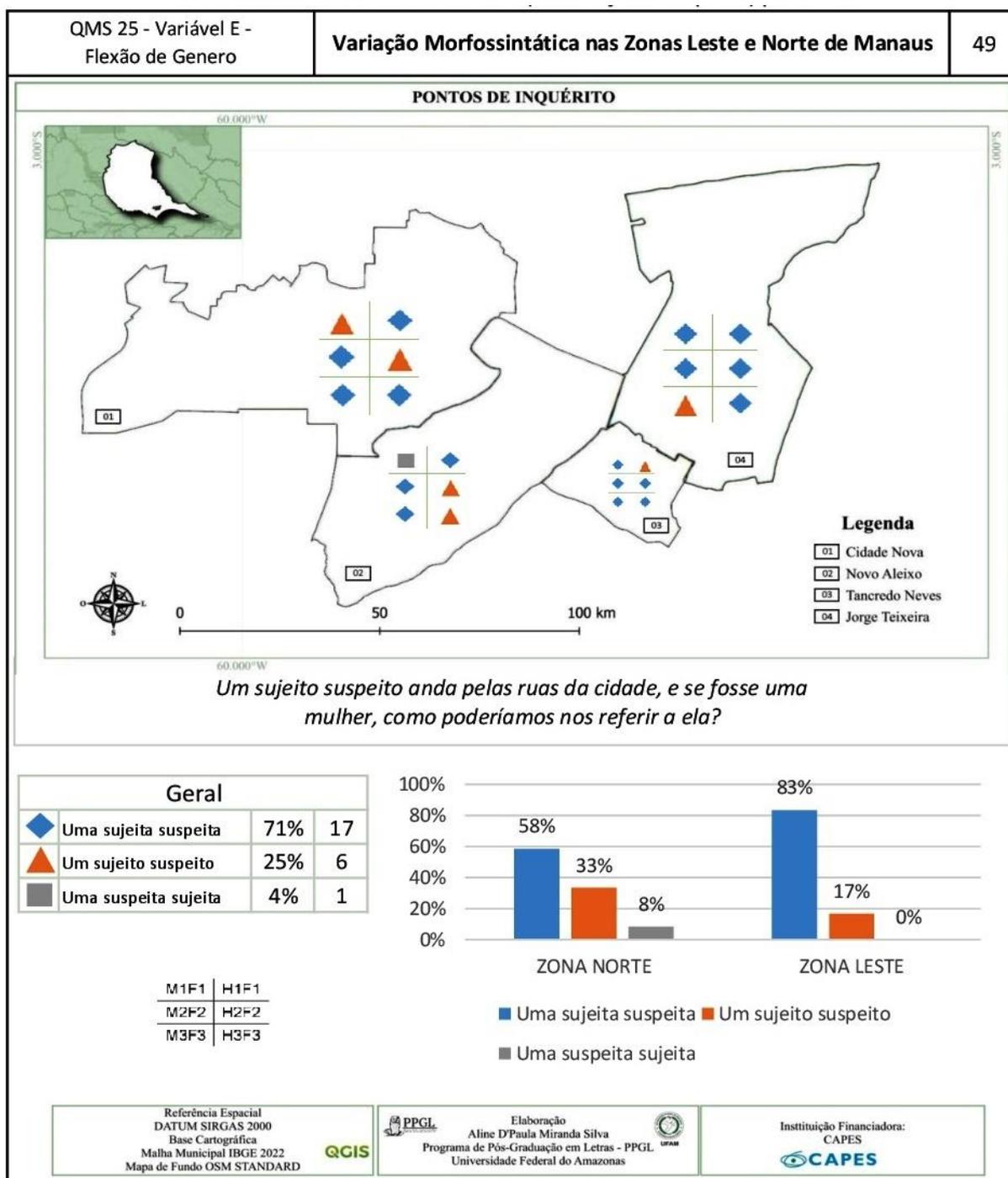
Carta Morfossintática 47 Variável (presidente) por zona



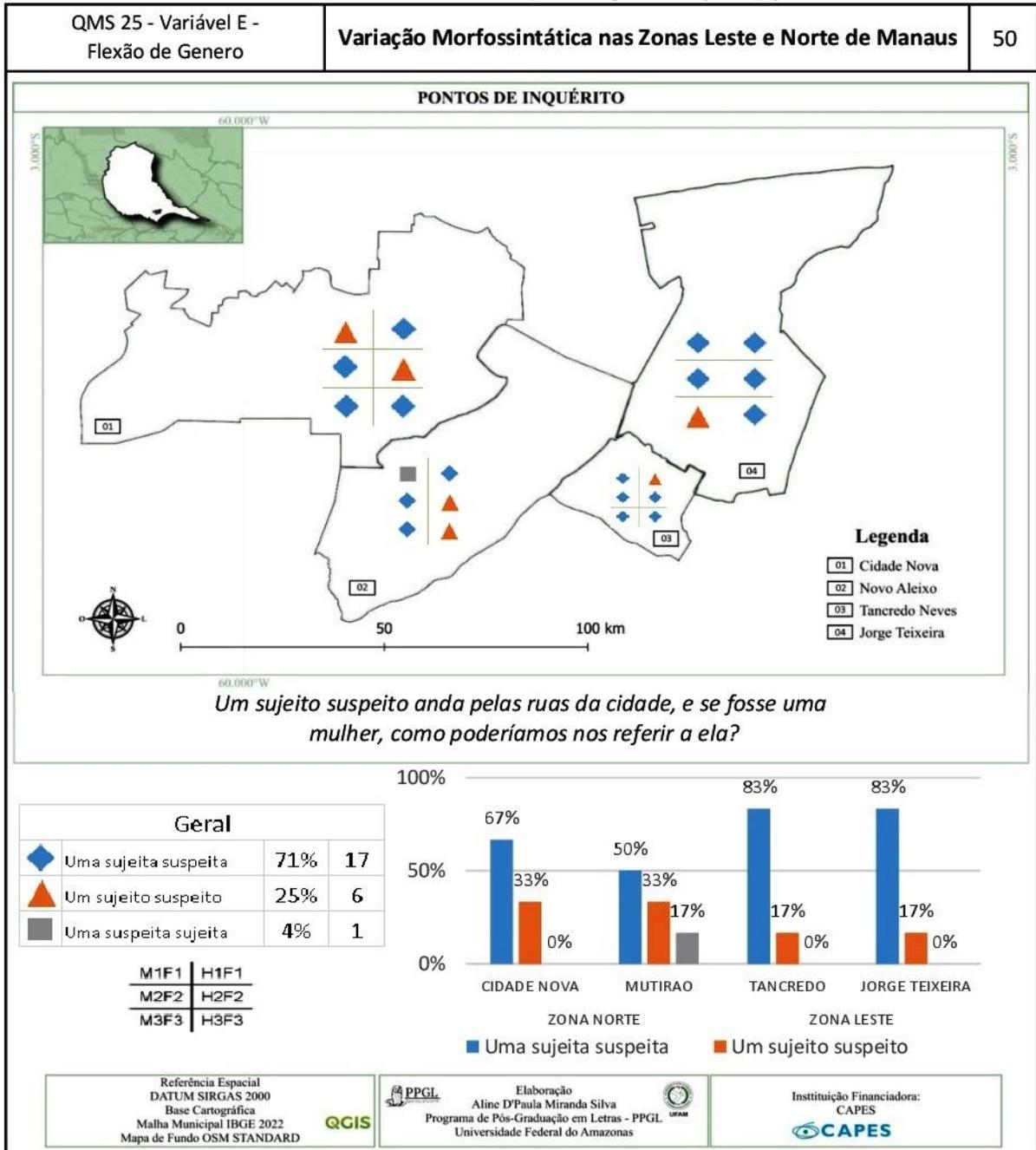
Carta Morfossintática 48 Variável (presidente) por bairro



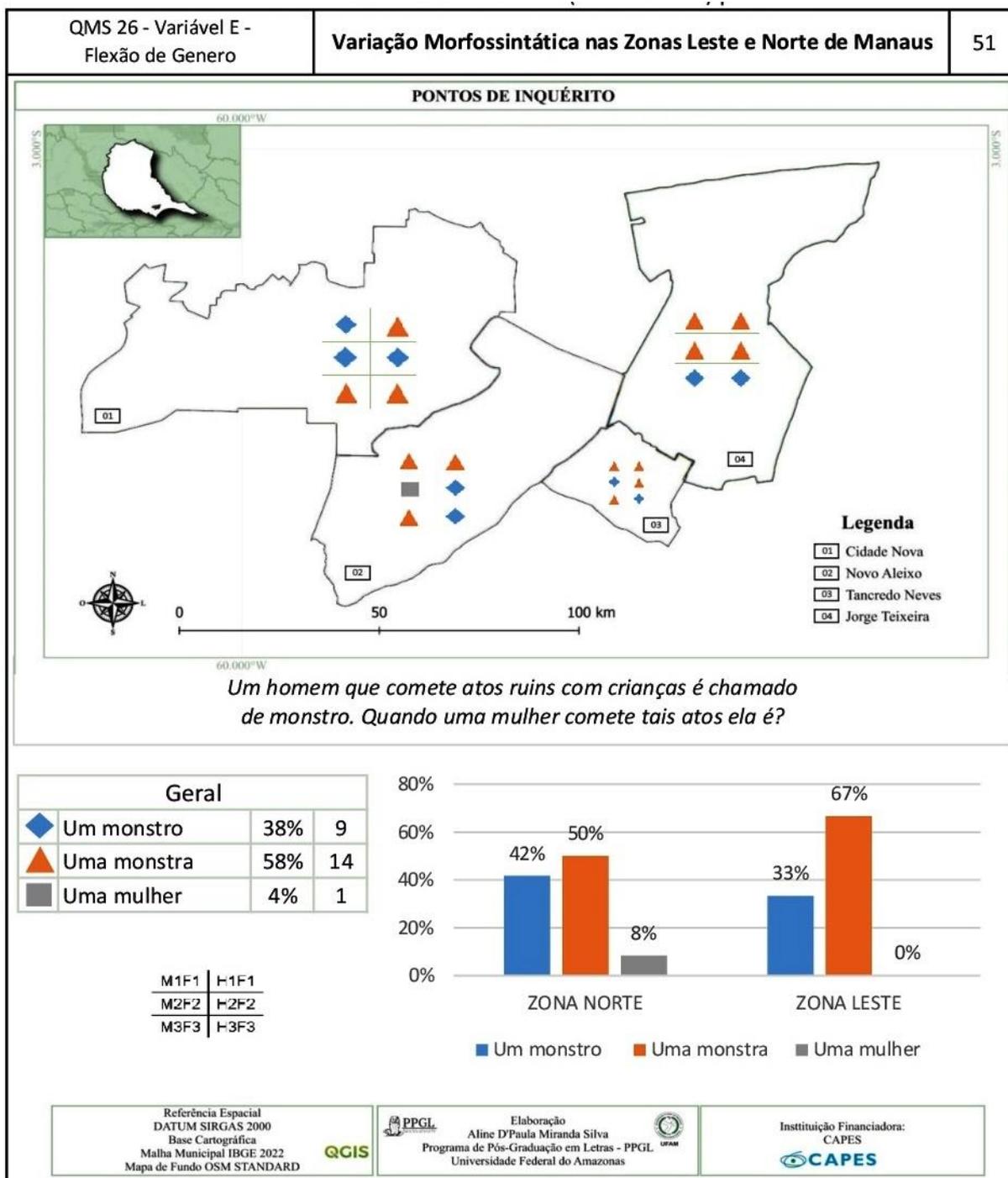
Carta Morfossintática 49 Variável (*um sujeito suspeito*) por zona



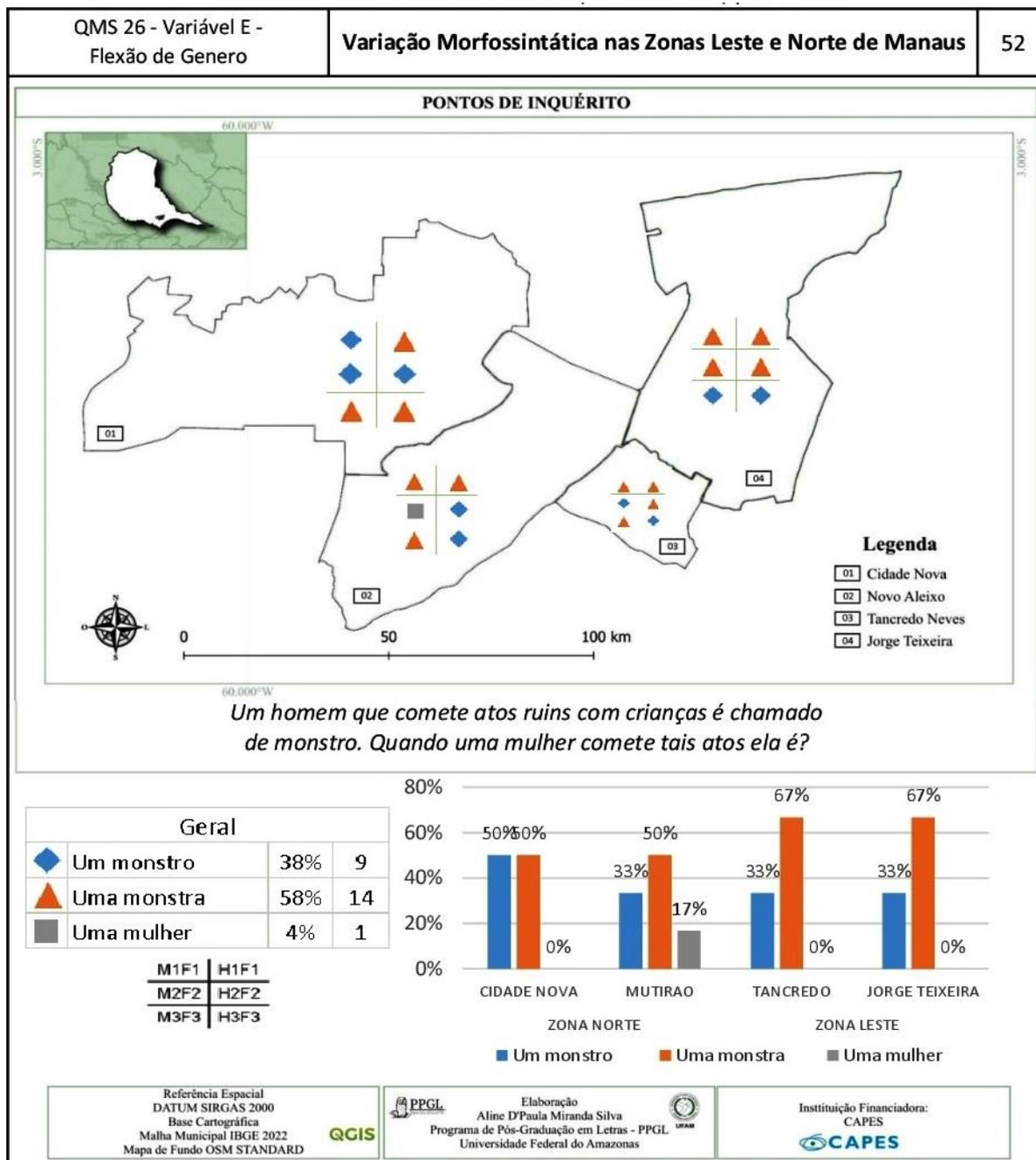
Carta Morfossintática 50 Variável (*um sujeito suspeito*) por bairro



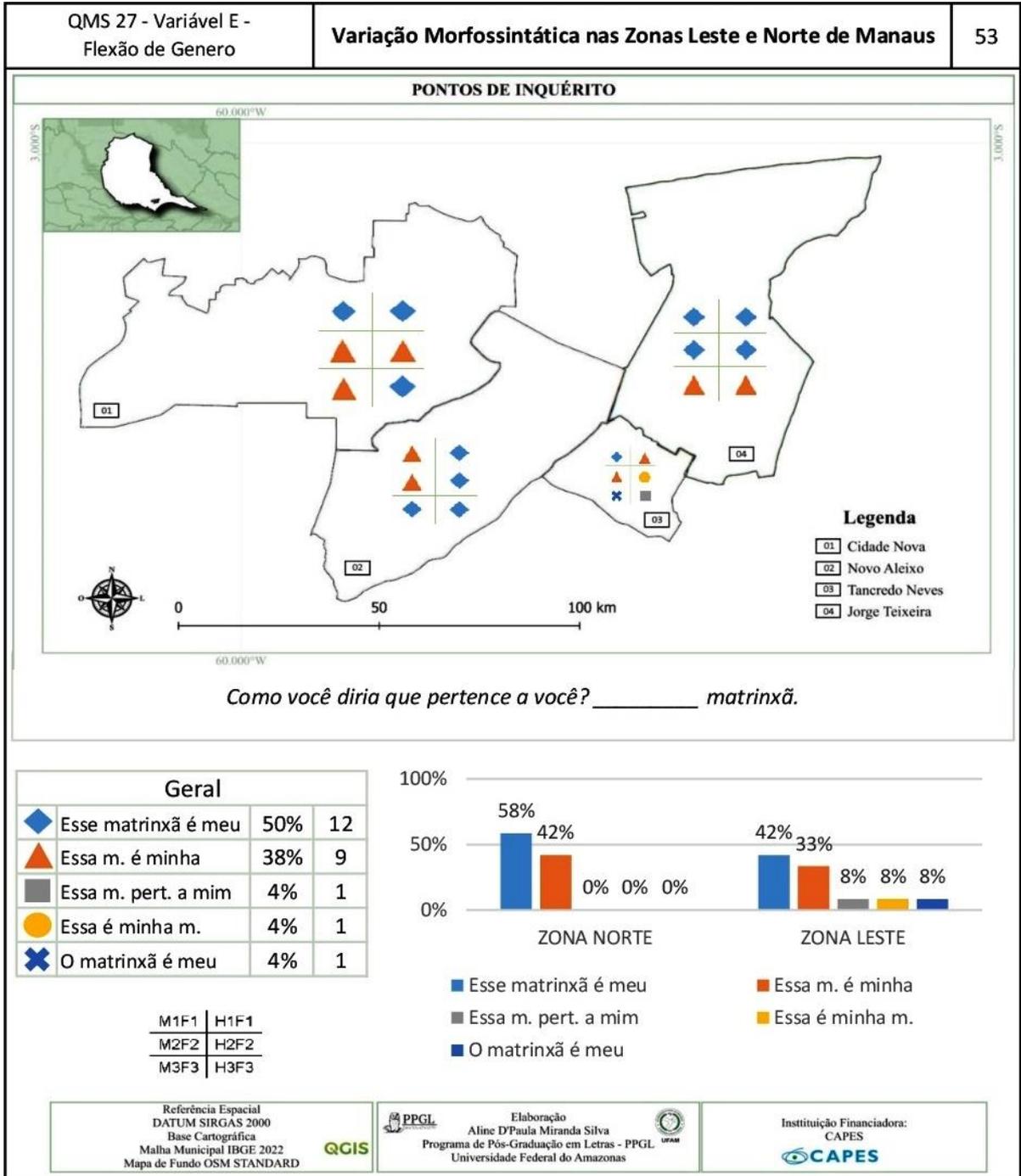
Carta Morfossintática 51 Variável (*monstro*) por zona



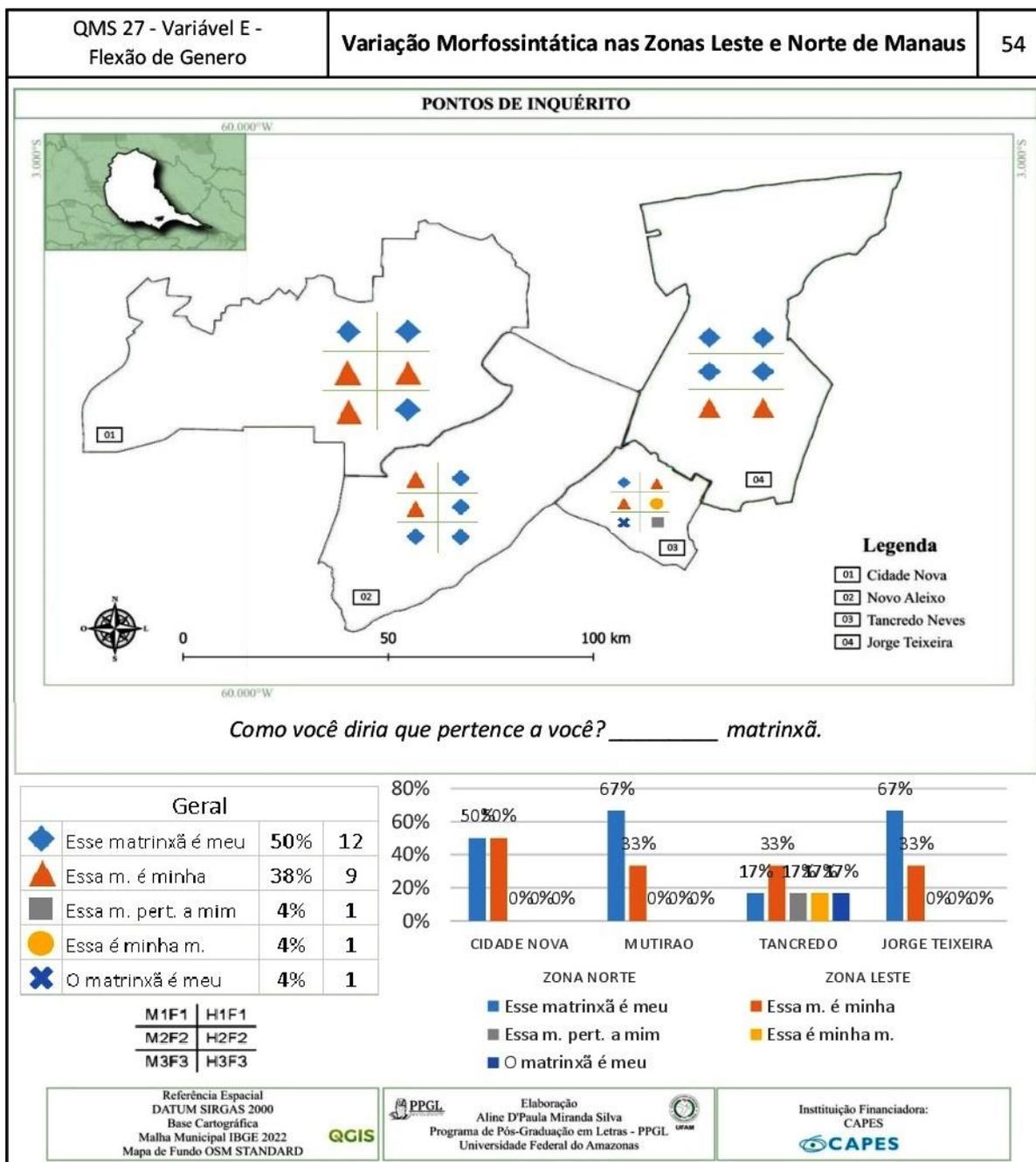
Carta Morfossintática 52 Variável (*monstro*) por bairro



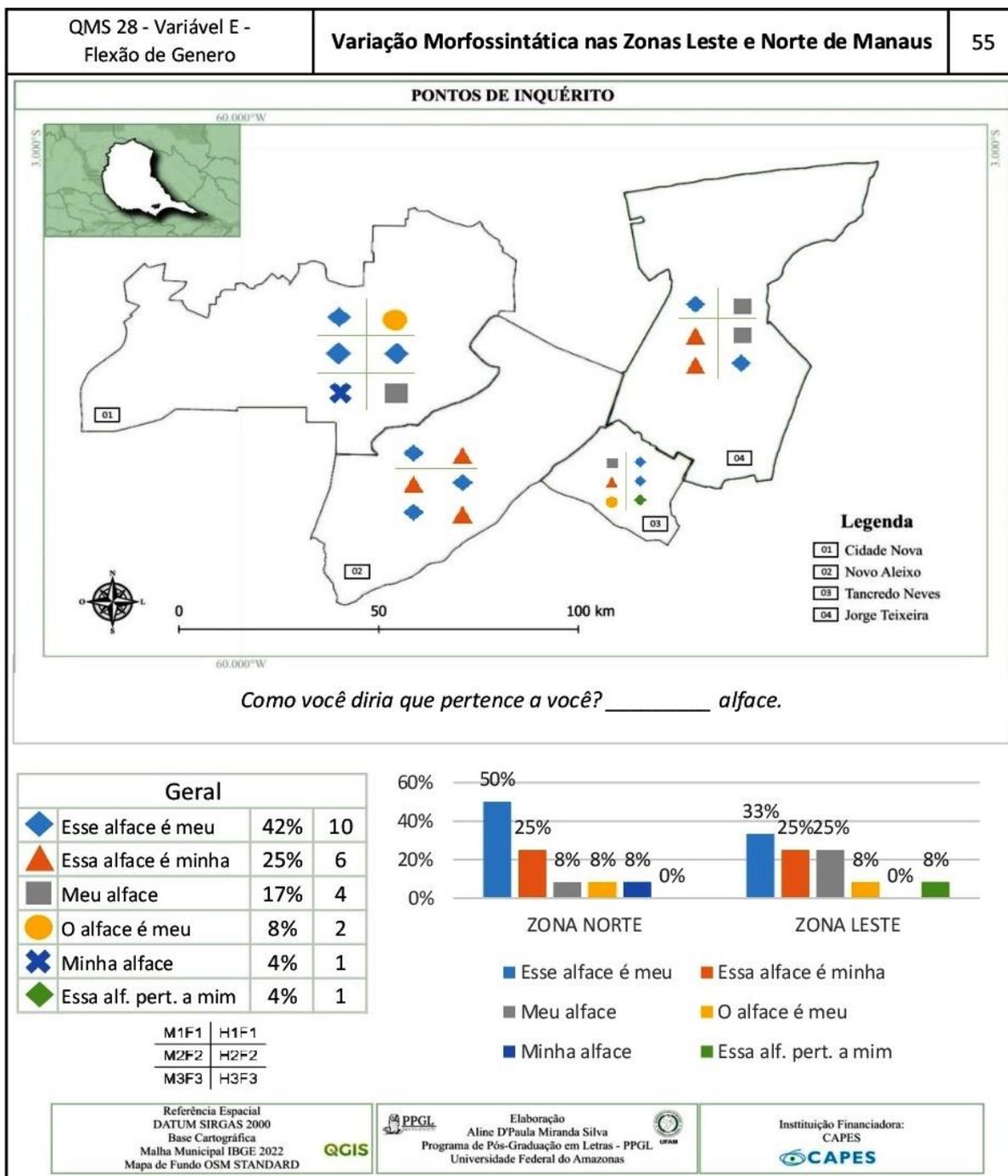
Carta Morfossintática 53 Variável (*matrinxã*) por zona



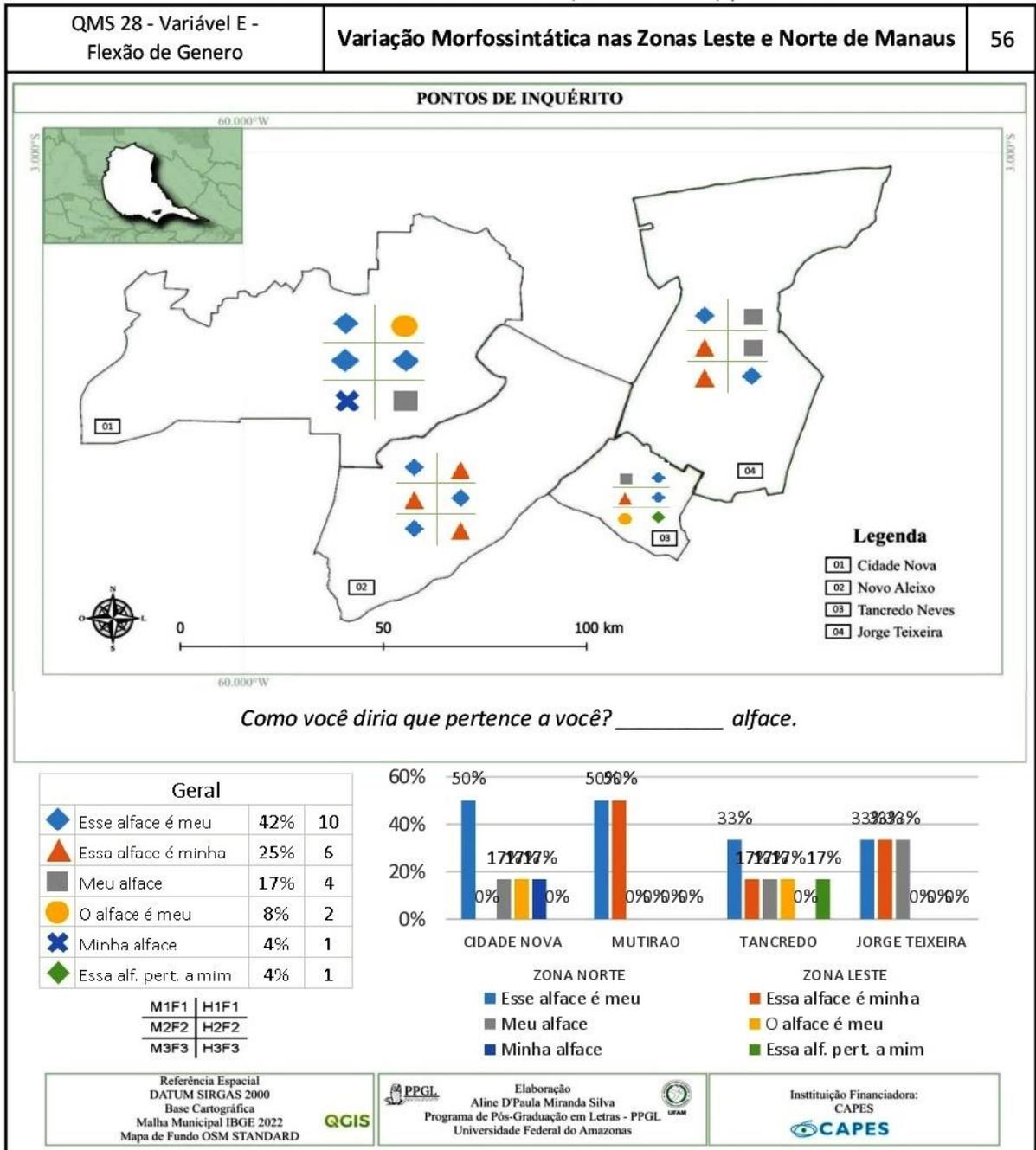
Carta Morfossintática 54 Variável (*matrinxã*) por bairro



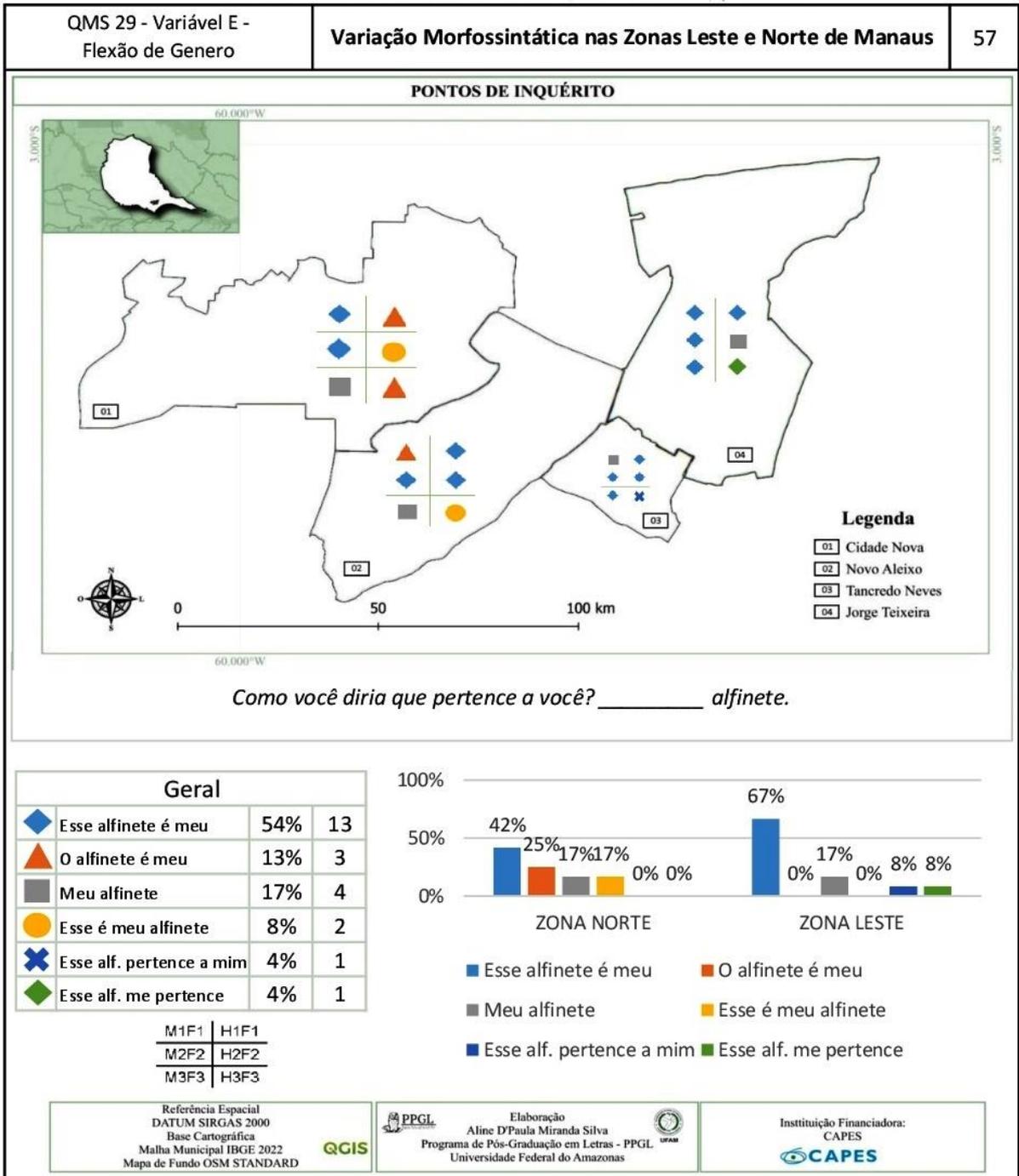
Carta Morfossintática 55 Variável (alface) por zona



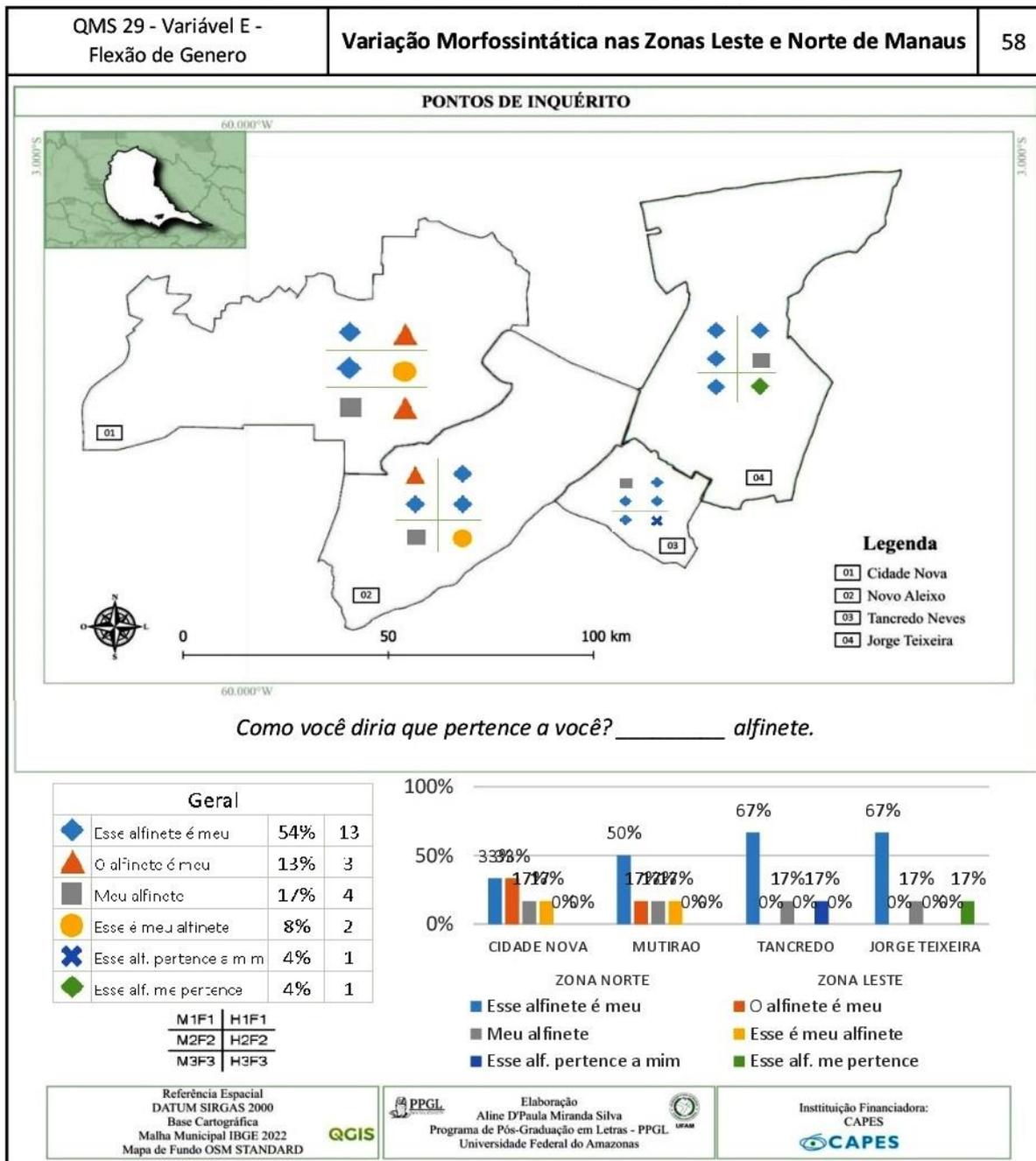
Carta Morfossintática 56 Variável (alface) por bairro



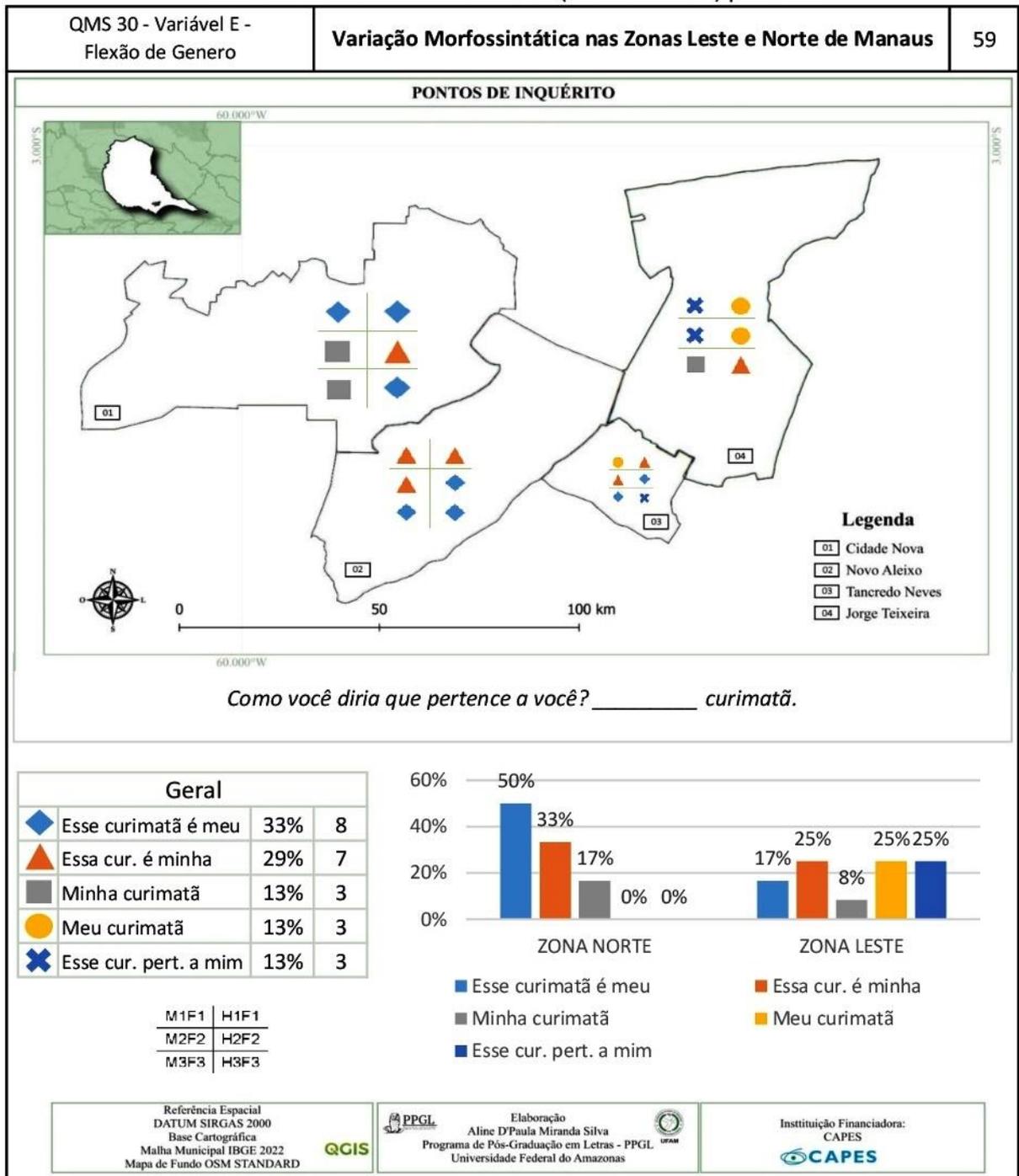
Carta Morfossintática 57 Variável (*alfinete*) por zona



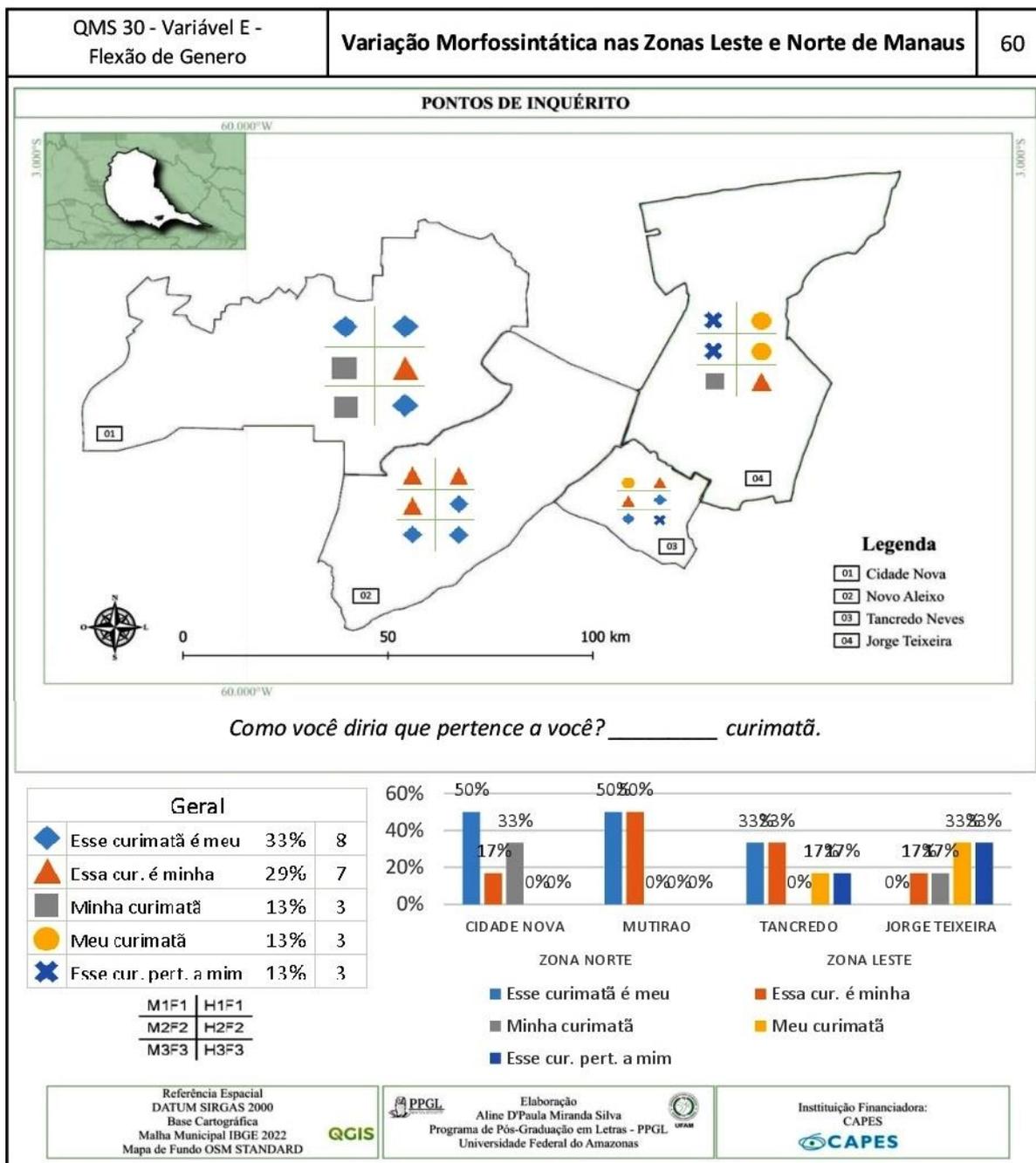
Carta Morfossintática 58 Variável (*alfinete*) por bairro



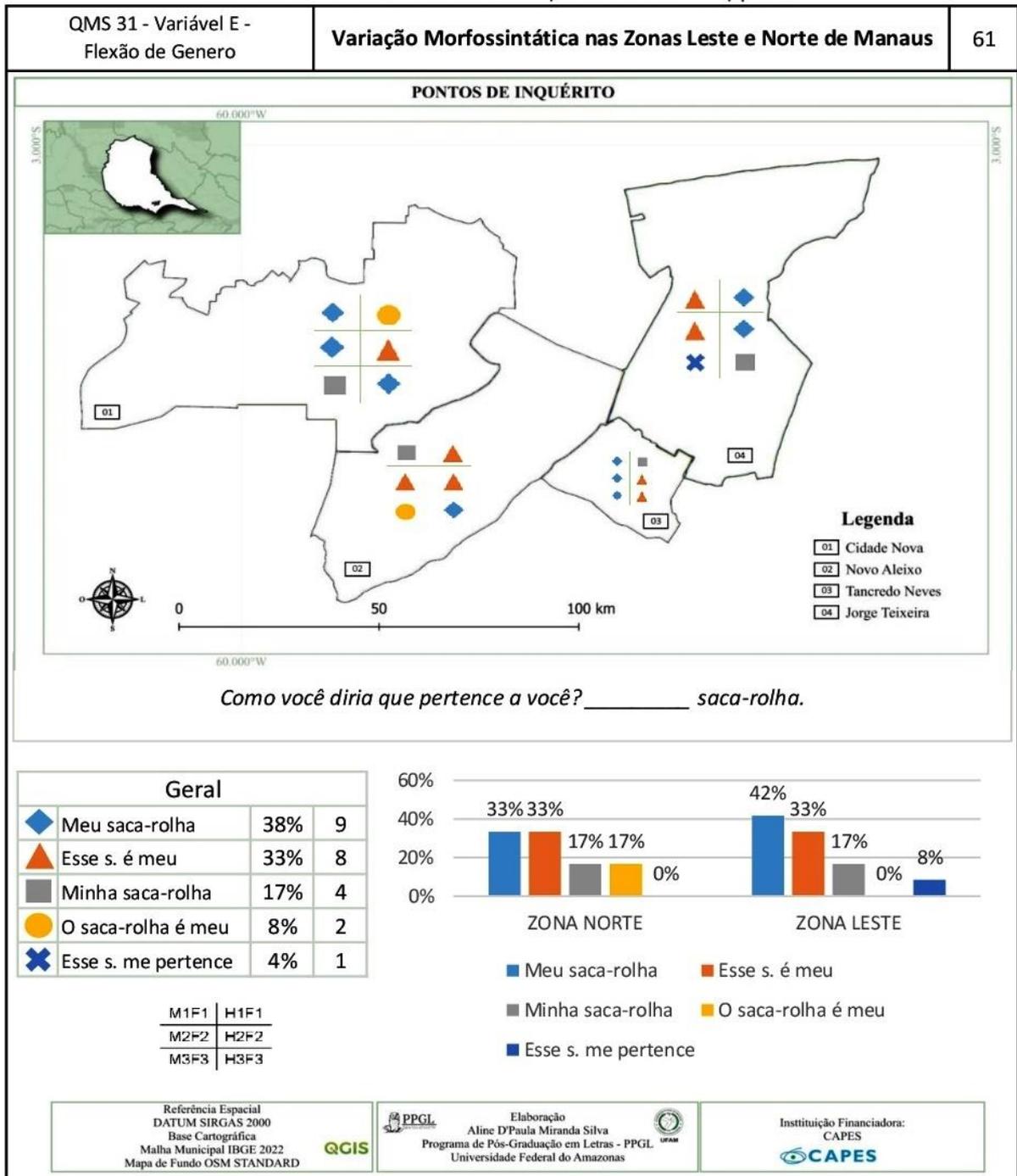
Carta Morfossintática 59 Variável (curimatã) por zona



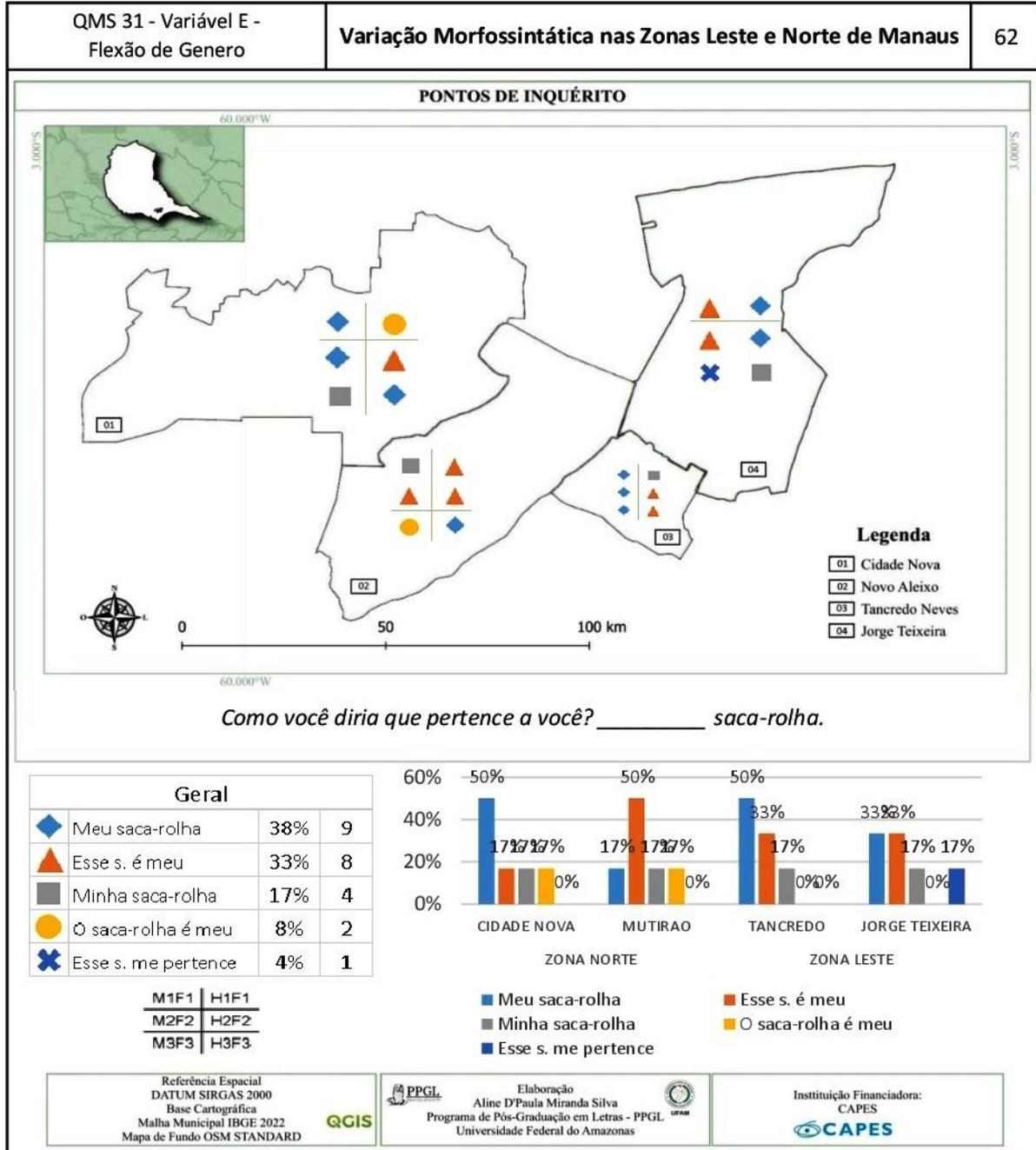
Carta Morfossintática 60 Variável (*curimatã*) por bairro



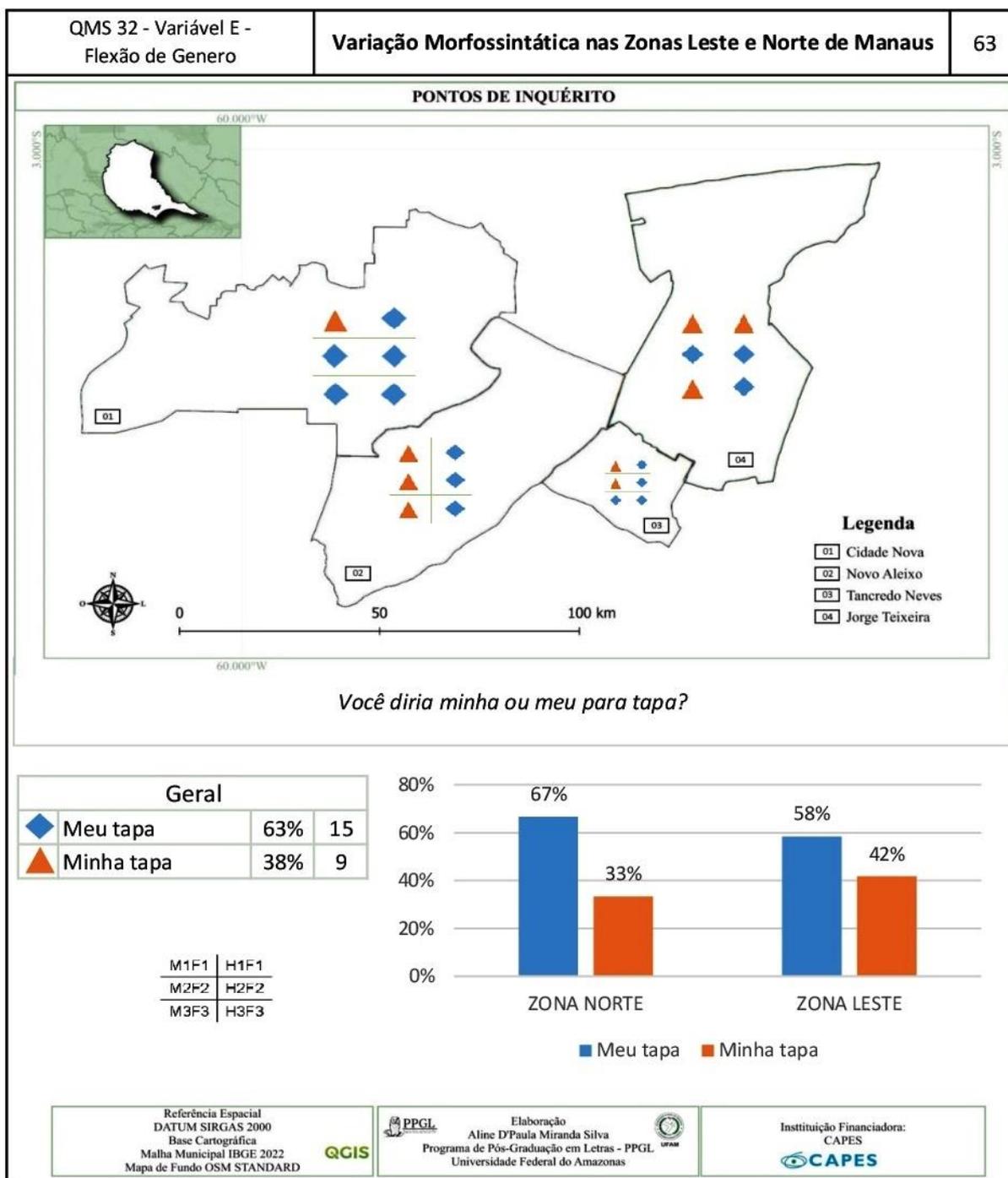
Carta Morfossintática 61 Variável (*saca-rolhas*) por zona



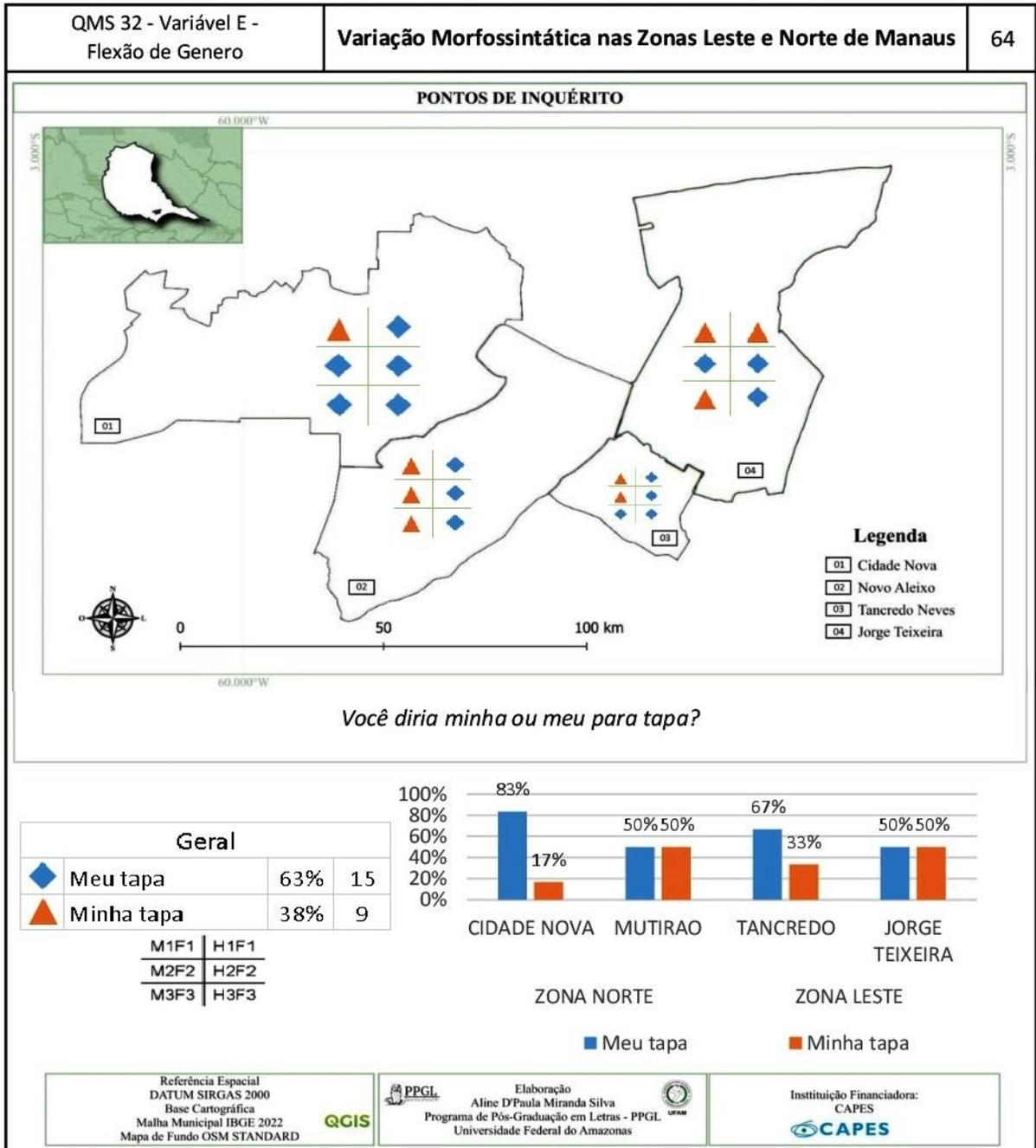
Carta Morfossintática 62 Variável (saca-rolhas) por bairro



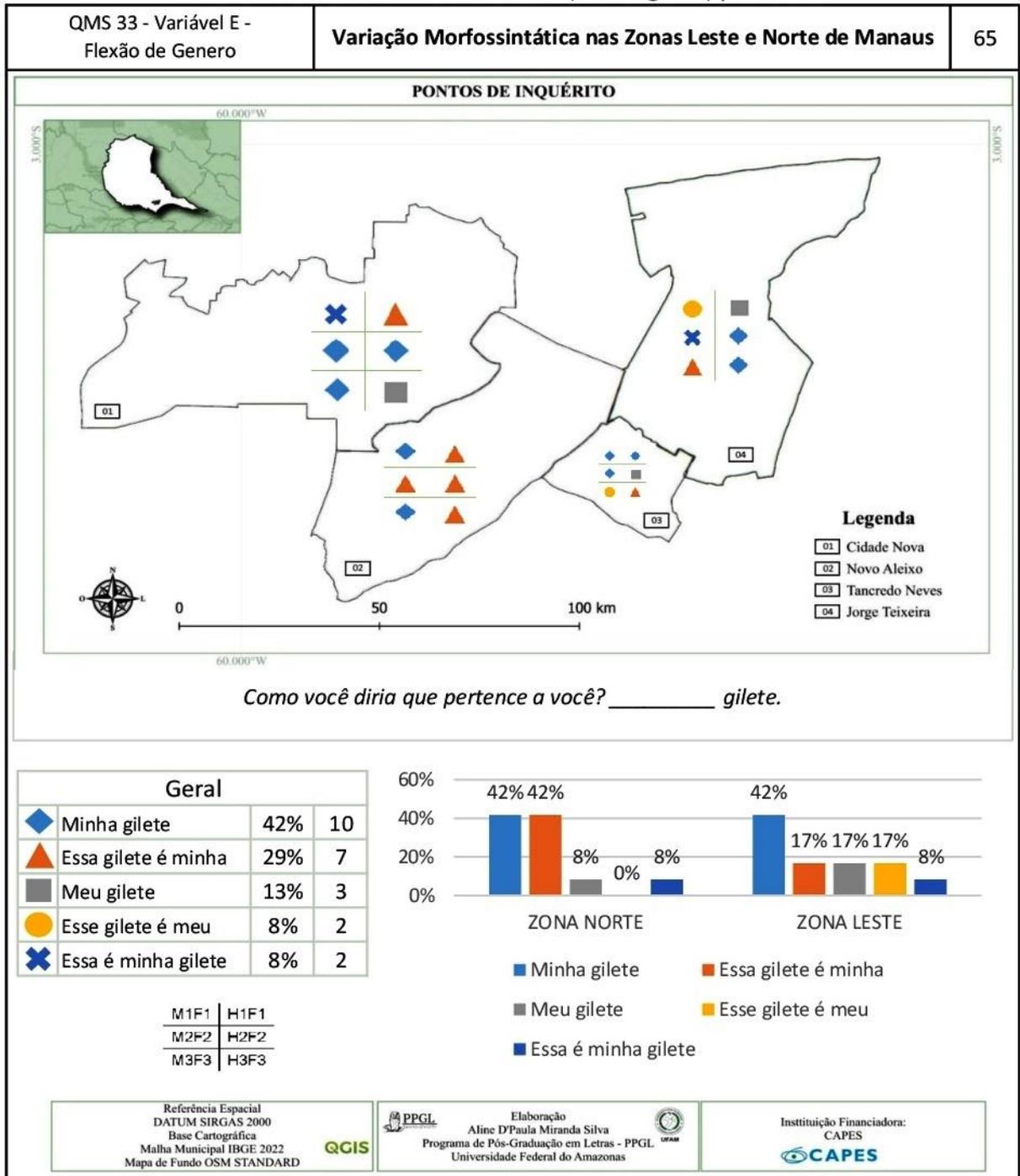
Carta Morfossintática 63 Variável (*tapa*) por zona



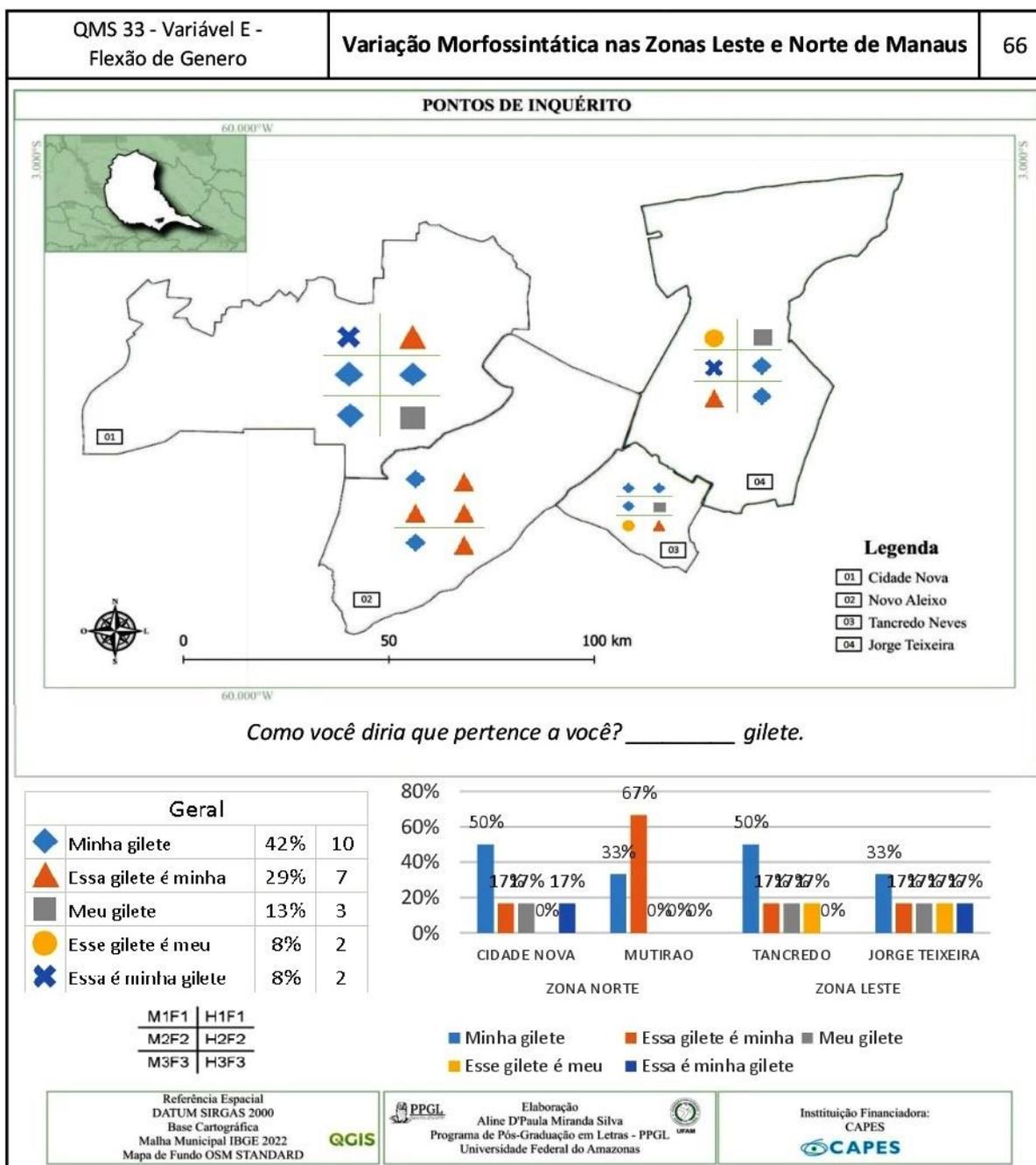
Carta Morfossintática 64 Variável (*tapa*) por bairro



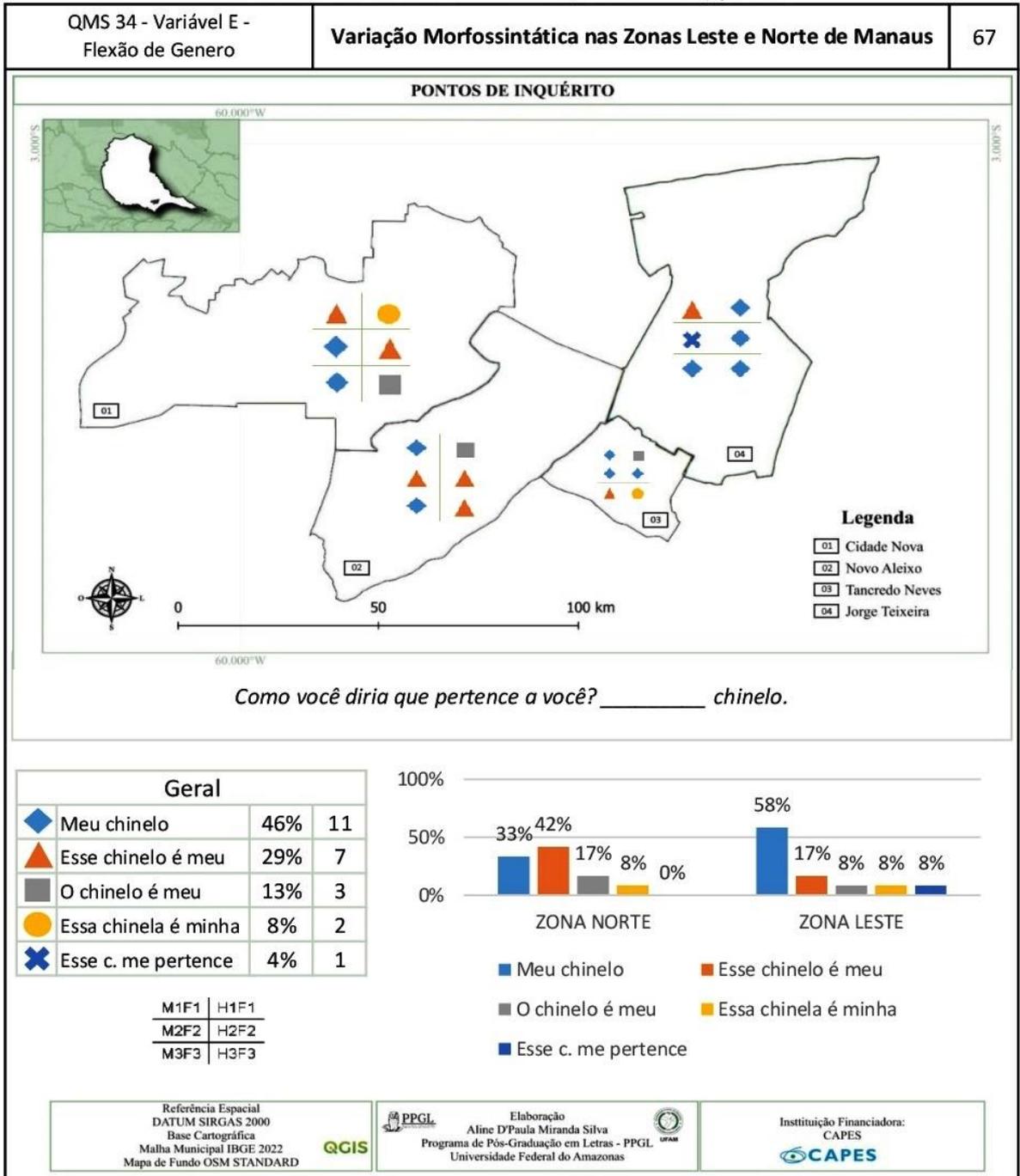
Carta Morfossintática 65 Variável (*gilete*) por zona



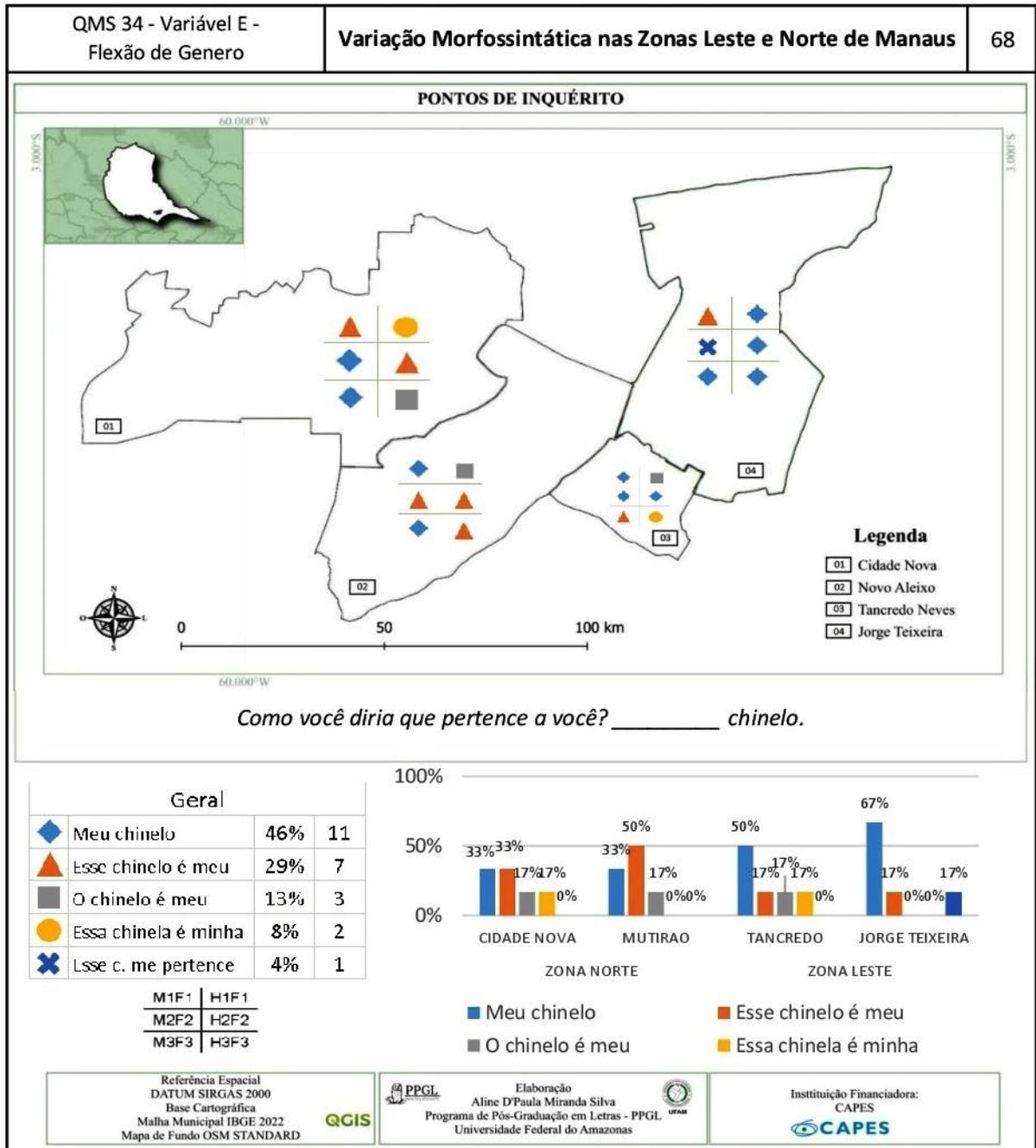
Carta Morfossintática 66 Variável (*gilete*) por bairro



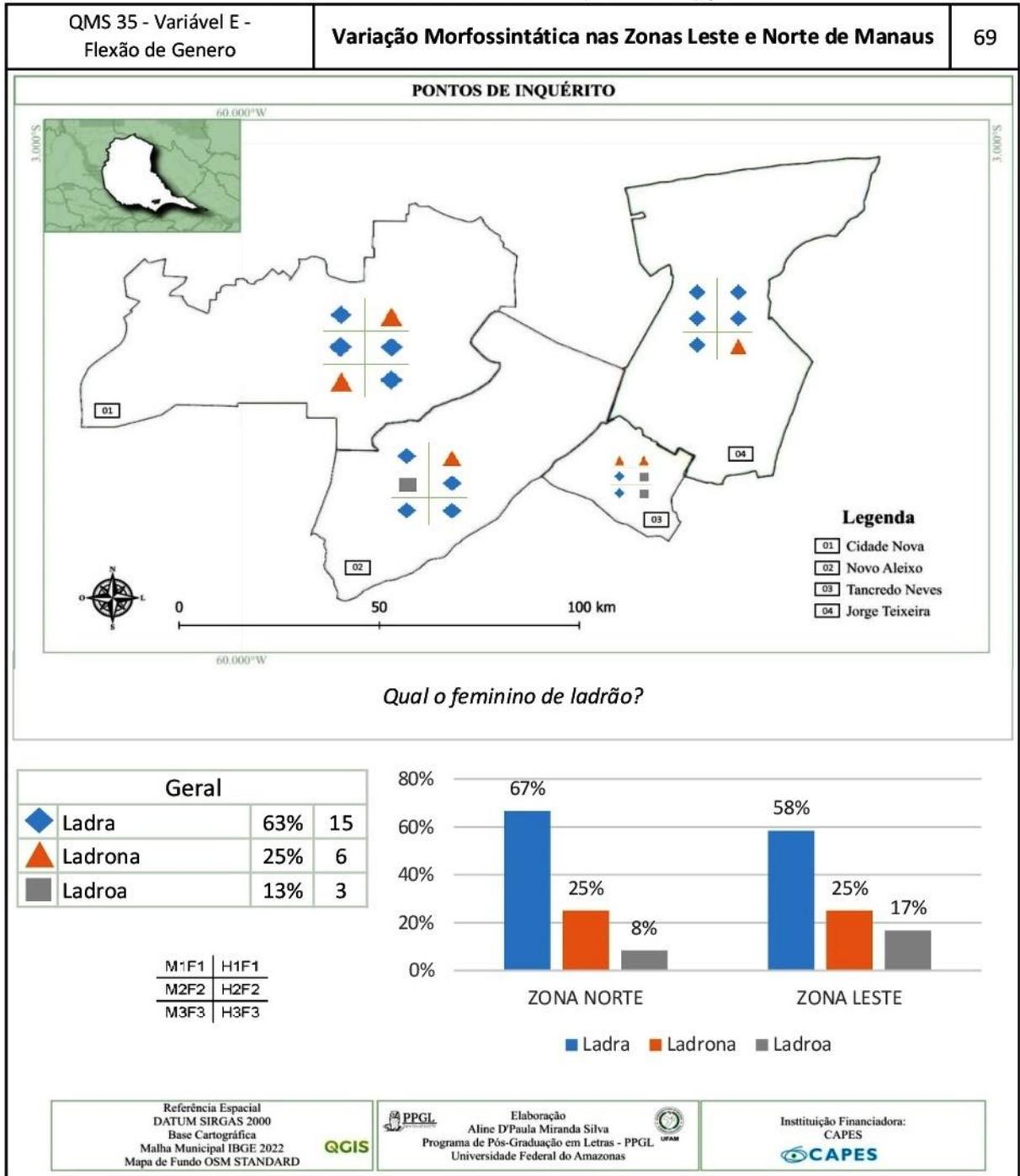
Carta Morfossintática 67 Variável (*chinelo*) por zona



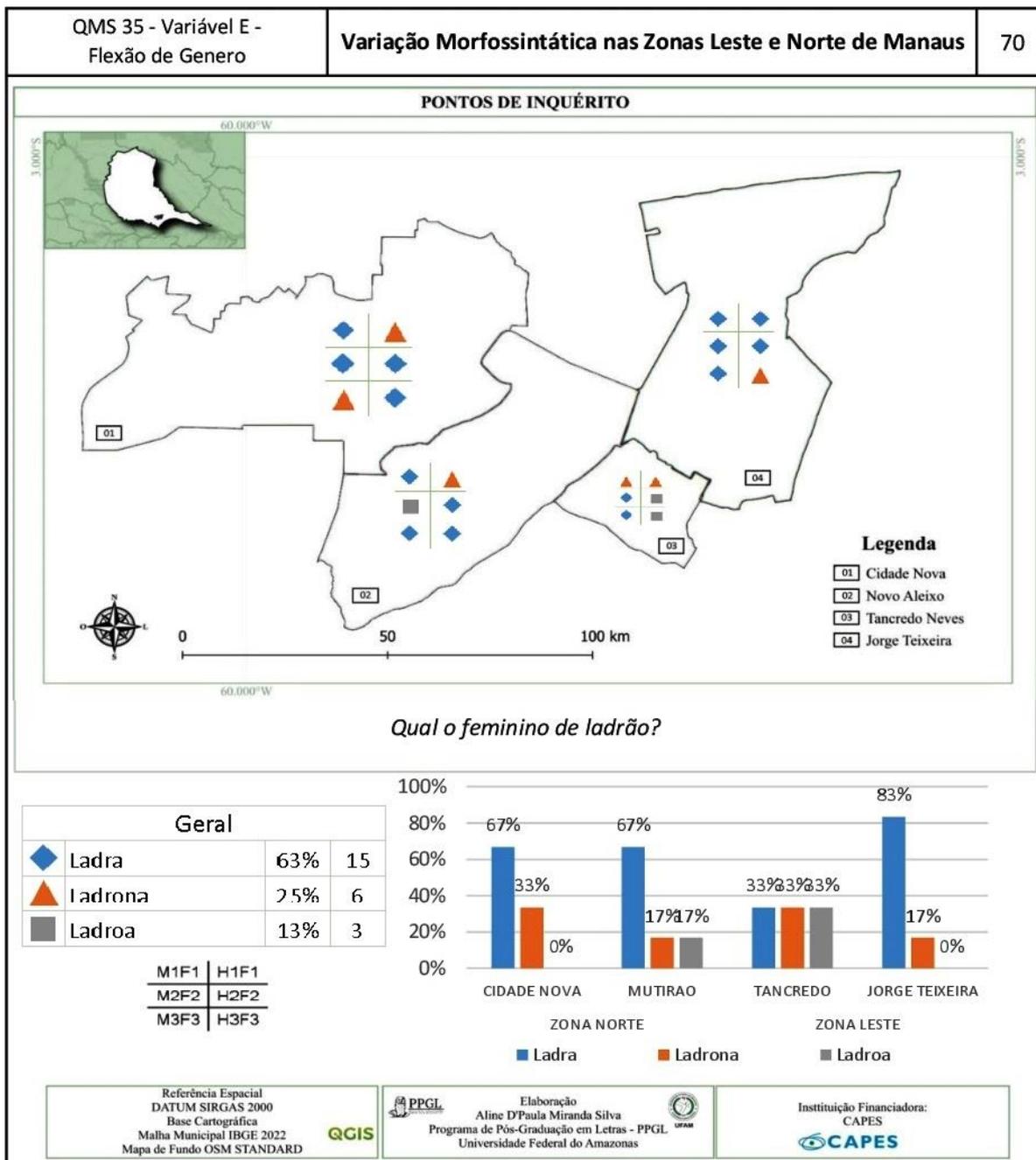
Carta Morfossintática 68 Variável (*chinelo*) por bairro



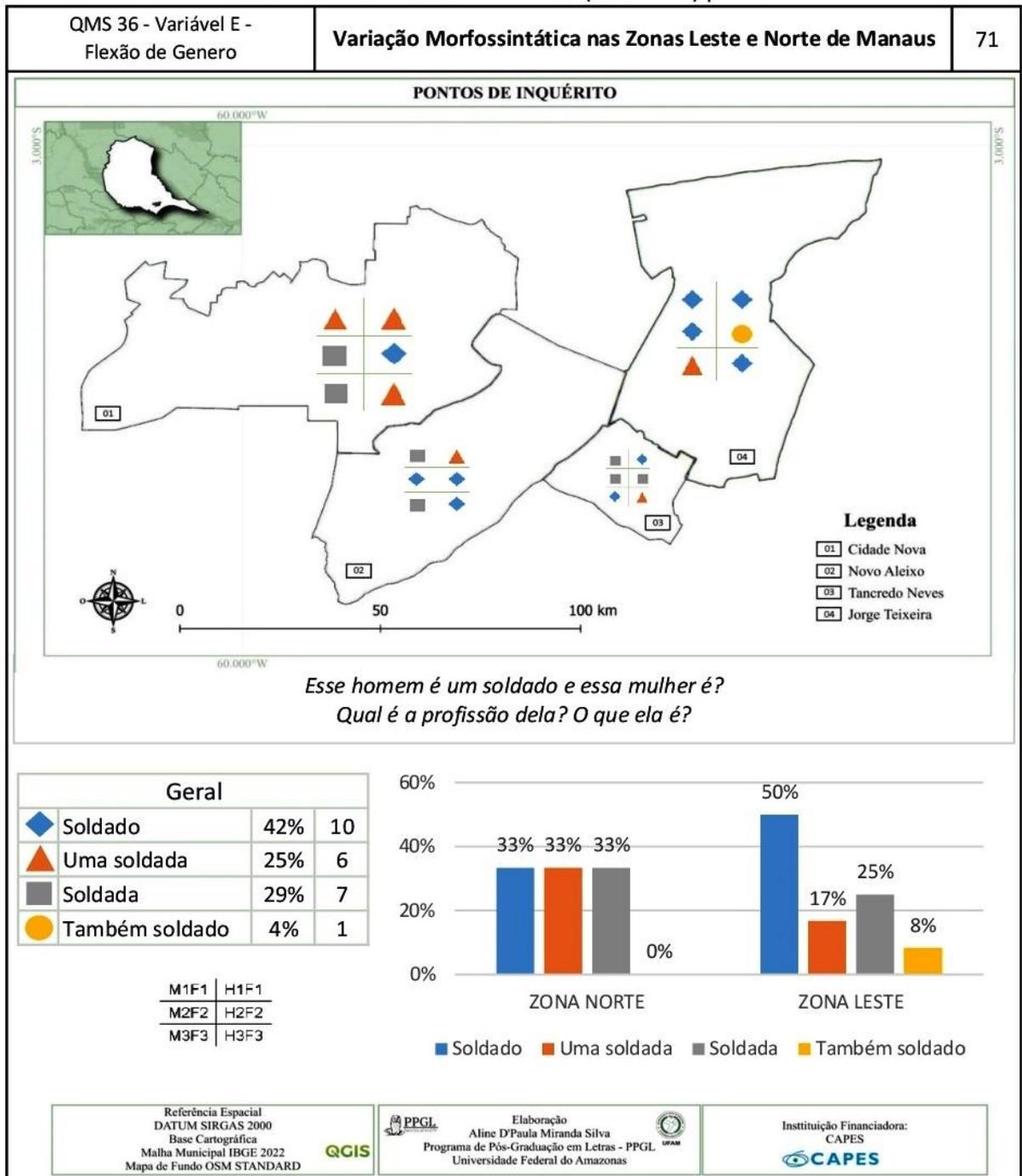
Carta Morfossintática 69 Variável (*ladrão*) por zona



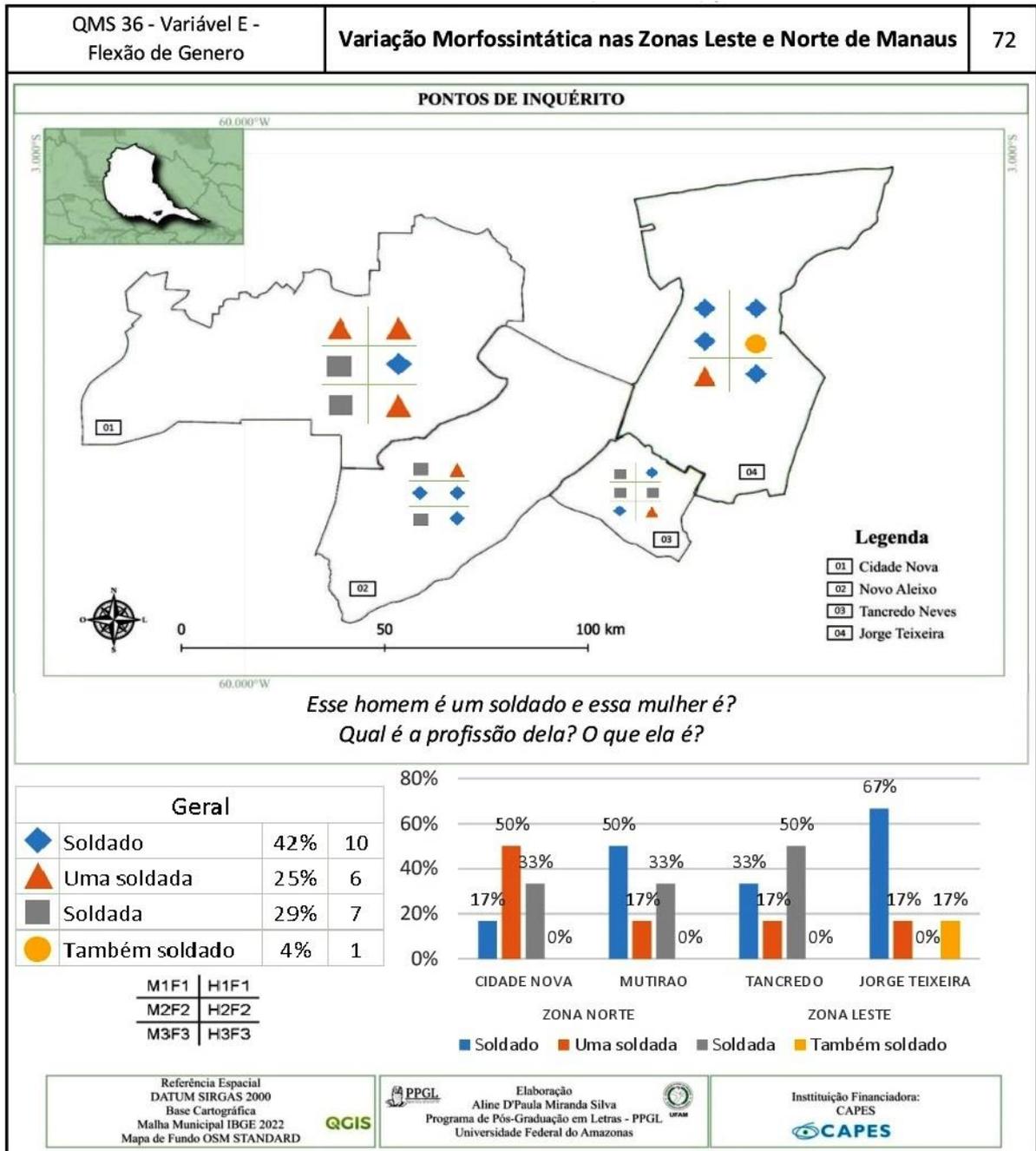
Carta Morfossintática 70 Variável (*ladrão*) por bairro



Carta Morfossintática 71 Variável (soldado) por zona

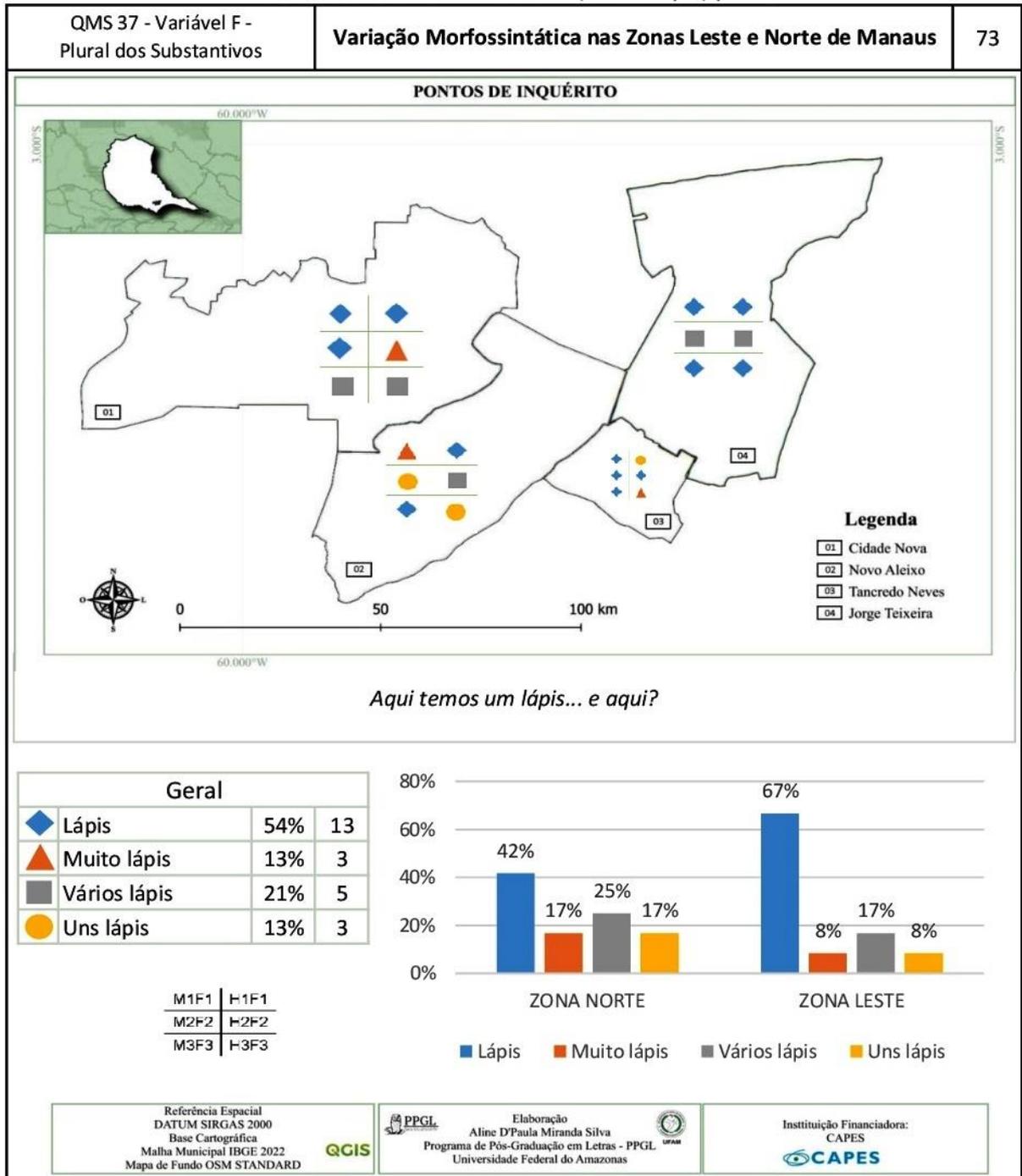


Carta Morfossintática 72 Variável (soldado) por bairro

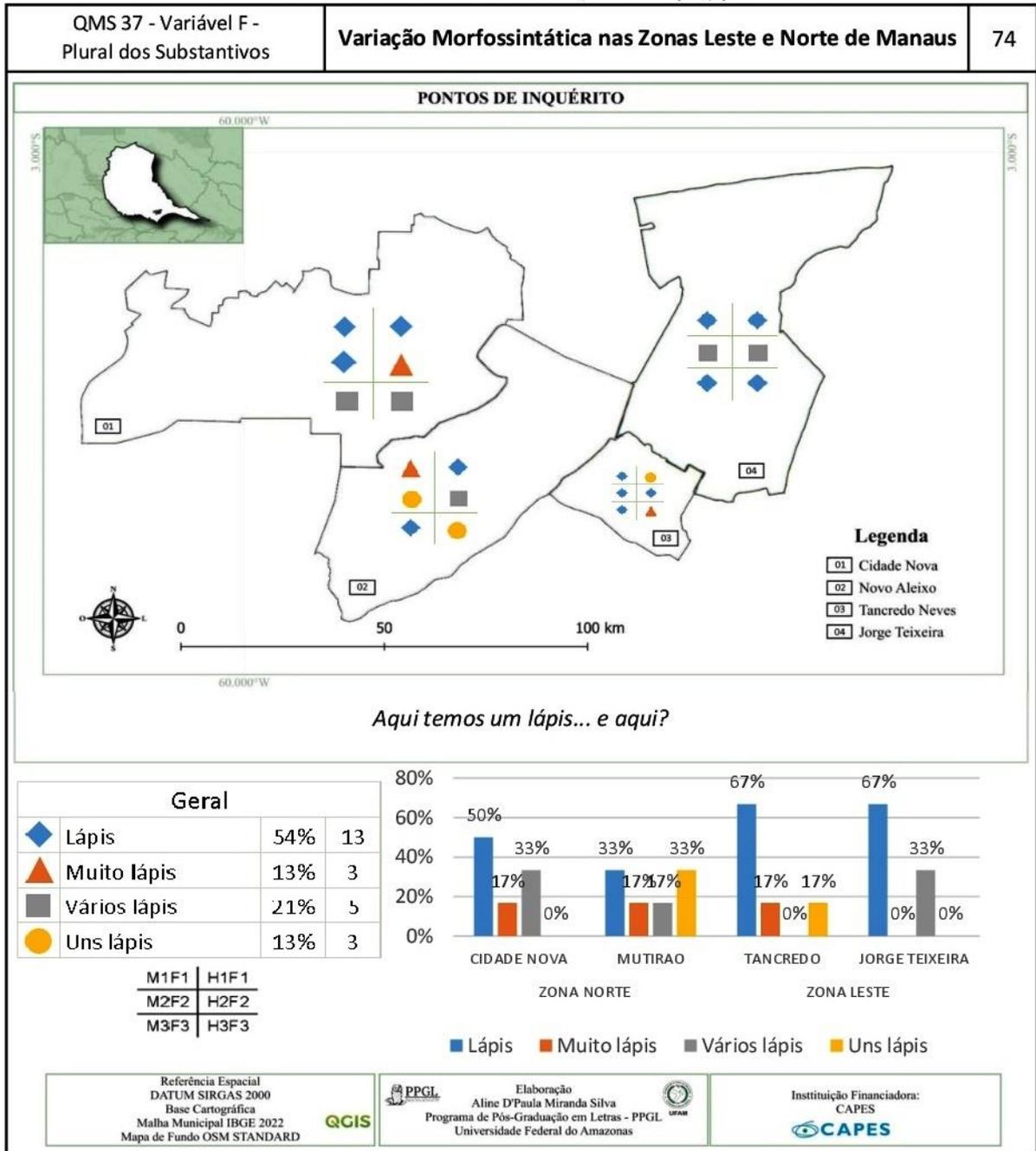


6 Plural dos substantivos

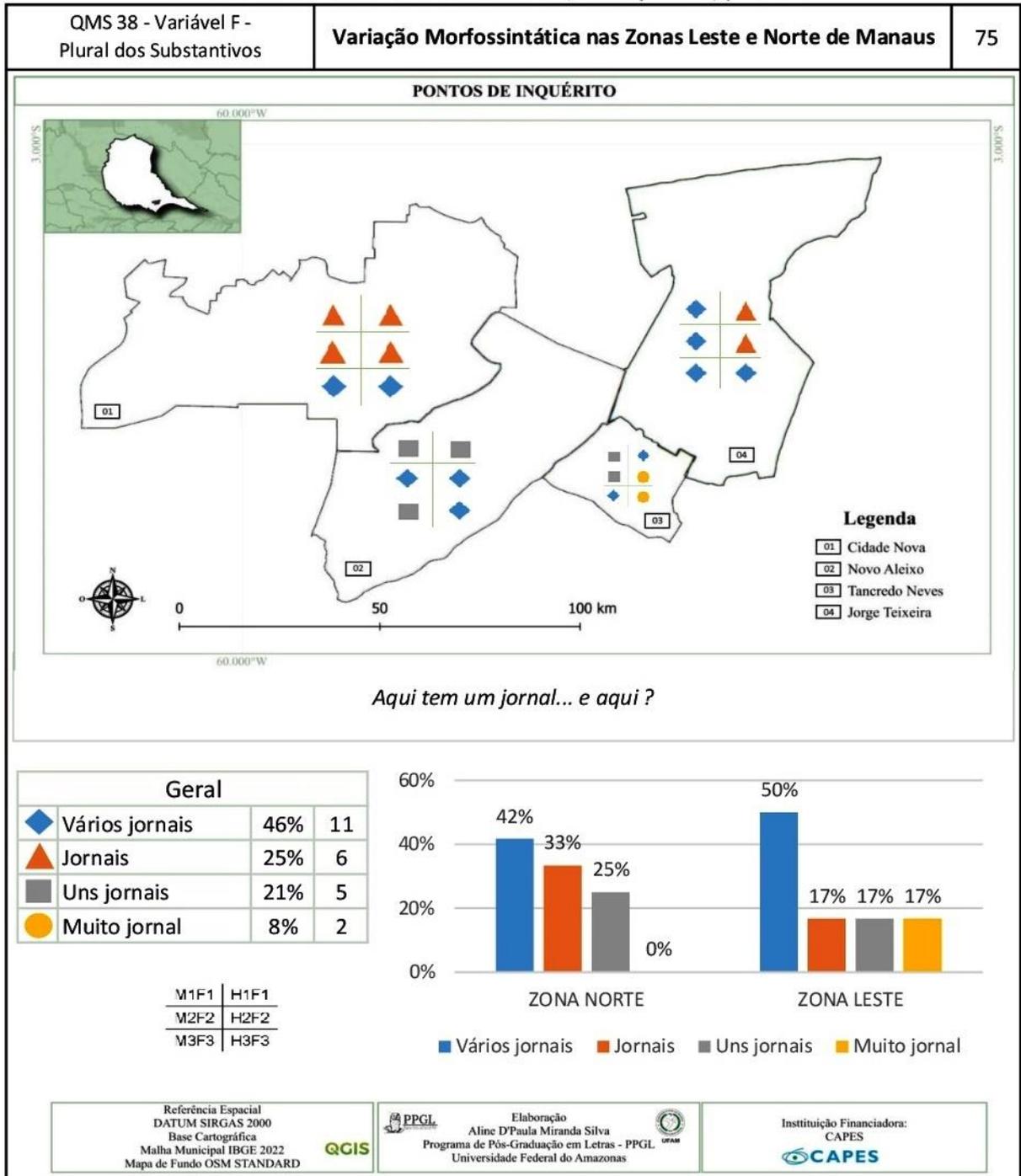
Carta Morfossintática 73 Variável (lápiz) por zona



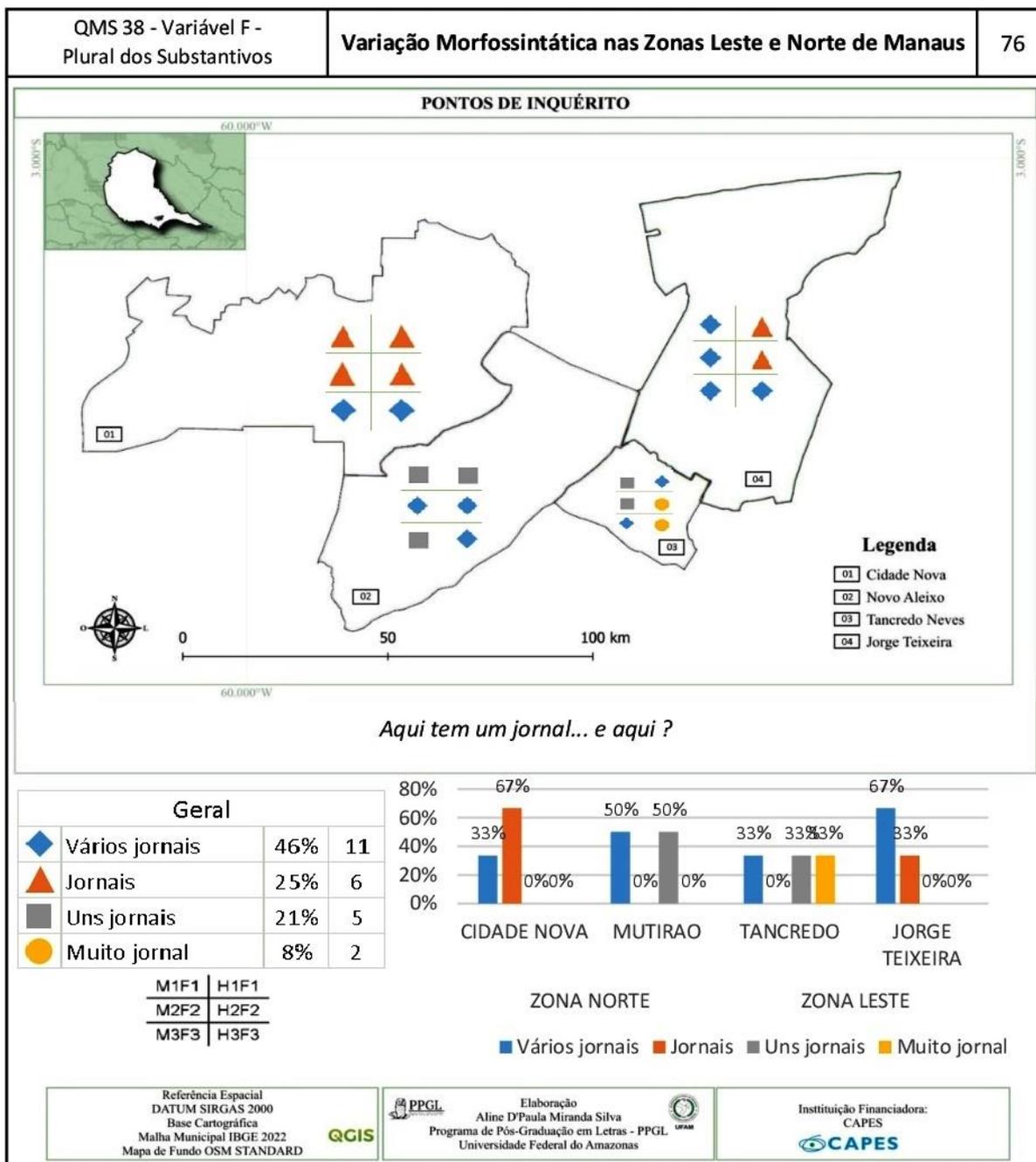
Carta Morfossintática 74 Variável (lápiz) por bairro



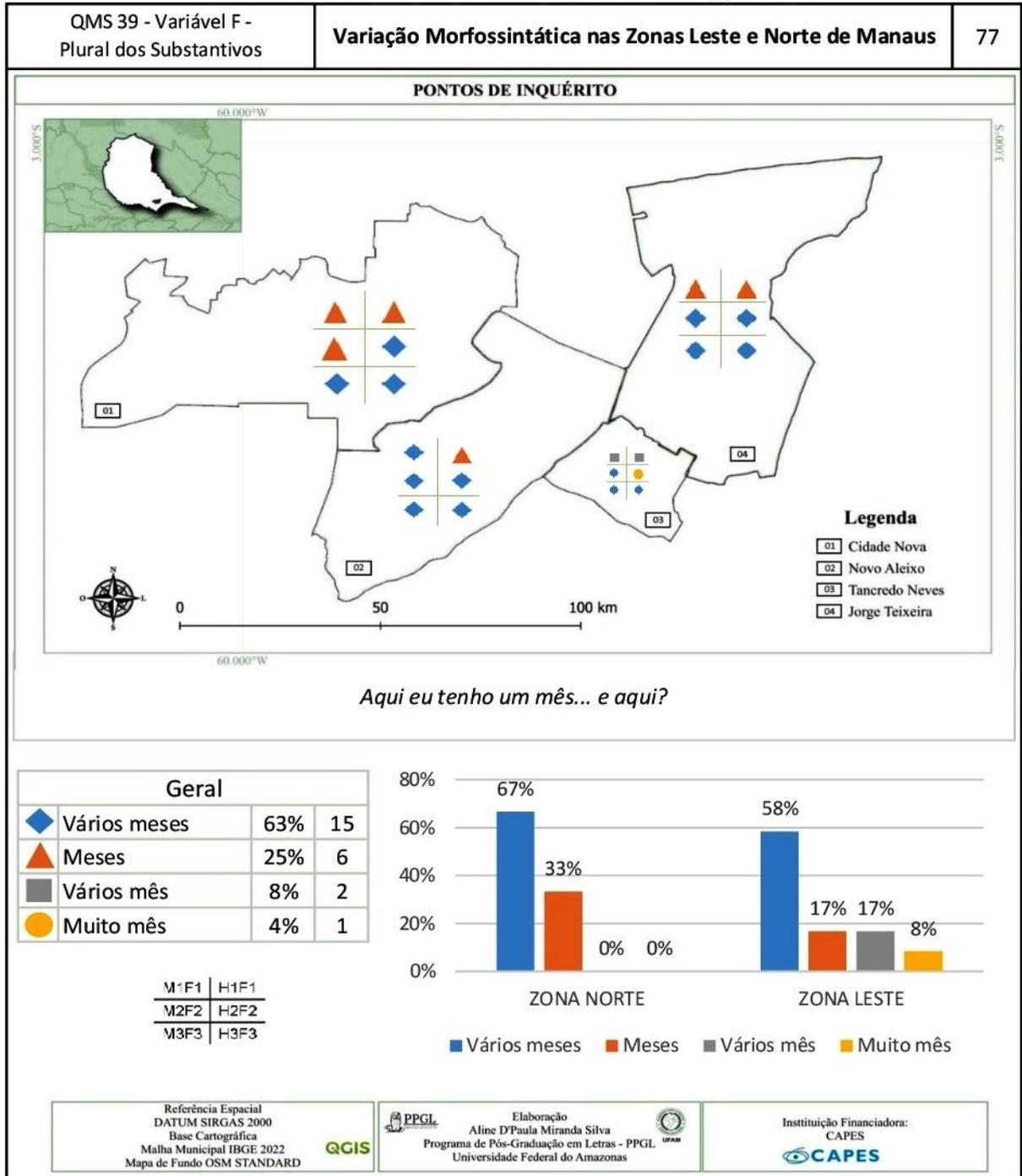
Carta Morfossintática 75 Variável (*jornal*) por zona



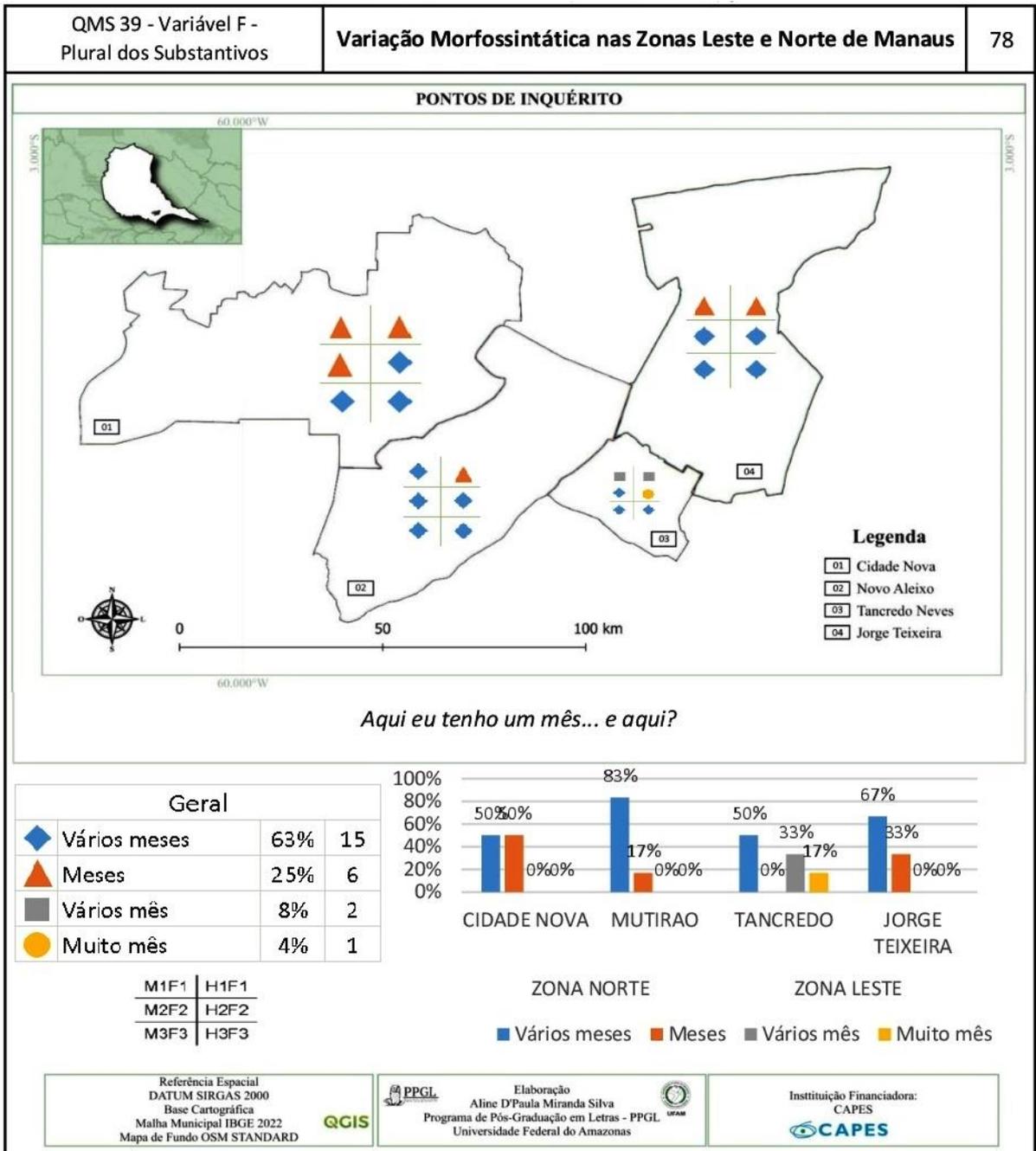
Carta Morfossintática 76 Variável (*jornal*) por bairro



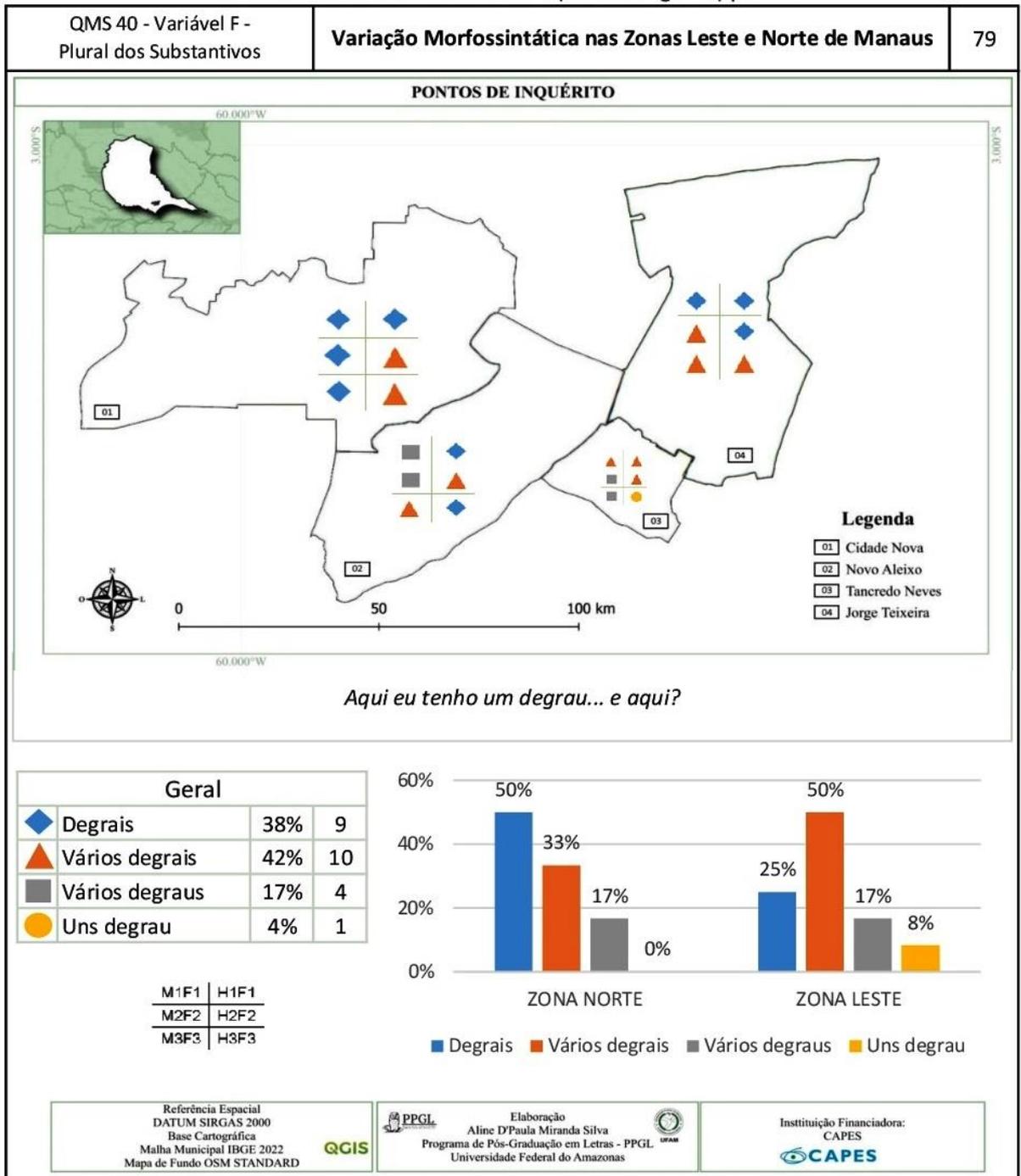
Carta Morfossintática 77 Variável (mês) por zona



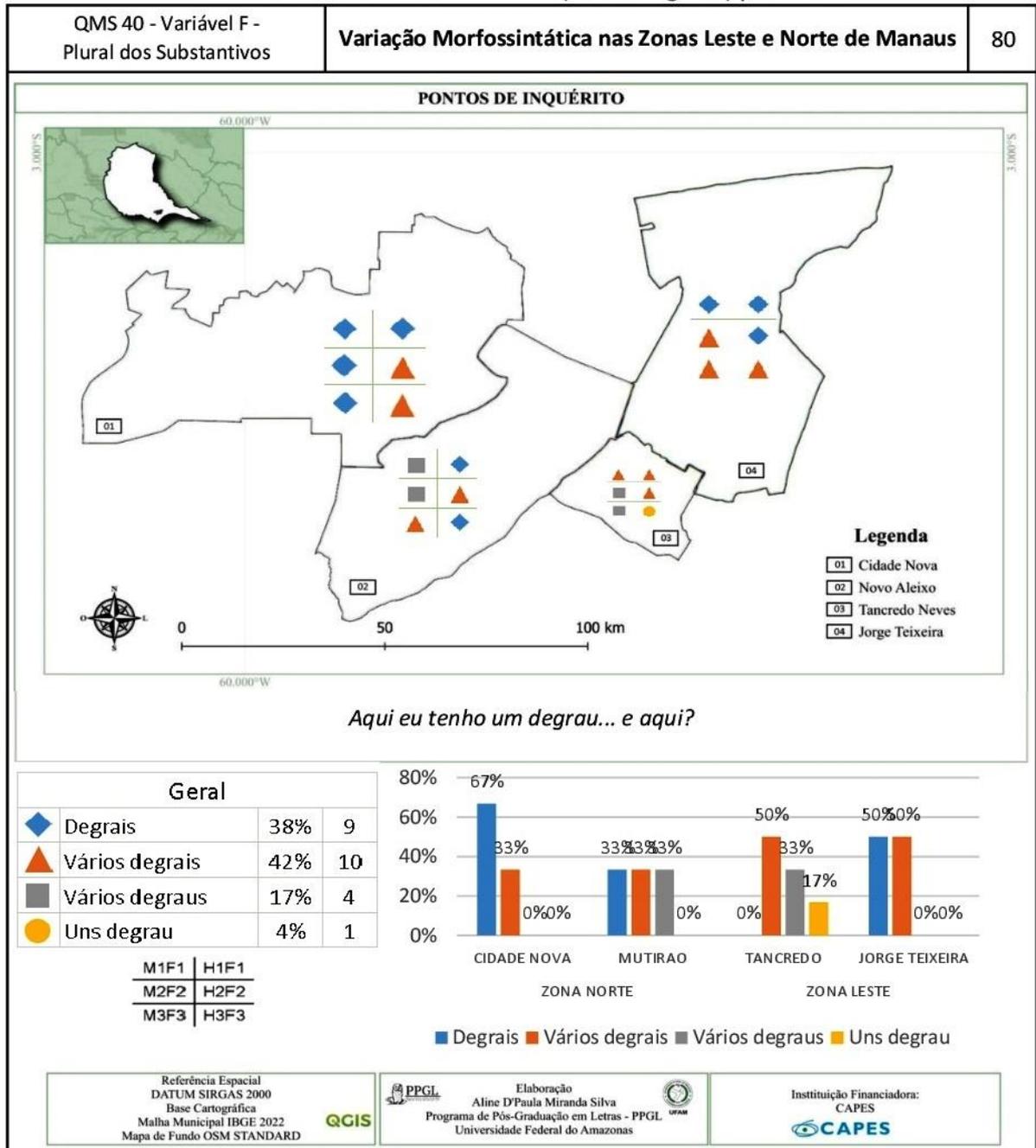
Carta Morfossintática 78 Variável (mês) por bairro



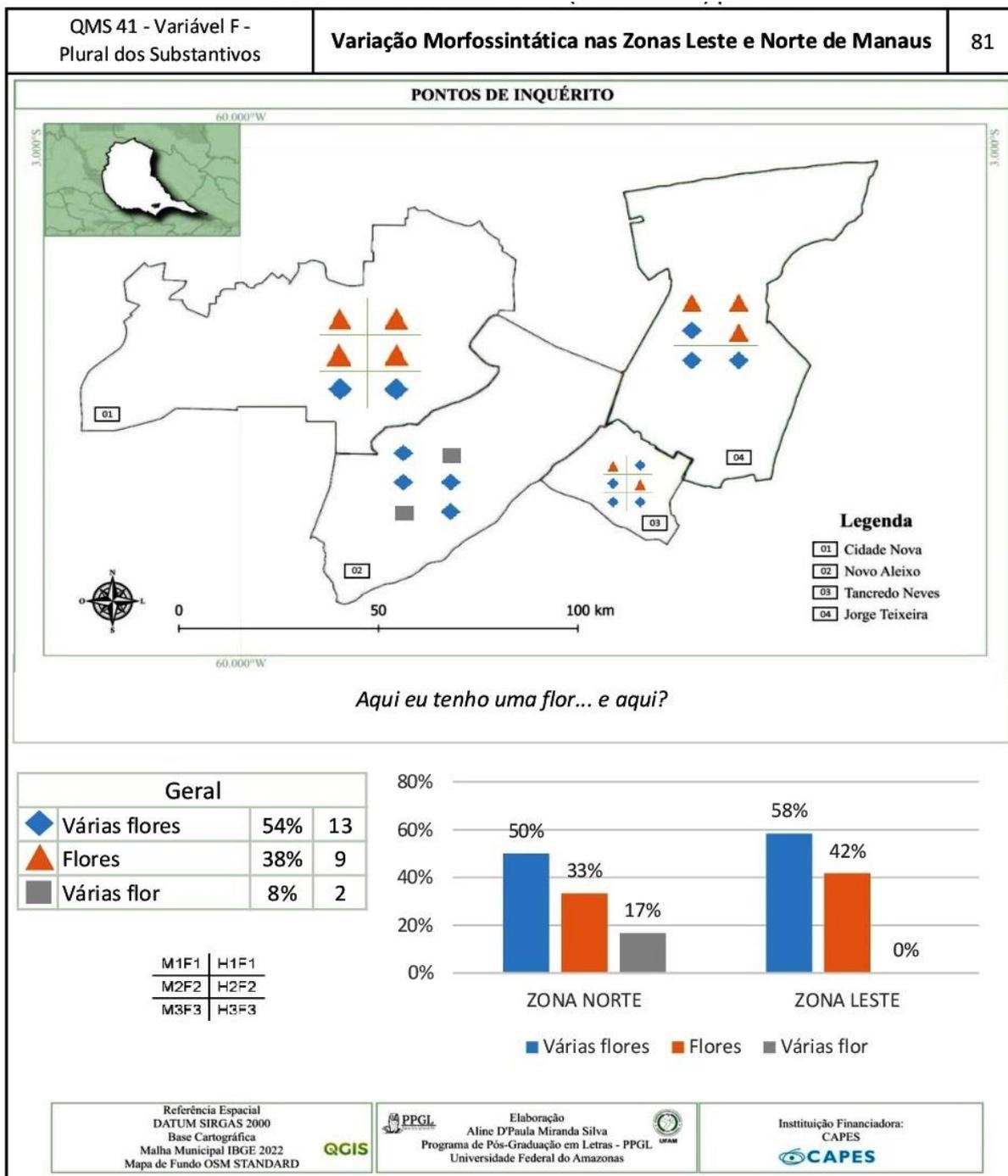
Carta Morfossintática 79 Variável (*degrau*) por zona



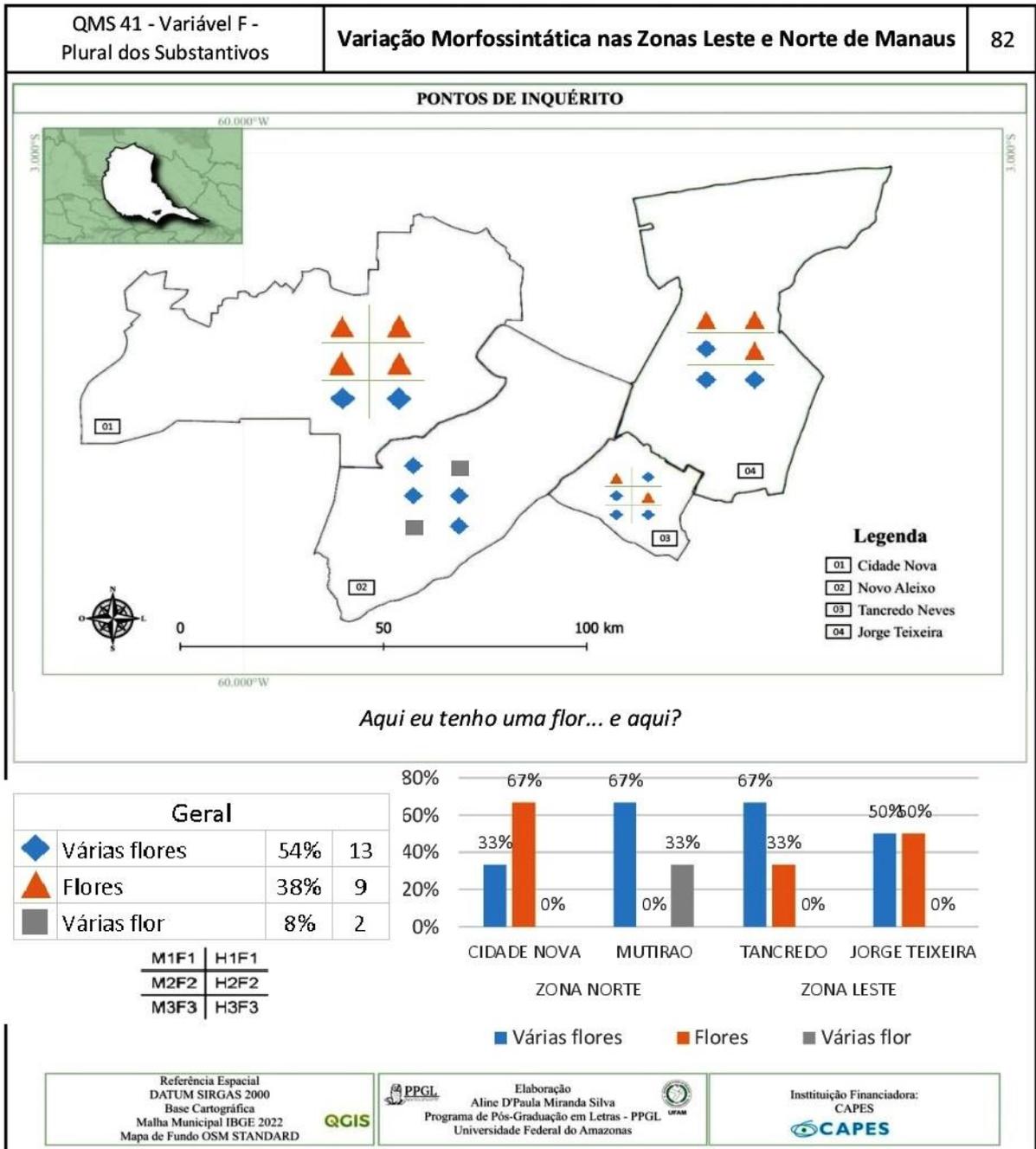
Carta Morfossintática 80 Variável (*degrau*) por bairro



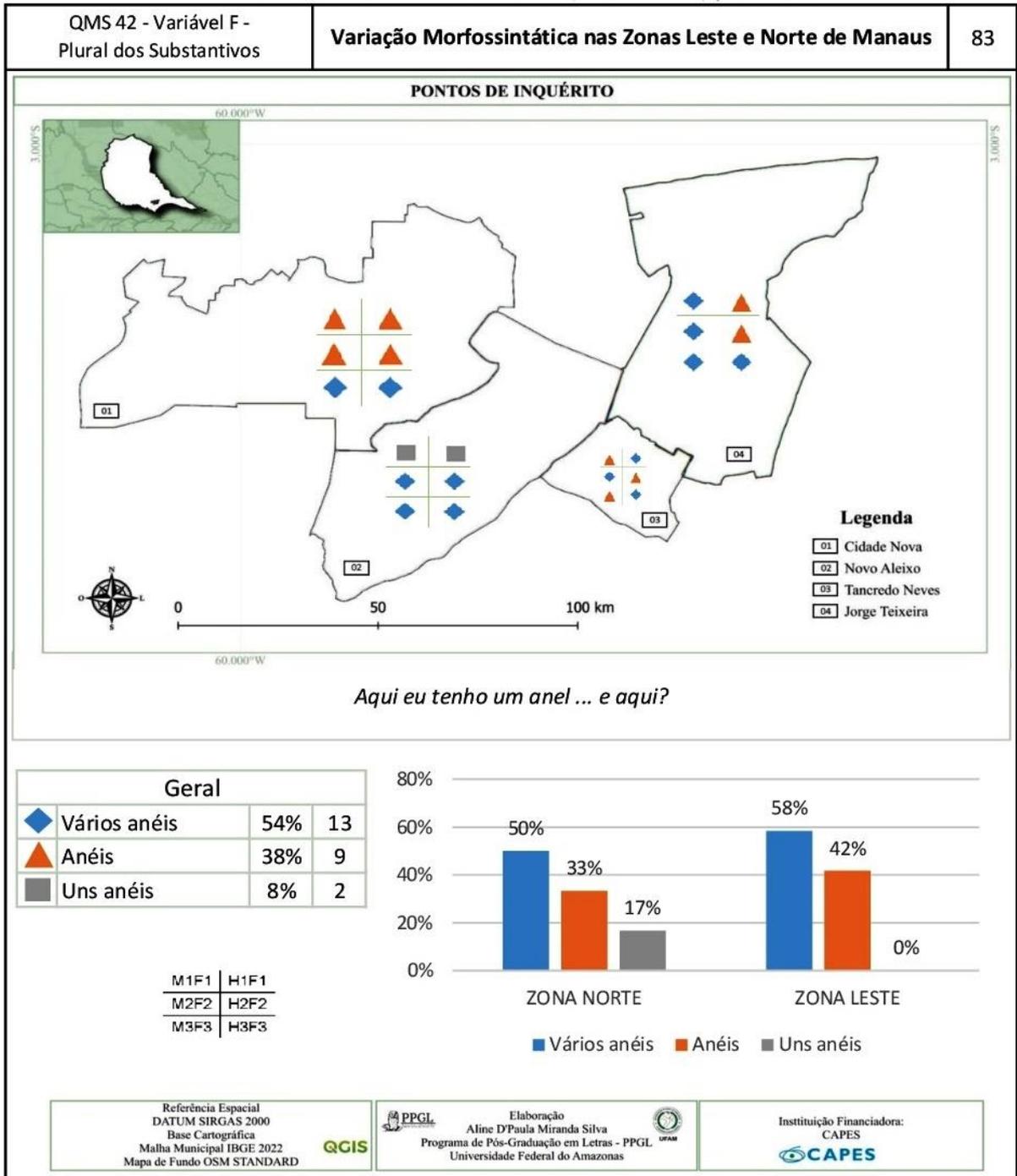
Carta Morfossintática 81 Variável (*flor*) por zona



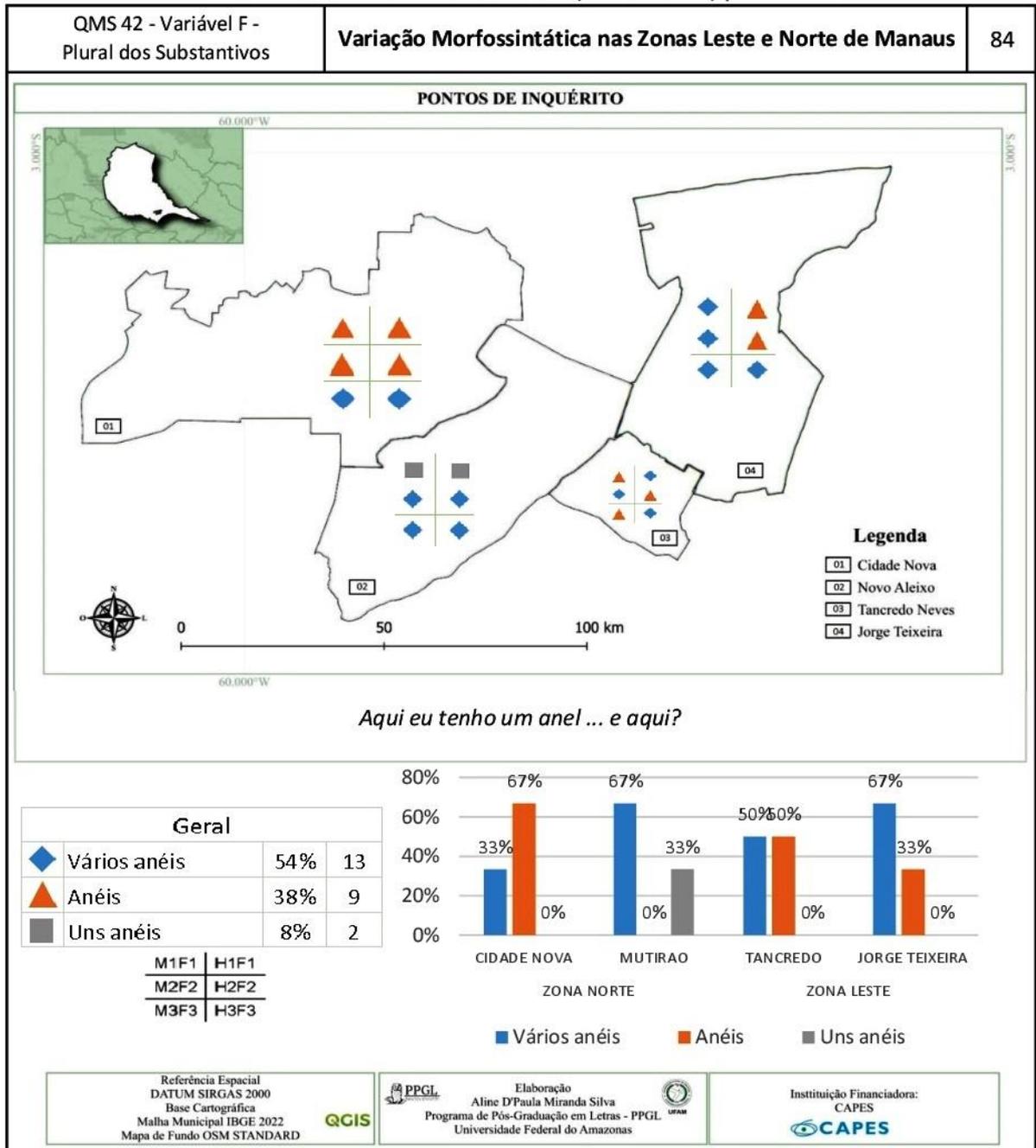
Carta Morfossintática 82 Variável (*flor*) por bairro



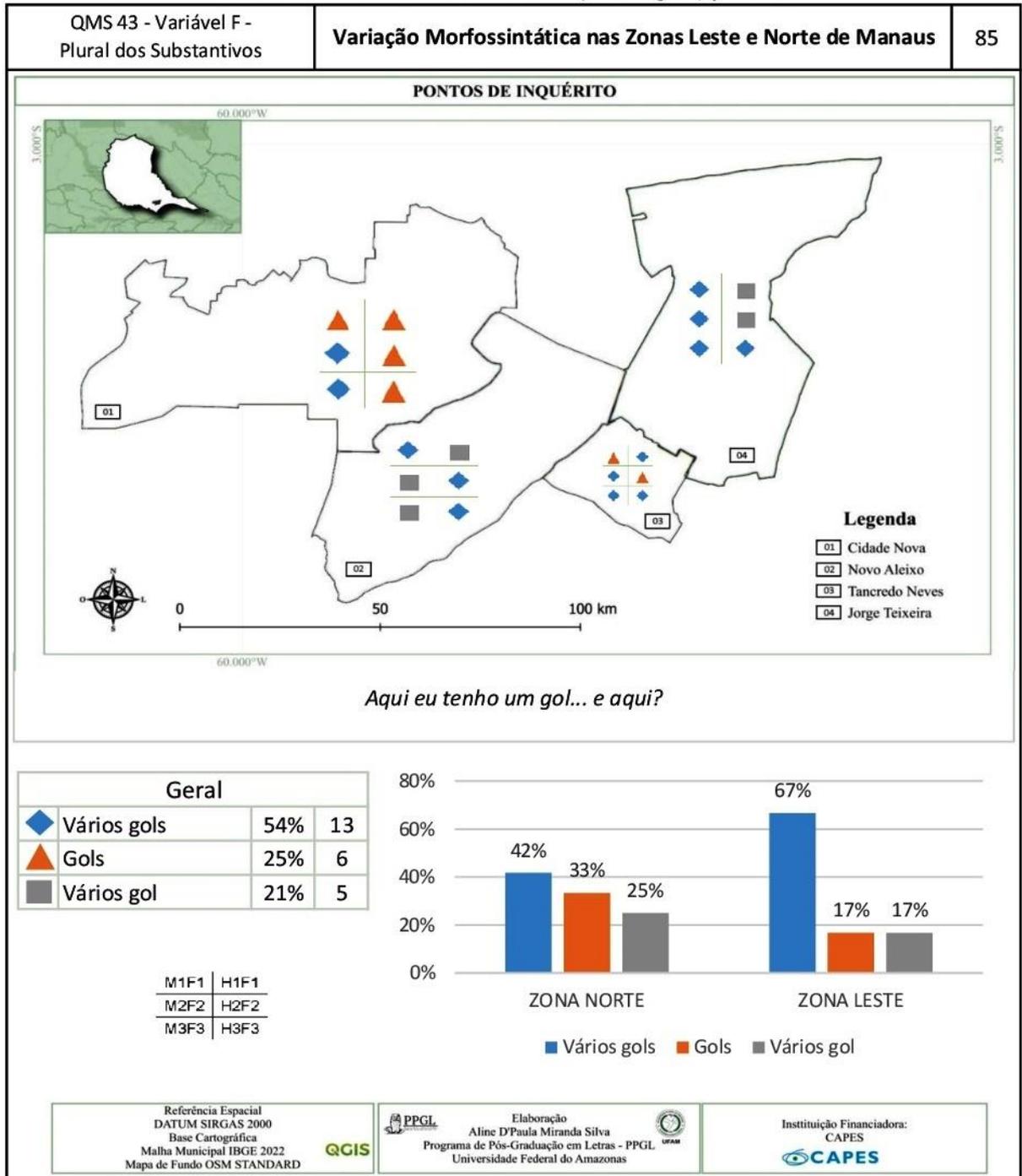
Carta Morfossintática 83 Variável (anel) por zona



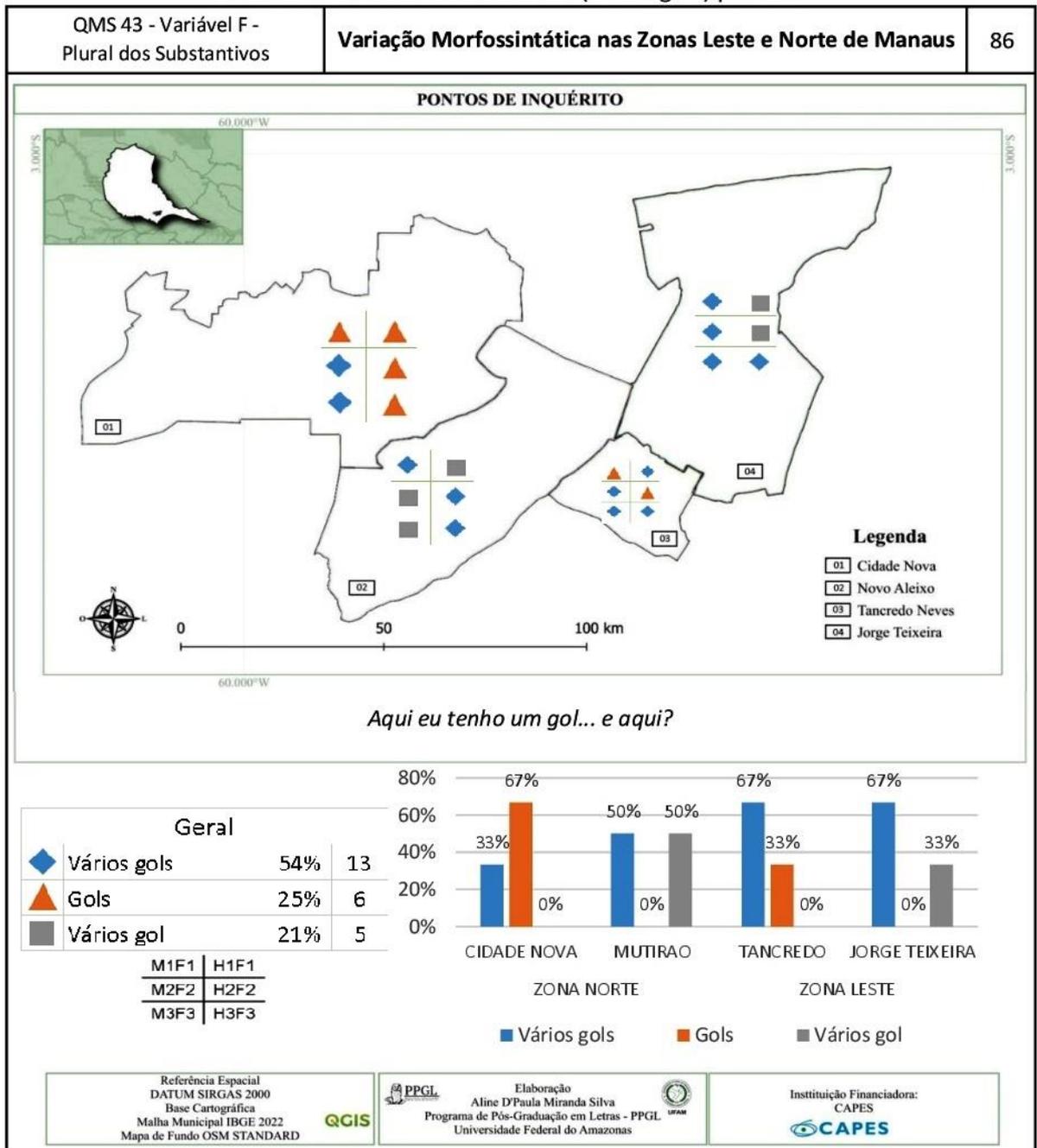
Carta Morfossintática 84 Variável (anel) por bairro



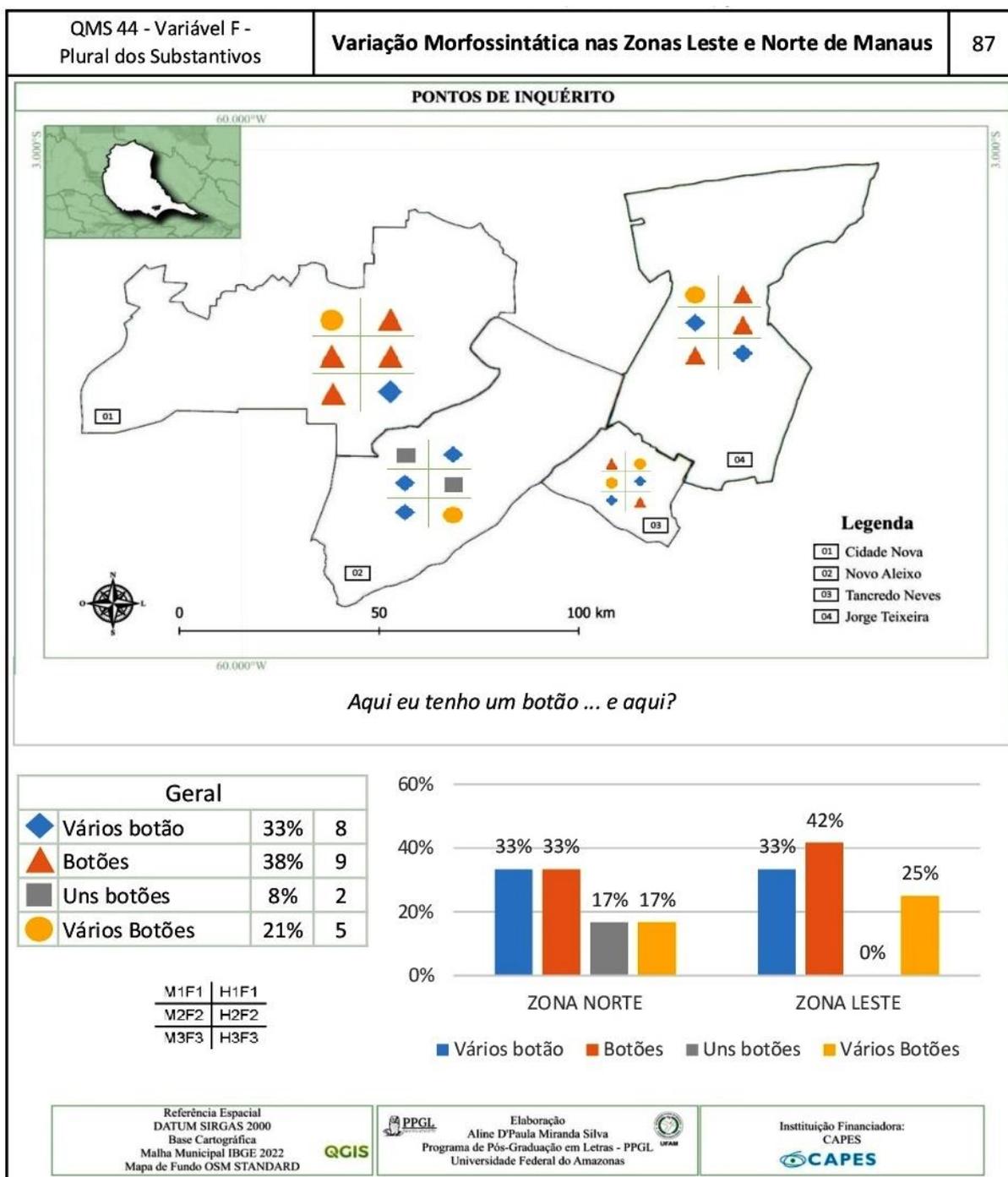
Carta Morfossintática 85 Variável (gol) por zona



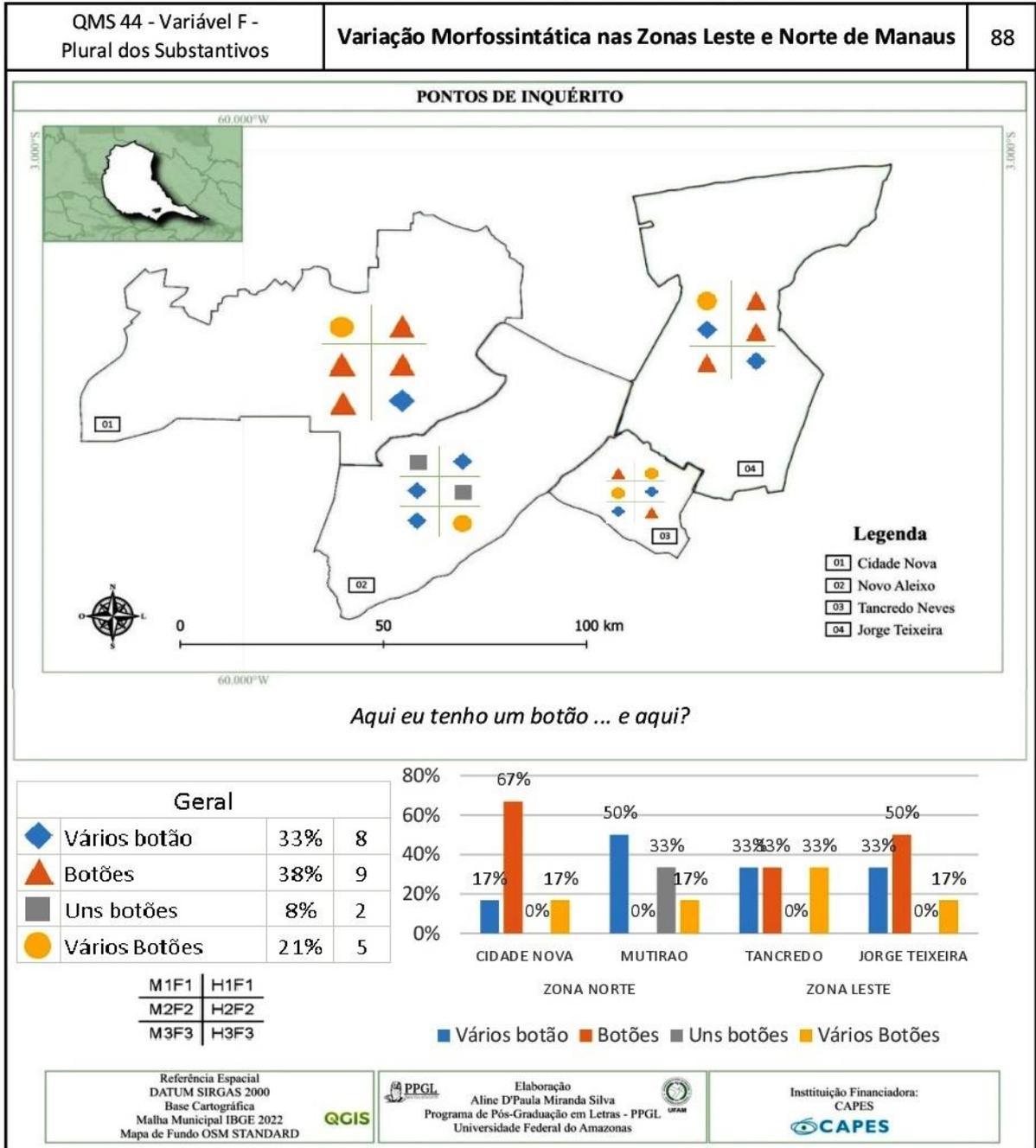
Carta Morfossintática 86 Variável (gol) por bairro



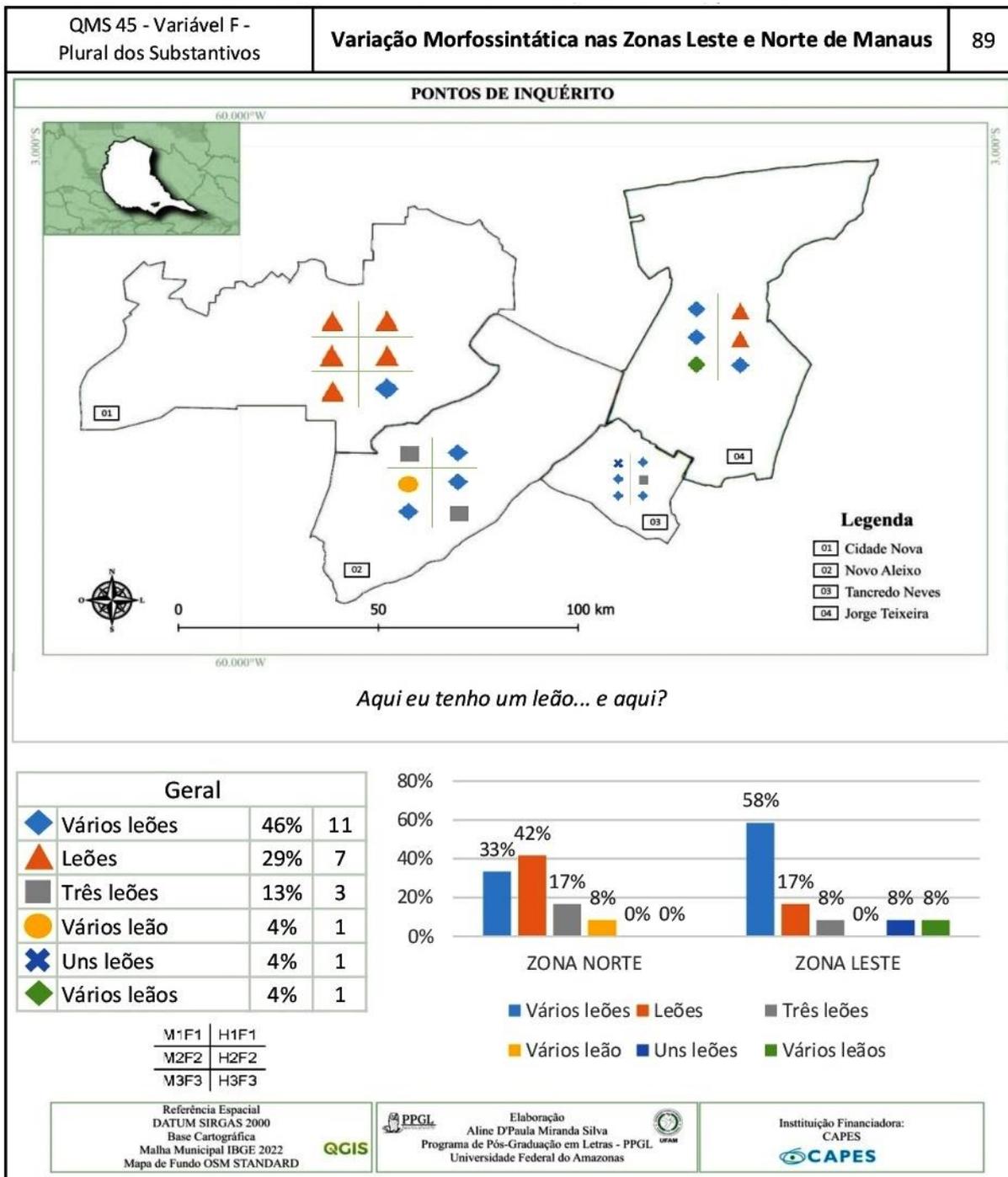
Carta Morfossintática 87 Variável (botão) por zona



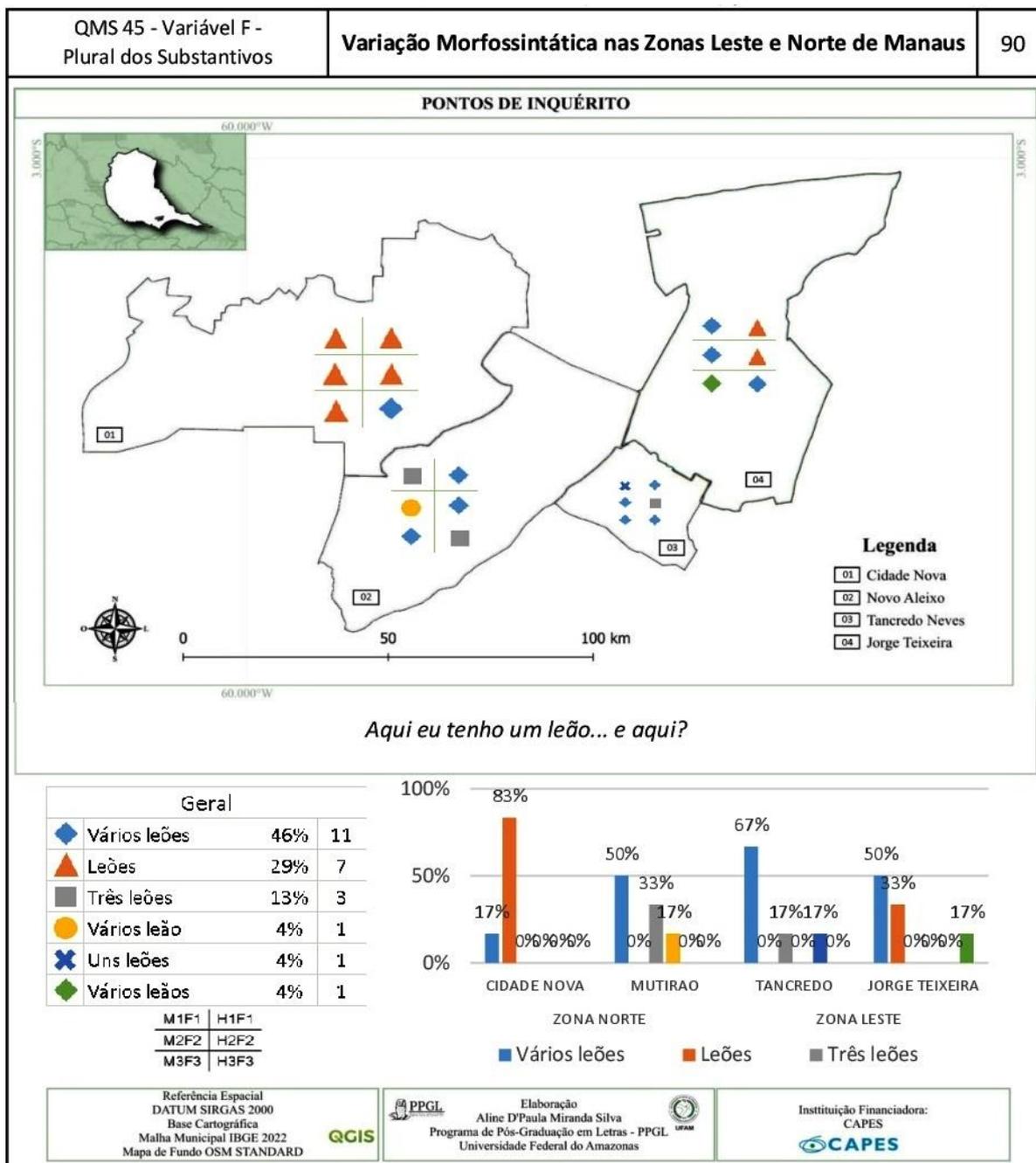
Carta Morfossintática 88 Variável (*botão*) por bairro



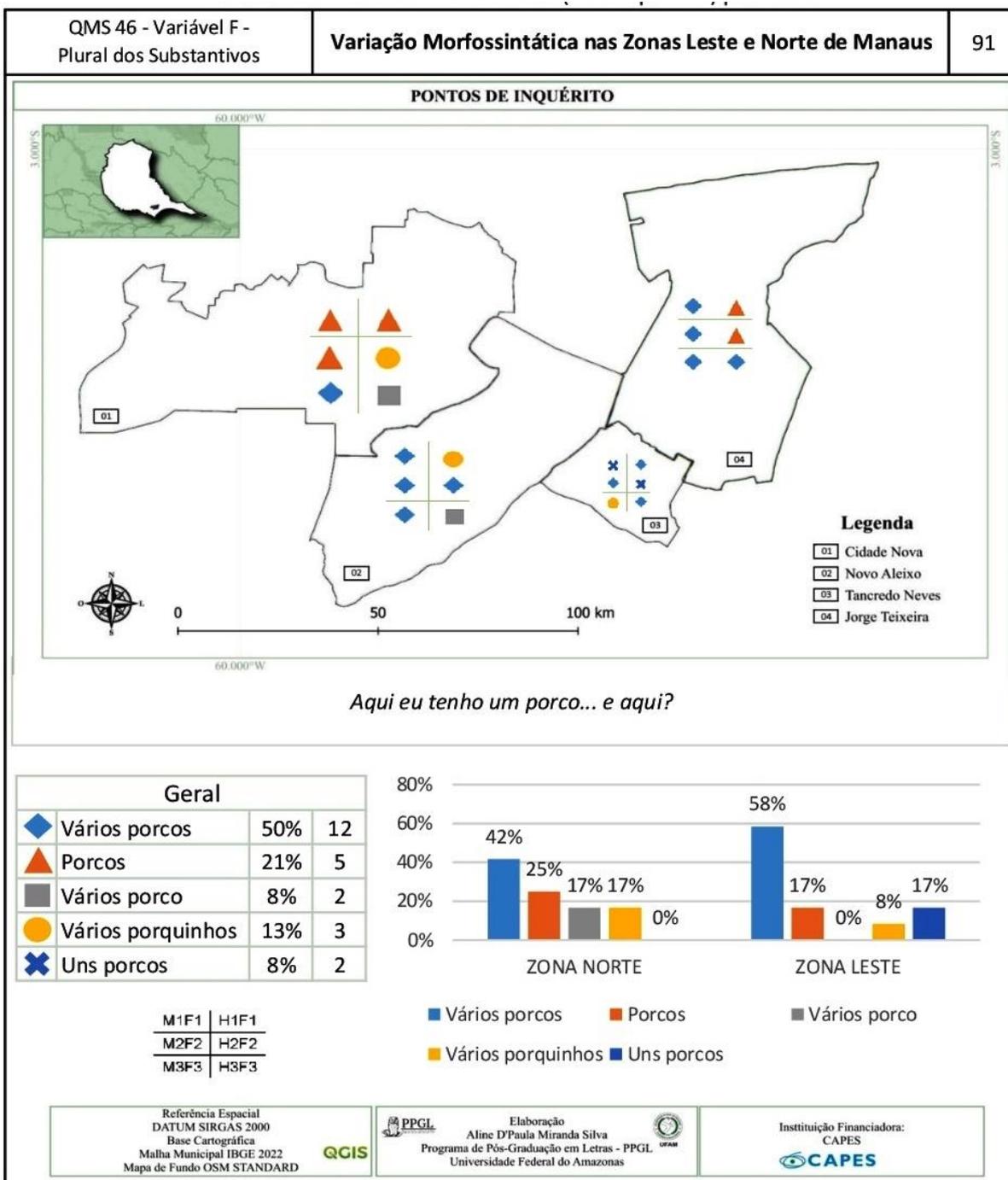
Carta Morfossintática 89 Variável (leão) por zona



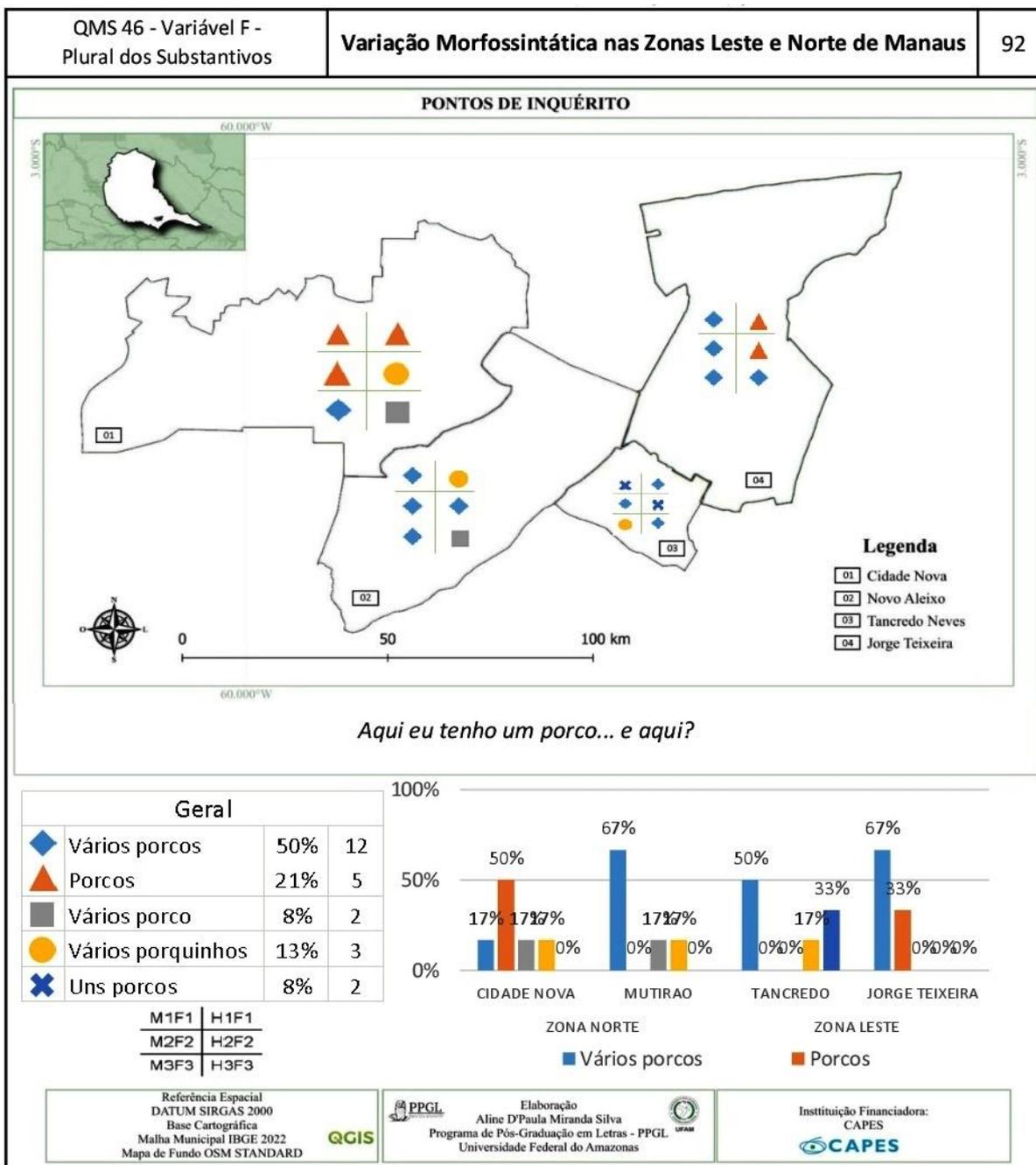
Carta Morfossintática 90 Variável (leão) por bairro



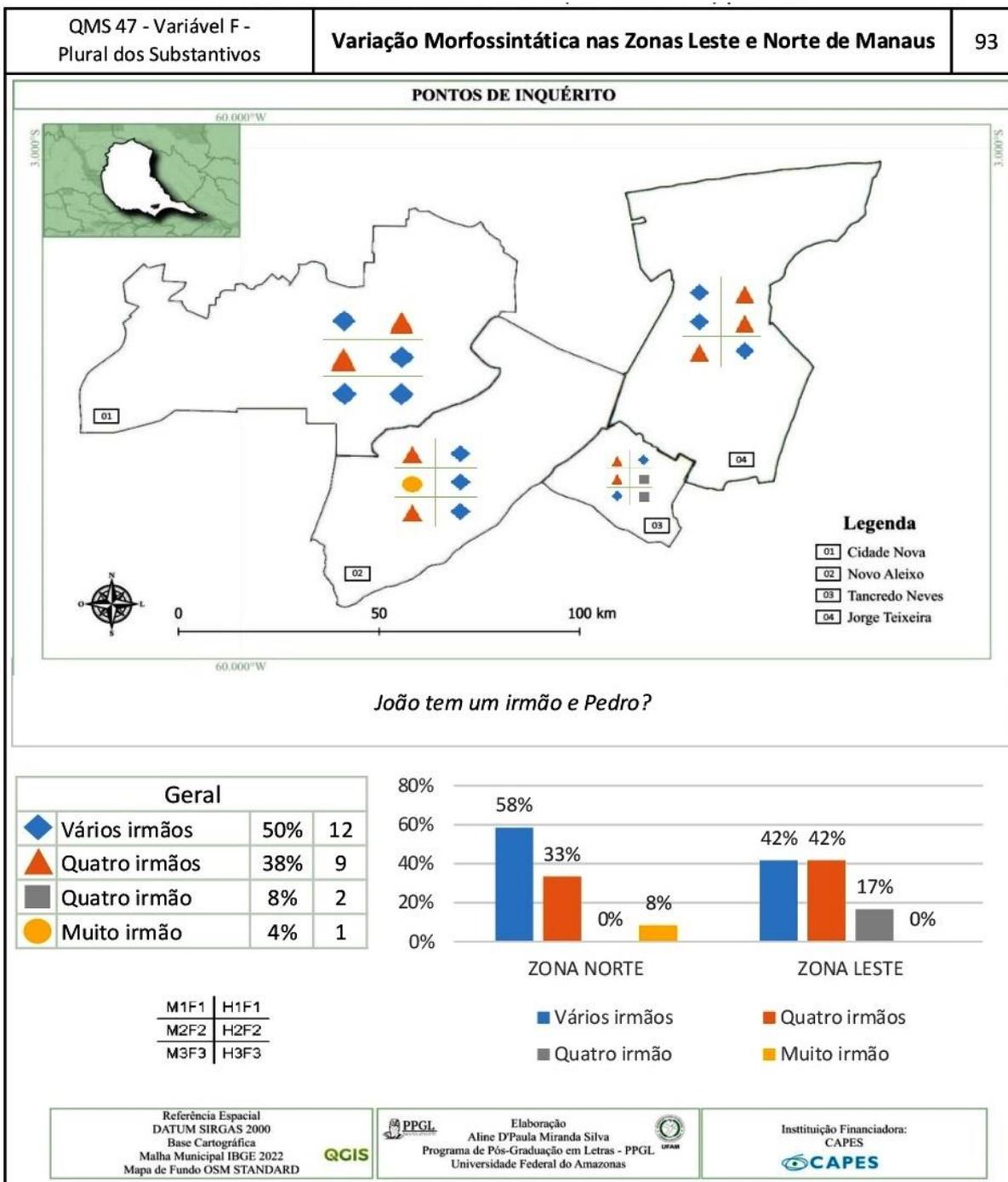
Carta Morfossintática 91 Variável (porco) por zona



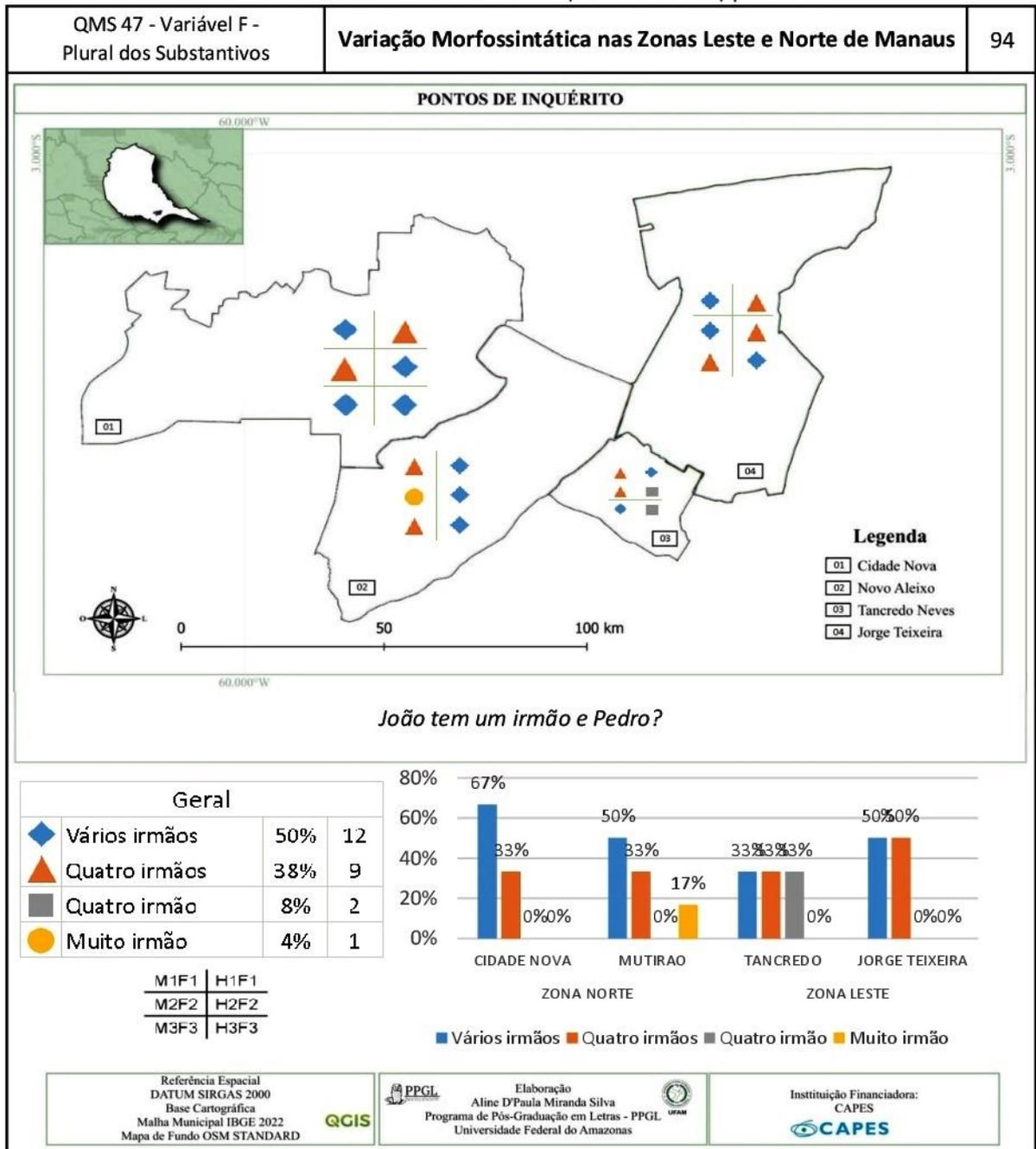
Carta Morfossintática 92 Variável (*porco*) por bairro



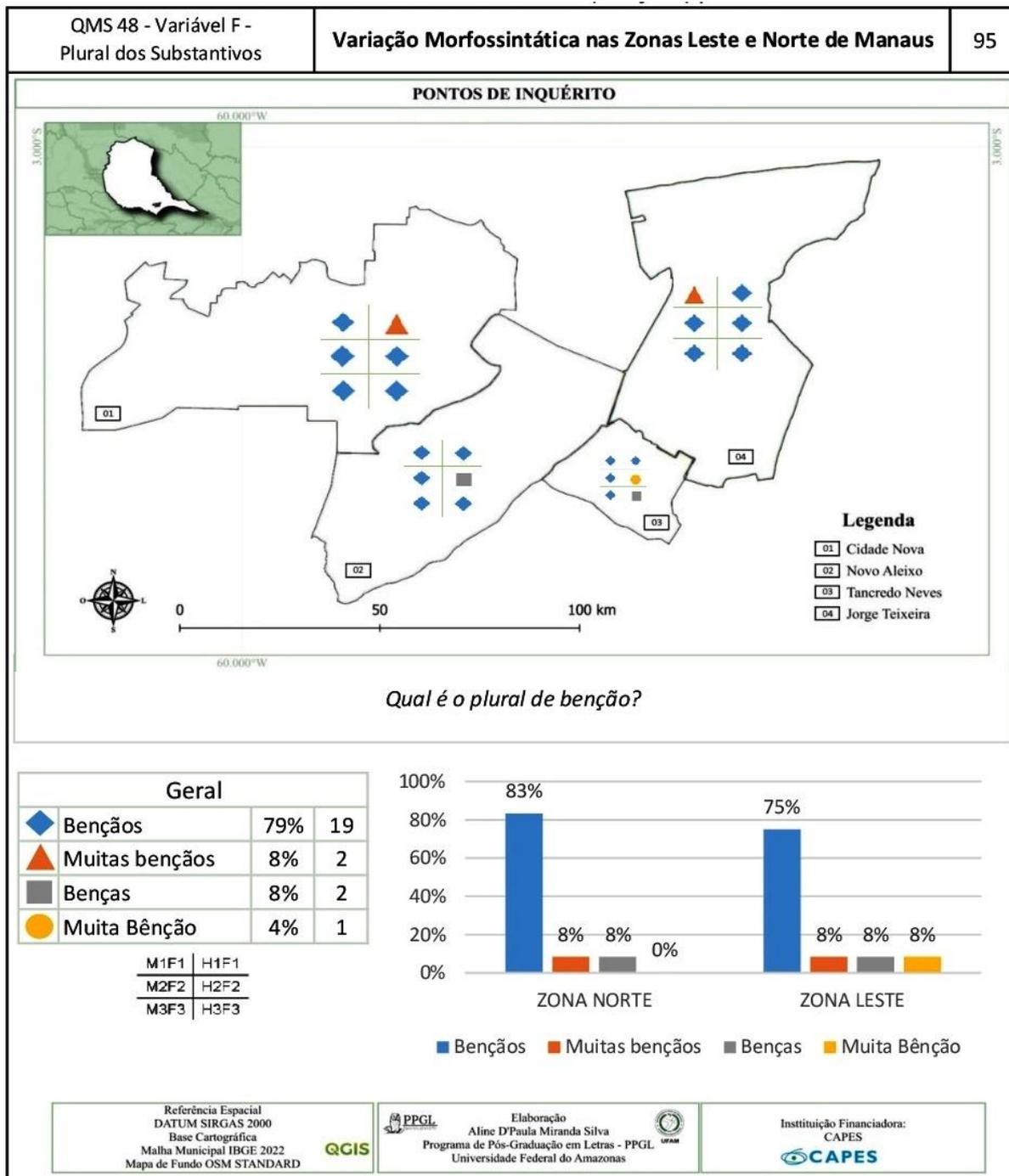
Carta Morfossintática 93 Variável (*irmão*) por zona



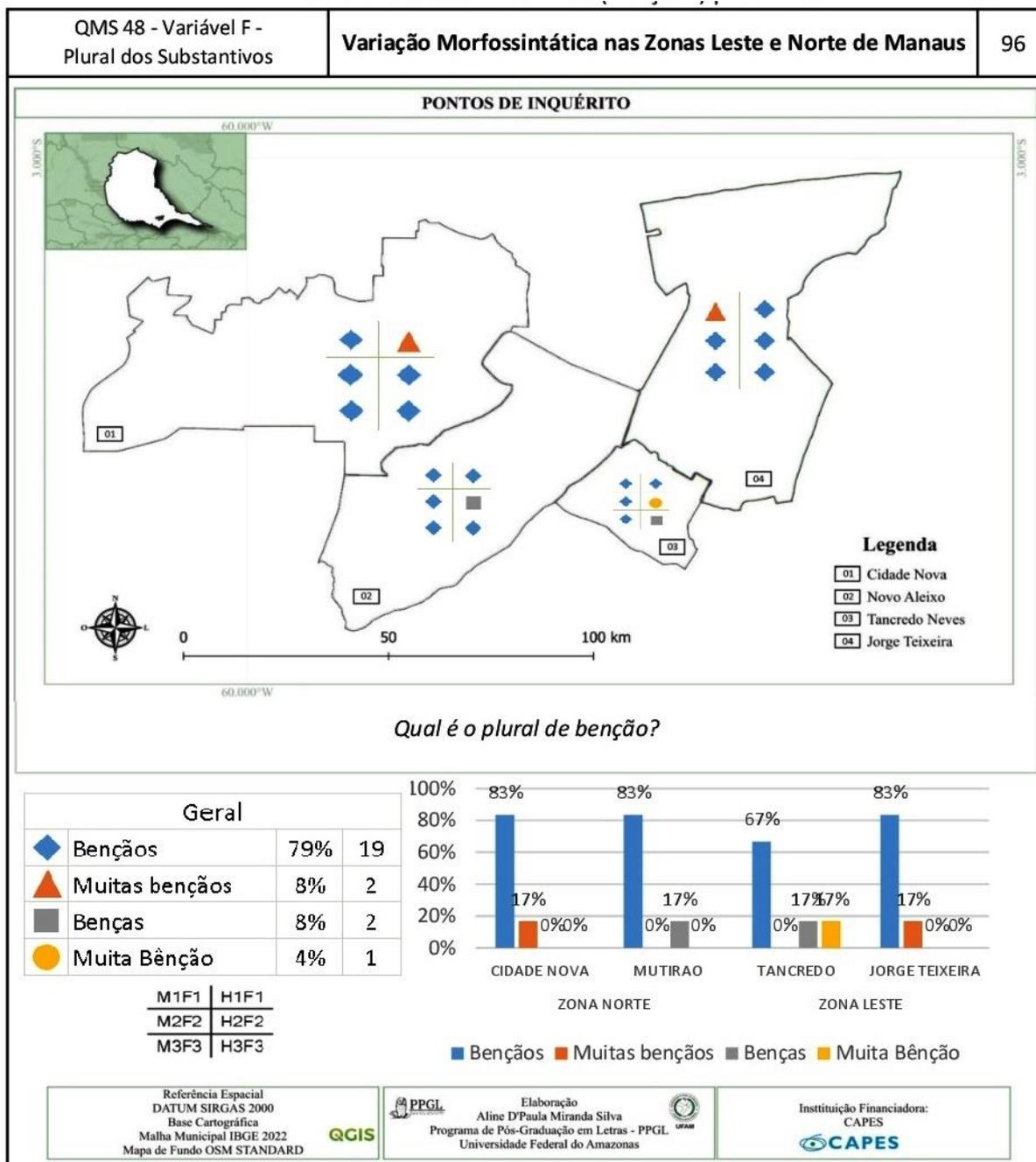
Carta Morfossintática 94 Variável (irmão) por bairro



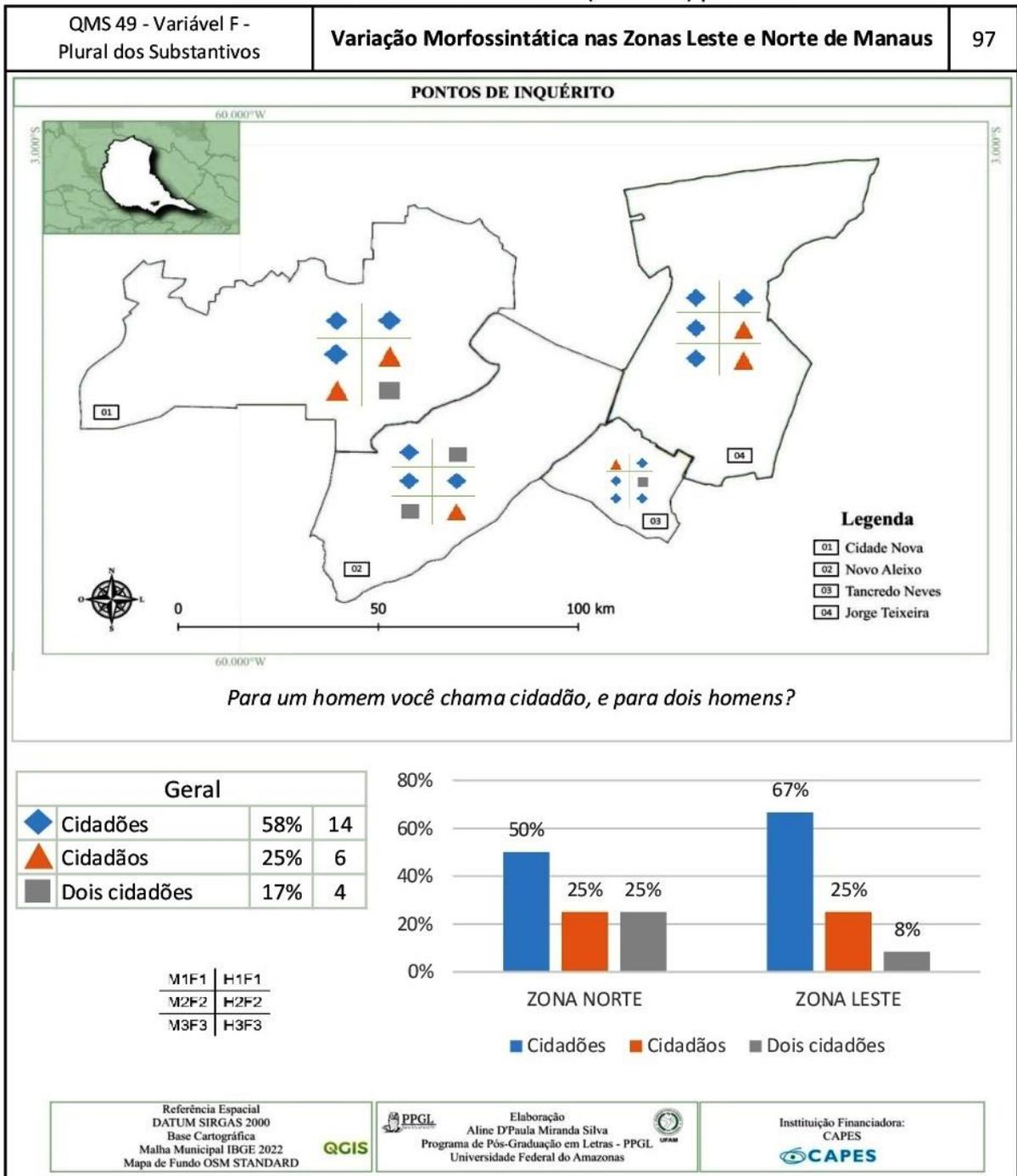
Carta Morfossintática 95 Variável (bênção) por zona



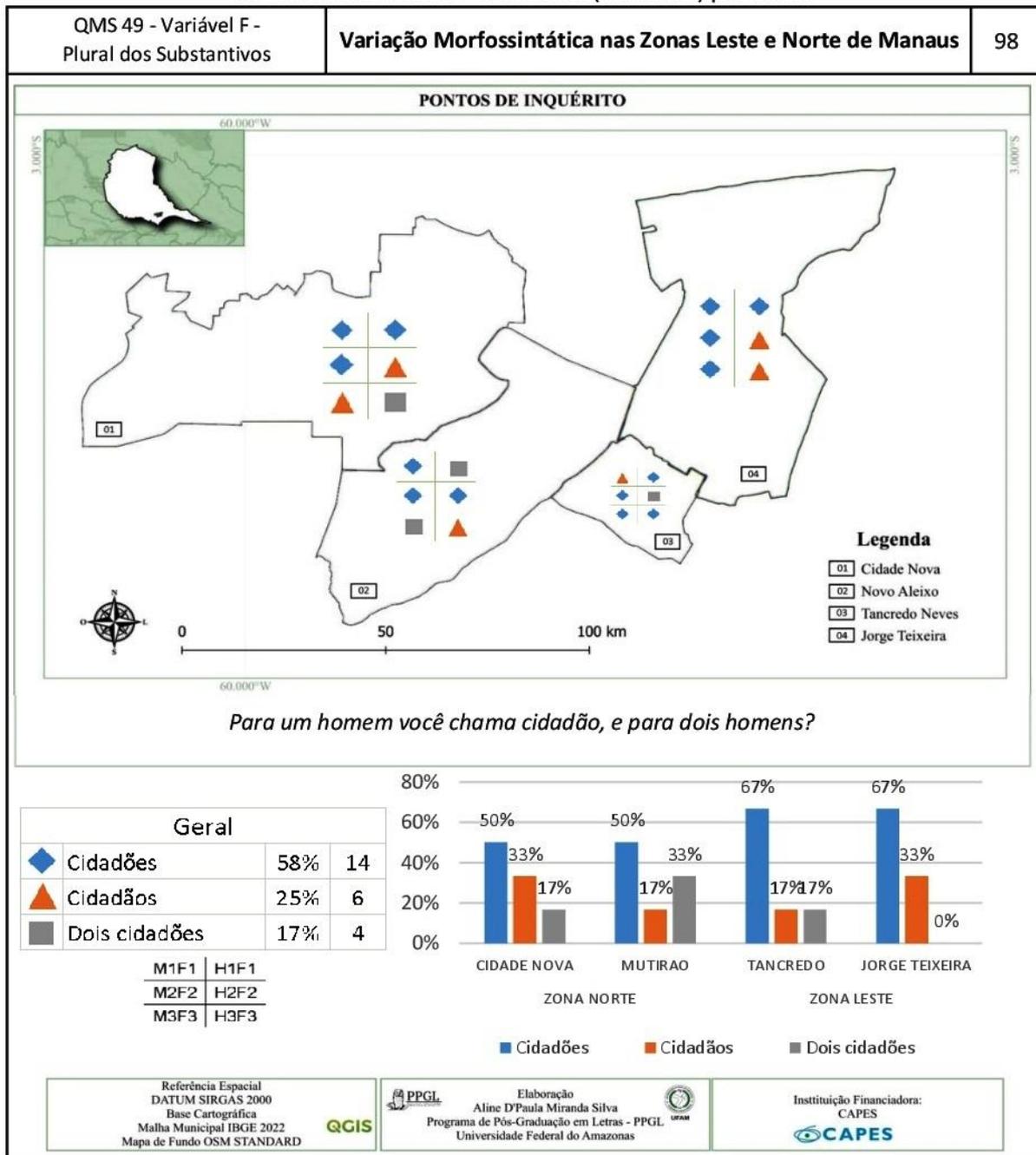
Carta Morfossintática 96 Variável (*bênção*) por bairro



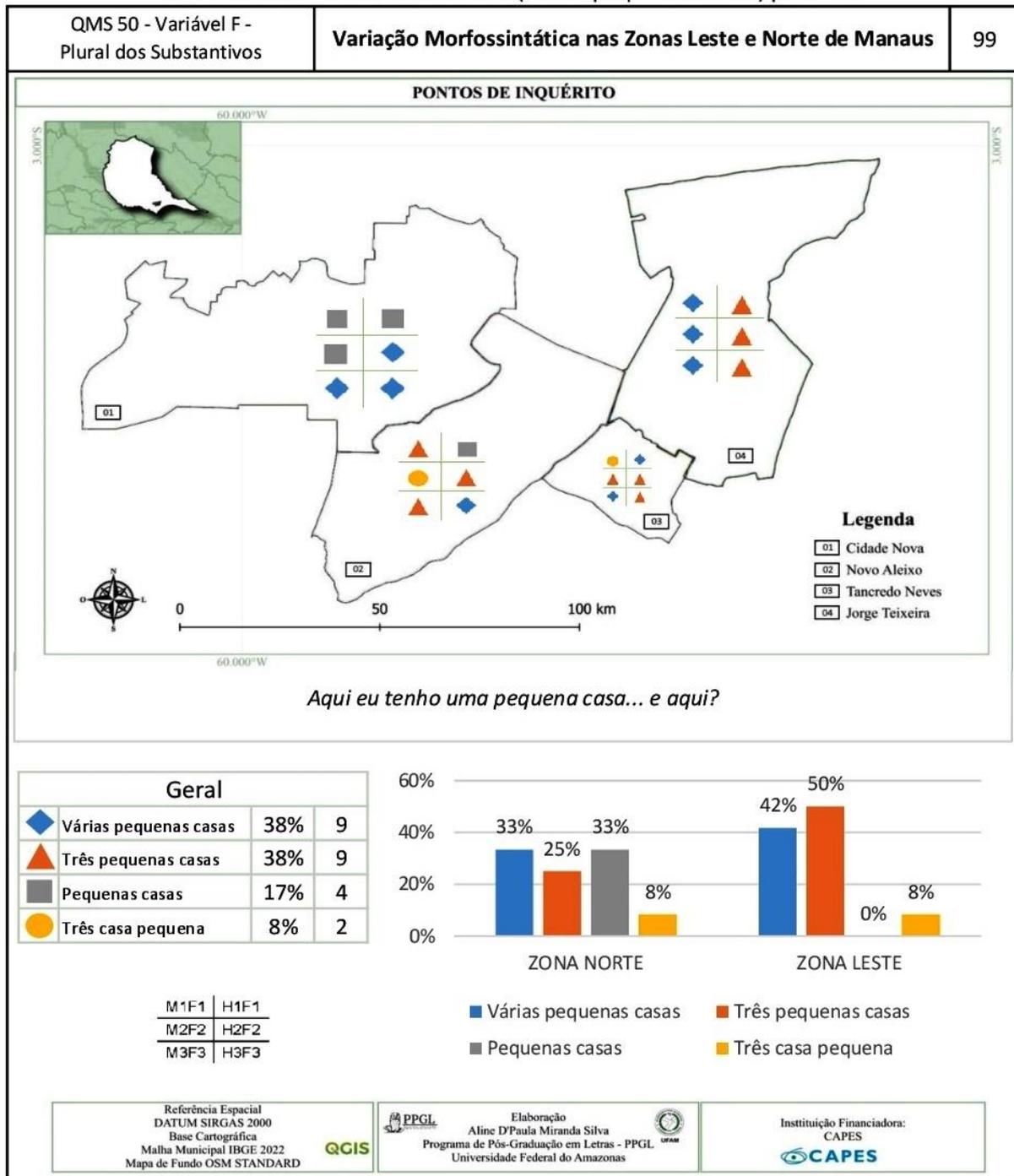
Carta Morfossintática 97 Variável (*cidadão*) por zona



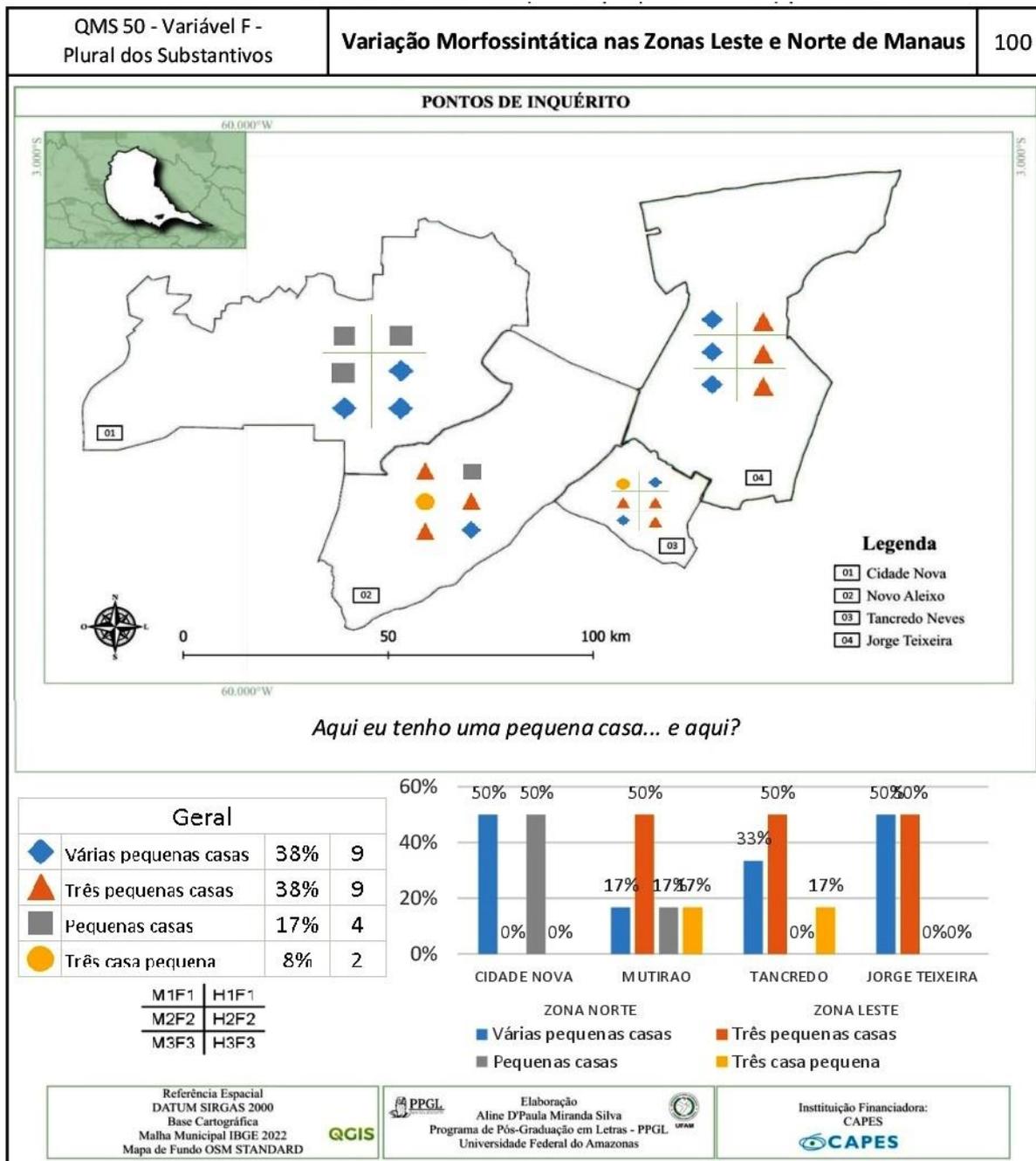
Carta Morfossintática 98 Variável (*cidadão*) por bairro



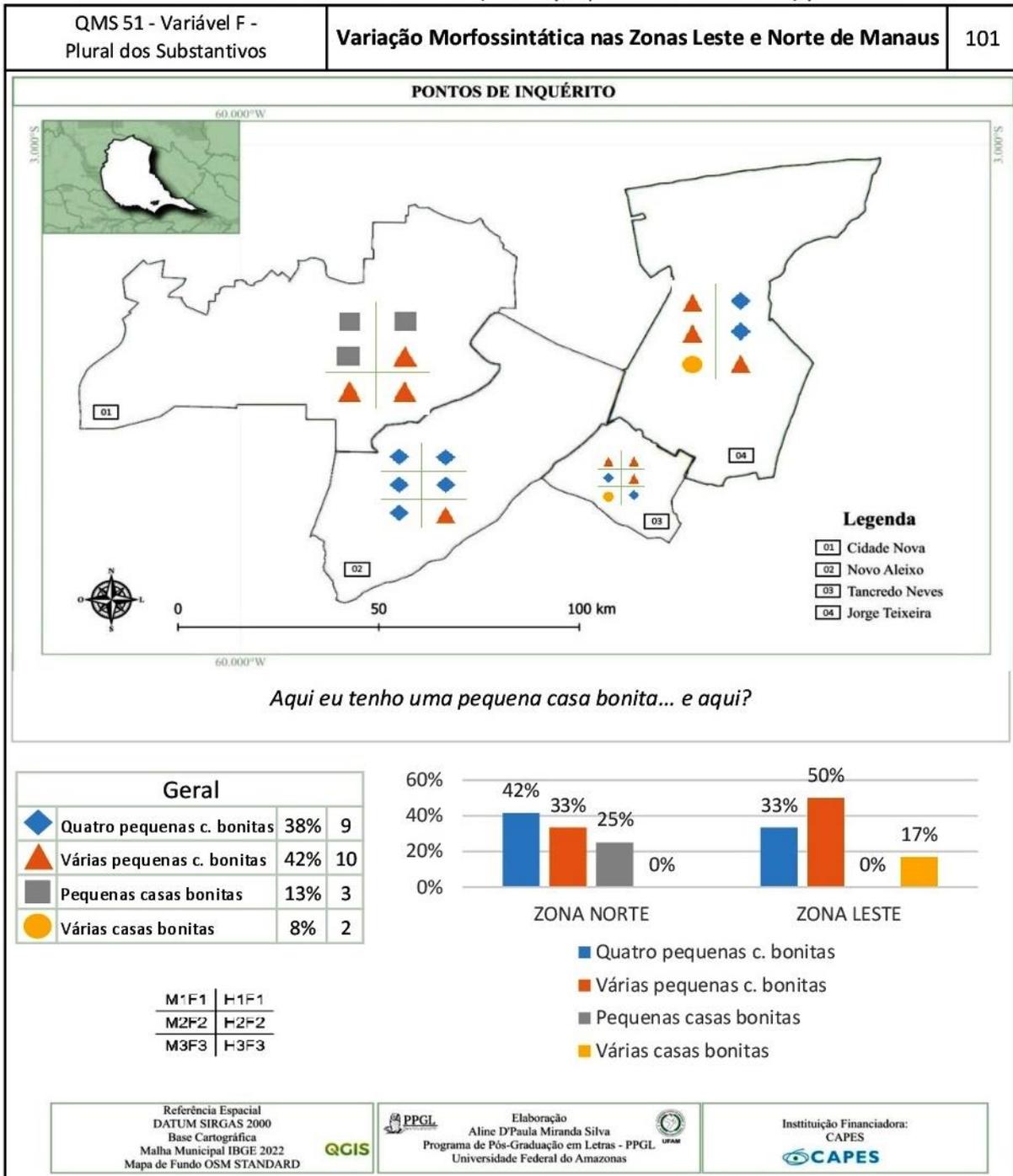
Carta Morfossintática 99 Variável (*uma pequena casa*) por zona



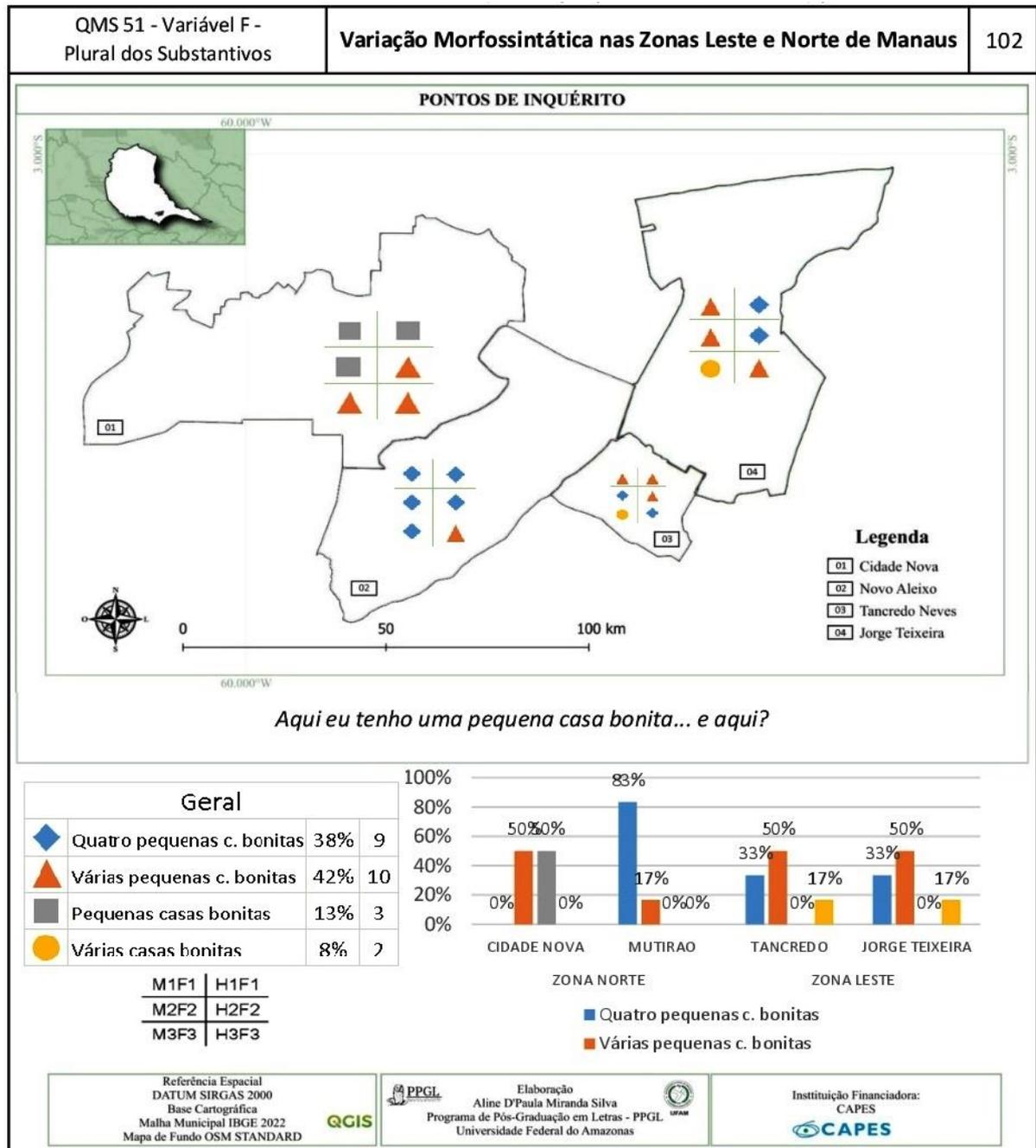
Carta Morfossintática 100 Variável (*uma pequena casa*) por bairro



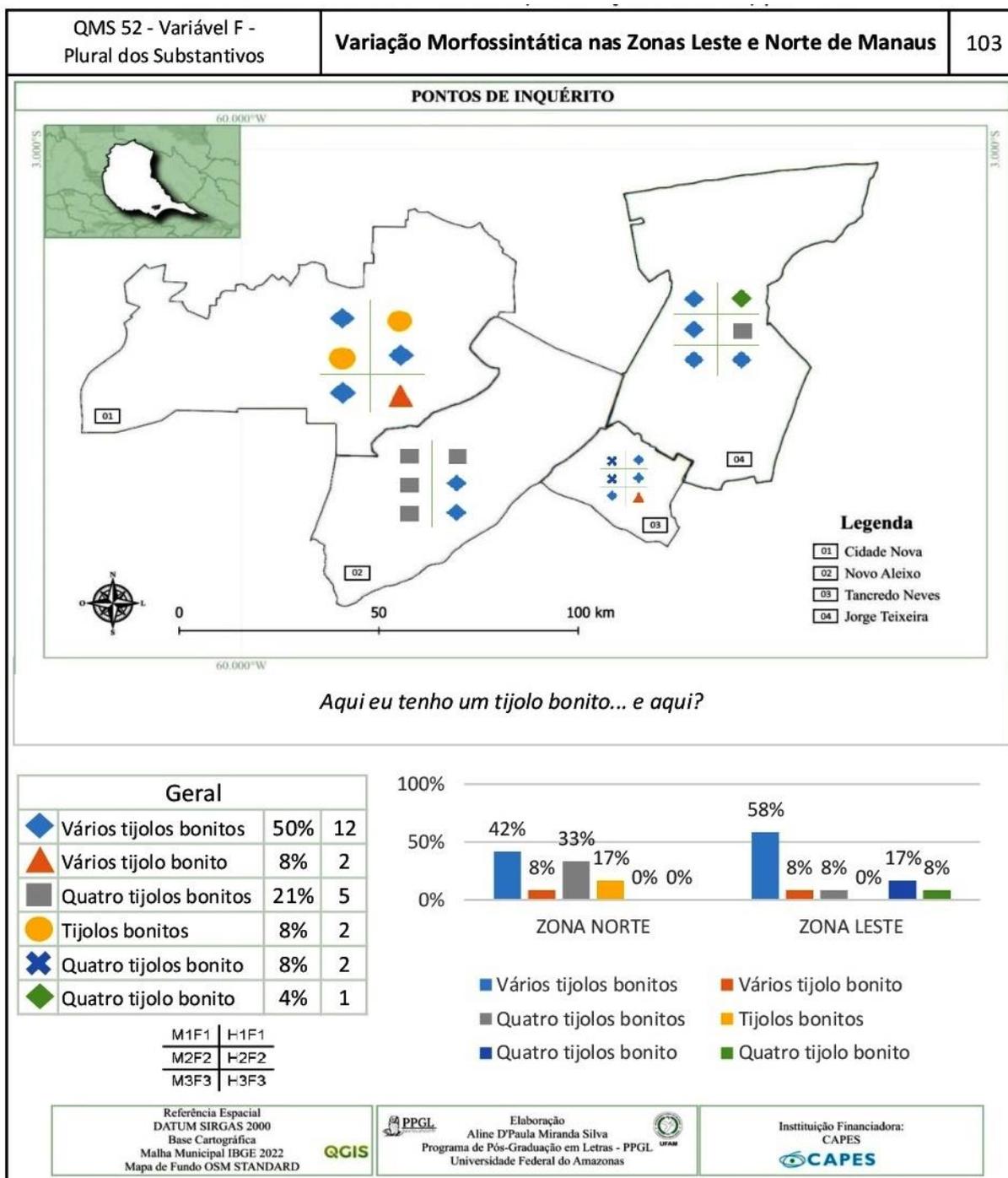
Carta Morfossintática 101 Variável (*uma pequena casa bonita*) por zona



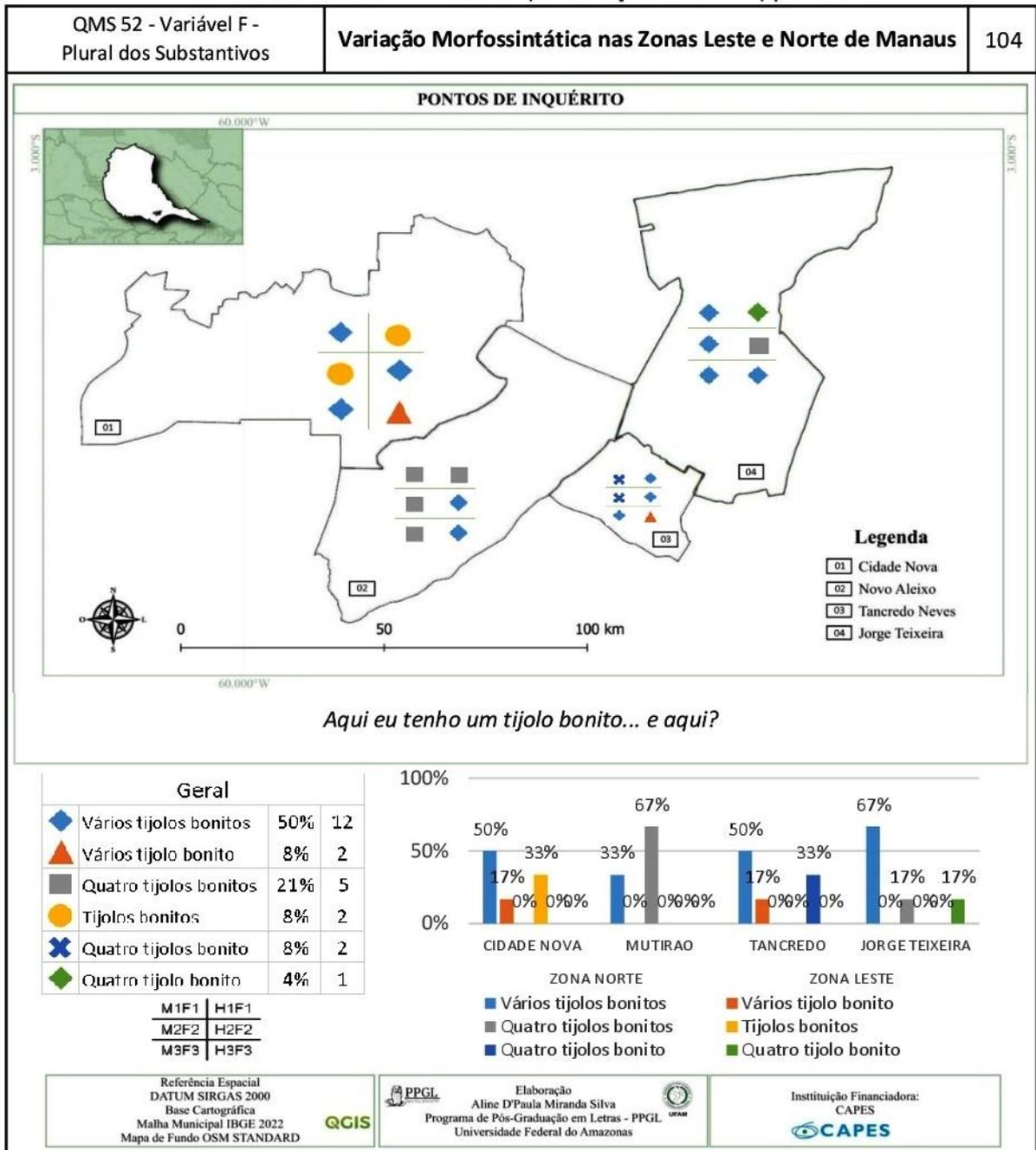
Carta Morfossintática 102 Variável (*uma pequena casa bonita*) por bairro



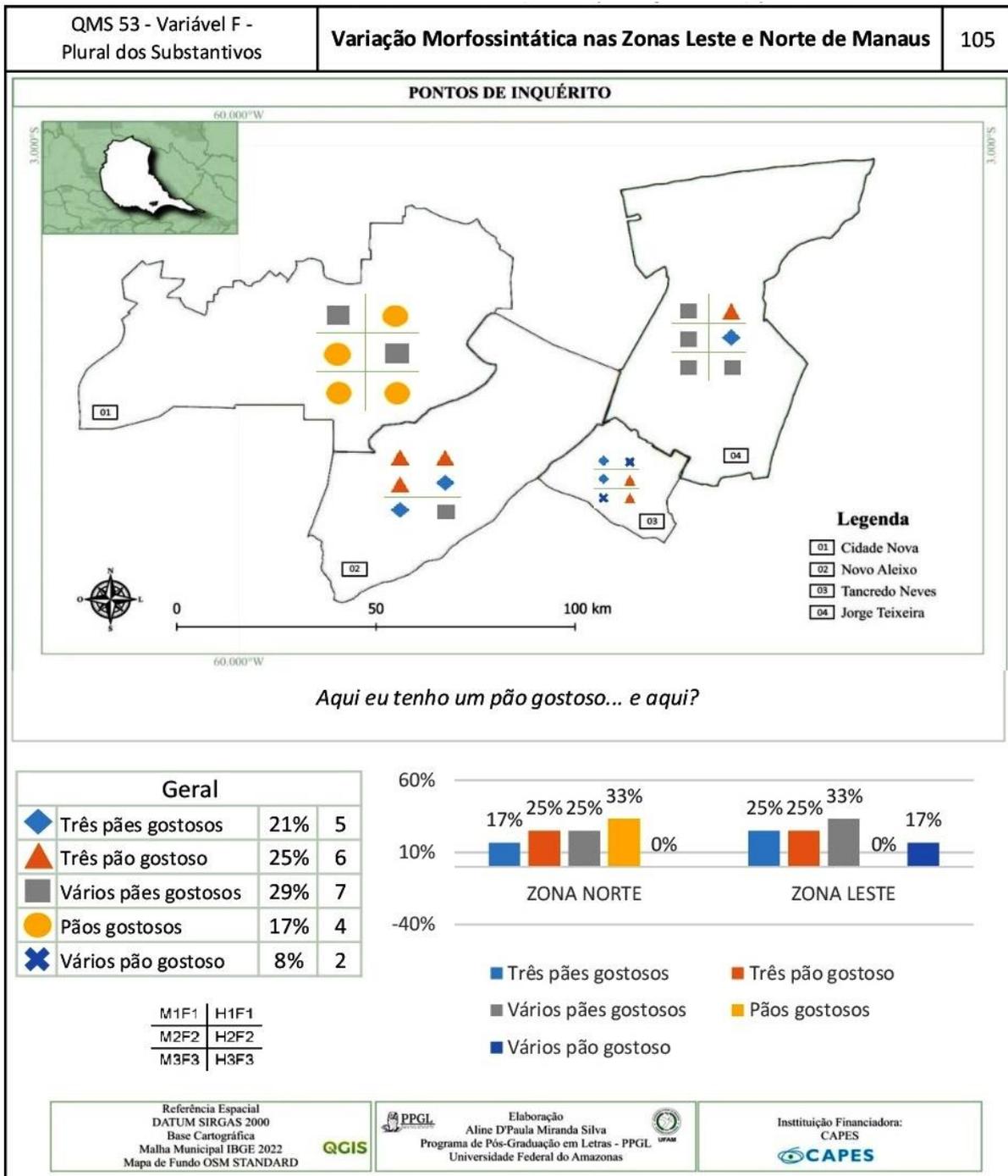
Carta Morfossintática 103 Variável (*um tijolo bonito*) por zona



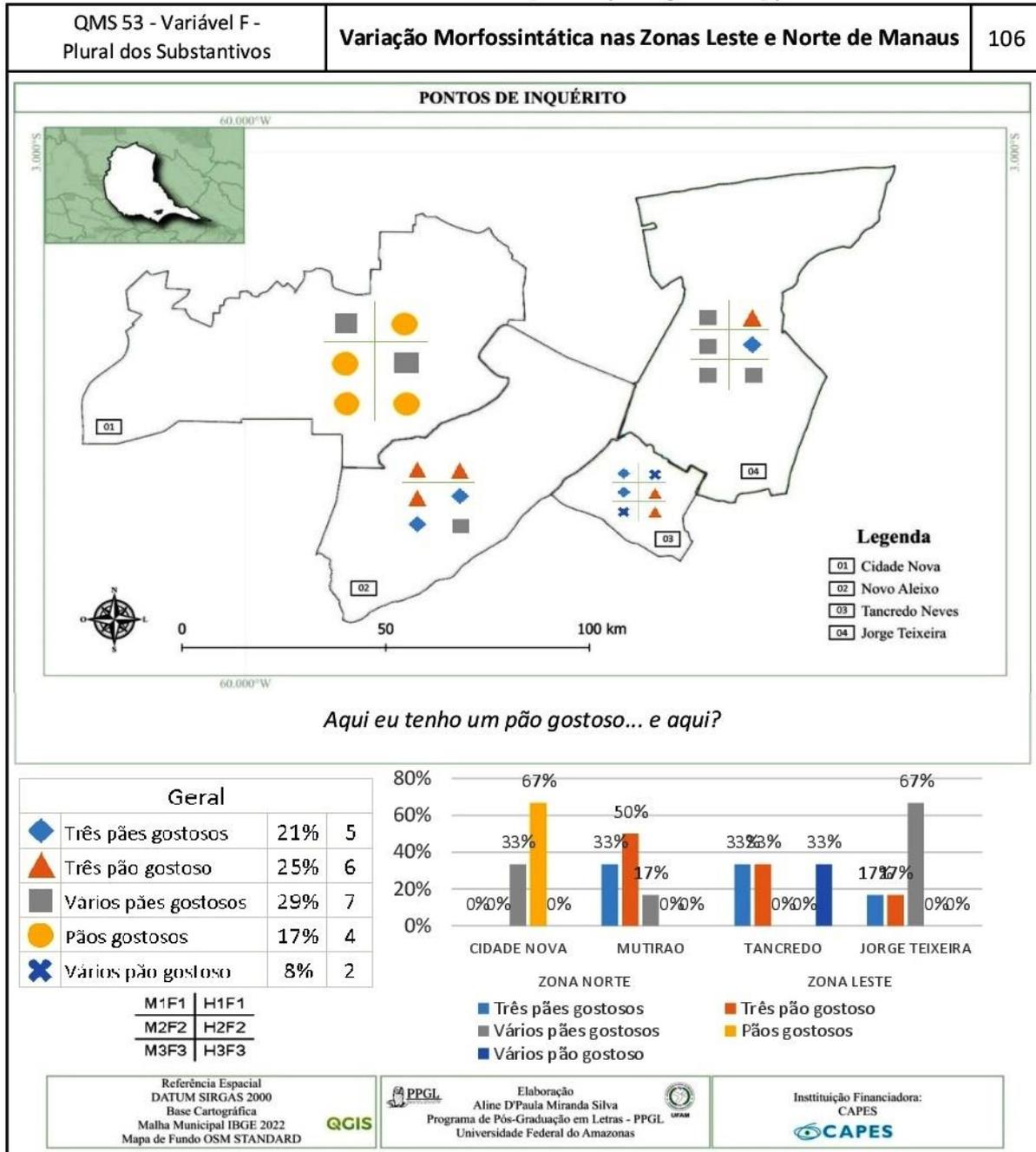
Carta Morfossintática 104 Variável (um tijolo bonito) por bairro



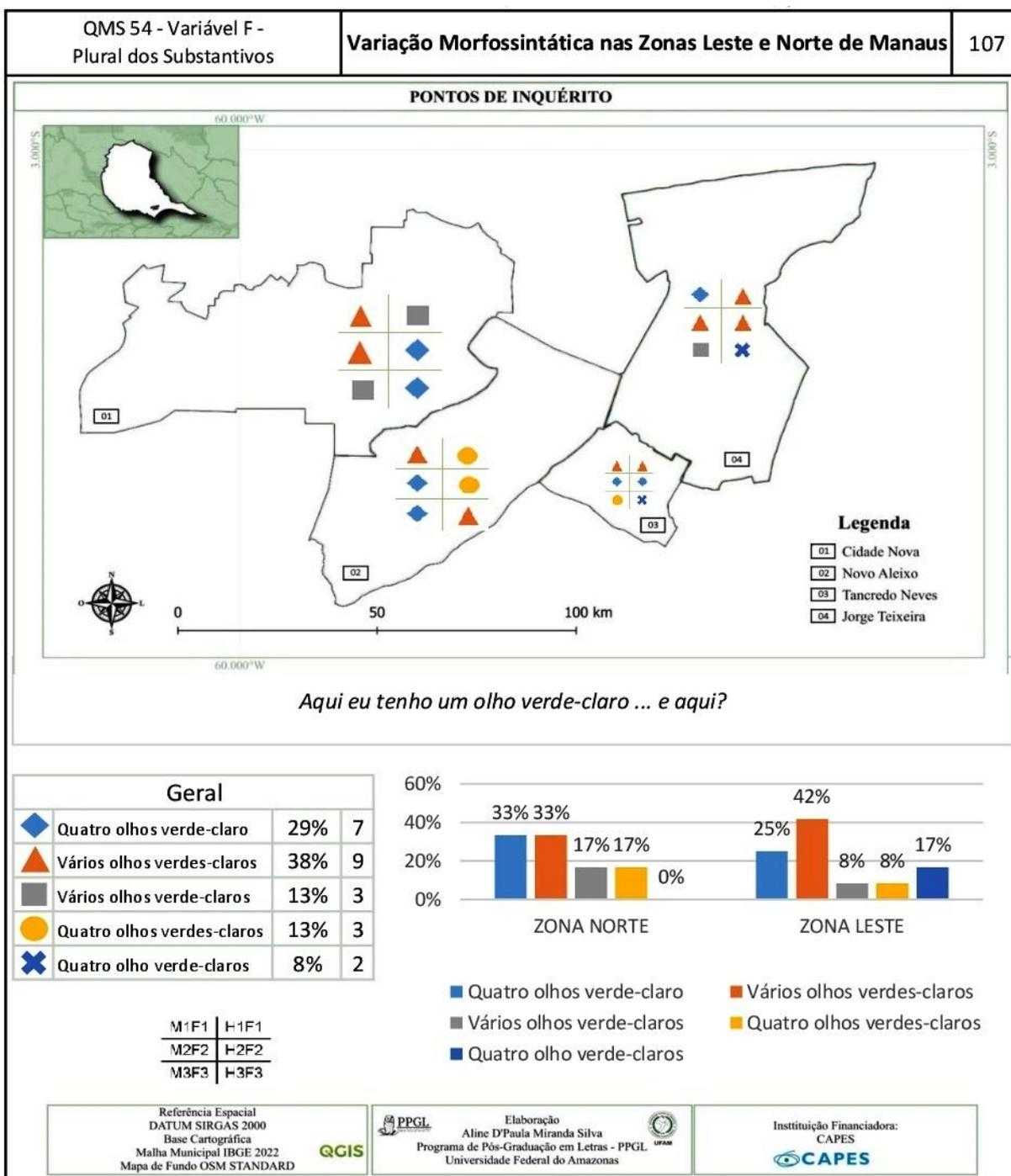
Carta Morfossintática 105 Variável (um pão gostoso) por zona



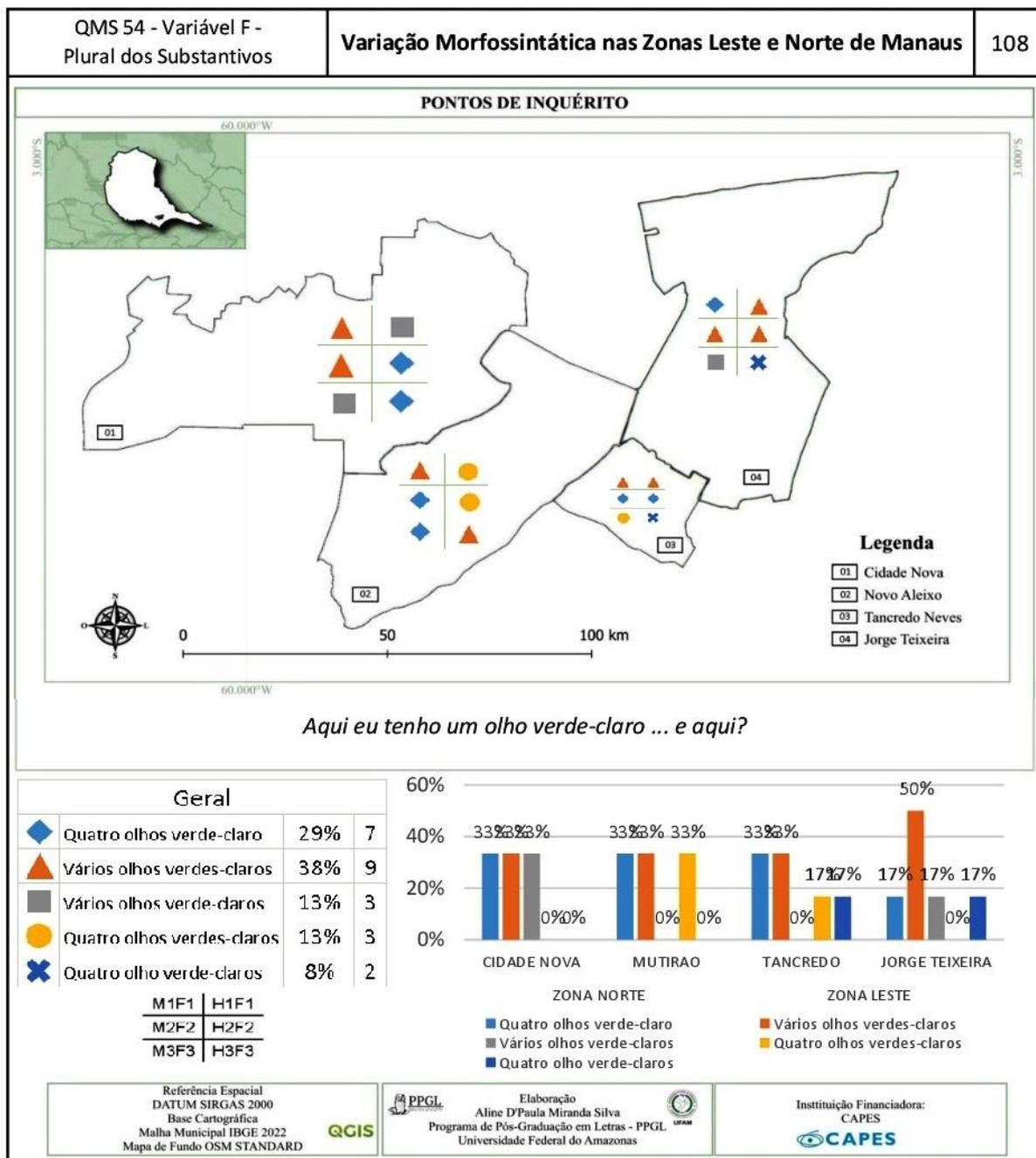
Carta Morfossintática 106 Variável (*um pão gostoso*) por bairro



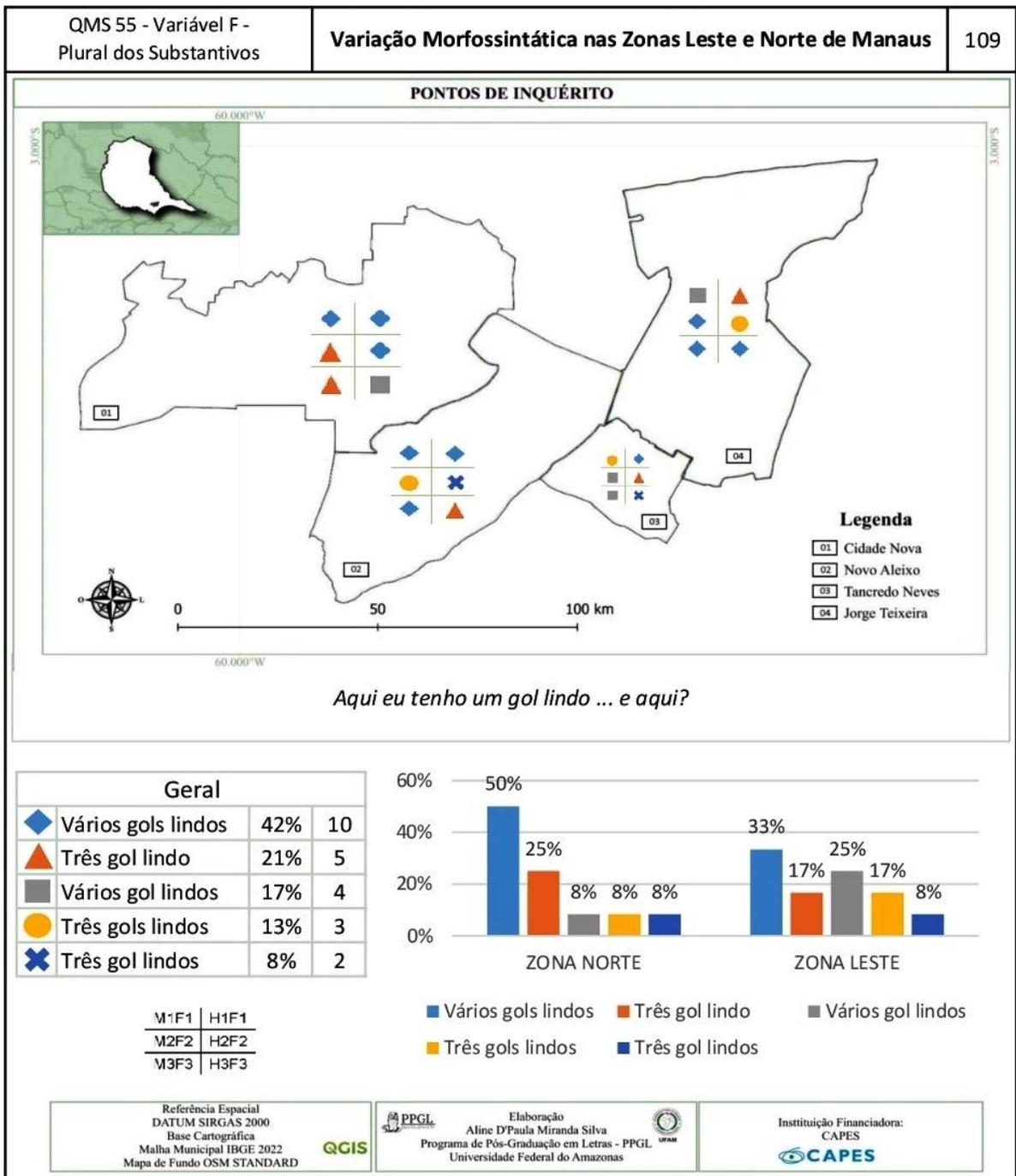
Carta Morfossintática 107 Variável (um olho verde-claro) por zona



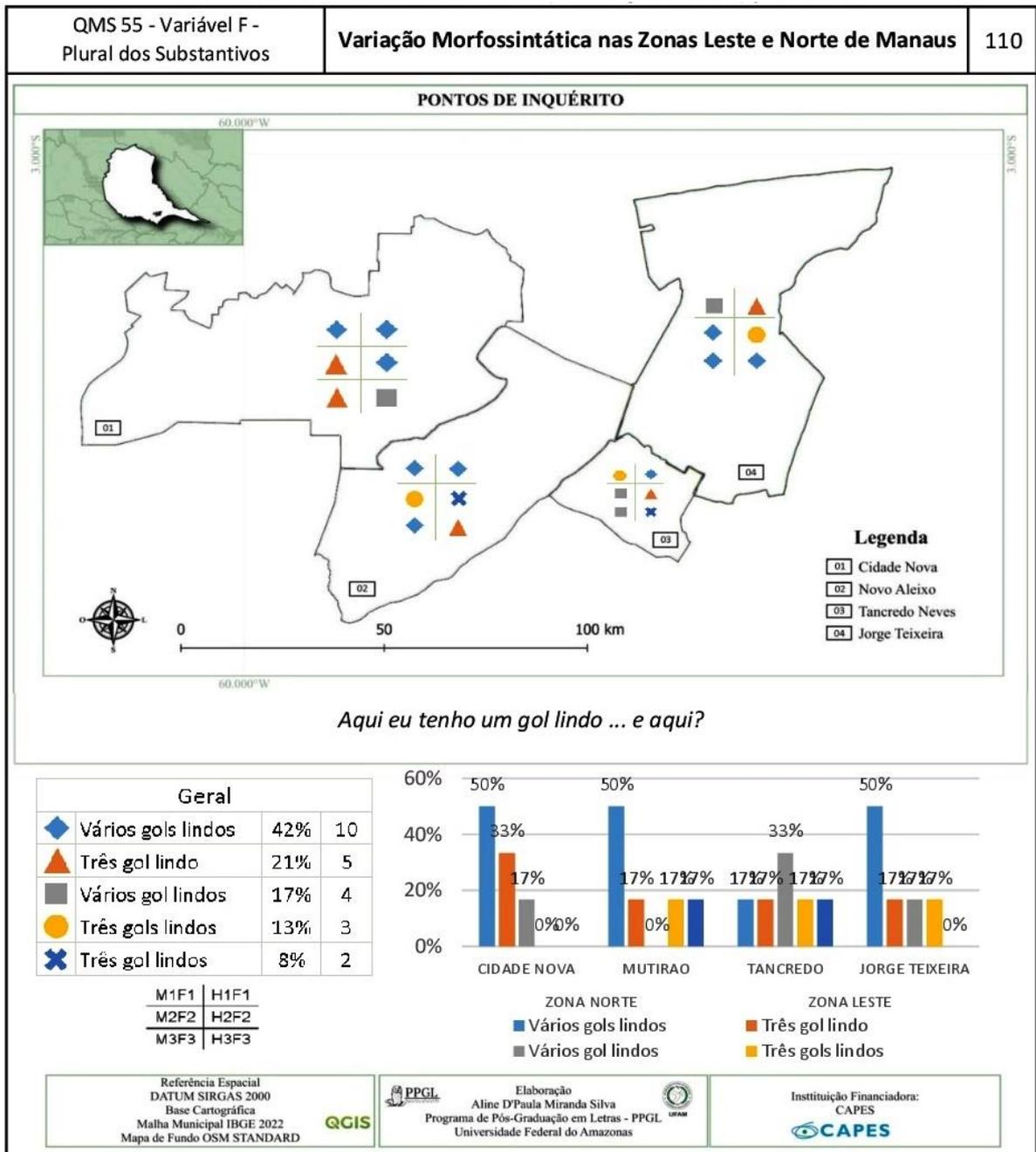
Carta Morfossintática 108 Variável (um olho verde-claro) por bairro



Carta Morfossintática 109 Variável (*um gol lindo*) por zona

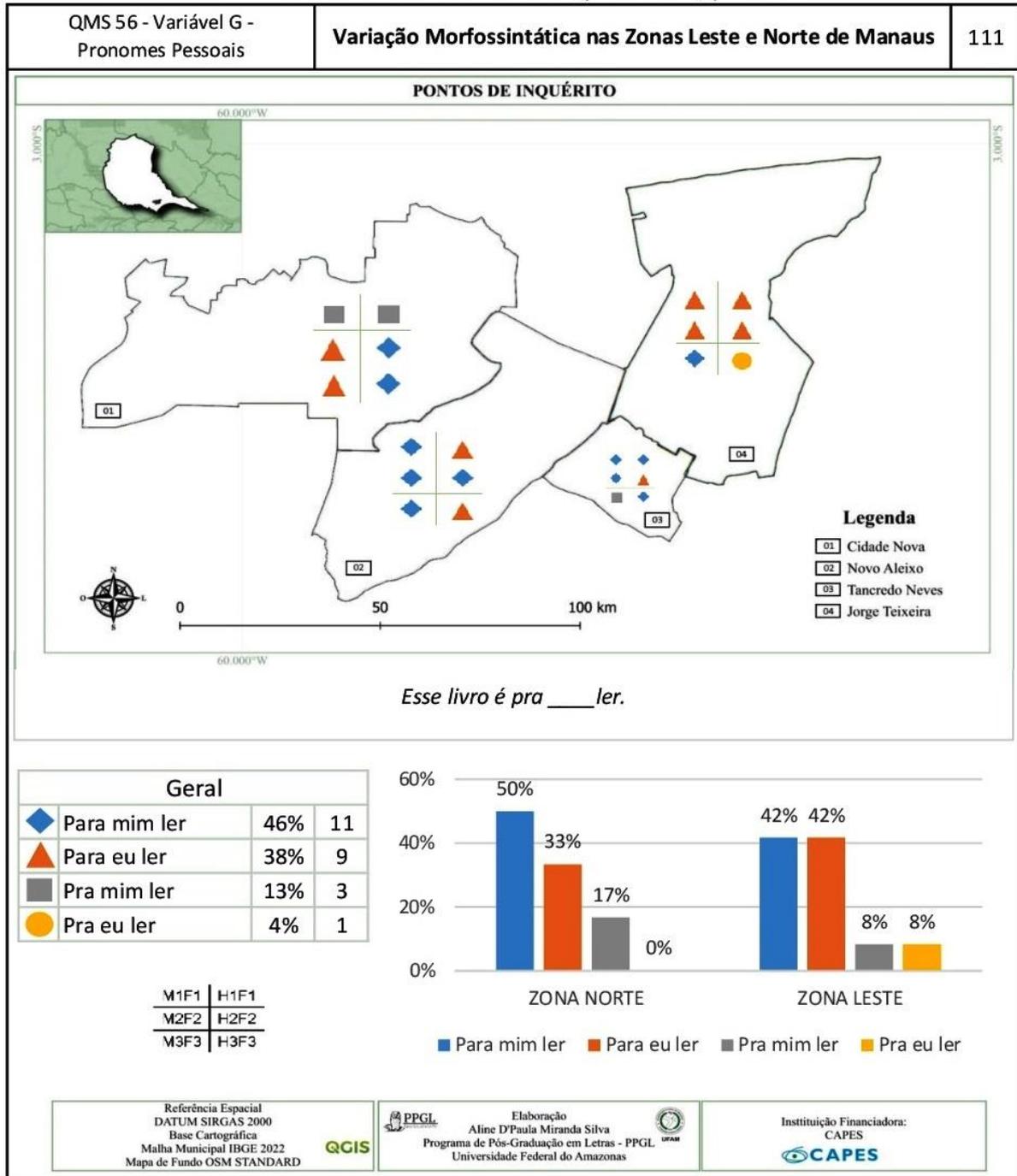


Carta Morfossintática 110 Variável (*um gol lindo*) por bairro

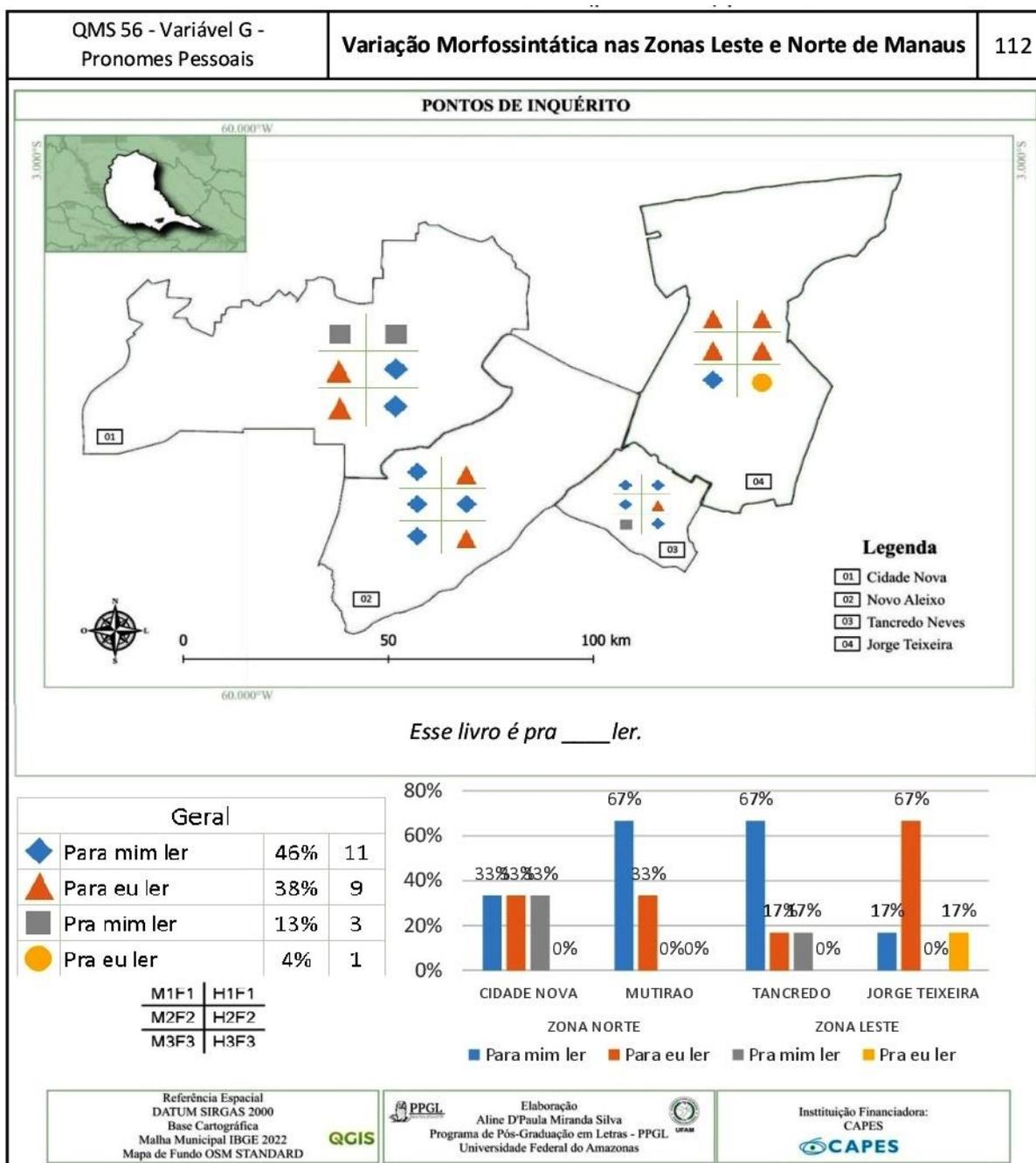


7 Pronomes pessoais

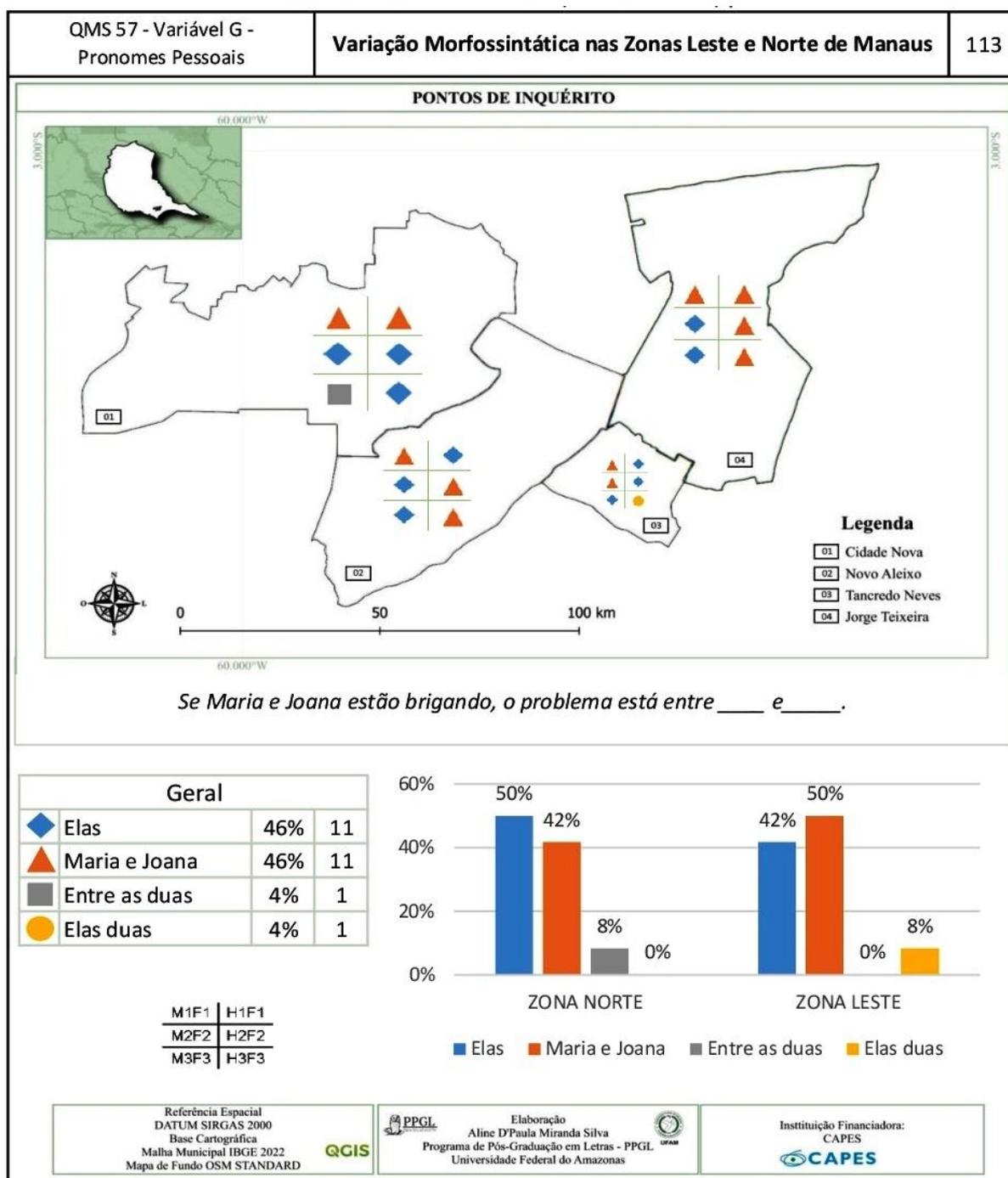
Carta Morfossintática 111 Variável (*eu ler*) por zona



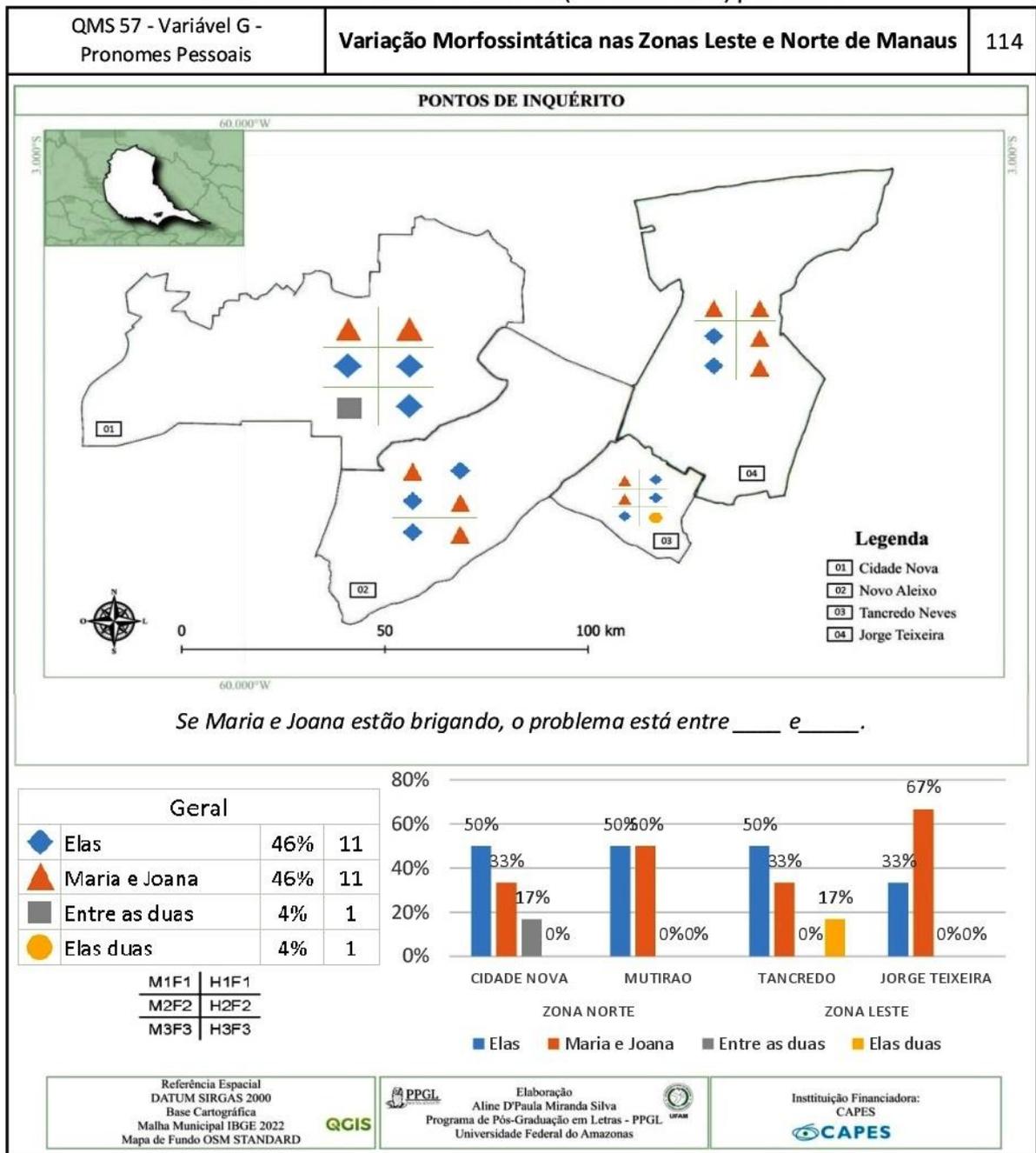
Carta Morfossintática 112 Variável (eu ler) por bairro



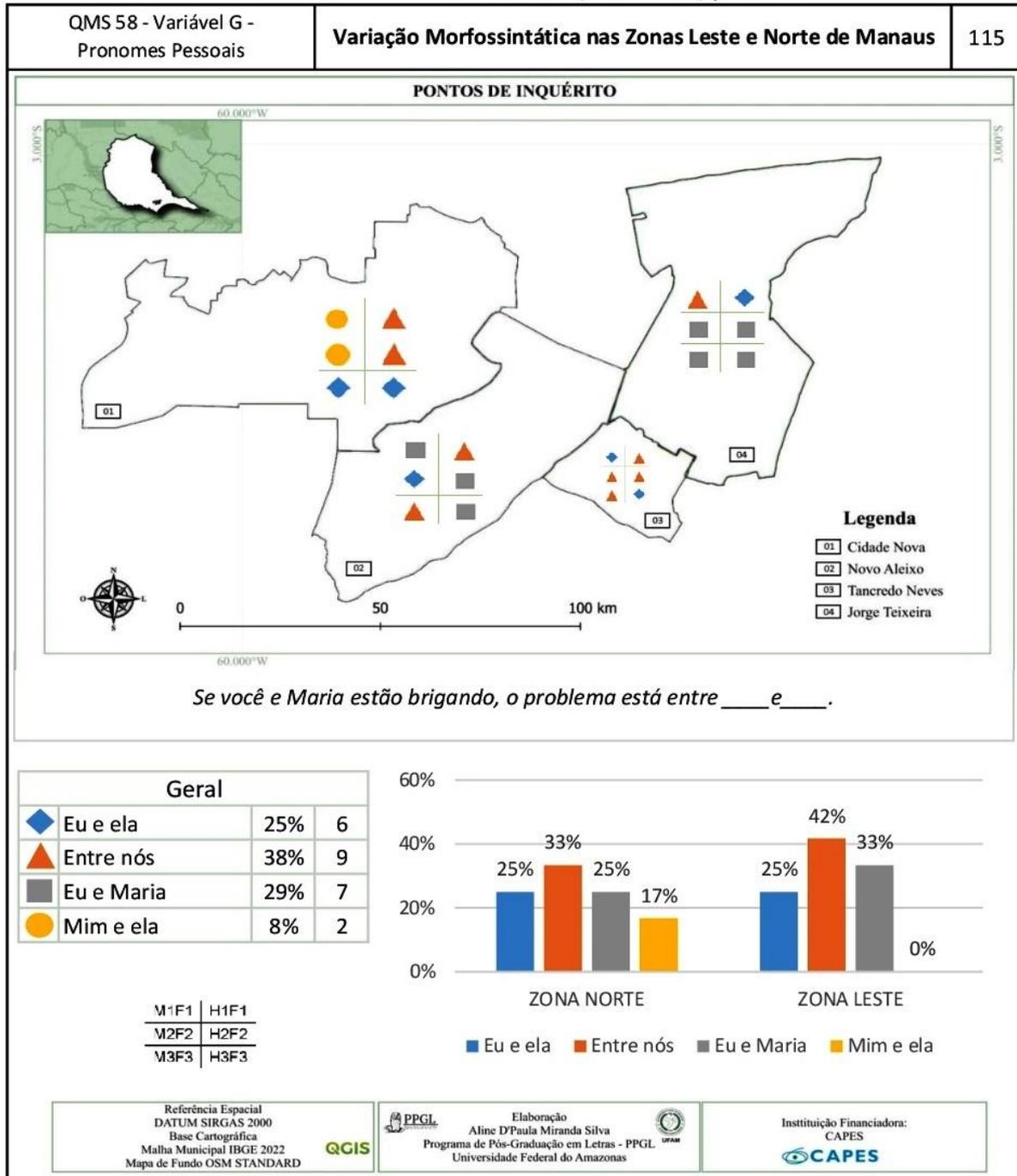
Carta Morfossintática 113 Variável (Maria e Joana) por zona



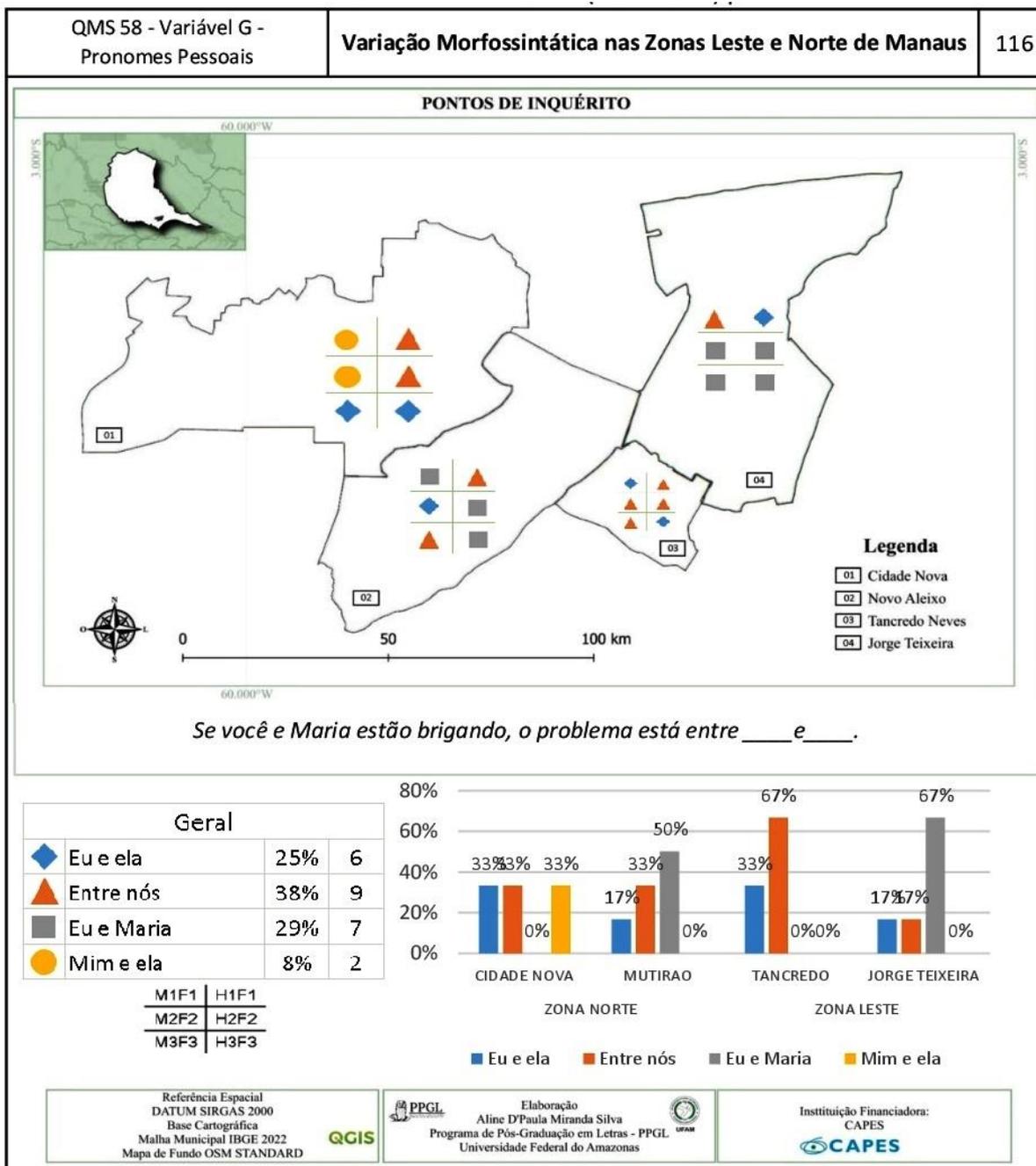
Carta Morfossintática 114 Variável (Maria e Joana) por bairro



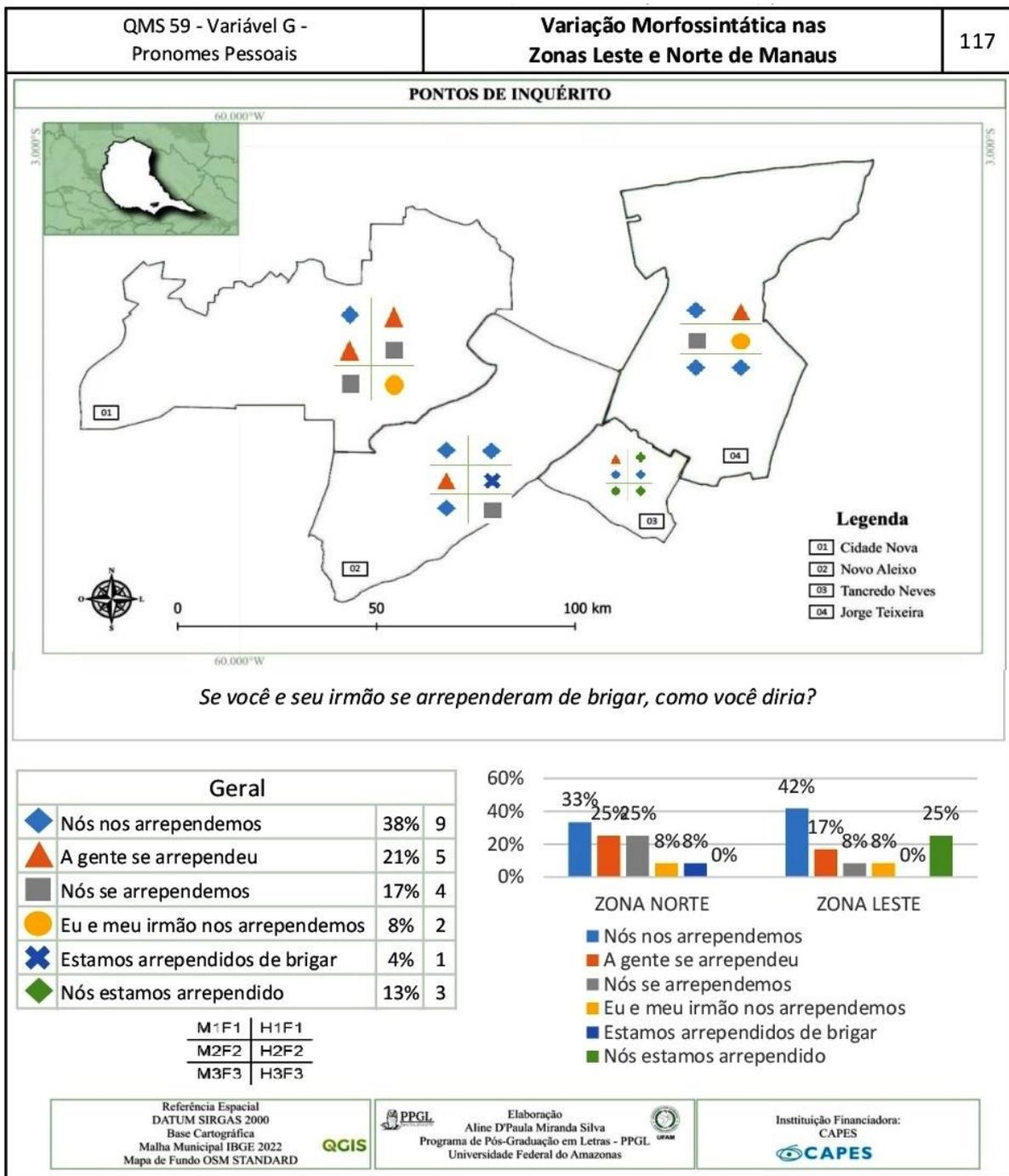
Carta Morfossintática 115 Variável (*Maria e eu*) por zona



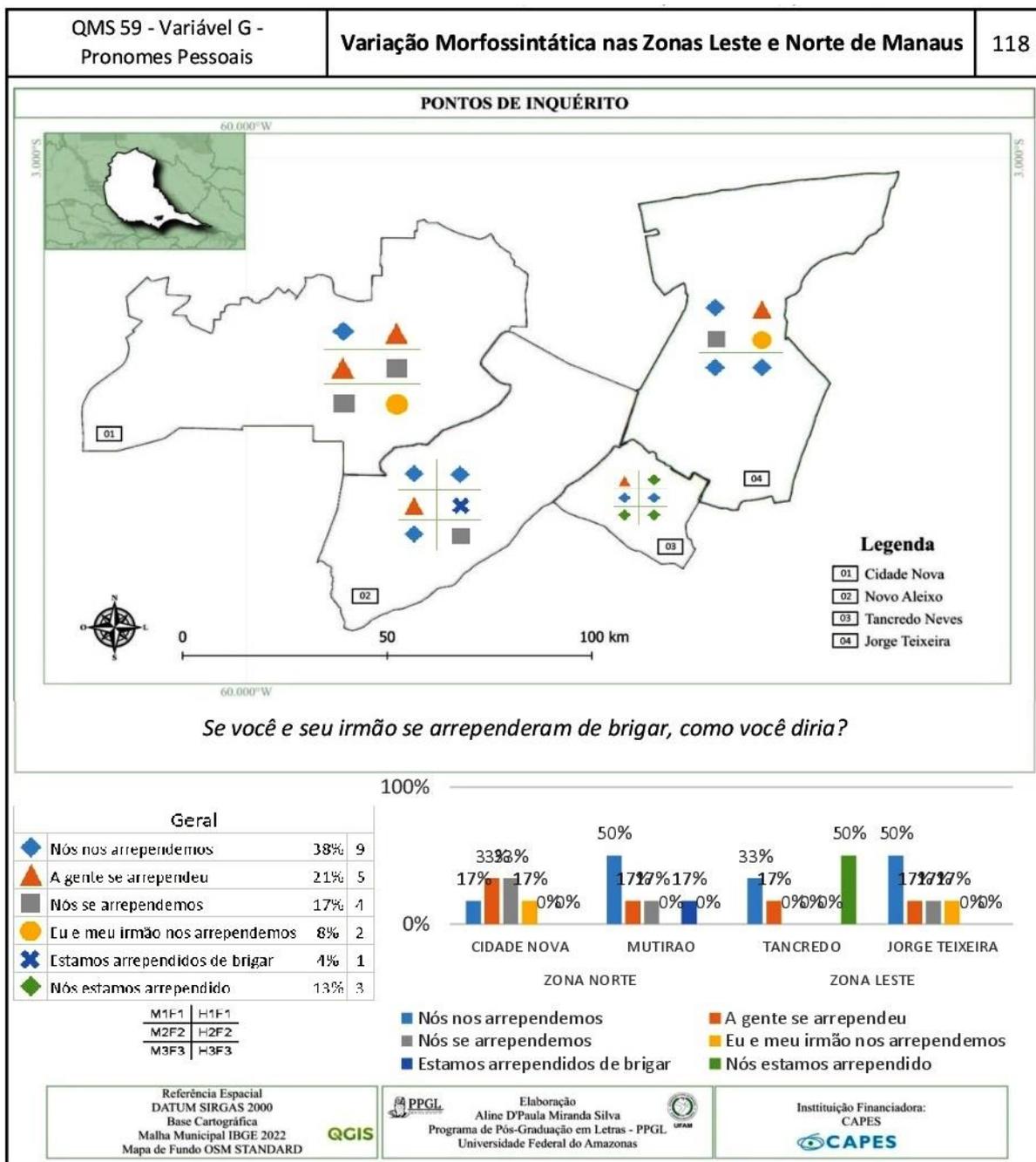
Carta Morfossintática 116 Variável (*Maria e eu*) por bairro



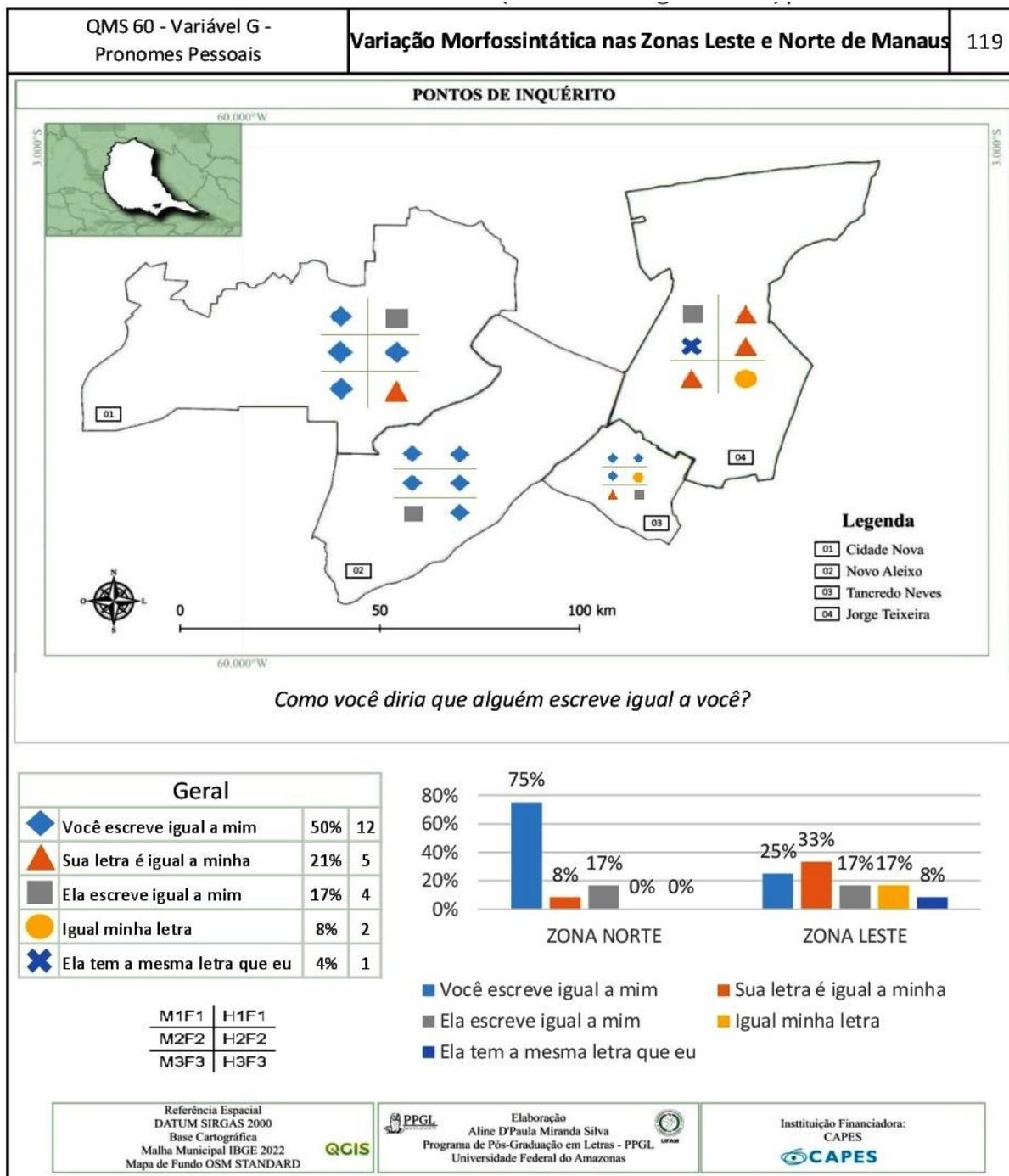
Carta Morfossintática 117 Variável (nós nos arrependemos) por zona



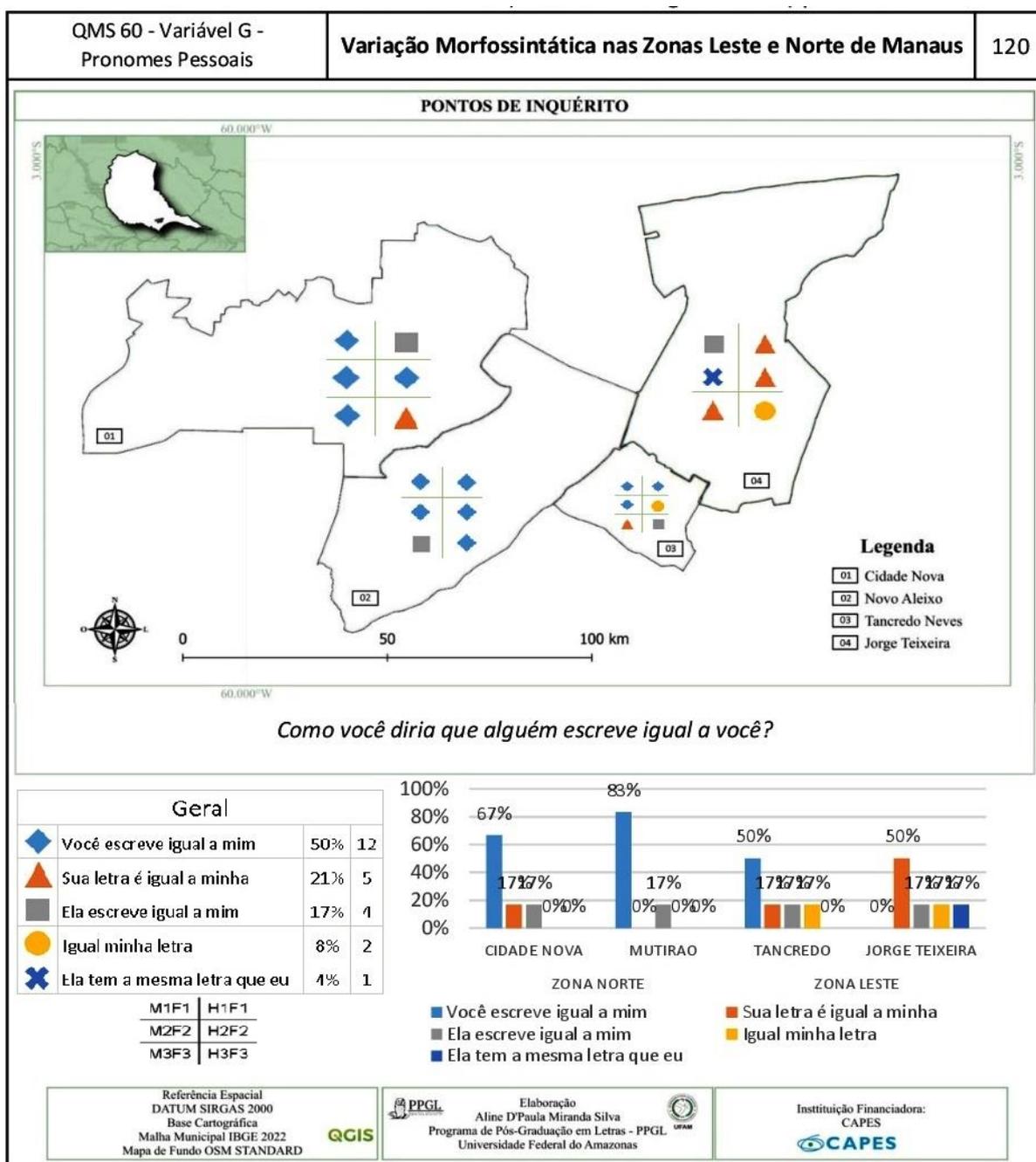
Carta Morfossintática 118 (Variável nós nos arrependemos) por bairro



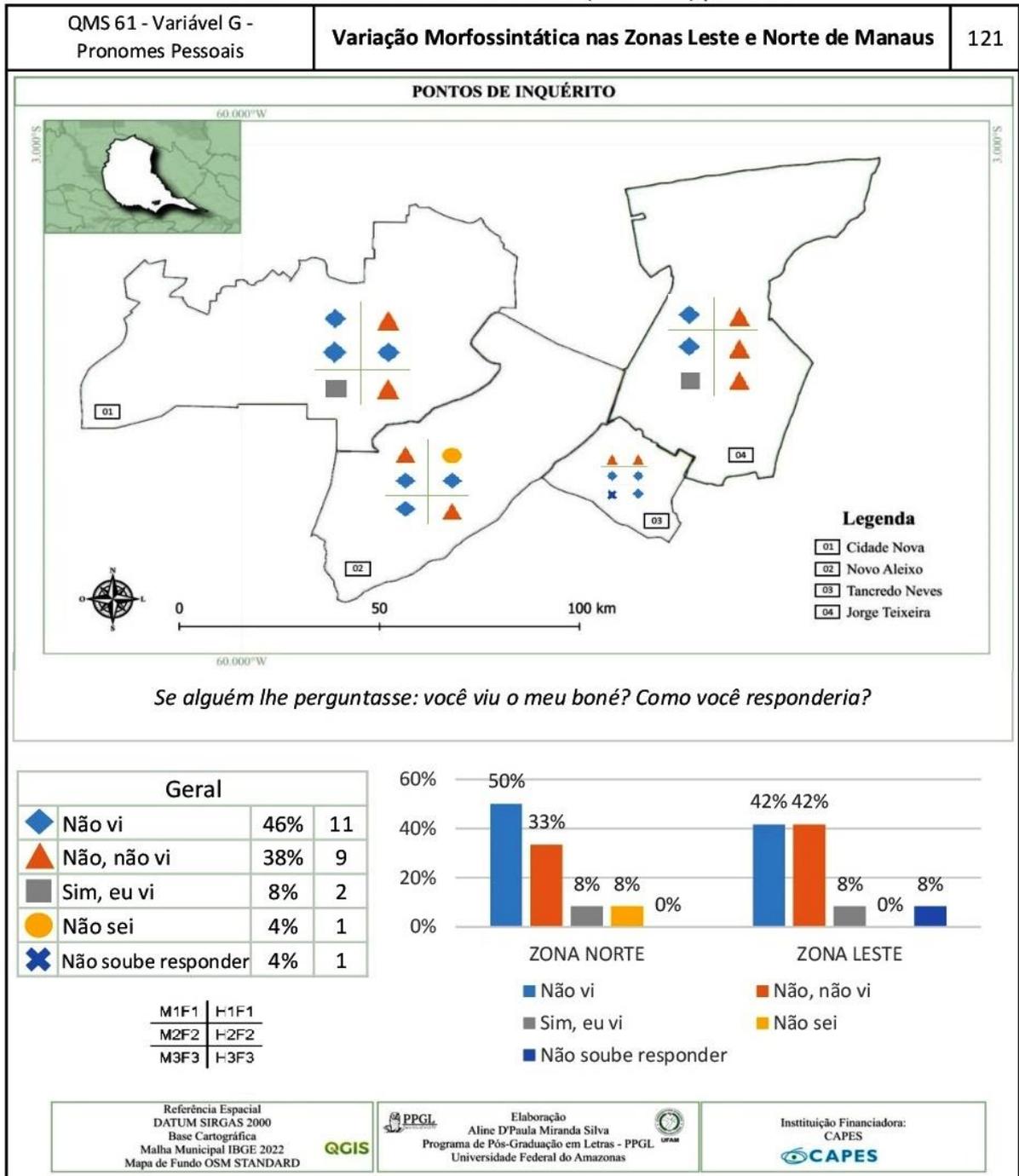
Carta Morfossintática 119 Variável (você escreve igual a mim) por zona



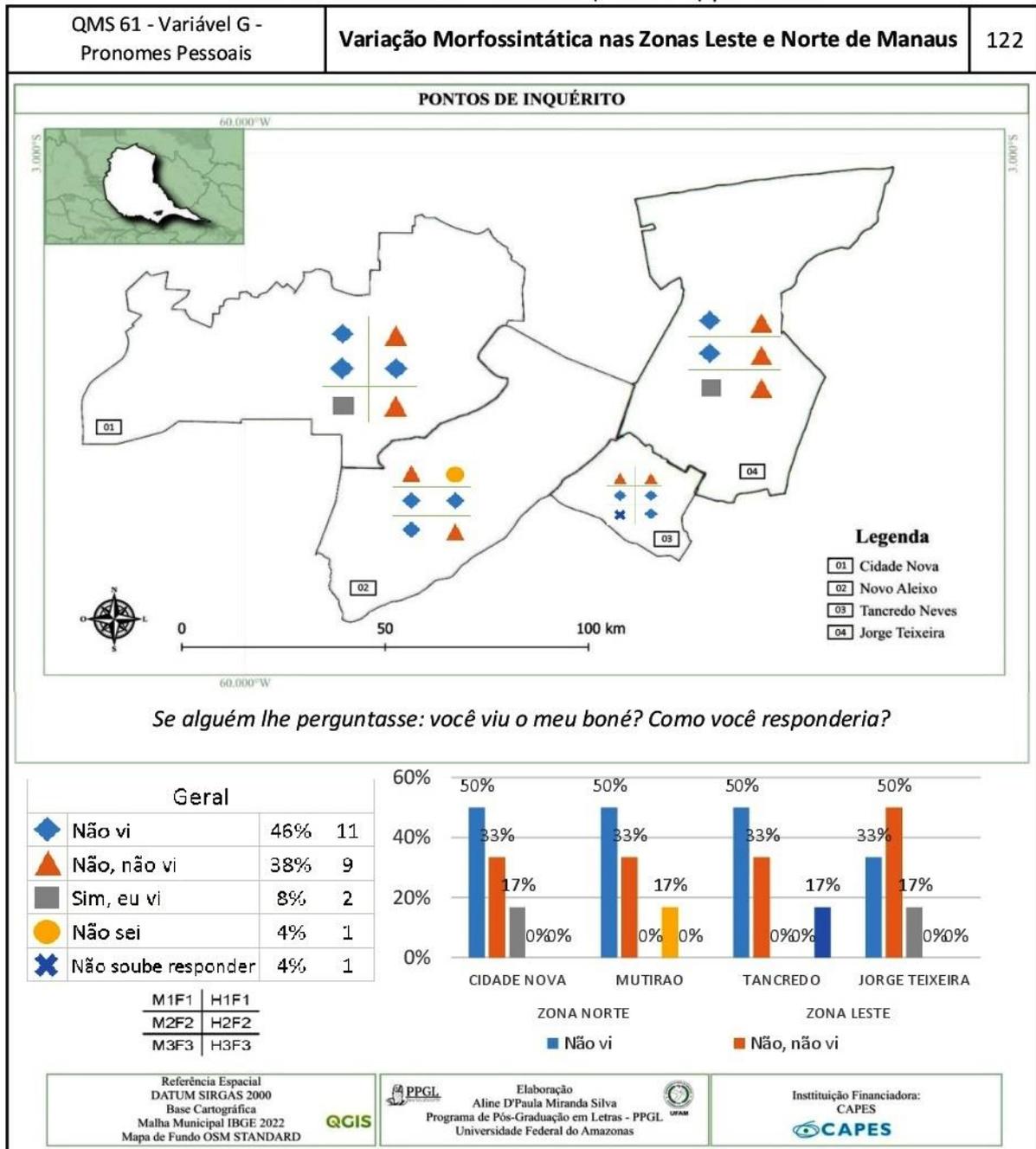
Carta Morfossintática 120 Variável (você escreve igual a mim) por bairro



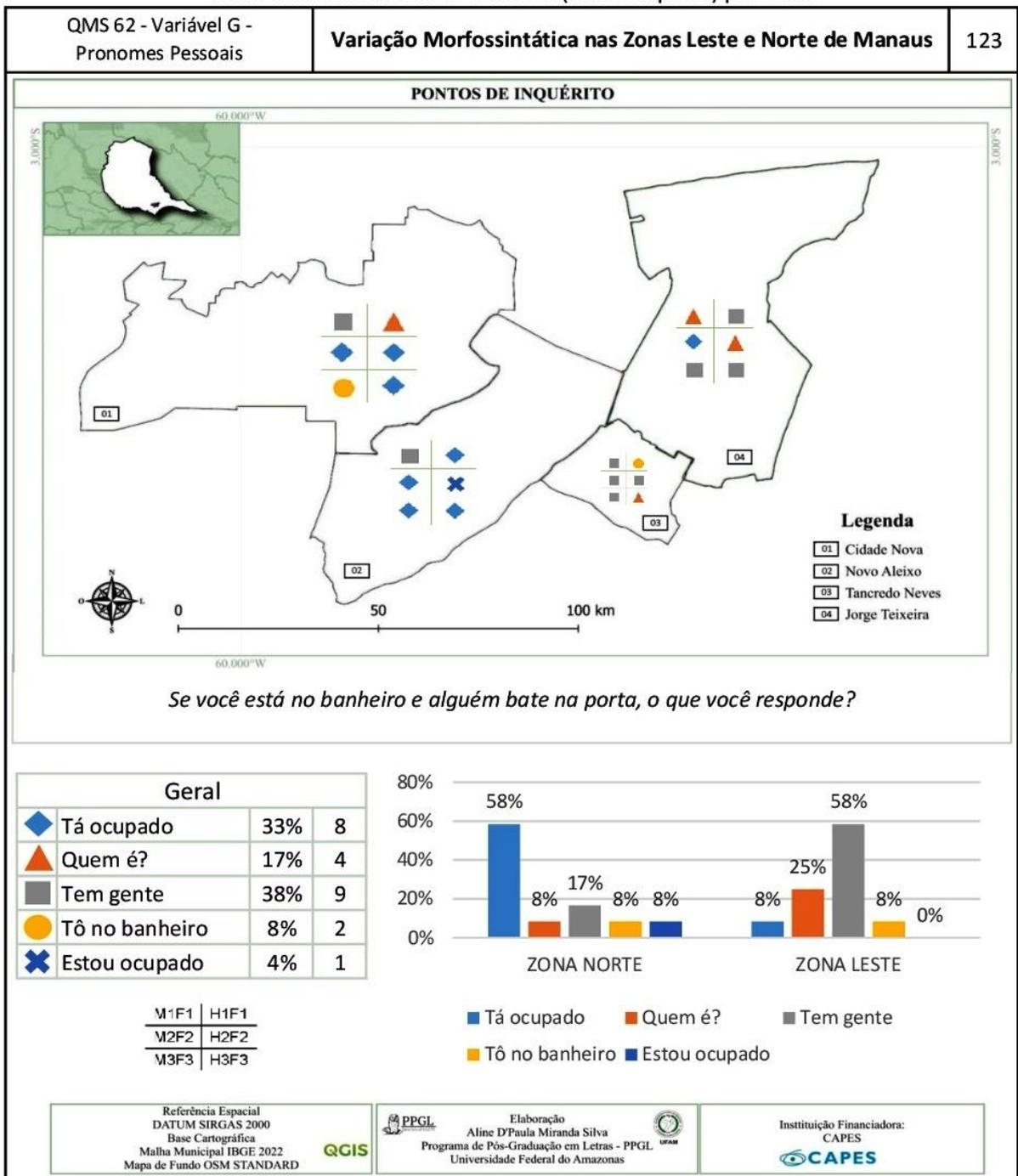
Carta Morfossintática 121 Variável (eu não vi) por zona



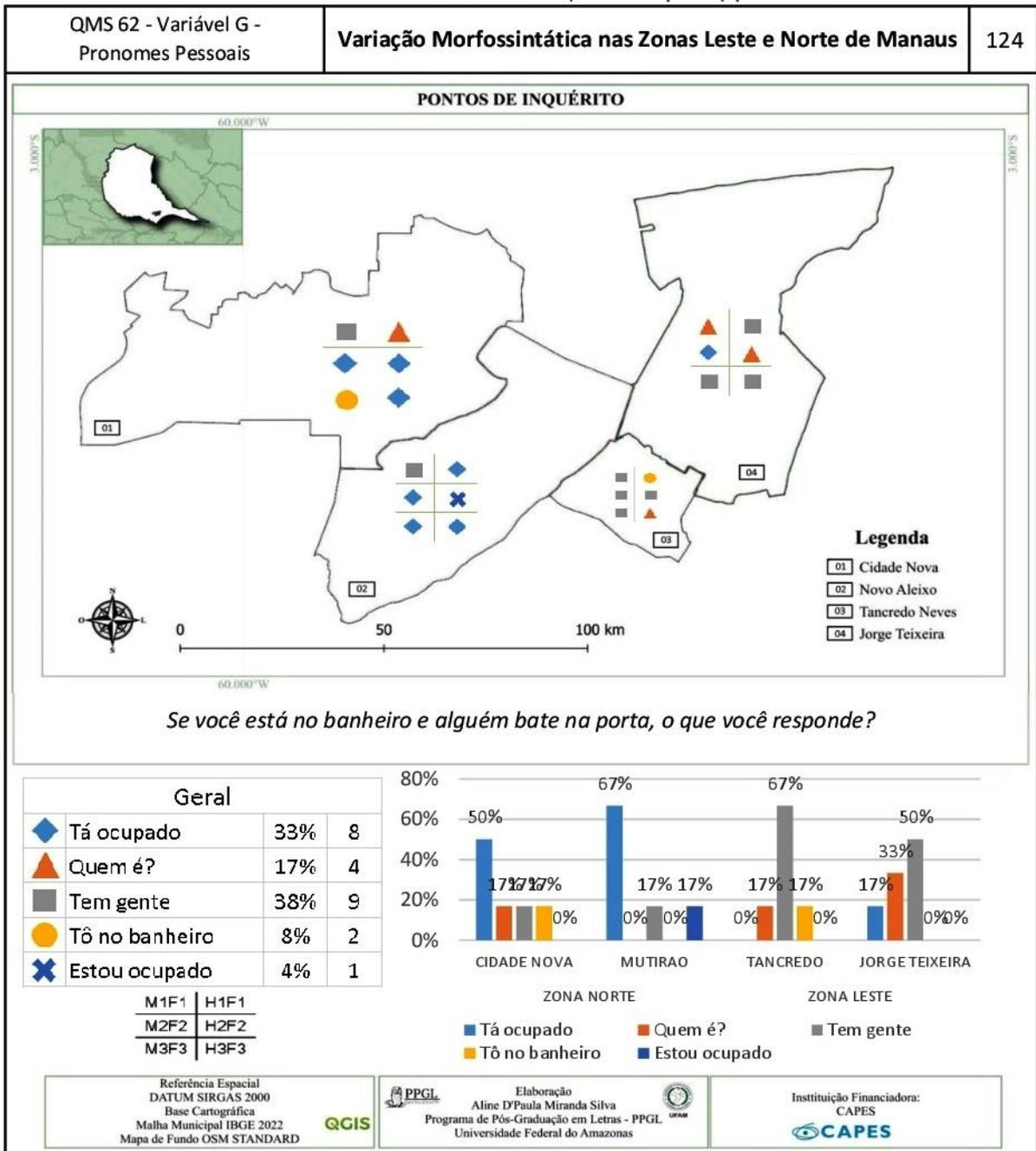
Carta Morfossintática 122 Variável (eu não vi) por bairro



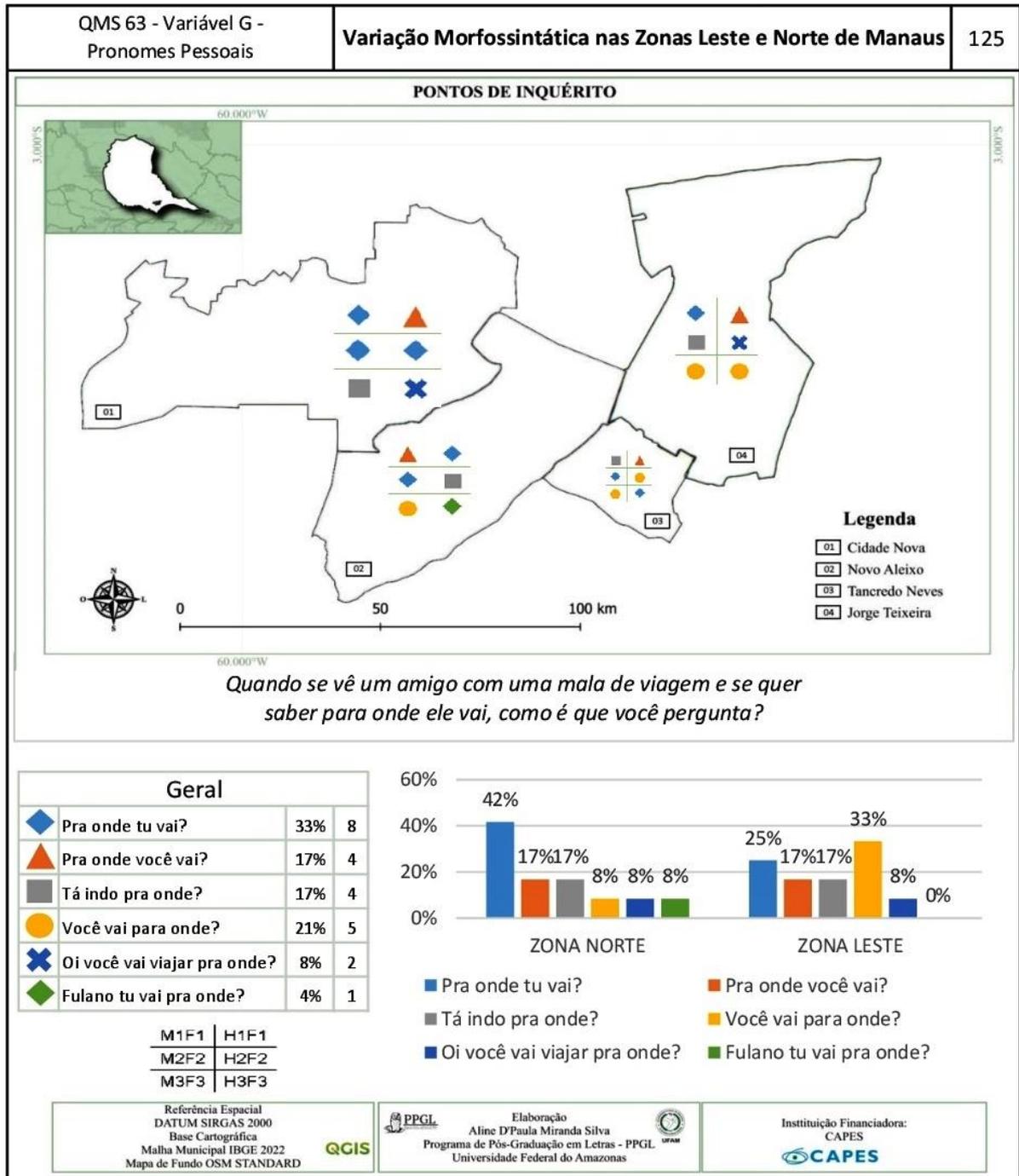
Carta Morfossintática 123 Variável (está ocupado) por zona



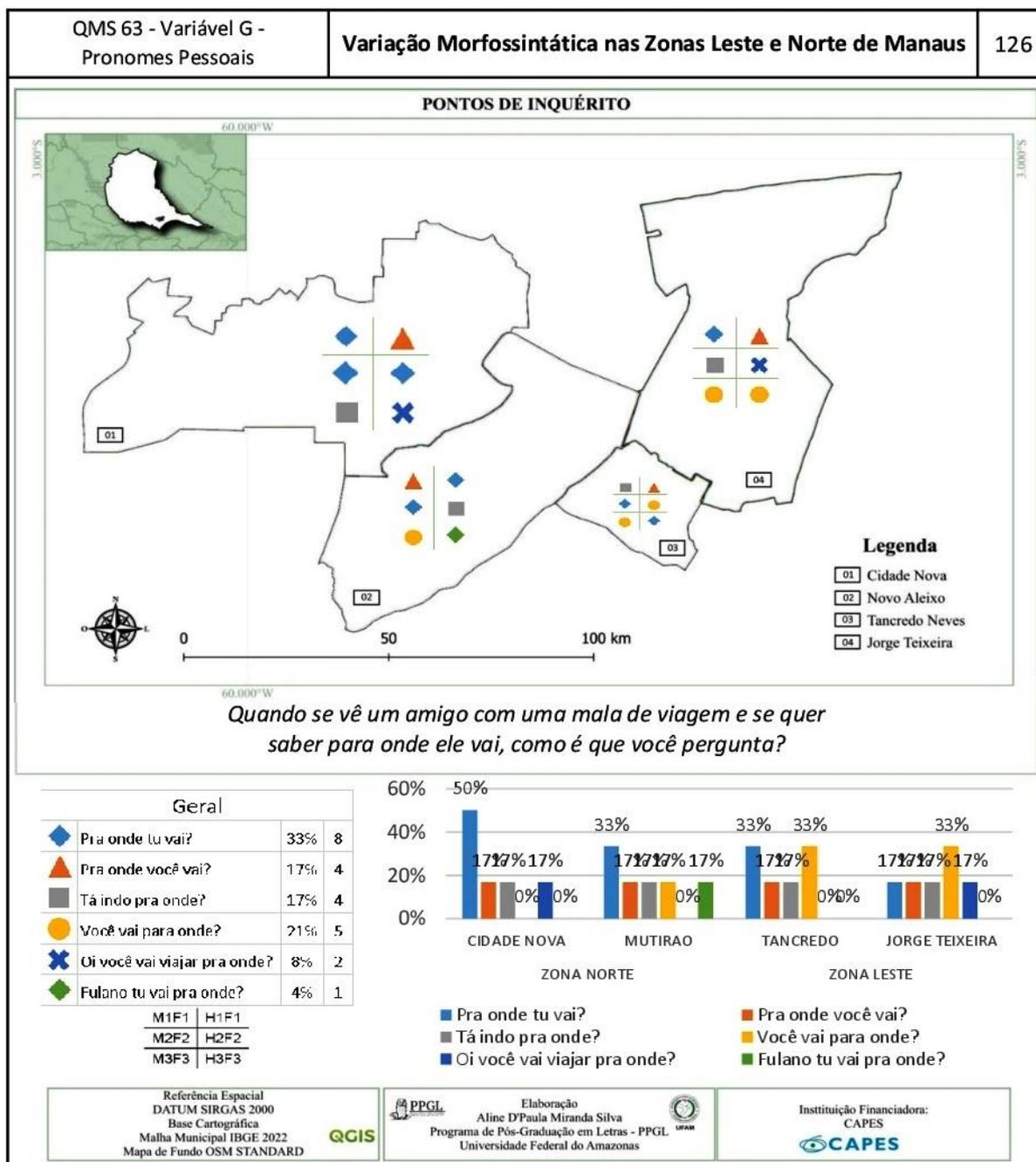
Carta Morfossintática 124 Variável (está ocupado) por bairro



Carta Morfossintática 125 Variável (para onde você vai) por zona

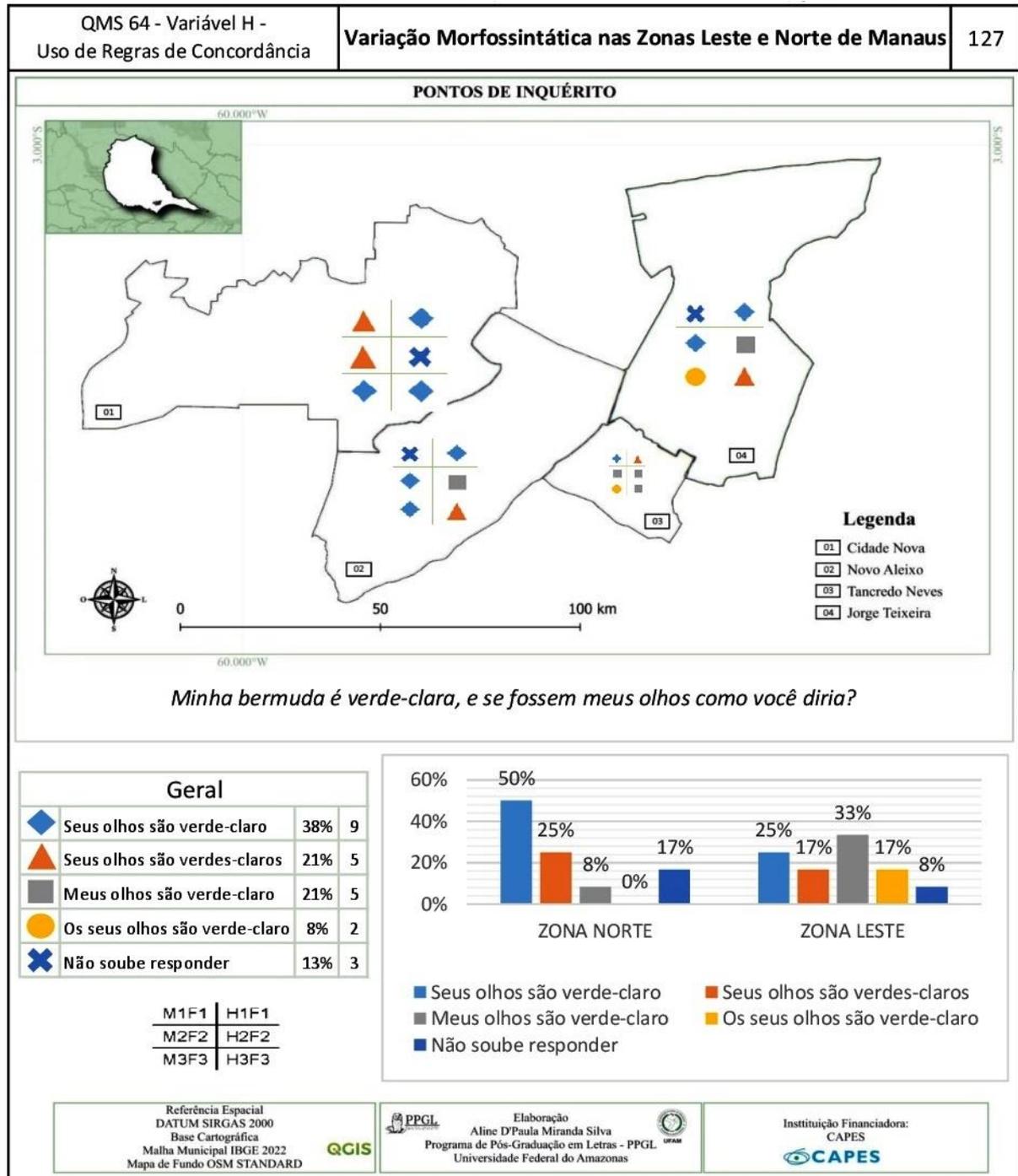


Carta Morfossintática 126 Variável (para onde você vai) por bairro

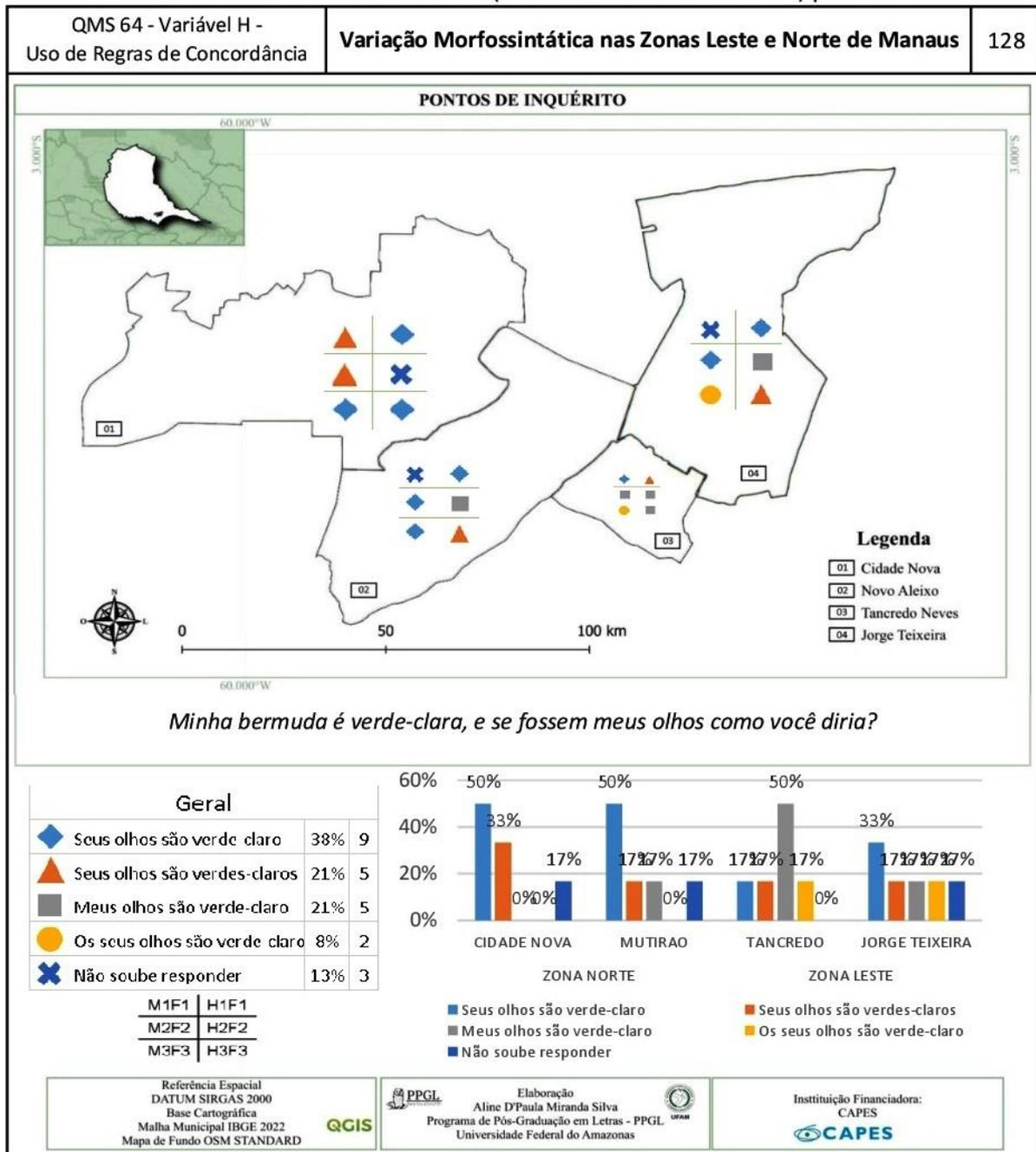


4.7 Uso de regras de concordância

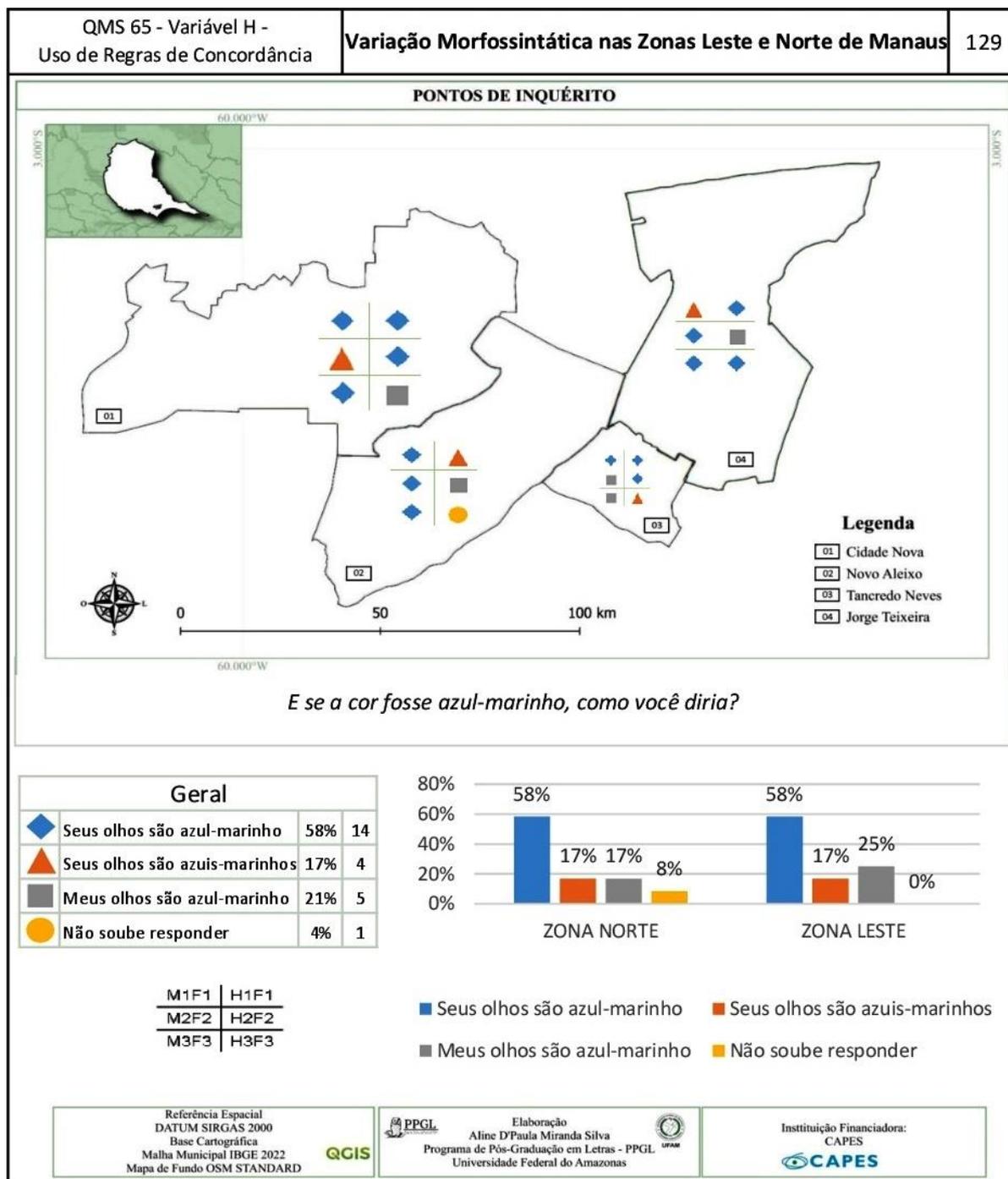
Carta Morfossintática 127 Variável (*seus olhos são verde-claros*) por zona



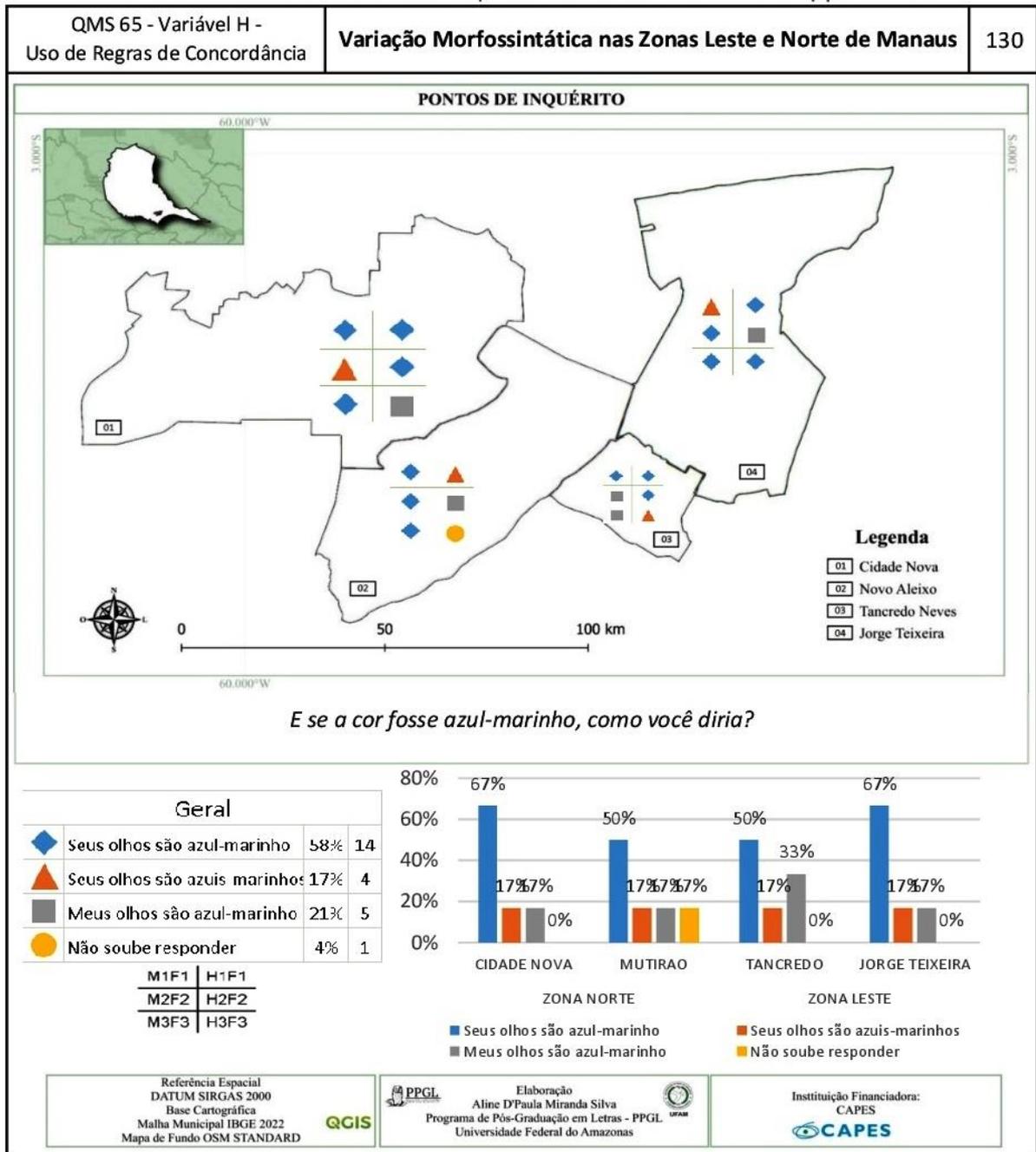
Carta Morfossintática 128 Variável (seus olhos são verde-claros) por bairro



Carta Morfossintática 129 Variável (seus olhos são azuis-marinhos) por



Carta Morfossintática 130 Variável (seus olhos são azuis-marinhos) por bairro



ANEXO A – Questionário morfossintático

PESQUISA GEOSOCIOLINGUÍSTICA QUESTIONÁRIO MORFOSSINTÁTICO - QMS	
Nº	Variável A (Flexão de verbal)
01	Todos gostamos de ouvir piadas. É bom rir um pouco. Sua vez: “Quando alguém conta uma piada eu _____.”
02	“Quando vou comprar um sapato, para não errar o tamanho, eu pego uma tira de barbante e _____ o pé.”
03	A violência é uma constante entre nós, precisamos estar vigilantes a tudo. Para falar que está sempre vigiando o espaço ao redor, como o você completaria a frase: “Para evitar assaltos, muitas vezes eu _____ a rua.”
04	Usando o verbo pentear. Diga como você arruma os cabelos pela manhã.
Variável B (Uso do Presente do Indicativo)	
05	Faça uma afirmação começando sempre pelas palavras: TODOS OS DIAS EU: peneirar a farinha.
06	Faça uma afirmação começando sempre pelas palavras: TODOS OS DIAS EU: poupar dinheiro.
07	Faça uma afirmação começando sempre pelas palavras: TODOS OS DIAS EU: montar a cavalo.
08	Faça uma afirmação começando sempre pelas palavras: TODOS OS DIAS EU: suar muito.
09	Faça uma afirmação começando sempre pelas palavras: TODOS OS DIAS EU: rir muito.
10	Faça uma afirmação começando sempre pelas palavras: TODOS OS DIAS EU: caber menos na cama.
11	Faça uma afirmação começando sempre pelas palavras: TODOS OS DIAS EU: ajoelhar-se no chão.
12	Faça agora uma afirmação, começando sempre pelas palavras: ELE SEMPRE: enxaguar a roupa.
13	Faça agora uma afirmação, começando sempre pelas palavras: ELE

	SEMPRE: alumiara a sala.
Variável C (Uso do Gerúndio)	
14	Seus filhos ou netos estudam aqui perto de sua casa? Usando o verbo andar dica como seus filhos e netos vão para a escola?
15	O que o jogador está fazendo? 
16	O que a mulher está fazendo na loja? 
17	O que este homem está fazendo na sala? 
18	A menina gosta muito de escrever, o que vc diria que ela está fazendo agora? 
Variável D (O uso do artigo)	
19	Caso você encontre um artista famoso na rua e queira indicar a quem está próximo a você, como seria?
20	Se alguém chegasse na sua casa perguntando se sua filha está, como você diria que ela não está?

Variável E (Flexão de gênero)

21	Quando você vai à feira para comprar ingredientes para salada, como você chama essa folha? o/a alface. 
22	Chegando em casa, você pede a seu filho que lave as folhas. Para isso você fala: por favor, lave ____ o/a alface?
23	Hoje em dia muitas mulheres têm sustentado a família. Então podemos dizer que ela é o quê da família?
24	A Dilma Rouseff foi o que do país?
25	Um sujeito suspeito anda pelas ruas da cidade, e se fosse uma mulher, como poderíamos nos referir a ela?
26	Uma mulher que comete um ato horrível contra uma criança é?
27	Como você diria que pertence a você? _____ matrinxã 
28	Como você diria que pertence a você? Alface 
29	Como você diria que pertence a você? Alfinete 
30	Como você diria que pertence a você? Curimatã

	
31	Como você diria que pertence a você? Saca-rolha 
32	Você diria minha ou meu para tapa?
33	Como você diria que pertence a você? Gilete 
34	Como você diria que pertence a você? Chinelo 
35	Qual o feminino de ladrão?
36	Esse homem é um soldado e essa mulher é? Qual é a profissão dela? O que ela é? 
37	Esse homem é um oficial do exército e ela é o que do exército?



Variável F (Plural dos substantivos)

38 Aqui tem um jornal e aqui?



39 Aqui tem um mês e aqui?

OUTUBRO 2017						
D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

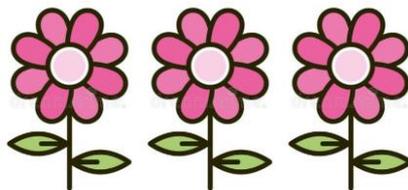
OUTUBRO 2017						
D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

OUTUBRO 2017						
D	S	T	Q	Q	S	S
1	2	3	4	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

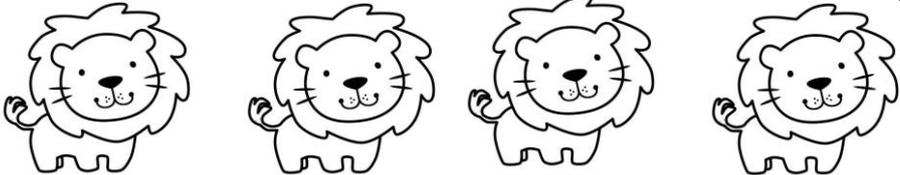
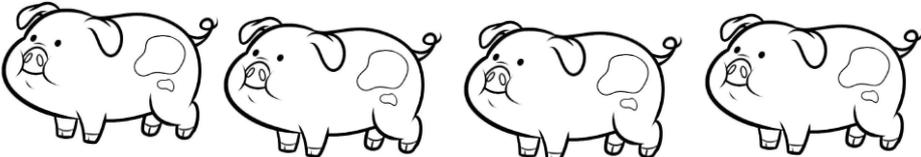
40 Aqui tem um degrau e aqui?

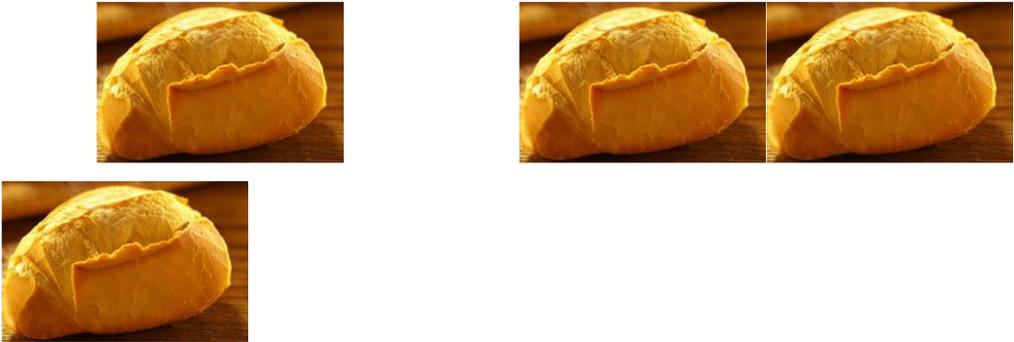
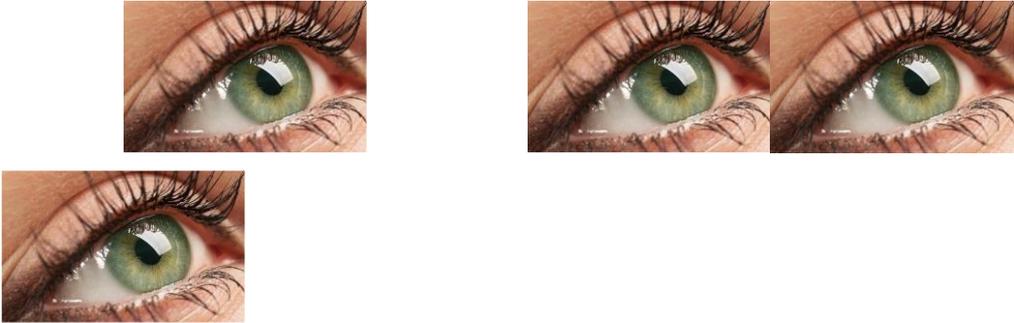


41 Aqui tem uma flor e aqui?



42 Aqui tem um anel e aqui?

	 
43	<p>Aqui tem um gol e aqui?</p>   
44	<p>Aqui tem um botão e aqui?</p>  
45	<p>Aqui tem um leão e aqui?</p> 
46	<p>Aqui tem um porco e aqui?</p> 
47	<p>João tem um irmão e Pedro?</p>  
48	<p>Qual é o plural de benção?</p>
49	<p>Para um homem você chama cidadão, e para dois homens?</p>

<p>50</p>	<p>Aqui tem uma pequena casa e aqui?</p> 
<p>51</p>	<p>Aqui tem uma pequena casa bonita e aqui?</p> 
<p>52</p>	<p>Aqui tem um tijolo bonito e aqui?</p> 
<p>53</p>	<p>Aqui tem um pão gostoso e aqui?</p> 
<p>54</p>	<p>Aqui tem um olho verde-claro e aqui?</p> 
<p>55</p>	<p>Aqui tem um gol lindo e aqui?</p>

	
Variável G (Uso dos Pronomes pessoais)	
56	Esse livro é pra _____ ler.
57	Se Maria e Joana estão brigando, o problema está entre _____.
58	Se você e Maria estão brigando, o problema está entre _____ e _____.
59	Se você e seu irmão se arrependeram de brigar, como você diria?
60	Como você diria que alguém escreve igual a você?
61	Se alguém lhe perguntasse; você viu meu boné? Como você responderia?
62	Quando se está no banheiro e alguém bate na porta, o que você responde?
63	Quando se vê um amigo com uma mala de viagem e se quer saber para onde ele vai, como você pergunta?
Variável H (Uso de regras de concordância)	
64	Minha bermuda é verde-clara, e se fossem meus olhos como você diria?
65	E se a cor fosse azul-marinho, como você diria?

ANEXO B – Quadro descritivo do QMS

Questão	ALERS	ALiB	ARAÚJO	PESQUISA
01			X	
02			X	
03			Adaptada	
04			Adaptada	
05		Q.07		
06		Q.24		
07			X	
08			X	
09			X	
10	Q.I 1			
11	Q.I 2			
12			X	
13			X	
14	Q.VI 9d			
15				X
16				X
17				X
18				X
19	Q.VIII		X	
20				X
21			Adaptada	
22			X	
23			Adaptada	
24			Adaptada	
25				X
26	Q.IX 17			
27			Adaptada	
28			Adaptada	
29			Adaptada	
30			Adaptada	
31				X
32			Adaptada	
33				X
34				X
35				X
36				X
37			Adaptada	
38			Adaptada	

39			Adaptada	
40			Adaptada	
41			Adaptada	
42			Adaptada	
43			Adaptada	
44			Adaptada	
45			Adaptada	
46			Adaptada	
47			Adaptada	
48				X
49			Adaptada	
50			Adaptada	
51			Adaptada	
52			Adaptada	
53			Adaptada	
54			Adaptada	
55			Adaptada	
56			Adaptada	
57			Adaptada	
58			Adaptada	
59				X
60			Adaptada	
61			Adaptada	
62			Adaptada	
63			Adaptada	
64			Adaptada	
65			Adaptada	

ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Poder Executivo
Ministério da Educação
Universidade Federal do Amazonas
Faculdade de Letras – FLET



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa **VARIAÇÃO MORFOSSINTÁTICA NAS ZONAS LESTE E NORTE DE MANAUS: UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO**, sob a responsabilidade da pesquisadora **ALINE D'PAULA MIRANDA SILVA**, a qual pretende **mapear as tendências morfossintáticas do português da área urbana de Manaus**.

Sua participação é voluntária e se dará pelo registro em áudio de respostas orientadas e espontâneas a um questionário contendo situações linguísticas em observação na pesquisa, não havendo respostas certas ou erradas.

Não há riscos decorrentes de sua participação na pesquisa. Se o (a) Sr. (a) aceitar participar estará contribuindo para caracterização e descrição de macrotendências no espaço mono, bi, tri e pluridimensional no falar manauara, possibilitando a compreensão do falar do outro e evitando o preconceito linguístico.

Se depois de consentir em sua participação o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no email: adpmlira@gmail.com ou pelo telefone (92) 98801-9202.

Consentimento Pós-Infirmação

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

_____ Data: ____/____/____

Assinatura do participante

_____ Assinatura do Pesquisador Responsável

ANEXO D – Ficha do informante

 <p>UFAM</p>	<p align="center">PESQUISA GEOSOCIOLINGUÍSTICA FICHA DO INFORMANTE</p> <p>Nº do Ponto: _____ Nº do informante: _____</p>	
<p>DADOS DOS INFORMANTES</p>		
<p>1. Nome:</p>		
<p>2. Data de nascimento:</p>	<p>3. Sexo:</p> <p align="center"> <input type="checkbox"/> M <input type="checkbox"/> F </p>	<p>4. Idade _____ anos</p> <p>a. Faixa etária</p> <p align="center"> <input type="checkbox"/> 1 (18 a 30) <input type="checkbox"/> 2 (31 a 45) <input type="checkbox"/> 3 (46 a 60) </p>
<p>5. Endereço: Há _____ anos.</p> <p>Rua: _____</p> <p>Bairro: _____</p> <p>CEP: _____</p>		
<p>6. Local de nascimento: <input type="checkbox"/> Manaus</p> <p><input type="checkbox"/> Outro. Qual? _____</p>		
<p>7. Estado civil? <input type="checkbox"/> solteiro <input type="checkbox"/> casado <input type="checkbox"/> viúvo <input type="checkbox"/> outro</p>		
<p>8. Escolaridade:</p> <p>Fundamental I – <input type="checkbox"/> completo <input type="checkbox"/> incompleto</p> <p>Fundamental II – <input type="checkbox"/> completo <input type="checkbox"/> incompleto</p> <p>Ensino Médio – <input type="checkbox"/> completo <input type="checkbox"/> incompleto</p>		
<p>9. Domicílio: <input type="checkbox"/> sempre morou em Manaus.</p> <p><input type="checkbox"/> veio para Manaus há _____ anos de _____</p> <p><input type="checkbox"/> já saiu de Manaus e voltou _____ vezes.</p>		
<p>10. Outros domicílios:</p>		
<p>11. Viagens: <input type="checkbox"/> No Amazonas <input type="checkbox"/> Outros estados</p> <p>Que _____ municípios _____ do _____ Amazonas conhece? _____</p> <p>Que _____ outros _____ estados _____ conhece? _____</p>		
<p>12. Profissão:</p>		

13. Naturalidade dos pais:		
a. Pai: () nasceu aqui () criado aqui () veio com ____ anos de _____		
b. Mãe: () nasceu aqui () criado aqui () veio com ____ anos de _____		
14. Contato com os meios de comunicação		
a. Assiste TV?	b. programas preferidos:	c. Tipo de transmissão
() todos os dias	() novelas () noticiários	() rede gratuita
() às vezes	() esportes () filmes	() parabólica
() nunca	() séries () religiosos	() por assinatura
	() desenhos () de auditório	
	() outros	
15. Ouve rádio? () sim () não		a. Programas Preferidos
() todos os dias () parte do dia		() noticiário geral () noticiário policial
() às vezes () o dia inteiro		() esportes () música
() nunca _____		() programa religioso () outros
16. Lê jornal?		
() todos os dias () às vezes () nunca () semanalmente () raramente		
a. Nome(s) do Jornal (is):	b. seções do jornal que gosta de ler:	
_____	() editorial () cultural () classificados	
() local () estadual () nacional	() esportes () política () outra	
	() variedade () página policial	
17. Lê revista?		
() às vezes () semanalmente () mensalmente () raramente () nunca		
Nome/ tipo de revista?		
Para preenchimento depois da entrevista		
18. Características psicológicas durante a entrevista:		
() Nervoso () Tranquilo () Espontâneo () Tímido		
19. Espontaneidade na elocução:		
() total () grande () média () fraca		
20. Postura do informante durante o inquérito:		
() cooperativa () não cooperativa () agressiva () indiferente		
21. Categoria social do informante:		
() Classe "A" () Classe "B" () Classe "C" () Classe "D"		
22. Interferência ocasional de circunstâncias:		
() sim () não		

23. Ambiente de inquérito

() silencioso () com interferências externas () fechado () aberto

ANEXO E – A descrição dos informantes

Ponto 1 – Tancredo Neves	Ponto 2 – J. Teixeira
<p>E.S.D.S/M1F1E1 – Informante de sexo feminino, pertence a primeira faixa etária, com 20 anos. Natural de Manaus-Am, já morou em Borba, mas atualmente reside no bairro a mais de 5 anos. Vive uma união estável, completou o ensino fundamental I. É filha de manauaras, a profissão é dona de casa. Tem contato diário com TV aberta assistindo principalmente novelas e noticiários. A informante foi muito espontânea e cooperativa. A entrevista foi realizada em local aberto, por isso houve algumas interferências externas.</p>	<p>P.F/M1F1E1 – Informante de sexo feminino, pertence a primeira faixa etária, com 26 anos. Natural de Manaus-Am, e sempre residente nesta cidade. Mora no bairro a mais de 10 anos. É solteira, completou o ensino fundamental. É filha de manauaras, a profissão é operadora de caixa. Tem contato diário com TV aberta assistindo principalmente noticiários. A informante foi muito espontânea e cooperativa. A entrevista foi realizada em local fechado, ainda assim houve algumas interferências externas.</p>
<p>M.V.D.S.G/M2F2E2 – Informante de sexo feminino, pertence a segunda faixa etária, com 45 anos. Natural de Manaus-Am, sempre morou na cidade. É solteira, tem o ensino fundamental II completo. É filha de manauaras, a profissão é dona de casa. Tem contato diário com TV aberta assistindo principalmente novelas e noticiários, também gosta de ouvir noticiário policial no rádio. A informante foi muito espontânea e cooperativa. A entrevista foi realizada em local aberto, por isso houve algumas interferências externas.</p>	<p>E.A/M2F2E2 – Informante de sexo feminino, pertence a segunda faixa etária, com 37 anos. Natural de Manaus-Am, sempre morou na cidade. É casada, tem o ensino fundamental II completo. É filha de manauaras, dona de casa. Tem contato diário com TV por assinatura assistindo principalmente novelas, noticiários, esportes e séries também gosta de ouvir noticiário em geral no rádio. A informante foi muito espontânea e cooperativa. A entrevista foi realizada em local aberto, por isso houve algumas interferências externas.</p>
<p>M.T/M3F3E3 – Informante de sexo feminino, pertence a terceira faixa etária,</p>	<p>B.P.D.M/M3F3E3 – Informante de sexo feminino, pertence a terceira faixa etária,</p>

<p>com 56 anos. Natural de Manaus-Am, sempre morou na cidade. É casada, tem o ensino médio completo. Os pais são de Coari, sua profissão é costureira. Tem contato diário com TV aberta assistindo principalmente noticiários, também gosta de ouvir noticiário geral no rádio. A informante demonstrou dificuldade para entender algumas perguntas, estava nervosa, porém cooperativa. A entrevista foi realizada em local aberto, com interferências externas.</p>	<p>com 60 anos. Natural de Manaus-Am, sempre morou na cidade. É casada, tem o ensino médio completo. É filha de manauaras, trabalha como auxiliar de limpeza. Tem contato diário com TV por assinatura assistindo principalmente séries e religiosos. A informante foi muito espontânea e cooperativa. A entrevista foi realizada em local fechado, e com poucas interferências externas.</p>
<p>G.D.S.A/H1F1E1 – Informante de sexo masculino, pertence a primeira faixa etária, com 19 anos. Natural de Manaus-Am, sempre morou na cidade. É solteiro, está concluindo o ensino fundamental II. Os pais são de Manaus, sua profissão é estudante. Tem contato diário com TV aberta assistindo principalmente esportes, filmes e séries. O informante estava tímido, mas foi cooperativo. A entrevista foi realizada em local aberto, com interferências externas.</p>	<p>R.A.S.M/H1F1E1 – Informante de sexo masculino, pertence a primeira faixa etária, com 21 anos. Natural de Manaus-Am. É solteiro, tem o ensino fundamental I completo. Os pais são de Manaus-Am, sua profissão estudante. Tem contato diário com TV aberta assistindo principalmente noticiários, esportes, filmes e séries. O informante estava tímido, mas foi cooperativo. A entrevista foi realizada em local aberto, com interferências externas.</p>
<p>T.C.D.S/H2F2E2 – Informante de sexo masculino, pertence a segunda faixa etária, com 38 anos. Natural de Manaus-Am. É casado, possui ensino fundamental II completo. Os pais são de Manaus, sua profissão é vigilante. Tem contato diário com TV aberta assistindo principalmente esportes, novelas e séries. O informante estava espontâneo e foi cooperativo. A entrevista foi realizada em local aberto, com interferências externas.</p>	<p>R.F/H2F2E2 - Informante de sexo masculino, pertence a segunda faixa etária, com 45 anos. Natural de Manaus-Am. É solteiro, possui ensino fundamental II completo. Os pais são de Manaus, sua profissão é autônomo. Tem contato diário com TV aberta assistindo principalmente noticiários. O informante estava espontâneo e foi cooperativo, embora estive com a voz meio rouca. A entrevista foi realizada em local fechado, mesmo assim aconteceram algumas</p>

	interferências externas.
F.C.L/H3F3E3 - Informante de sexo masculino, pertence a terceira faixa etária, com 60 anos. Natural de Manaus-Am. É casado, possui ensino médio completo. Os pais são do Piauí, sua profissão é comerciante. Tem contato diário com TV aberta assistindo principalmente esportes, noticiários e religiosos. O informante estava espontâneo e foi cooperativo. A entrevista foi realizada em local aberto, com interferências externas.	O.A.R/H3F3E3 - Informante de sexo masculino, pertence a terceira faixa etária, com 59 anos. Natural de Manaus-Am. É casado, possui ensino médio completo. Os pais são de Manaus, sua profissão é aposentado. Tem contato diário com TV por assinatura assistindo principalmente noticiários, séries e religiosos. O informante estava espontâneo e foi cooperativo. A entrevista foi realizada em local fechado, sem interferências externas.
Ponto 3 - Mutirão	Ponto 4 – C. Nova
Q.L.M/M1F1E1 – Informante de sexo feminino, pertence a primeira faixa etária, com 25 anos. Natural de Manaus-Am, já morou em Manacapuru. É casada, completou o ensino fundamental I. É filha de manauaras, a profissão é dona de casa. Tem contato diário com TV por assinatura assistindo principalmente filmes. A informante foi muito espontânea e cooperativa. A entrevista foi realizada em local aberto, por isso houve algumas interferências externas.	E.T.Q.L/M1F1E1 - Informante de sexo feminino, pertence a primeira faixa etária, com 18 anos. Natural de Manaus-Am. É solteira e está concluindo o ensino fundamental I. É filha de manauaras, a profissão é estudante. Tem contato diário com TV por assinatura assistindo principalmente novelas e filmes. A informante foi muito espontânea e cooperativa. A entrevista foi realizada em local fechado, por isso não houve algumas interferências externas.
F.P.D.S/M2F2E2 - Informante de sexo feminino, pertence a segunda faixa etária, com 45 anos. Natural de Manaus-Am. É solteira, tem o ensino fundamental II completo. É filha de manauaras, a profissão é dona de casa. Tem contato diário com TV aberta assistindo principalmente novelas, noticiários, filmes e séries. A informante foi muito espontânea e cooperativa, mas	A.J.B.D/M2F2E2 - Informante de sexo feminino, pertence a segunda faixa etária, com 35 anos. Natural de Manaus-Am. É casada, completou o ensino fundamental II. É filha de manauaras, a profissão é estudante. Tem contato diário com TV por assinatura assistindo principalmente novelas e noticiários, gosta também de ouvir música no rádio. A informante foi muito espontânea e cooperativa. A

<p>apresentou muita dificuldade para responder algumas perguntas. A entrevista foi realizada em local aberto, por isso houve algumas interferências externas.</p>	<p>entrevista foi realizada em local fechado, por isso não houve interferências externas.</p>
<p>R.M.F/M3F3E3 - Informante de sexo feminino, pertence a terceira faixa etária, com 47 anos. Natural de Manaus-Am. É solteira, tem o ensino médio completo. É filha de manauaras, a profissão é dona de casa. Tem contato diário com TV por assinatura assistindo principalmente noticiários. A informante foi muito espontânea e cooperativa. A entrevista foi realizada em local fechado, mesmo assim houve algumas interferências externas.</p>	<p>A.R.D.L/M3F3E3 - Informante de sexo feminino, pertence a terceira faixa etária, com 60 anos. Natural de Manaus-Am. É casada, completou o ensino médio. É filha de manauaras, a profissão é aposentada. Tem contato diário com TV por assinatura assistindo principalmente noticiários. A informante foi muito espontânea e cooperativa. A entrevista foi realizada em local fechado, por isso sem interferências externas.</p>
<p>E.B.Z.B/H1F1E1 - Informante de sexo masculino, pertence a primeira faixa etária, com 19 anos. Natural de Manaus-Am. É solteiro, possui ensino fundamental I completo. Os pais são de Manaus, sua profissão é jovem aprendiz. Tem contato diário com TV por assinatura assistindo principalmente esportes, filmes e séries. O informante estava espontâneo e foi cooperativo. A entrevista foi realizada em local fechado, sem interferências externas.</p>	<p>C.G.B.C/H1F1E1 - Informante de sexo masculino, pertence a primeira faixa etária, com 22 anos. Natural de Manaus-Am. É solteiro, possui ensino fundamental I completo. Os pais são de Manaus, sua profissão é estudante. Tem contato diário com TV por assinatura assistindo principalmente filmes e séries. O informante estava espontâneo e foi cooperativo. A entrevista foi realizada em local fechado, sem interferências externas.</p>
<p>A.D.P.M.S/H2F2E2 - Informante de sexo masculino, pertence a segunda faixa etária, com 33 anos. Natural de Manaus-Am. É solteiro, possui ensino fundamental II completo. Os pais são de Manaus, sua profissão é autônomo. Tem contato diário com TV por assinatura assistindo principalmente esportes, filmes e séries.</p>	<p>J.B.D/H2F2E2 - Informante de sexo masculino, pertence a segunda faixa etária, com 45 anos. Natural de Manaus-Am. É casado, possui ensino fundamental II completo. Os pais são de Manaus, sua profissão é motorista. Tem contato diário com TV por assinatura assistindo principalmente noticiários, esportes, filmes</p>

<p>O informante estava espontâneo e foi cooperativo. A entrevista foi realizada em local fechado, sem interferências externas.</p>	<p>e séries. O informante estava espontâneo e foi cooperativo. A entrevista foi realizada em local fechado, sem interferências externas.</p>
<p>I.O.L/H3F3E3 - Informante de sexo masculino, pertence a terceira faixa etária, com 46 anos. Natural de Manaus-Am. É casado, possui ensino médio completo. Os pais são do Piauí, sua profissão é auxiliar administrativo. Tem contato diário com TV por assinatura assistindo principalmente filmes, séries e religiosos. O informante estava espontâneo e foi cooperativo. A entrevista foi realizada em local fechado, sem interferências externas.</p>	<p>V.D.P.A.S/H3F3E3 - Informante de sexo masculino, pertence a terceira faixa etária, com 66 anos. Natural de Manaus-Am. É solteiro, possui ensino médio completo. Os pais são de Belém, sua profissão é soldador. Tem contato diário com TV aberta assistindo principalmente esportes, noticiários e séries. O informante estava espontâneo e foi cooperativo. A entrevista foi realizada em local fechado, sem interferências externas.</p>